Empreendedorismo no BRASIL 2025

GEM Global Entrepreneurship Monitor

ANEGEPE
Associação Nacional de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas

SEBRAE
Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

Empreendedorismo no BRASIL 2025

Coordenação Geral
Simara Maria de Souza Silveira Greco

Análise de Dados e Revisão de Conteúdo
Joana Paula Machado
Paulo Alberto Bastos Junior
Simara Maria de Souza Silveira Greco
Vinicius Larangeiras de Souza

Análise e Redação
Edmilson de Oliveira Lima
Edmundo Inácio Júnior
Roberto Pessoa de Queiroz Falcão
Rose Mary Almeida Lopes

GEM Global Entrepreneurship Monitor

ANEGEPE Associação Nacional de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas

SEBRAE Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

Embora os dados GEM tenham sido usados na preparação deste relatório,
sua interpretação e uso são da exclusiva responsabilidade dos autores.

Catalogação na Publicação (CIP)

Em75 Empreendedorismo no Brasil 2025 / coordenação geral Simara Maria de Souza Silveira Greco; análise de dados e revisão de conteúdo Joana Paula Machado, Paulo Alberto Bastos Junior, Simara Maria de Souza Silveira Greco, Vinicius Larangeiras de Souza; análise e redação Edmilson de Oliveira Lima, Edmundo Inácio Júnior, Roberto Pessoa de Queiroz Falcão, Rose Mary Almeida Lopes. – [s.l.] : ANEGEPE; SEBRAE, 2026.
238 p. : il.

ISBN: 978-65-980506-7-2

1. Empreendedorismo - Brasil. 2. Inovações tecnológicas - Brasil. I. Global Entrepreneurship Research Association. II. Associação Nacional de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas (ANEGEPE). III. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). IV. Greco, Simara Maria de Souza Silveira. V. Machado, Joana Paula. VI. Bastos Junior, Paulo Alberto. VII. Souza, Vinicius Larangeiras de. VIII. Lima, Edmilson de Oliveira. IX. Inácio Júnior, Edmundo. X. Falcão, Roberto Pessoa de Queiroz. XI. Lopes, Rose Mary Almeida.

CDD (21 ed.) 658.110981

Bibliotecário responsável: Renata Eleuterio da Silva – CRB 8/9281

FICHA TÉCNICA

Coordenação do GEM

Internacional

Global Entrepreneurship Research Association (GERA)

Brasil

Associação Nacional de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas (Anegepe)

Rose Mary Almeida Lopes – Presidente

Edmilson de Oliveira Lima – Vice-presidente

Parceiro Master no Brasil

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae)

CONSELHO DELIBERATIVO NACIONAL

Presidente – José Zeferino Pedrozo

DIRETORIA EXECUTIVA

Diretor Presidente – Rodrigo de Souza Soares

Diretor Técnico – Bruno Quick

Diretora de Administração e Finanças – Margarete Coelho

UNIDADE DE GESTÃO ESTRATÉGICA E INTELIGÊNCIA (UGE)

Gerente – André Silva Spínola

Gerente Adjunta – Aretha Alexandra Pedroso Guimaraes Trindade Zarlenga

Gerente Adjunto – Fausto Ricardo Keske Casemiro

Coordenador do Núcleo de Pesquisa e Gestão do Conhecimento (NPGC) – Dênis Pedro Nunes

Coordenador da Pesquisa GEM no Sebrae – Marco Aurélio Bedê

Equipe Técnica

COORDENAÇÃO GERAL

Simara Maria de Souza Silveira Greco

ANÁLISE DE DADOS E REVISÃO DE CONTEÚDO

Joana Paula Machado

Paulo Alberto Bastos Junior

Simara Maria de Souza Silveira Greco

Vinicius Larangeiras de Souza

ANÁLISE E REDAÇÃO

Edmilson de Oliveira Lima

Edmundo Inácio Júnior

Roberto Pessoa de Queiroz Falcão

Rose Mary Almeida Lopes

ARTE E DIAGRAMAÇÃO

Marcela Rolim Ribas

Nicole Rolim Ribas

REVISÃO DE TEXTO

Eugênio Vinci de Moraes

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, destacamos que a pesquisa GEM Empreendedorismo no Brasil 2025 foi realizada por meio da imprescindível parceria e do apoio financeiro do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), representado pelo Sr. Marco Aurélio Bedê, coordenador desse projeto junto à Unidade de Gestão Estratégica e Inteligência (UGE).

Este relatório representa o término do ciclo de trabalho do GEM Empreendedorismo no Brasil 2025 e apresenta uma visão geral dos mais importantes dados obtidos e as respectivas análises. A sua publicação se alinha com a missão da Associação Nacional de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas (Anegepe), que é a de apoiar e disseminar os estudos e as pesquisas sobre empreendedorismo no país.

Celebramos este feito coletivo, pois a publicação deste relatório explicita o compromisso, a dedicação e a cooperação de muitos profissionais, alguns dos quais desempenharam diferentes funções. Reconhecemos, inicialmente, o importante trabalho da Simara Greco, líder da equipe brasileira do GEM, que orientou a análise dos dados e revisou integralmente o relatório. Nessa liderança, Simara interagiu e colaborou comigo, Rose Mary Almeida Lopes, responsável por gerir esse projeto – administrativa e financeiramente –, representando a Anegepe.

Também destacamos e agradecemos à equipe de pesquisadores do campo do empreendedorismo que desenvolveram competentemente a análise e redação de documento tão importante para o Sebrae e para a comunidade de pesquisadores em empreendedorismo do país: Edmilson de Oliveira Lima, Edmundo Inácio Júnior e Roberto Pessoa de Queiroz Falcão. A mim coube o desafio e a satisfação de colaborar com esse grupo, nesse trabalho minucioso e exigente.

A equipe técnica do GEM Brasil participou da análise, da revisão do conteúdo e da redação, trabalho pelo qual expressamos nosso sincero reconhecimento e nossa gratidão a Joana Paula Machado, Paulo Alberto Bastos Junior, Vinicius Larangeiras de Souza e Eugênio Vinci de Moraes. O projeto gráfico e a diagramação foram de responsabilidade de Marcela Rolim Ribas e Nicole Rolim Ribas. Esclarecemos ainda que a pesquisa com os especialistas foi de responsabilidade do Sr. Paulo Alberto Bastos Junior.

Agradecemos ao Paulo Nedeff e à Juliana Nedeff – responsáveis pela Strategy Point, empresa parceira para a coleta de dados junto à população brasileira –, pois o trabalho deles, juntamente com o de muitos profissionais, foi essencial para atingirmos os resultados apresentados no Relatório GEM Empreendedorismo no Brasil 2025.

Do ponto de vista administrativo, a equipe interna da Associação garantiu que todo o projeto transcorresse bem, pelo que a diretoria executiva da Anegepe é imensamente grata.

Por último, reconhecemos e agradecemos a participação voluntária de 2.350 anônimos brasileiros – mulheres e homens adultos, das várias regiões do Brasil – que aceitaram ser sujeitos de nossa pesquisa. Sem eles e sem os 55 especialistas nacionais, essa pesquisa GEM BR 25 não teria sido possível. Os especialistas avaliaram os contextos econômico, social, cultural e político brasileiros, para formar o diagnóstico integrado do ecossistema empreendedor nacional, que oferece diversas e importantes informações para embasar e direcionar as políticas e os programas de fomento ao empreendedorismo no Brasil.

Rose Mary Almeida Lopes
Presidente da Anegepe

PREFÁCIO

O amadurecimento e a força do empreendedorismo no Brasil

Rodrigo Soares, presidente do Sebrae

A cada ano, o empreendedorismo se consolida no país não apenas como uma alternativa de subsistência, mas como o verdadeiro motor da nossa economia, gerando emprego, renda e inclusão social.

Essa evolução e o aprimoramento do perfil do empreendedor brasileiro são evidenciados na mais recente edição do Monitor Global de Empreendedorismo (*Global Entrepreneurship Monitor* – GEM 2025). Realizada no Brasil pelo Sebrae, em uma parceria estratégica com a Associação Nacional de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas (Anegepe), a maior pesquisa sobre empreendedorismo do mundo traz dados que comprovam: os donos de pequenos negócios estão mais maduros, resilientes e focados no futuro.

O grande destaque do relatório de 2025 é o amadurecimento do perfil de quem decide abrir a própria empresa. Pela primeira vez na série histórica, iniciada em 2000, os empreendedores iniciais (aqueles com até 3,5 anos de operação ou que realizaram ações para abrir uma empresa) registraram a maior proporção com idade superior a 45 anos, atingindo um terço do total.

Essa mudança demográfica é um excelente indicativo para o mercado. O aumento da faixa etária média sinaliza uma maior qualificação e solidez na atividade empresarial. São pessoas que acumularam experiência de vida, maturidade e bagagem profissional antes de dar o passo rumo à atividade empreendedora, o que contribui diretamente para a redução da mortalidade das empresas e para uma tomada de decisões mais estratégica e segura diante dos desafios.

A pesquisa GEM 2025 revela também que a vontade de empreender conquistou um patamar inédito no imaginário nacional. O sonho de "ter o próprio negócio" deu um salto de 6 pontos percentuais em relação ao ano anterior, passando da terceira para a segunda posição entre os maiores desejos dos brasileiros, sendo mencionado por 40% dos entrevistados.

Quando analisamos esse desejo por faixa etária, a força do empreendedorismo fica ainda mais evidente. Para o grupo de 35 a 54 anos, ter a própria empresa tornou-se o sonho número um, superando todas as outras aspirações. Essa retomada expressiva reflete o espírito realizador de uma geração que busca autonomia e vê no próprio negócio o caminho para a emancipação financeira e pessoal.

A força dessa motivação empreendedora se traduz em enorme potencial do país para empreender. O Brasil conta hoje com 42,5 milhões de potenciais empreendedores — pessoas que ainda não são donas de empresas, mas que desejam iniciar um negócio em até três anos. Esse contingente coloca o país na segunda posição global em números absolutos, atrás apenas da Índia, uma nação com população quase sete vezes superior à nossa. Proporcionalmente, nossa Taxa de Empreendedorismo Potencial é de 45%, a sexta maior do planeta. Além disso, o Brasil manteve a excelente sexta posição global na Taxa de Empreendedores Estabelecidos.

A evolução desse cenário não ocorre por acaso. A confiança do brasileiro em investir no próprio sonho é impulsionada pela melhoria do ambiente de negócios e por políticas públicas estruturadas de bem-estar social, que oferecem uma rede de segurança e fomento para quem quer se lançar na atividade empreendedora.

O Sebrae segue firme no propósito de capacitar, apoiar e desburocratizar a jornada desses milhões de brasileiros que, com coragem e criatividade, transformam suas vidas e lideram o desenvolvimento sustentável do nosso país.

SUMÁRIO

Lista de Quadros e Tabelas 10

Lista de Figuras e Gráficos. 15

Introdução 17

1. A disposição e a mentalidade empreendedora da população brasileira comparadas ao mundo 23

1.1. Percepções do empreendedorismo pela população 23
1.2. O empreendedorismo e os sonhos da população brasileira 27

2. Intensidade da atividade empreendedora no Brasil e no mundo: Taxas gerais e específicas 40

2.1. Taxas gerais de empreendedorismo no Brasil 40
2.2. Tendências e evolução histórica do empreendedorismo no Brasil. 42
2.3. Taxas de empreendedorismo comparadas: Brasil e demais economias 44
2.4. Taxas específicas do empreendedorismo inicial e do empreendedorismo estabelecido segundo variáveis sociodemográficas: Brasil e demais economias. 45
2.5. Taxas de empreendedorismo potencial: Brasil e demais economias. 49
2.6. Descontinuidade dos negócios: Brasil e demais economias. 52
2.7. Imigração e empreendedorismo: Brasil e demais economias 55

3. Retrato do empreendedor brasileiro e suas motivações 66

3.1. O perfil dos empreendedores 67
3.2. Situação Laboral dos Empreendedores. 72
3.3. Perfil dos empreendedores potenciais 73
3.4. Motivações para empreender – Brasil e mundo. 76

4. Características dos empreendimentos - Brasil e economias participantes 91

4.1. Setores de atividade dos empreendedores – Brasil e economias participantes . 91
4.2. Principais atividades dos empreendedores no Brasil 93
4.3. Pessoas envolvidas nos empreendimentos – proprietários ou contratados: Brasil e economias participantes 103
4.4. Formalização dos negócios. 106
4.5. Franquias 113

5. Inovação e tecnologia nos empreendimentos – Brasil e economias participantes . . 123

5.1. Impacto dos empreendimentos segundo as características relacionadas à inovação 123
5.2. Tecnologias digitais e inteligência artificial (IA) 127

6. Orientações social e ambiental – Brasil e economias participantes 155

7. Condições para empreender no Brasil e no mundo 173

7.1. Índice do contexto nacional de empreendedorismo (NECI): Brasil e demais economias participantes. 174
7.2. Detalhamento do NECI Brasil: quatro maiores pontuações. 181
7.3. Detalhamento do NECI Brasil: quatro menores pontuações 185
7.4. Empreendedorismo e burocracia no Brasil 191
7.5. Evidências complementares da pesquisa com especialistas 193
7.6. Condições específicas para o empreendedorismo feminino. 196

8. Considerações finais 209

8.1. Forças do empreendedorismo no Brasil. 209
8.2. Fragilidades do empreendedorismo no Brasil. 212
8.3. Ameaças ao empreendedorismo no Brasil 216
8.4. Recomendações para o fortalecimento do empreendedorismo no Brasil . . . 219

Apêndice 1 – Metodologia 222

A1.1. População, amostras e coleta de dados 224
A1.2. Processamento e Tratamento de Dados 235

Apêndice 2 – Entrevistados na pesquisa com especialistas – Brasil 2025 237

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro I.1 Classificação das economias participantes do GEM segundo os níveis de renda *per capita* - 2025 ... **18**

Tabela 1.1 Percentual da população segundo a mentalidade empreendedora – Brasil – 2025 ... **24**

Quadro 1.1 Comparativo dos indicadores de "mentalidade empreendedora" percentual da população de 18 a 64 anos – economias participantes – 2025 ... **26**

Tabela 1.2 Percentual da população segundo o "sonho" - Brasil - 2025 ... **27**

Tabela 1.3 Percentual da população por sexo segundo o "sonho" - Brasil - 2025 ... **29**

Tabela 1.4 Percentual da população por faixa etária segundo o "sonho" - Brasil - 2025 ... **30**

Tabela 1.5 Percentual da população por cor/raça segundo o "sonho" - Brasil - 2025 ... **32**

Tabela auxiliar A1.1 Percentual da população de 18 a 64 anos que conhece pessoalmente alguém que iniciou um novo negócio nos últimos dois anos – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025. ... **33**

Tabela auxiliar A1.2 Percentual da população de 18 a 64 anos que percebe boas oportunidades para iniciar um negócio nos próximos seis meses – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025 ... **34**

Tabela auxiliar A1.3 Percentual da população de 18 a 64 anos que afirma ter as habilidades, as experiências e os conhecimentos necessários para iniciar um novo negócio (autopercepção) – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025 ... **35**

Tabela auxiliar A1.4 Percentual da população de 18 a 64 anos que afirma que o medo de fracassar não impediria que começasse um novo negócio – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025. ... **36**

Tabela auxiliar A1.5 Percentual da população de 18 a 64 anos que considera ser fácil começar um negócio – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025 ... **37**

Tabela auxiliar A1.6 Percentual da população de 18 a 64 anos que afirma a intenção de iniciar um novo negócio nos próximos três anos – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025 ... **38**

Tabela 2.1 Taxas (% população adulta) e estimativas (número de pessoas) de empreendedorismo segundo o estágio – Brasil – 2025 ... **42**

Quadro 2.1 Comparativo entre indicadores das taxas de empreendedorismo por estágio – economias participantes – 2025 **44**

Tabela 2.2 Taxas específicas dos empreendedores nascentes, novos e estabelecidos segundo as características sociodemográficas – Brasil – 2025 ... **47**

Quadro 2.2 Comparativo entre indicadores das taxas específicas de empreendedorismo inicial segundo o sexo e faixa etária – economias participantes – 2025 ... **48**

Quadro 2.3 Comparativo entre indicadores das taxas específicas de empreendedorismo inicial segundo a escolaridade e a renda familiar – economias participantes – 2025. ... **49**

Tabela 2.3 Taxas gerais (percentual da população adulta) e estimativas (número de pessoas) de empreendedores potenciais – Brasil – 2024:2025 ... **50**

Quadro 2.4 Comparativo entre indicadores da taxa (%) e estimativas (número de pessoas) de empreendedores potenciais de 18 a 64 anos – economias participantes – 2025 ... **52**

Tabela 2.4 Taxa (%) de descontinuidade, para a população – Brasil – 2025 ... **52**

Tabela 2.5 Percentual da população que descontinuou um negócio e principais razões da descontinuidade – Brasil – 2020:2025 ... **54**

Quadro 2.5 Comparativo entre indicadores da taxa de descontinuidade da população – economias participantes – 2025 **55**

Tabela 2.6 Taxas (em %) de imigrantes identificados na população brasileira e percentual de empreendedores em estágio inicial e estabelecido entre os imigrantes – Brasil – 2025 ... **56**

Quadro 2.6 Comparativo entre indicadores de imigração na população e entre os empreendedores em estágio inicial e estabelecido 18 a 64 anos – economias participantes – 2025 ... **56**

Tabela auxiliar A2.1 Taxas (em %) de empreendedorismo de 18 a 64 anos por estágio – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025. ... **57**

Tabela auxiliar A2.2 Taxas específicas (em %) de empreendedorismo inicial (TEA) segundo o sexo e razão (TEA Masculino/TEA Feminino) – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025 ... **58**

Tabela auxiliar A2.3 Taxas específicas (em %) de empreendedorismo inicial (TEA) segundo a faixa etária – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025 ... **59**

Tabela auxiliar A2.4 Taxas específicas (em %) de empreendedorismo inicial (TEA) segundo a escolaridade – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025 ... **60**

Tabela auxiliar A2.5 Taxas específicas (em %) de empreendedorismo inicial (TEA) de 18 a 64 anos segundo os percentis de renda familiar – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025 . . . . . **61**

Tabela auxiliar A2.6 Taxas (%) e estimativas (número de pessoas) de empreendedores potenciais de 18 a 64 anos – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025 . . . . . **62**

Tabela auxiliar A2.7 Taxas (% população de 18 a 64 anos) de descontinuidade – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025 . . . . . **63**

Tabela auxiliar A2.8 Taxas (em %) de imigrantes na população percentual entre os empreendedores em estágio inicial e estabelecido de 18 a 64 anos – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025 . . . **64**

Tabela 3.1 Distribuição percentual da situação laboral dos empreendedores – Brasil – 2025 . . . . . **72**

Tabela 3.2 Distribuição percentual da situação laboral dos empreendedores potenciais e população[1] – Brasil – 2025 **75**

Tabela 3.3 Taxas e percentual de empreendedores iniciais (nascentes e novos) por oportunidade e necessidade – Brasil – 2025 . . . . . **77**

Tabela 3.4 Percentual dos empreendedores iniciais, por sexo, segundo a motivação para começar um novo negócio – Brasil – 2025 . . . . . **78**

Tabela 3.5 Percentual dos empreendedores iniciais, por faixa etária, segundo a motivação para começar um novo negócio – Brasil – 2025 . . . . . **79**

Tabela 3.6 Percentual dos empreendedores iniciais, por escolaridad[1], segundo a motivação para começar um novo negócio – Brasil – 2025 . . . . . **79**

Tabela 3.7 Percentual dos empreendedores iniciais, por renda familiar, segundo a motivação para começar um novo negócio – Brasil – 2025 . . . . . **80**

Tabela 3.8 Percentual dos empreendedores iniciais, por cor/raça, segundo a motivação para começar um novo negócio – Brasil – 2025 . . . . . **80**

Tabela 3.9 Empreendedores iniciais (TEA) por oportunidade ou por necessidade segundo as múltiplas motivações para iniciar um novo negócio – Brasil – 2025 . . . . . **82**

Quadro 3.1 Comparativo entre indicadores do percentual dos empreendedores iniciais (nascentes e novos) de 18 a 64 anos que afirmaram alguma motivação para começar o novo negócio – economias participantes – 2025 . . . **84**

Tabela auxiliar A3.1 Percentual dos empreendedores iniciais (nascentes e novos) de 18 a 64 anos que afirmaram que "fazer a diferença no mundo" estava entre as suas motivações para começar o novo negócio – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025. . . . . **86**

Tabela auxiliar A3.2 Percentual dos empreendedores iniciais (nascentes e novos) de 18 a 64 anos que afirmaram que "ganhar a vida porque os empregos são escassos" estava entre as suas motivações para começar o novo negócio – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025. . . . . **87**

Tabela auxiliar A3.3 Percentual dos empreendedores iniciais (nascentes e novos) de 18 a 64 anos que afirmaram que "construir uma grande riqueza ou uma renda muito alta" estava entre as suas motivações para começar o novo negócio – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025. . . . . **88**

Tabela auxiliar A3.4 Percentual dos empreendedores iniciais (nascentes e novos) de 18 a 64 anos que afirmaram que "continuar uma tradição familiar" estava entre as suas motivações para começar o novo negócio – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025. . . . . **89**

Tabela 4.1 Distribuição percentual de empreendedores segundo o setor das atividades econômicas – Brasil – 2025 **91**

Quadro 4.1 Comparativo do indicador "setor de atividades" – percentual de empreendedores iniciais – economias participantes – 2025 . . . . . **92**

Quadro 4.2 Comparativo do indicador "setor de atividades" – percentual de empreendedores estabelecidos – economias participantes – 2025 . . . . . **93**

Tabela 4.2 Distribuição percentual das principais atividades dos empreendedores por estágio – Seções CNAE – Brasil – 2025 . . . . . **94**

Tabela 4.3 Distribuição percentual das principais atividades dos empreendedores iniciais segundo as características sociodemográficas – Seções CNAE – Brasil – 2025. . . . . **95**

Tabela 4.4 Distribuição percentual das principais atividades dos empreendedores estabelecidos segundo as características sociodemográficas – Seções CNAE – Brasil – 2025 . . . . . **98**

Tabela 4.5 Distribuição percentual das principais atividades dos empreendedores iniciais por oportunidade e necessidade – Seções CNAE – Brasil – 2025. . . . . **101**

Tabela 4.6 Número médio de proprietários[1] no negócio por estágio – Brasil – 2025 . . . . . **103**

Quadro 4.3 Comparativo do indicador "número médio de proprietários no negócio" – por estágio dos empreendimentos – economias participantes – 2025 . . . . . **103**

Tabela 4.7 Distribuição percentual de empreendedores iniciais e estabelecidos segundo a geração de ocupação – Brasil – 2025 . . . . . **104**

Quadro 4.4 Comparativo do indicador "expectativa elevada quanto à geração de ocupações" – percentual de empreendedores iniciais – economias participantes – 2025 . . . . . **105**

Tabela 4.8 Percentual de empreendedores por estágio que obtiveram CNPJ – Brasil – 2025. . . . . **106**

Tabela 4.9 Principais razões para obtenção do CNPJ – percentual de empreendedores – Brasil – 2025 . . . . . **108**

Tabela 4.10 Principais razões para NÃO obtenção do CNPJ – percentual de empreendedores – Brasil – 2025 **109**

Tabela 4.11 Distribuição percentual das principais atividades de empreendedores iniciais segundo a formalização – Brasil – 2025 . . . . . **110**

Tabela 4.12 Distribuição percentual das principais atividades de empreendedores estabelecidos segundo a formalização – Brasil – 2025. . . . . **111**

Tabela 4.13 Distribuição percentual de empreendedores nascentes, novos (iniciais) e estabelecidos segundo a formalização e a geração de ocupação – Brasil – 2025. . . . . **112**

Tabela 4.14 Distribuição percentual dos empreendedores iniciais e estabelecido cujos negócios são franquias – Brasil – 2025 . . . . . **113**

Tabela auxiliar A4.1 Distribuição percentual de empreendedores iniciais segundo o setor das atividades econômicas – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025. . . . . **115**

Tabela auxiliar A4.2 Distribuição percentual de empreendedores estabelecidos segundo o setor das atividades econômicas – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025 . . . . . **116**

Tabela auxiliar A4.3 Abertura das seções CNAE em classe das atividades para os empreendedores – Brasil – 2025. . **117**

Tabela auxiliar A4.4 Número médio de proprietários no negócio por estágio – economias participantes (agrupamento por nível de renda) – 2025 . . . . . **120**

Tabela auxiliar A4.5 Percentual dos empreendedores iniciais segundo a "expectativa elevada quanto à geração de ocupações" – economias participantes (agrupadas por nível de renda) – 2025. . . . . **121**

Tabela 5.1 Percentual de empreendedores segundo o impacto (nacional e internacional) do empreendimento – Brasil – 2025 . . . . . **123**

Quadro 5.1 Comparativo do indicador "impacto (nacional e internacional) do empreendimento" – percentual de empreendedores iniciais – economias participantes – 2025 . . . . . **124**

Tabela 5.2 Distribuição percentual de empreendedores[1] segundo as características relacionadas à inovação produzida pelos seus empreendimentos – Brasil – 2025 . . . . . **125**

Tabela 5.3 Percentual de empreendedores que usam tecnologias digitais ou aplicativos – Brasil – 2025 . . . . . **127**

Tabela 5.4 Percentual de empreendedores que pretendem utilizar mais tecnologias – Brasil – 2025. . . . . **128**

Quadro 5.2 Comparativo do indicador "pretende aumentar o uso de tecnologias digitais para a venda de produtos ou serviços nos próximos meses" – percentual de empreendedores iniciais – economias participantes – 2025. . **129**

Quadro 5.3 Comparativo do indicador "pretendem aumentar o uso de tecnologias digitais para a venda de produtos ou serviços nos próximos meses" – percentual de empreendedores estabelecidos – economias participantes – 2025 . . **129**

Tabela 5.5 Percentual de empreendedores que considera muito importante para a implementação da sua estratégia de negócio os seguintes recursos digitais – Brasil – 2025 . . . . . **130**

Tabela 5.6 Distribuição percentual de empreendedores em relação ao uso de inteligência artificial (IA) – Brasil – 2025 **131**

Tabela 5.7 Distribuição percentual de empreendedores sobre o nível de importância atribuído ao uso de inteligência artificial (IA) em seu negócio nos próximos três anos – Brasil – 2025 . . . . . **133**

Tabela 5.8 Percentual de empreendedores que afirmaram que o uso de inteligência artificial (IA) pode ter alto impacto positivo no negócio – Brasil – 2025 . . . . . **134**

Quadro 5.4 Comparativo do indicador "afirmaram que o uso de inteligência artificial (IA) pode ter alto impacto positivo nos negócios" – percentual dos empreendedores – economias participantes – 2025 . . . . . **136**

Tabela 5.9 Percentual de empreendedores que afirmaram que o uso de inteligência artificial (IA) pode ter alto impacto negativo nos negócios – Brasil – 2025. . . . . **137**

Quadro 5.5 Comparativo do indicador "afirmaram que o uso de inteligência artificial (IA) pode ter alto impacto negativo nos negócios" – percentual de empreendedores iniciais e estabelecidos – economias participantes – 2025 . . . . . **139**

Tabela 5.10 Média das notas atribuídas pelos especialistas na avaliação objetiva relacionadas ao "Inteligência artificial e empreendedorismo" – Brasil e economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025. . . . . **141**

Quadro 5.6 Comparativo do indicador "Inteligência artificial e empreendedorismo" – média das notas atribuídas pelos especialistas – economias participantes da pesquisa com especialista – 2025. . . . . **143**

Tabela auxiliar A5.1 Percentual de empreendedores iniciais segundo o impacto (nacional e internacional) do empreendimento de 18 a 64 anos – economias participantes (agrupamento por nível de renda) – 2025 . . . . . **145**

Tabela auxiliar A5.2 Distribuição percentual de empreendedores iniciais que pretendem aumentar o uso de tecnologias digitais para a venda de produtos ou serviços nos próximos seis meses de 18 a 64 anos – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025. . . . . **146**

Tabela auxiliar A5.3 Distribuição percentual de empreendedores estabelecidos que pretendem aumentar o uso de tecnologias digitais para a venda de produtos ou serviços nos próximos seis meses de 18 a 64 anos – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025 . . . . . **147**

Tabela auxiliar A5.4 Empreendedores iniciais que afirmaram que o uso de inteligência artificial pode ter alto impacto positivo nos negócios de 18 a 64 anos – *ranking* – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025 . . . . . **148**

Tabela auxiliar A5.5 Empreendedores estabelecidos que afirmaram que o uso de inteligência artificial pode ter alto impacto positivo nos negócios de 18 a 64 anos – *ranking* – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025 . . . . . **149**

Tabela auxiliar A5.6 Empreendedores iniciais que afirmaram que o uso de inteligência artificial pode ter alto impacto negativo nos negócios de 18 a 64 anos – *ranking* – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025 . . . . . **150**

Tabela auxiliar A5.7 Empreendedores estabelecidos que afirmaram que o uso de inteligência artificial pode ter alto impacto negativo nos negócios de 18 a 64 anos – *ranking* – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025 . . . . . **151**

Tabela auxiliar A5.8 Inteligência artificial e empreendedorismo – economias participantes da pesquisa com especialistas (agrupamento por níveis de renda) – 2025 . . . . . **152**

Tabela 6.1 Orientação social e ambiental no planejamento dos negócios – percentual de empreendedores – Brasil – 2025 . . . . . **156**

Quadro 6.1 Comparativo do indicador "orientação social e ambiental no planejamento dos negócios" – percentual de empreendedores – economias participantes – 2025 . . . . . **157**

Tabela 6.2 Percentual de empreendedores iniciais e estabelecidos que tomaram alguma providência em seus empreendimentos no último ano – Brasil – 2025 . . . . . **158**

Tabela 6.3 Percentual de empreendedores iniciais e estabelecidos que tomaram providências para gerar maior impacto social de seus empreendimentos no último ano – Brasil – 2025. . . . . **159**

Tabela 6.4 Percentual de empreendedores iniciais e estabelecidos que tomaram providências para minimizar o impacto ambiental de seus empreendimentos no último ano – Brasil – 2025 . . . . . **161**

Quadro 6.2 Comparativo do indicador "tomaram alguma providência em seus empreendimentos no último ano" – percentual de empreendedores – economias participantes – 2025 . . . . . **162**

Tabela 6.5 Média das notas atribuídas pelos especialistas na avaliação objetiva relacionadas ao "desenvolvimento sustentável da ONU" – Brasil e economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025 . . . . . **163**

Quadro 6.3 Comparativo do indicador "desenvolvimento sustentável da ONU" – média das notas atribuídas pelos especialistas – economias participantes da pesquisa com especialista – 2025 . . . . . **165**

Tabela auxiliar A6.1 Percentual de empreendedores iniciais e estabelecidos de 18 a 64 anos: ao tomar decisões sobre o futuro do negócio, são considerados aspectos sociais – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025 . . . . . **166**

Tabela auxiliar A6.2 Percentual de empreendedores[1] iniciais e estabelecidos de 18 a 64 anos: ao tomar decisões sobre o futuro do negócio, são considerados aspectos ambientais – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025 . . . . . **167**

Tabela auxiliar A6.3 Percentual de empreendedores[1] iniciais e estabelecidos de 18 a 64 anos: prioriza o impacto social e/ou ambiental do seu negócio acima da lucratividade ou crescimento – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025 . . . . . **168**

Tabela auxiliar A6.4 Percentual de empreendedores iniciais e estabelecidos de 18 a 64 anos: no último ano, tomou alguma providência para sua empresa ou atividade gerar maior impacto social – economias participantes (agrupamento por nível de renda) – 2025 . . . . . **169**

Tabela auxiliar A6.5 Percentual de empreendedores iniciais e estabelecidos de 18 a 64 anos: no último ano, tomou alguma providência para minimizar o impacto ambiental – economias participantes (agrupamento por nível de renda) – 2025 . . . . . **170**

Tabela auxiliar A6.6 Desenvolvimento sustentável da ONU – economias participantes da pesquisa com especialistas (agrupamento por níveis de renda) – 2025 . . . . . **171**

Quadro 7.1 Condições que afetam o empreendedorismo (EFCs) segundo o modelo GEM **174**

Tabela 7.1 Quantidade e percentual de economias segundo as faixas do NECI – economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025 . . . . . **176**

Quadro 7.2 Avaliação dos especialistas (NES) sobre as condições que afetam o empreendedorismo: pontuações mais altas e mais baixas por nível de renda – economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025 . . **177**

Tabela 7.2 Avaliação dos especialistas (NES) sobre as condições que afetam o empreendedorismo – pontuação e posicionamento do Brasil em relação às economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025. . . . . **178**

Tabela 7.3 Médias das notas atribuídas pelos especialistas na avaliação objetiva relacionadas à condição: G1 – Dinâmica do mercado interno: liberdade e abertura – Brasil e economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025 . . . . . **181**

Tabela 7.4 Média das notas atribuídas pelos especialistas na avaliação objetiva relacionadas à condição: H – Acesso à infraestrutura física – Brasil e economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025 . . . . . **182**

Tabela 7.5 Médias das notas atribuídas pelos especialistas na avaliação objetiva relacionadas à condição: I – Normas culturais e sociais – Brasil e economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025. . . . . **184**

Tabela 7.6 Média das notas atribuídas pelos especialistas na avaliação objetiva relacionadas à condição: D2 – Ensino superior – Brasil e economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025 . . . . . **184**

Tabela 7.7 Média das notas atribuídas pelos especialistas na avaliação objetiva relacionadas à condição: D1 – Ensino fundamental e médio – Brasil e economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025. . . . . **185**

Tabela 7.8 Distribuição percentual de quem acredita que o ensino de empreendedorismo, em todos os níveis de ensino, precisa ser ampliado – Brasil – 2025 . . . . . **186**

Tabela 7.9 Distribuição percentual de quem acredita em qual nível de ensino o país deveria investir mais recursos em termos do ensino de empreendedorismo – Brasil – 2025. . . . . **187**

Tabela 7.10 Média das notas atribuídas pelos especialistas na avaliação objetiva relacionadas à condição: A2 – Facilidade de acesso ao apoio financeiro – Brasil e economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025. . **188**

Tabela 7.11 Média das notas atribuídas pelos especialistas na avaliação objetiva relacionadas à condição: E – Pesquisa e desenvolvimento – Brasil e economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025 . . . . . **189**

Tabela 7.12 Média das notas atribuídas pelos especialistas na avaliação objetiva relacionadas à condição: G2 – Barreiras, concorrência e legislação no mercado interno – Brasil e economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025. . . . . **190**

Tabela 7.13 Média das notas atribuídas pelos especialistas na avaliação objetiva relacionadas à condição: B2 – Burocracia e impostos – Brasil e economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025 . . . . . **191**

Tabela 7.14 Percentual dos empreendedores que já enfrentaram algum problema com a burocracia junto a órgãos de governo – Brasil – 2025 . . . . . **192**

Tabela 7.15 Manifestações espontâneas dos especialistas sobre fatores favoráveis para a abertura e manutenção de novos negócios – Brasil – 2025. . . . . **194**

Tabela 7.16 Recomendações dos especialistas: áreas de intervenção para melhoria das condições para empreender no país – Brasil – 2025. . . . . **195**

Tabela 7.17 Média das notas atribuídas pelos especialistas na avaliação objetiva relacionadas ao "empreendedorismo feminino" – Brasil e economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025 . . . . . **196**

Tabela 7.18 Percentual de quem acredita que as mulheres enfrentam mais dificuldades que os homens para se tornarem empreendedoras – Brasil – 2025. . . . . **198**

Tabela 7.19 Percentual do total de empreendedores segundo a busca de órgãos de apoio por sexo – Brasil – 2025 **199**

Tabela auxiliar A7.1 Índice do Contexto Nacional de Empreendedorismo (NECI) e posicionamento das economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025 . . . . . **200**

Tabela auxiliar A7.2 Pontuações das condições que afetam o empreendedorismo (EFCs) – economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025 . . . . . **201**

Tabela auxiliar A7.3 Média das notas atribuídas pelos especialistas na avaliação objetiva relacionadas sobre as condições que afetam o empreendedorismo – Brasil e economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025 **203**

Tabela auxiliar A7.4 Empreendedorismo feminino – economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025 . **207**

Quadro A1.1 Classificação das economias participantes do GEM segundo os níveis de renda *per capita* – 2025 **223**

Tabela A1.1 Resumo do plano amostral da pesquisa com população adulta – Brasil – 2025 . . . . . **226**

Tabela A1.2 Quantidade de entrevistas realizadas na pesquisa com população adulta segundo o porte dos municípios – Brasil – 2025 . . . . . **227**

Quadro A1.2 Descrição das condições que afetam o empreendedorismo (EFCs) segundo o modelo GEM **229**

Tabela A1.3 Descrição do status da pesquisa com especialistas – Brasil – 2025. . . . . **231**

Tabela A1.4 Caracterização funcional do conjunto dos especialistas entrevistados - percentual de autodeclaração (%) – Brasil – 2025 . . . . . **232**

Quadro A1.3 Fatores em que são classificadas as respostas abertas **234**

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura I.1 Modelo conceitual do GEM **19**

Figura I.2 O processo empreendedor **20**

Gráfico 2.1 Evolução das taxas (%) de empreendedorismo total (TTE), inicial (TEA) e estabelecido (EBO) – Brasil – 2002:2025 . . . . . **43**

Gráfico 2.2 Evolução das taxas (%) de empreendedorismo nascente e novo – Brasil – 2002:2025 . . . . . **44**

Gráfico 2.3 Evolução da taxa (%) de empreendedores potenciais, para a população não empreendedora de 18 a 64 anos – Brasil – 2019:2025 . . . . . **51**

Gráfico 2.4 Evolução da taxa (%) de descontinuidade, para a população – Brasil – 2017:2025 . . . . . **53**

Figura 3.1 Estimativa da quantidade de empreendedores nascentes, novos e estabelecidos – Brasil – 2025 . . . . **67**

Gráfico 3.1 Distribuição percentual dos empreendedores nascentes, novos, iniciais e estabelecidos segundo o sexo – Brasil – 2025 . . . . . **67**

Gráfico 3.2 Distribuição percentual dos empreendedores nascentes, novos, iniciais e estabelecidos de 18 a 74 anos segundo a faixa etária – Brasil – 2025 . . . . . **68**

Gráfico 3.3 Distribuição percentual dos empreendedores nascentes, novos, iniciais e estabelecidos segundo a escolaridade – Brasil – 2025 . . . . . **69**

Gráfico 3.4 Distribuição percentual dos empreendedores nascentes, novos, iniciais e estabelecidos segundo a renda familiar – Brasil – 2025 . . . . . **70**

Gráfico 3.5 Distribuição percentual dos empreendedores nascentes, novos, iniciais e estabelecidos segundo a cor/raça – Brasil – 2025 . . . . . **71**

Figura 3.2 Distribuição percentual dos empreendedores potenciais de 18 a 74 anos por características sociodemográficas – Brasil – 2025 . . . . . **74**

Gráfico 3.6 Evolução do empreendedorismo por necessidade como proporção da taxa de empreendedorismo inicial (nascente e novo) – Brasil – 2002:2018 e 2020:2025 . . . . . **78**

Gráfico 3.7 Evolução do percentual dos empreendedores iniciais segundo as motivações para começar o novo negócio – Brasil – 2019:2025 . . . . . **82**

Gráfico 4.1 Evolução do percentual de empreendedores segundo a formalização – Brasil – 2019:2025 . . . . . **107**

Gráfico 7.1 Índice do Contexto Nacional de Empreendedorismo (NECI) – economias participantes da pesquisa com especialistas (agrupamento por nível de renda) – 2025 . . . . . **175**

Gráfico 7.2 Avaliação dos especialistas (NES) sobre as condições que afetam o empreendedorismo – Brasil – 2023:2025 . . . . . **180**

INTRODUÇÃO.

INTRODUÇÃO

A pesquisa GEM no Brasil e demais economias participantes em 2025

O Global Entrepreneurship Monitor (GEM) é a pesquisa global mais abrangente sobre atividade empreendedora, analisando criação e crescimento de negócios em diversas economias desde 1999. Fundado pelo Babson College (EUA) e pela London Business School (Reino Unido), o GEM tornou-se referência mundial ao fornecer dados comparáveis e análises aprofundadas sobre as condições de empreendedorismo em diferentes países.

Em 2025, o GEM celebra 26 anos de existência, consolidando-se como a mais extensa e contínua pesquisa global sobre empreendedorismo. O estudo já foi realizado em mais de 120 economias ao longo desse período, tornando-se uma fonte indispensável para acadêmicos, formuladores de políticas públicas, investidores e empreendedores interessados em compreender as dinâmicas da atividade empreendedora.

Nesse período, o GEM contribuiu para a criação de políticas públicas inovadoras e para o fortalecimento de ecossistemas empreendedores em diversas regiões do mundo, evidenciando seu impacto real e duradouro no cenário global do empreendedorismo.

O Brasil participa da pesquisa ininterruptamente desde o ano 2000, sendo um dos poucos países a manter essa continuidade. Essa trajetória permitiu a construção de um banco de dados extenso sobre o empreendedorismo brasileiro, possibilitando o acompanhamento de sua evolução durante as últimas décadas e a comparação com outras economias.

Desde 2022, a realização do GEM Brasil está sob a coordenação da Associação Nacional de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas (Anegepe), com o apoio do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae).

A pesquisa GEM adota uma abordagem ampla do empreendedorismo, considerando tanto negócios formais quanto informais, novas iniciativas e empreendimentos já estabelecidos e investiga as condições que favorecem ou limitam a atividade empreendedora, fornecendo dados que permitem a geração e a reformulação de políticas públicas e estratégias empresariais mais eficazes.

Na edição de 2025, o GEM registrou a participação de 53 economias a nível global, incluindo o Brasil. Todavia, nesse ano, a categorização das economias por nível de renda foi reformulada. Anteriormente, a classificação era realizada em três grupos conforme o nível de renda (A: alta, B: média, C: baixa). A partir de 2025, as economias passaram a ser classificadas em dois grupos, como indicado a seguir:

Nível A - renda *per capita* superior (maior que US$ 50.000,00);

Nível B - renda *per capita* média (menor que US$ 50.000,00).

A distribuição das economias por nível de renda é apresentada no **Quadro I.1**.

Quadro I.1 Classificação das economias participantes do GEM segundo os níveis de renda *per capita*[1] - 2025

Nível A - Renda Superior (> US$ 50.000)	Nível B - Renda Média (< US$ 50.000)
Alemanha	África do Sul
Arábia Saudita	Angola
Áustria*	Argélia*
Bahrein	Argentina
Canadá	**Brasil**
Catar	Chile
Chipre	Costa Rica
Coreia do Sul	Croácia
Emirados Árabes Unidos	Egito
Eslovênia	El Salvador
Espanha	Equador
Estados Unidos	Eslováquia
Finlândia	Estônia
França	Guatemala
Israel	Hungria
Itália	Índia
Japão*	Jordânia
Lituânia	Letônia
Luxemburgo	Marrocos*
Noruega	México
Países Baixos	Omã
Polônia	Peru
Porto Rico	Romênia
Reino Unido	Tailândia
Suécia	Uruguai*
Suíça	Venezuela
Taiwan	

Destas 53 economias, 48 participaram da Pesquisa com a População Adulta (APS) no ciclo 2025 da Pesquisa GEM, enquanto cinco economias, sinalizadas com *, participaram da Pesquisa com Especialistas Nacionais (NES) mas não da APS.

Fonte: GEM 2025
[1] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.

O empreendedorismo e o modelo conceitual da pesquisa GEM

O empreendedorismo é um fenômeno dinâmico que influencia o desenvolvimento econômico e social de diferentes países. Ele está relacionado à criação de novos negócios, à inovação, ao crescimento de empresas e à geração de empregos, desempenhando papel essencial na transformação dos mercados e no aprimoramento da competitividade das economias.

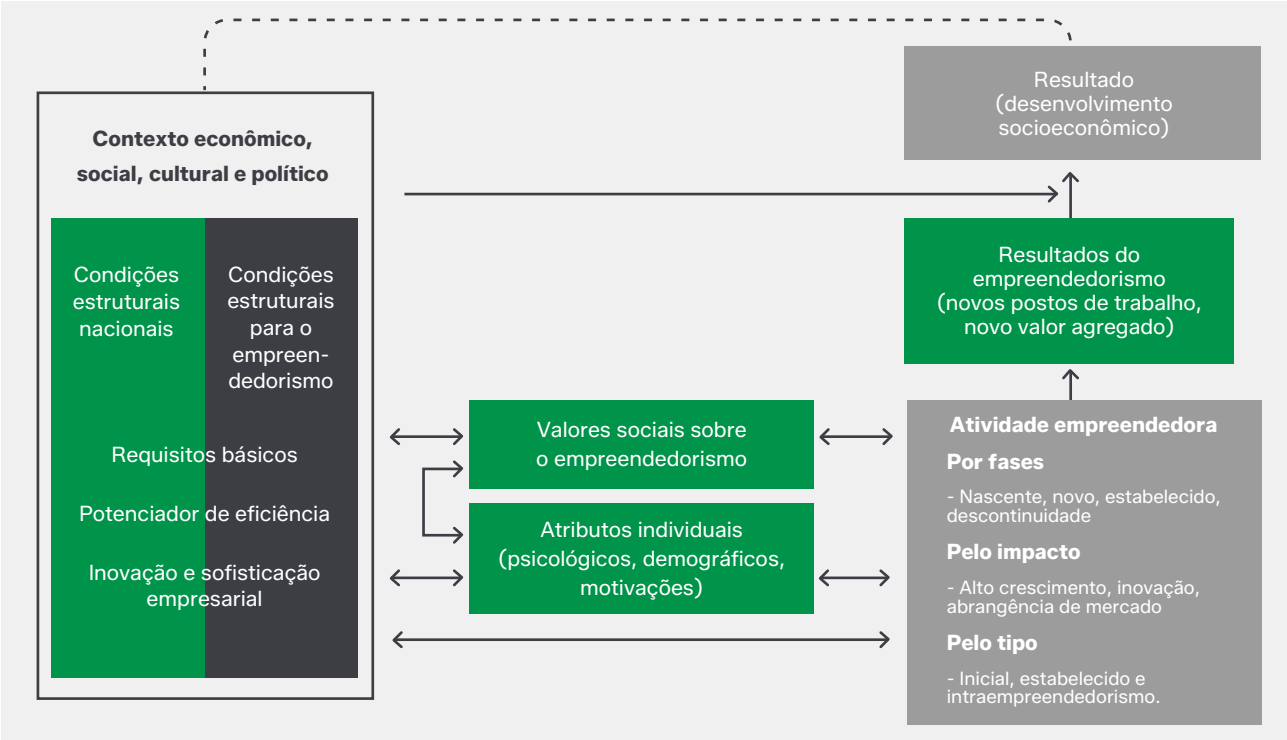
O modelo conceitual do GEM, representado na **Figura I.1**, considera o empreendedorismo como um processo que envolve múltiplos fatores, incluindo características individuais, o contexto socioeconômico e o ambiente regulatório. A pesquisa GEM parte de uma visão ampla da atividade empreendedora, que engloba desde pequenas iniciativas informais até grandes empreendimentos inovadores.

A abordagem do GEM permite identificar os diferentes **estágios da atividade empreendedora**, abrangendo:

- **Empreendedores nascentes** (que estão iniciando um novo negócio, com até três meses de atividade);
- **Empreendedores novos** (com um negócio em funcionamento há mais de três meses e até 42 meses);
- **Empreendedores estabelecidos** (cujos negócios estão ativos há mais de 42 meses).

O modelo conceitual do GEM destaca ainda o impacto das condições estruturais da economia sobre o empreendedorismo, considerando aspectos como acesso a financiamento, políticas governamentais, infraestrutura e cultura empreendedora.

Figura I.1 Modelo conceitual do GEM



Fonte: GEM 2025

Metodologia da pesquisa GEM

A pesquisa GEM utiliza métodos padronizados, aplicados igualmente em todas as economias participantes. Isso possibilita comparações entre diferentes economias e comparações das condições do empreendedorismo de uma mesma economia em diferentes momentos do tempo. O GEM é composto por duas subpesquisas complementares, com suas respectivas características na edição de 2025:

1. Pesquisa com a população adulta (APS - *Adult Population Survey*):

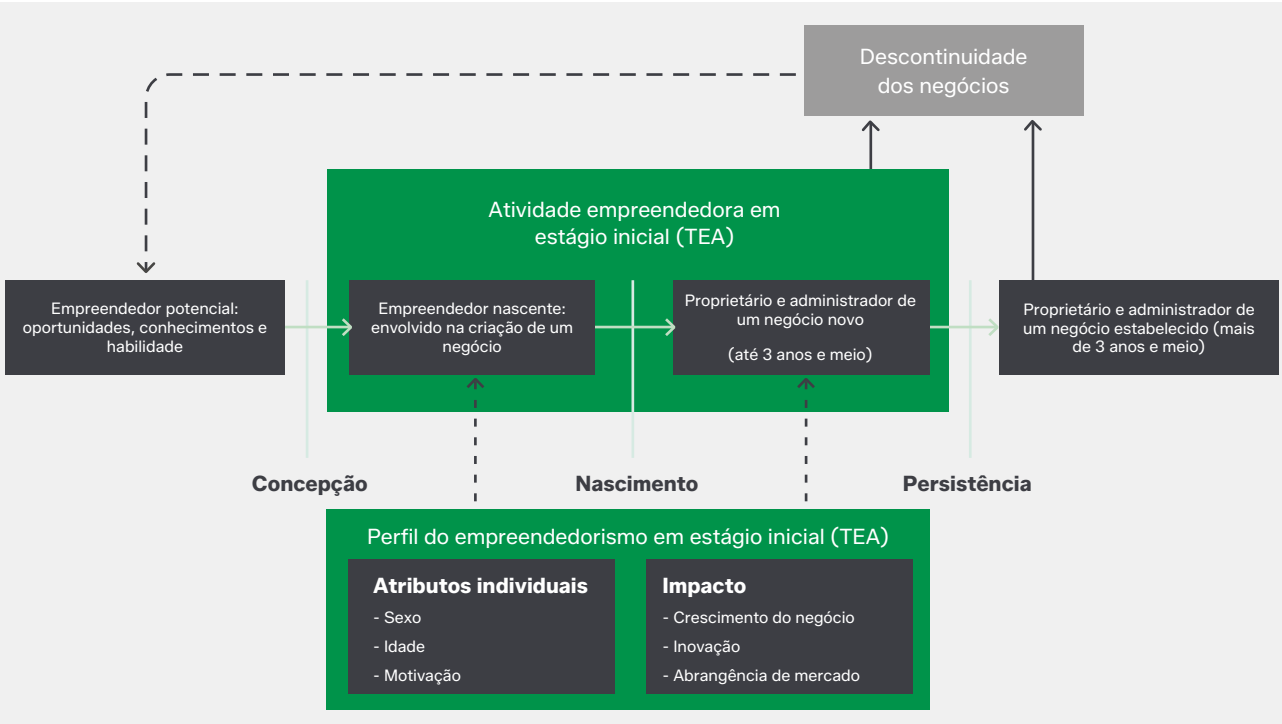
- A metodologia do GEM especifica que a amostra da população deve ter no mínimo 2.000 adultos, representando a população de 18 a 64 anos. No Brasil, em 2025, essa amostra foi expandida para 2.350 adultos, de modo a contemplar a extensão das faixas etárias para até 74 anos. Contudo, os resultados apresentados para a nova faixa etária adicionada, de 65 a 74 anos, devem ser avaliados com cautela por se basear numa amostra de tamanho menor. Apesar disso, os dados obtidos e suas análises oferecem sinalizações relevantes para orientar e fomentar políticas e programas de empreendedorismo voltados a pessoas de mais idade (detalhes adicionais sobre a ampliação da amostra podem ser obtidos na leitura do **Apêndice 1 – Metodologia**).
- Investiga taxas de empreendedorismo, motivações, percepções e características dos empreendedores.
- Permite identificar o perfil dos empreendedores nas diferentes fases do processo empreendedor (empreendedorismos nascente, novo e estabelecido).

2. Pesquisa com especialistas nacionais (NES - *National Expert Survey*):

- A metodologia do GEM indica que pelo menos 36 especialistas sejam entrevistados a cada ciclo da pesquisa. Em 2025, a pesquisa NES no Brasil "ouviu" 55 especialistas, cujo perfil pode ser conferido no **Apêndice 2 - Entrevistados na pesquisa com especialistas - Brasil 2025**.
- Avalia as condições do ambiente empreendedor, incluindo políticas públicas, acesso a financiamento, infraestrutura e educação em empreendedorismo.
- Fornece um diagnóstico detalhado dos fatores que favorecem ou dificultam o empreendedorismo na economia considerada.

A combinação dessas duas pesquisas possibilita um retrato abrangente do processo empreendedor, conforme o modelo exibido na **Figura I.2**, e permite analisar e compreender os desafios enfrentados pelos empreendedores e nortear a formulação de estratégias para eliminar gargalos e melhorar o ecossistema empreendedor no Brasil.

Figura I.2 O processo empreendedor



Fonte: GEM 2025

Estrutura do relatório brasileiro da pesquisa GEM 2025

O relatório **GEM: Empreendedorismo no Brasil 2025** está estruturado em oito capítulos, cada um abordando aspectos fundamentais do empreendedorismo no país, com comparações internacionais e análises detalhadas sobre diferentes dimensões da atividade empreendedora.

No **Capítulo 1**, intitulado *A disposição e a mentalidade empreendedoras da população brasileira comparadas ao mundo*, apresentam-se os indicadores de disposição da população em relação ao empreendedorismo, enfocando fatores que influenciam as atitudes, decisões e iniciativas para empreender das pessoas na população, comparando os dados brasileiros às demais economias participantes dessa edição do GEM. Examinam-se as percepções da população brasileira sobre si mesma, o ambiente para empreender, os sonhos da população e suas relações com o empreendedorismo.

O **Capítulo 2**, *Intensidade da atividade empreendedora no Brasil e no mundo: taxas gerais e específicas*, examina as taxas gerais de empreendedorismo segundo os diferentes estágios do processo empreendedor, como empreendedorismo total, inicial (nascente e novo) e estabelecido. Esses dados são analisados em perspectiva histórica e comparados com os de outras economias participantes do GEM. Mostra ainda as taxas específicas de empreendedorismo estratificadas segundo características sociodemográficas da população, o empreendedorismo potencial, a descontinuidade dos negócios e suas razões, além de introduz a questão da imigração e empreendedorismo, que é uma nova temática da pesquisa GEM.

No **Capítulo 3**, *Retrato do empreendedor brasileiro e suas motivações*, apresentam-se os dados dos indivíduos envolvidos nas diferentes fases do processo empreendedor e suas principais características sociodemográficas: sexo, idade, nível de escolaridade, renda e cor/raça. Mostra a situação laboral dos empreendedores, o perfil dos empreendedores potenciais e as múltiplas motivações para empreender, incluindo a diferenciação dos que empreendem por oportunidade e os que o fazem por necessidade.

No **Capítulo 4**, *Características dos empreendimentos – Brasil e economias participantes*, são descritas as particularidades dos negócios brasileiros: as atividades econômicas nas quais os negócios se inserem, inclusive segundo diversas variáveis sociodemográficas dos empreendedores; o número de pessoas envolvidas nos negócios; a origem dos clientes; um estudo sobre a formalização dos negócios e suas motivações; e um novo tópico sobre a participação das franquias no empreendedorismo brasileiro.

O **Capítulo 5**, *Inovação e tecnologia nos empreendimentos – Brasil e economias participantes*, analisa o impacto dos negócios, em âmbito nacional e internacional, a partir de seus indicadores de inovação e da abrangência geográfica da atuação comercial dos empreendimentos. O capítulo também apresenta informações relativas ao uso de tecnologias digitais e de inteligência artificial pelos empreendedores.

O **Capítulo 6**, *Orientações social e ambiental – Brasil e economias participantes*, investiga como fatores sociais e ambientais influenciam as decisões e práticas de negócio dos empreendedores brasileiros.

O **Capítulo 7**, *Condições para empreender no Brasil e no mundo*, baseia-se nos resultados da pesquisa com especialistas (NES) para avaliar o ambiente empreendedor no Brasil. São examinados aspectos como políticas governamentais, financiamento, educação em empreendedorismo, infraestrutura e normas regulatórias. O capítulo identifica desafios e oportunidades para aprimorar as condições para o empreendedorismo no país.

Por fim, o **Capítulo 8**, *Considerações finais*, sintetiza os principais achados da pesquisa, destacando as forças e fragilidades do empreendedorismo brasileiro. Além disso, apresenta recomendações para fortalecer o ambiente de negócios no país, com sugestões para formuladores de políticas públicas, investidores e instituições de apoio ao empreendedorismo.

Com essa estrutura, o relatório GEM: Empreendedorismo no Brasil 2025 fornece uma visão abrangente do cenário empreendedor brasileiro, contribuindo para a formulação de políticas públicas e para o desenvolvimento de estratégias que favoreçam a atividade empreendedora no país.

CAPÍTULO 1.

A disposição e a mentalidade empreendedora da população brasileira comparadas ao mundo

1. A DISPOSIÇÃO E A MENTALIDADE EMPREENDEDORA DA POPULAÇÃO BRASILEIRA COMPARADAS AO MUNDO

Este capítulo apresenta e analisa os indicadores de disposição da população em relação ao empreendedorismo. São indicadores importantes porque os fatores que eles representam influenciam as atitudes, decisões e iniciativas das pessoas para empreender. Neste capítulo, os dados brasileiros são comparados aos das demais economias participantes da pesquisa GEM 2025.

Com as pessoas tendo percepções e sentimentos positivos em relação ao empreendedorismo, elas tendem a se motivarem para empreender. O GEM usa variados indicadores para refletir tais percepções e sentimentos, que são tratados neste capítulo em duas seções. A primeira aborda as percepções da população brasileira sobre si mesma e sobre o ambiente para empreender. A segunda trata dos sonhos da população e suas relações com o empreendedorismo.

1.1 Percepções do empreendedorismo pela população

A **Tabela 1.1** mostra a distribuição percentual das percepções e dos sentimentos da população brasileira adulta quanto ao empreendedorismo, ao ecossistema e à própria intenção de empreender.

Indicadores da mentalidade e disposição empreendedora

As questões e as afirmações apresentadas para todos os entrevistados que são utilizadas para avaliar as percepções que a população adulta tem sobre si mesma e sobre o ambiente em temas relacionados ao empreendedorismo são as seguintes:

- Quantas pessoas você conhece que começaram um novo negócio ou passaram a trabalhar por conta própria nos últimos dois anos?

Os entrevistados também responderam às seguintes afirmações utilizando uma escala Likert*, com notas de 1 a 5, que expressam o grau de concordância, variando de discordo totalmente a concordo totalmente:

- Nos próximos seis meses, haverá boas oportunidades para iniciar um negócio na cidade ou na região onde você mora.

- Você possui a habilidade, a experiência e o conhecimento necessários para iniciar um novo negócio.

- Você não começaria um negócio por medo de fracassar.

- No Brasil, é fácil começar um negócio.

A pergunta-base** para avaliar a intenção de iniciar um novo negócio da população é:

"Nos próximos três anos, você espera iniciar — sozinho ou com outras pessoas — um novo negócio ou algum tipo de atividade como autônomo ou por conta própria?"

** A escala é assim denominada por ter sido criada por Rensis Likert, em 1932. Nessa escala, os respondentes indicam o grau de concordância ou discordância em relação às afirmações apresentadas. Além dos pontos numéricos máximos de concordância e discordância (por exemplo, 1 e 5, ou 1 e 7, que são os mais comuns), a escala inclui valores intermediários que permitem mensurar com maior precisão o grau de concordância do respondente em relação à correspondência de cada afirmação com sua realidade (MATAR, 1997).*

*** Essa mesma pergunta é base para o cálculo da taxa de empreendedorismo potencial (**Capítulo 2**), que difere ligeiramente do indicador apresentado neste capítulo.*

A tabela mostra que 70,4% da população de 18 a 64 anos afirma conhecer pessoalmente alguém que iniciou um novo negócio nos últimos dois anos. Esse percentual é positivo, pois o resultado de diversas pesquisas científicas indica que o capital social (conjunto de contatos em uma rede de relações) dos empreendedores influencia positivamente o desenvolvimento e o reconhecimento de oportunidades para novos negócios[1].

[1] Vide, por exemplo: Weisz, N., & Vassolo, R.S. (2004). O capital social das equipes empreendedoras nascentes. Revista de Administração de Empresas, 44(2), 26–37. https://doi.org/10.1590/S0034-75902004000200004; Ramos-Rodríguez, A.R., Medina-Garrido, J.A., Lorenzo-Gómez, J.D., & Ruiz-Navarro, J. (2010). What you know or who you know? The role of intellectual and social capital in opportunity recognition. International Small Business Journal, 28(6), 566-582. https://doi.org/10.1177/0266242610369753.

Segundo a tabela, 64,7% da faixa de 18 a 64 anos informa perceber boas oportunidades para começar um negócio nos próximos seis meses em sua localidade. Além disso, 68,7% acreditam ter as habilidades, as experiências e os conhecimentos necessários para iniciar um negócio. Esses são dois indicadores que se referem, respectivamente, ao percentual de pessoas da população com confiança nas condições externas e nas próprias capacidades como propícias para empreenderem, o que lhes confere maior possibilidade de quererem empreender. Resultados de pesquisas anteriores mostram que a percepção de oportunidades e a autoconfiança são determinantes da intenção de empreender[2].

Tabela 1.1 Percentual da população segundo a mentalidade empreendedora – Brasil – 2025

Indicadores	Percentual da População (%)	
	18 a 64 anos	65 a 74 anos
Afirma conhecer pessoalmente alguém que começou um novo negócio nos últimos dois anos.[1]	70,4	61,2
Afirma perceber, para os próximos seis meses, boas oportunidades para se começar um novo negócio nas proximidades onde vivem.[2]	64,7	58,2
Afirma ter as habilidades, as experiências e os conhecimentos necessários para iniciar um novo negócio.[2]	68,7	57,1
Afirma que o medo de fracassar não impediria que começasse um novo negócio.[2]	51,3	52,1
Afirma que considera fácil começar um negócio no seu país.[2]	45,3	47,4
Afirma a intenção de iniciar um novo negócio nos próximos três anos.[3]	47,2	20,8

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual da população de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos que respondeu um ou mais para a afirmação.
[2] Percentual da população de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos que concorda totalmente ou parcialmente com a afirmação.
[3] Percentual da população de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos.

Uma proporção de 51,3% informa que o medo de fracassar não seria um impedimento para iniciar um novo negócio. Isso implica que cerca de metade da população de 18 a 64 anos, se quisesse empreender, não desistiria de fazê-lo por efeito de tal medo. Pesquisas[3] destacam a atitude positiva frente ao risco como um impulsionador para empreender e para o sucesso empreendedor. Contudo, apenas 45,3% veem como fácil começar um negócio.

O capítulo 7 ajudará a entender por que cerca de 55% da população não considera fácil começar um negócio, pois abordará os facilitadores e limitadores do contexto para os negócios ao tratar do índice do contexto nacional de empreendedorismo (NECI).

Por sua vez, a última linha da **Tabela 1.1** refere-se à vontade de iniciar um novo negócio em até três anos, afirmada por 47,2%.

[2] Vide por exemplo: Ajzen, I. (1991). The theory of planned behavior. Organizational Behavior and Human Decision Processes, 50(2), 179-211. https://doi.org/10.1016/0749-5978(91)90020-T; Bandura, A. (1997). Self-efficacy: The exercise of control. Psychological Perspectives, 37(1), 44-48. https://doi.org/10.1037/0003-066X.37.1.44.
[3] Vide por exemplo: Krizner, I. (1973). Competition and Entrepreneurship. University of Chicago Press. https://doi.org/10.7208/chicago/9780226454211.001.0001; Carland, J. W., Carland, J. C., & Carland, J. A. (1984). The Characteristics of Entrepreneurship: A Review and a Model. Academy of Management Review, 9(3), 359-370. https://doi.org/10.5465/amr.1984.4277624.

Percentuais na população de 65 a 74 anos segundo a mentalidade empreendedora

A **Tabela 1.1** também mostra os percentuais para a faixa etária de **65 a 74 anos**, permitindo considerar grupos etários mais amplos quanto à mentalidade empreendedora. Uma proporção de 61,2% afirma conhecer alguém que iniciou um novo negócio nos últimos dois anos.

Um total de 58,2% entre as pessoas de 65 a 74 anos informa perceber boas oportunidades para começar um negócio nos próximos seis meses em sua localidade, enquanto 57,1% acreditam ter as habilidades, as experiências e os conhecimentos necessários para iniciar um negócio. Como dito para a faixa de 18 a 64 anos, esses percentuais se referem, respectivamente, à confiança nas condições externas e nas próprias capacidades como favoráveis ao empreendedorismo, mostrando uma tendência maior do desejo de empreender.

Também entre os respondentes de 65 a 74 anos, 52,1% afirmam que não veem o medo de fracassar como um impedimento para iniciar um novo negócio, enquanto 47,4% notam ser fácil começar um negócio. Uma parcela de 20,8% dos respondentes dessa faixa etária informou ter vontade de iniciar um novo negócio em até três anos.

É justamente nesse indicador que a população de 65 a 74 anos distancia-se mais, em pontos percentuais, em relação à faixa de 18 a 64 anos, 20,8% versus 47,2%, ou seja, menos da metade.

Para comparação e compreensão em perspectiva, o **Quadro 1.1** traz os dados do Brasil e das demais economias participantes do GEM 2025 acerca dos indicadores de mentalidade empreendedora, agora estratificados por sexo. O Brasil se mostra em condições positivas frente às demais economias principalmente quanto a "iniciar um novo negócio em até três anos" (47,2%, em 6ª posição considerando a população total), "conhecer pessoas que iniciaram um novo negócio nos últimos dois anos" (70,4%, em 9ª posição na população total, e 73,3%, em 8ª entre os homens) e "ter as capacidades para iniciar um novo negócio" (77,1%, em 10ª posição entre a população masculina).

O **Quadro 1.1** também mostra que os piores comparativos do Brasil são para "achar fácil começar um negócio em seu país" (45,3%, em 32ª posição na população total) e "o medo de fracassar não impediria começar um novo negócio" (51,3%, em 26ª posição na população total). A Arábia Saudita aparece com os melhores resultados percentuais na grande maioria dos indicadores de comparação, ainda que a Coreia do Sul tenha os melhores para "o medo de fracassar não impediria...". Outros destaques positivos com os melhores resultados internacionais foram de Angola, com sua população masculina para "ter as capacidades..." e sua população total para "iniciar um novo negócio em até três anos".

Em particular entre as mulheres do Brasil, são recomendáveis iniciativas de apoio para que superem as barreiras geradas pelo medo de fracassar, como mostram estudos científicos[4]. Contudo, já há exemplos de apoio no país que podem inspirar mais iniciativas, como o "Sebrae Delas"[5] e o "Programa Rede Mulher Empreendedora"[5]. Os dois programas têm um papel importante no Brasil por sua oferta de capacitação, mentoria e redes de apoio, elevando a confiança das mulheres para empreenderem.

Quando se trata do resultado internacional menos favorável ao Brasil, para "achar fácil começar um negócio em seu país" (45,3%, em 32ª posição global), o país ficou bem abaixo da média internacional, de 54%. Nota-se, assim, que o Brasil precisa de esforços nacionais e coordenados para que iniciar um negócio seja menos desafiador. Os motivos dessa percepção de dificuldade no Brasil são detalhados no Capítulo 7, que analisa pontos fortes e fracos do ecossistema empreendedor brasileiro a partir dos treze indicadores do índice do contexto nacional de empreendedorismo (NECI).

[4] Vide por exemplo: Machado, H. V., St-Cyr, L., & Mione, A. (2003). Mulheres empreendedoras no Brasil: quais seus medos? Revista de Administração Contemporânea, 7(1), 203-222. https://doi.org/10.1590/S1415-65552003000100011; Camargo, R. A. M. M. de, Lourenço, M. L., & Ferreira, J. M. (2018). Mulheres empreendedoras no Brasil: quais seus medos? Revista Brasileira De Gestão De Negócios, 20(2), 178–193. https://doi.org/10.7819/rbgn.v20i2.3578.
[5] Vide sítio SEBRAE Delas e Programa Rede Mulher Empreendedora. Acesso em: 11/01/2025.

Quadro 1.1 Comparativo dos indicadores "mentalidade empreendedora" – percentual da população de 18 a 64 anos – economias participantes – 2025

Características sociodemográficas	Estatísticas descritivas	Percentual da população[1]		
		População Total	Masculina	Feminina
Afirma conhecer pessoalmente alguém que começou um novo negócio nos últimos dois anos.	Média (%)	57,5	60,0	54,9
	Mínimo (%)	23,0 (Egito)	28,7 (Tailândia)	14,7 (Egito)
	Máximo (%)	93,2 (Arábia Saudita)	94,8 (Arábia Saudita)	90,6 (Arábia Saudita)
	Brasil (%)	**70,4**	**73,3**	**67,6**
	Posição Brasil	**9ª**	**8ª**	**12ª**
Afirma perceber, para os próximos seis meses, boas oportunidades para se começar um novo negócio nas proximidades onde vivem.	Média (%)	57,9	59,6	56,0
	Mínimo (%)	24,0 (Hungria)	23,1 (Hungria)	25,0 (Hungria)
	Máximo (%)	96,5 (Arábia Saudita)	96,5 (Arábia Saudita)	96,5 (Arábia Saudita)
	Brasil (%)	**64,7**	**66,9**	**62,4**
	Posição Brasil	**15ª**	**15ª**	**16ª**
Afirma ter as habilidades, as experiências e os conhecimentos necessários para iniciar um novo negócio.	Média (%)	60,8	65,5	55,9
	Mínimo (%)	36,0 (Taiwan)	36,5 (Argentina)	28,2 (Israel)
	Máximo (%)	89,6 (Arábia Saudita)	90,3 (Angola)	89,4 (Arábia Saudita)
	Brasil (%)	**68,7**	**77,1**	**60,6**
	Posição Brasil	**16ª**	**10ª**	**19ª**
Afirma que o medo de fracassar não impediria que começasse um novo negócio.	Média (%)	52,7	55,1	50,2
	Mínimo (%)	40,7 (Arábia Saudita)	40,6 (Arábia Saudita)	38,5 (Chipre)
	Máximo (%)	76,5 (Coreia do Sul)	77,5 (Coreia do Sul)	75,5 (Coreia do Sul)
	Brasil (%)	**51,3**	**54,8**	**47,8**
	Posição Brasil	**26ª**	**25ª**	**28ª**
Afirma que considera fácil começar um negócio no seu país.[2]	Média (%)	54,0	-	-
	Mínimo (%)	18,3 (Israel)	- -	- -
	Máximo (%)	93,5 (Arábia Saudita)	- -	- -
	Brasil (%)	**45,3**	**43,9**	**42,3**
	Posição Brasil	**32ª**	**-**	**-**
Afirma a intenção de iniciar um novo negócio nos próximos três anos.[2]	Média (%)	28,4	-	-
	Mínimo (%)	3,0 (Polônia)	- -	- -
	Máximo (%)	88,7 (Angola)	- -	- -
	Brasil (%)	**47,2**	**49,5**	**44,9**
	Posição Brasil	**6ª**	**-**	**-**

Fonte: GEM 2025
[1] Percentual da população de 18 a 64 anos.
[2] A tabulação por sexo dessa questão não é disponibilizada pela coordenação Internacional do GEM.

1.2 O empreendedorismo e os sonhos da população brasileira

Com a **Tabela 1.2**, pode-se considerar a lista de vários sonhos da população brasileira e suas relações com o empreendedorismo. Nas respostas ao questionário de coleta de dados, cada respondente pôde assinalar um ou mais dos sonhos listados. As opções de resposta quanto aos sonhos não eram mutuamente excludentes. É importante considerar que "sonhar" com algo significa que esse algo desejado ainda não se realizou na vida do respondente. Nesse sentido, a análise a partir da lista dos sonhos considerados ajuda a entender aspirações, motivações e aspectos de classe social dos respondentes.

Para os adultos de 18 a 64 anos de idade, "comprar a casa própria" é o sonho com mais elevada frequência de resposta na tabela, organizada por ordem decrescente de percentuais em relação a essa faixa etária.

O segundo sonho mais mencionado por essa população foi "ter o próprio negócio". Não se pode deixar de considerar que as motivações para sonhar empreender podem se ligar à vontade de realização de todos os demais sonhos listados. Até mesmo para se ter um emprego sonhado pode ser necessária uma preparação a ser financiada com ganhos de uma atividade empreendedora precedente. Não é raro que estudantes que queiram conseguir um emprego em uma grande empresa tenham um pequeno negócio (p. ex.: produzir e vender doces ou bolos) para pagarem os custos de seus estudos preparatórios. Além de ser a realização de um sonho em si, empreender constitui uma das principais vias para se obter maior renda e mobilidade social[6].

Empreender pode também ajudar com contatos e conhecimento favoráveis à realização de variados sonhos. Por exemplo, uma pessoa pode facilitar a compra de seu próprio carro por empreender como lavador de carros. Nessa atividade, ela tende a frequentemente saber de ofertas de venda de bons carros usados de seus clientes a baixo preço e alta qualidade.

Tabela 1.2 Percentual[1] da população segundo o "sonho" – Brasil – 2025

Sonho	Percentual da População (%)	
	18 a 64 anos	65 a 74 anos
Comprar a casa própria	43,8	21,1
Ter o próprio negócio	39,7	12,7
Viajar pelo Brasil	37,0	33,2
Viajar para o exterior	36,2	19,5
Comprar um automóvel	32,2	21,6
Ter um diploma de ensino superior	25,2	3,9
Fazer carreira no serviço público	23,9	6,2
Ter plano de saúde	23,8	11,5
Casar ou constituir uma nova família	21,4	6,1
Fazer carreira numa empresa	20,7	5,6
Comprar um computador/tablet/smartphone	15,8	5,6
Outro	9,4	15,2
Nenhum	7,1	27,2
Não respondeu	1,2	1,3

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual da população de 18 a 64 anos e de 65 a 74 que tem como sonho o item especificado. Cada indivíduo pode ter mais de um item selecionado.

[6] Vide por exemplo: Fairlie, R. W. (2005). Entrepreneurship and earnings among young adults from disadvantaged families. Small Business Economics, 25(3), 223-236. https://doi.org/10.1007/s11187-003-6457-5; Ciccarino, I. D. M., Falcão, R. P. Q., Cruz, E. P., & Borges, A. (2019). Ação de Educação Empreendedora no Programa Minha Casa Minha Vida - RJ. Sustainable Business International Journal, 81. https://doi.org/10.22409/sbijounal2019.i81.a27044

Também merece destaque na **Tabela 1.2** o baixo percentual alcançado pelo sonho de "ter um diploma de ensino superior", 25,2% da população de 18 a 64 anos, e o sonho de "casar ou constituir uma nova família", 21,4%. O primeiro percentual mostra uma baixa frequência de interesse por qualificação profissional no Brasil[7]. O segundo aponta para uma tendência de rápida queda do número de brasileiros jovens na população e aumento também rápido da população mais velha, menos apta a trabalhar e ser produtiva por um longo período.

O último dado se alinha com projeções do IBGE informando que a população brasileira começará a diminuir a partir de 2041[8]. Esses dados sobre educação e quantidade populacional traçam uma tendência para que a força de trabalho brasileira seja insuficientemente preparada, em particular frente aos avanços tecnológicos e às novas necessidades de atuação profissional, assim como reduzida e envelhecida para enfrentar os desafios do futuro. Consequências graves podem ocorrer a partir daí afetando a produtividade e o crescimento econômico do país.

Os sonhos da população de 65 a 74 anos

De acordo com a **Tabela 1.2**, para os adultos de 65 a 74 anos, o sonho de "ter a casa própria" é o terceiro mais frequente, possivelmente porque uma maior parcela de pessoas dessa faixa etária já realizou o sonho ou desistiu dele por acreditar não haver tanto tempo de vida à sua frente que o justifique ou por ter outras prioridades. Essa possibilidade de explicação também pode justificar o fato de os percentuais desse grupo etário serem menores do que os do grupo de 18 a 64 anos.

Justamente, para essa faixa etária, os sonhos de "viajar pelo Brasil" (33,2%) e "comprar um automóvel" (21,6%) são mais frequentes do que o de "ter a casa própria", enquanto "ter o próprio negócio" está em quinta posição. A baixa frequência de interesse para "ter o próprio negócio" talvez se justifique pelos mesmos motivos descritos acima em relação ao sonho "comprar a casa própria". Há também uma tendência de queda da tolerância ao risco de empreender com o aumento da idade[9].

Nas próximas tabelas, os sonhos serão estratificados segundo as variáveis sexo, faixa etária e raça. Assim, o restante deste capítulo vai se concentrar na descrição de padrões divergentes e convergentes considerando essas variáveis e evitando repetição das análises já feitas até aqui neste capítulo. Tais estratificações permitem o detalhamento da compreensão das aspirações e dos desafios relacionados aos sonhos da população brasileira. As análises adicionais ajudarão no objetivo de se gerarem mais conhecimentos sobre as aspirações e as condições da população, assim como sobre os impactos dessas aspirações em relação ao empreendedorismo no país.

A **Tabela 1.3** mostra diferenças de gênero quanto aos sonhos dos brasileiros, com comparações entre homens e mulheres da população. O sonho de "comprar a casa própria" é mais comum entre as mulheres de 18 a 64 anos, com superioridade de cerca de 7 p.p. para elas. As mulheres querem, com mais frequência, ter casa própria. Mas também há um percentual importante de homens com o mesmo desejo.

[7] O Brasil tem uma taxa bruta de matrícula no ensino superior de 37,2%, enquanto a média dos países da OCDE é de 56,2%. Países como Austrália, Coreia do Sul e Estados Unidos apresentam as taxas de 75,9%, 65,1% e 61,4%, respectivamente.
Vide: Amaral, N. C. (2024). Financiamento educacional no Brasil e em países da OCDE: Os desafios brasileiros. *Educação & Sociedade*, 45, e286614. https://doi.org/10.1590/ES.286614.

[8] As projeções indicam que uma taxa de fecundidade total estimada de 1,44 filho por mulher em 2040 está abaixo do nível de reposição populacional. Vide: População do país vai parar de crescer em 2041. Agência de Notícias do IBGE. Acesso em: 12/01/2025.

[9] A diminuição da tolerância ao risco de empreender com o aumento da idade é frequentemente explicada com a noção de custo de oportunidade do tempo, que sugere que pessoas mais velhas têm menos tempo de vida para superarem complicações e/ou perdas em atividades empreendedoras, o que as faz mais avessas ao risco de empreender. São estudos relevantes sobre o tema e sobre outros temas conexos principalmente quanto ao público 50+:
* Shinohara, E. E., Nassif, V. M. J., & Paiva, L. E. B. (2024). Empreendedorismo 50+: Superando barreiras e promovendo um ecossistema empreendedor. RAM. Revista de Administração Mackenzie, 25, eRAMG240177.
* Levesque, M., & Minniti, M. (2006). The effect of aging on entrepreneurial behavior. Journal of business venturing, 21(2), 177-194.
* Shinohara, E. E., Nassif, V. M. J., & Corrêa, V. S. (2025). Overcoming barriers: strategies of 50+ entrepreneurs in navigating entrepreneurial challenges. Journal of Entrepreneurship in Emerging Economies, 17(6), 1562-1585.
* Kautonen, T., Kibler, E., & Minniti, M. (2017). Late-career entrepreneurship, income and quality of life. Journal of Business Venturing, 32(3), 318-333.
* Bakker, R. M., & McMullen, J. S. (2023). Inclusive entrepreneurship: A call for a shared theoretical conversation about unconventional entrepreneurs. Journal of Business Venturing, 38(1), 106268.
* Syed, R. T., Singh, D., Ahmad, N., & Butt, I. (2024). Age and entrepreneurship: Mapping the scientific coverage and future research directions. International Entrepreneurship and Management Journal, 20(2), 1451-1486.
* Zhang, T., & Acs, Z. (2018). Age and entrepreneurship: nuances from entrepreneur types and generation effects. Small Business Economics, 51(4), 773-809.
* Soto-Simeone, A., & Kautonen, T. (2021). Senior entrepreneurship following unemployment: a social identity theory perspective. Review of Managerial Science, 15(6), 1683-1706.
* Amorós, J. E., Leporati, M., Torres-Marín, A. J., & Roses, S. (2024). Opportunity entrepreneurship after 65: Relevant factors in OECD countries. International Entrepreneurship and Management Journal, 20(2), 1215-1244.
* Soto-Simeone, A., & Kautonen, T. (2021). Senior entrepreneurship following unemployment: a social identity theory perspective. Review of Managerial Science, 15(6), 1683-1706.

Tabela 1.3 Percentual[1] da população por sexo segundo o "sonho" – Brasil – 2025

Sonho	Percentual da População (%)			
	18 a 64 anos		65 a 74 anos	
	Masculina	Feminina	Masculina	Feminina
Comprar a casa própria	40,5	46,7	16,2	24,5
Viajar para o exterior	37,5	35,1	16,4	22,2
Ter o próprio negócio	42,6	36,9	11,3	13,0
Viajar pelo Brasil	36,3	37,6	32,2	33,5
Comprar um automóvel	32,5	32,0	23,2	19,7
Casar ou constituir uma nova família	24,5	18,2	8,0	3,6
Ter um diploma de ensino superior	24,5	26,0	2,8	3,9
Fazer carreira numa empresa	21,8	19,7	5,4	5,8
Fazer carreira no serviço público	22,2	25,3	6,9	5,7
Ter plano de saúde	21,6	25,8	10,5	11,6
Comprar um computador/tablet/smartphone	16,8	14,9	1,4	9,2
Outro	9,5	9,3	19,5	11,8
Nenhum	9,0	5,3	27,2	27,5
Não respondeu	1,1	1,2	0,0	2,4

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual da população de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos que tem como sonho o item especificado. Cada indivíduo pode ter mais de um item selecionado.

Por sua vez, "ter o próprio negócio" também tem uma diferença de percentuais entre os sexos, 6 p.p. a favor dos homens. A maior inclinação dos homens para o empreendedorismo pode estar relacionada a fatores socioculturais que inibem o interesse e as iniciativas das mulheres para empreenderem[10].

Contrariando o estereótipo popular de que as mulheres querem mais frequentemente se casar e ter filhos, o sonho de se "casar ou constituir uma nova família" tem maior frequência entre homens, 6 p.p. a mais em relação às mulheres. Atualmente, mais mulheres parecem estar priorizando outras aspirações, como melhores condições financeiras e desenvolvimento de carreira, implicando mudanças nas dinâmicas familiares e socioeconômicas do Brasil.

No que tange aos sonhos relativos a emprego, que incluem "fazer carreira em uma empresa" e "fazer carreira no serviço público", com superioridade de 2 p.p., na faixa de 18 a 64 anos, os homens querem mais frequentemente ter carreira em uma empresa, enquanto as mulheres têm uma superioridade de 3 p.p. quanto a uma carreira no serviço público. Essa última carreira é comumente buscada no Brasil por oferecer salários atrativos frente à média do mercado na iniciativa privada e estabilidade no emprego. É, portanto, vista como símbolo de segurança na obtenção de renda.

[10] Vide, por exemplo: Natividade, D. R. da (2009). Empreendedorismo feminino no Brasil: políticas públicas sob análise. Revista De Administração Pública, 43(1), 231–256. https://doi.org/10.1590/S0034-76122009000100011; Governo Federal. (2024). Panorama do Empreendedorismo Feminino no Brasil. Ministério da Economia. Recuperado de https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/empreendedor/elas-empreendem/panorama-do-empreendedorismo-feminino-no-brasil/estudo-do-empreendedorismo-feminino.pdf

Sonhos segundo categorias de sexo na população de 65 a 74 anos

As mulheres mais comumente têm o sonho de "comprar a casa própria", superando os homens em cerca de 7 p.p. em ambas as faixas etárias. Os percentuais são aproximadamente o dobro na faixa de 18 a 64 anos frente à faixa de 65 a 74 anos, possivelmente porque no segundo grupo haja mais pessoas com casa própria ou que não tenham mais desejo de tê-la.

O sonho de se "casar ou constituir uma nova família" é mais frequente entre homens, com cerca de 6 p.p. a mais que as mulheres nos dois grupos etários. Por sua vez, os sonhos de "fazer carreira em uma empresa" e "fazer carreira no serviço público" têm percentual de aproximadamente um quarto no grupo etário de 65 a 74 anos em relação ao grupo mais jovem. Os percentuais variam de 5,4% a 6,9% para homens e mulheres nos dois sonhos.

Assim como esses últimos percentuais, o sonho de "ter um diploma de ensino superior" na faixa de 65 a 74 anos (2,8% para homens e 3,9% para mulheres) são relativamente baixos em comparação aos percentuais do outro grupo etário (24,5% para homens e 26% para mulheres). As razões para os baixos percentuais apresentados pela população de 18 a 64 anos de idade quanto aos três sonhos podem ser ligadas a fatores como falta de perspectiva de se ter um longo futuro pela frente no qual desenvolver e explorar estudos e empregos, ou já terem realizado esses sonhos, ou ainda terem maior interesse em se aposentar e/ou diminuir as atividades.

Por sua vez, a **Tabela 1.4** mostra realidades importantes quanto aos sonhos de acordo com as faixas etárias subdivididas em grupos etários menores. O sonho de "comprar a casa própria" ocorre principalmente entre os jovens de 18 a 34 anos (56,9%). Trata-se de um percentual bem mais elevado do que o das faixas etárias mais velhas (38,8% na faixa de 35 a 54 anos, 26,2% na faixa de 55 a 64 anos e 21,1% na faixa de 65 a 74 anos). São condições convergentes com estudos a apontar o acesso à casa própria como um motivador comum dos investimentos entre os jovens brasileiros[11].

Tabela 1.4 Percentual[1] da população por faixa etária segundo o "sonho" – Brasil – 2025

Sonho	Percentual da População (%)			
	18 a 34 anos	35 a 54 anos	55 a 64 anos	65 a 74 anos
Comprar a casa própria	56,9	38,8	26,2	21,1
Viajar para o exterior	46,9	31,7	23,1	19,5
Ter o próprio negócio	43,8	41,1	26,1	12,7
Viajar pelo Brasil	39,8	36,5	31,9	33,2
Comprar um automóvel	37,4	29,6	27,1	21,6
Casar ou constituir uma nova família	36,1	13,5	7,7	6,1
Ter um diploma de ensino superior	35,7	21,2	11,4	3,9
Fazer carreira no serviço público	31,0	22,5	11,2	6,2
Fazer carreira numa empresa	27,1	19,8	8,2	5,6
Ter plano de saúde	26,7	23,5	17,6	11,5
Comprar um computador/tablet/smartphone	19,2	14,5	11,4	5,6
Outro	6,1	10,4	14,4	15,2
Nenhum	3,3	7,2	15,6	27,2
Não respondeu	1,2	1,0	1,5	1,3

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual da população de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos que tem como sonho o item especificado. Cada indivíduo pode ter mais de um item selecionado.

[11] Vide, por exemplo: Gonçalves, P. (2020). A busca pela casa própria: Um estudo sobre as motivações da juventude brasileira. Revista Brasileira de Economia, 74(2), 253-276. https://doi.org/10.1590/0034-7140.2020.74.2.253.

O percentual alto do sonho da casa própria entre os mais jovens reflete a realidade de que nessa faixa etária a formação de patrimônio é uma das grandes "preocupações" das pessoas em geral, e a moradia representa o mais significativo desses objetivos. Nas outras faixas etárias, as pessoas já podem ter mais frequentemente avançado financeiramente e realizado o sonho ou tê-lo abandonado, podendo ter tomado a decisão de alugar uma moradia a partir de escolhas financeiras ou outras razões.

Outra observação relevante é que a frequência do sonho de empreender diminui à medida que sobe a faixa etária, com 43,8% dos jovens (18 a 34 anos) querendo um negócio, enquanto esse percentual é 41,1% na faixa de 35 a 54 anos, 26,1% na faixa de 55 a 64 anos e 12,7% para 65 a 74 anos. São diferenças que podem indicar que, com o envelhecimento, as pessoas tendem a já terem realizado o sonho (se o tinham). Também podem não se sentir tão atraídas quanto os mais jovens pelos potenciais do empreendedorismo, inclusive o de geração de mais renda e de mobilidade social.

O sonho de se "casar ou constituir uma nova família" também tem queda acentuada nas faixas etárias mais altas, com 36,1% dos jovens (18 a 34 anos) com esse sonho, mas apenas 13,5% de 35 a 54 anos, 7,7% de 55 a 64 anos e 6,1% de 65 a 74 anos. As pessoas mais velhas podem já ter realizado esse sonho ou estarem mais focadas em outras prioridades, como carreira e aposentadoria. De todo modo, em geral, há uma queda do desejo de se "casar ou constituir uma família", para variadas faixas etárias, assinalada em estudos das mudanças demográficas e sociais. Os estudos destacam que os mais jovens estão mais frequentemente abstendo-se ou adiando planos de casamento e paternidade[12].

Este capítulo se encerra com as considerações sobre a **Tabela 1.5**. Há diferenças quanto à cor/raça, principalmente quanto ao sonho de "comprar a casa própria". Os pretos ou pardos mostram um percentual de 7 a 9 p.p. mais alto (46,9% na faixa de 18 a 64 anos) em comparação aos brancos (40,1%). Tal constatação pode ser associada a uma busca mais frequente por estabilidade e ascensão social da população negra, pois ela historicamente enfrenta maiores desafios socioeconômicos no Brasil[13].

Também segundo a **Tabela 1.5**, "ter o próprio negócio" tem um claro contraste entre as etnias. Enquanto 37,8% dos brancos de 18 a 64 anos expressam esse desejo, o percentual entre pretos ou pardos é de 41,3%. Esse dado pode acompanhar uma busca mais frequente por independência econômica e oportunidades empreendedoras entre pretos ou pardos, possivelmente em razão de seu menor acesso a empregos formais, e consequentemente auferirem salários mais baixos gerando uma maior necessidade de criar alternativas para obtenção de renda[14].

O sonho de "ter um diploma de ensino superior" também é mais comum, com clara superioridade em pontos percentuais, entre os pretos ou pardos (29,2%). Isso sugere que essa categoria étnica pode estar mais atenta às contribuições socioeconômicas da educação e mais à busca dela como forma de ascensão social, assim como modo de superação de desvantagens provocadas por desigualdades históricas[15]. Há de se considerar também que, em geral, a categoria tem tido menor inclusão na educação superior e mais recentemente pode ter sua demanda por ela mais frequentemente manifestada.

[12] Vide, por exemplo: Souza, M. (2021). Mudanças demográficas e o adiamento do casamento no Brasil. Estudos Demográficos, 22(3), 112-128. https://doi.org/10.1590/edem2021.22.3.112.
[13] Vide, por exemplo: Silva, A. & Souza, R. (2021). A educação como ferramenta de mobilidade social: um estudo sobre a população negra no Brasil. Estudos Sociológicos, 29(1), 78-92. https://doi.org/10.5678/es.2021.2901; IBGE. (2020). Perfil das desigualdades raciais no Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Recuperado de https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9185-perfil-das-desigualdades-raciais-no-brasil.html.
[14] Vide, por exemplo: Lima, T. (2020). Empreendedorismo e desigualdade racial no Brasil: um olhar crítico. Revista de Estudos Econômicos, 18(3), 112-126. https://doi.org/10.3456/ree.2020.1803.
[15] Vide, por exemplo: Silva, Marcos Antonio Batista da. (2020). Desigualdades educacionais da população negra do Brasil: um contexto sócio-histórico. Psicologia em Revista, 26(3), 836-856. https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2020v26n3p836-856.

Tabela 1.5 Percentual[1] da população por cor/raça segundo o "sonho" – Brasil – 2025

Sonho	Percentual da População (%)			
	18 a 64 anos		65 a 74 anos	
	Branca	Preta ou Parda	Branca	Preta ou Parda
Comprar a casa própria	40,1	46,9	17,2	26,2
Viajar para o exterior	41,2	34,1	24,1	14,8
Viajar pelo Brasil	39,8	36,3	27,1	40,3
Ter o próprio negócio	37,8	41,3	9,9	17,1
Comprar um automóvel	30,9	34,1	16,7	31,5
Fazer carreira no serviço público	21,8	26,2	3,8	9,9
Casar ou constituir uma nova família	22,4	21,0	4,7	8,9
Fazer carreira numa empresa	19,7	21,7	3,7	9,1
Ter um diploma de ensino superior	20,7	29,2	3,3	5,3
Ter plano de saúde	22,5	25,1	9,1	16,8
Comprar um computador/tablet/smartphone	15,9	16,2	4,4	7,9
Nenhum	7,7	6,3	34,8	18,9
Outro	10,9	8,3	9,1	24,2
Não respondeu	0,8	1,0	0,9	0,0

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual da população de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos que tem como sonho o item especificado. Cada indivíduo pode ter mais de um item selecionado.

Sonhos da população de 65 a 74 segundo cor/raça

Com a ***Tabela 1.5***, percebem-se diferenças na comparação entre pretos ou pardos e brancos para a população de 65 a 74 anos de idade quanto aos sonhos. Quando se trata do sonho de "comprar a casa própria" nessa faixa etária, os pretos ou pardos mostram um percentual de 9 p.p. superior ao dos brancos (26,2% frente a 17,2%).

O sonho de "ter o próprio negócio" também tem um contraste entre etnias na mesma faixa etária. Enquanto 9,9% dos brancos expressam esse desejo, o percentual entre pretos ou pardos é de 17,1%. O sonho de "ter um diploma de ensino superior" também tem superioridade percentual entre os pretos ou pardos (5,3%) frente aos brancos (3,3%).

Com exceção do sonho de "viajar para o exterior" (14,8% para pretos ou pardos e 24,1% para brancos), os percentuais para pretos ou pardos são sistematicamente superiores aos dos brancos na faixa etária de 65 a 74 anos. Isso mostra que a primeira categoria étnica menos frequentemente já realizou os respectivos sonhos ou não os tem (ou mesmo menos frequentemente os abandonou).

Variadas possíveis razões para essas diferenças aqui citadas estão apresentadas no texto principal.

Tabela auxiliar A1.1 Percentual[1] da população de 18 a 64 anos que conhece pessoalmente alguém que iniciou um novo negócio nos últimos dois anos – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025

Níveis de renda[2]	Economias	Regiões[3]	População de 18 a 64 anos (%)	Masculina	Feminina
Nível A	Alemanha	E&NA	45,5	49,0	41,8
	Arábia Saudita	OM&A	93,2	94,8	90,6
	Bahrein	OM&A	68,0	67,9	68,1
	Canadá	E&NA	60,0	65,7	54,2
	Catar	OM&A	39,9	40,6	37,9
	Chipre	E&NA	64,6	68,1	61,2
	Coreia do Sul	A	38,7	39,6	37,8
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	71,7	71,2	72,8
	Eslovênia	E&NA	56,2	61,1	50,9
	Espanha	E&NA	58,9	60,4	57,4
	Estados Unidos	E&NA	50,6	51,1	50,5
	Finlândia	E&NA	53,8	54,1	53,6
	França	E&NA	56,5	59,2	53,9
	Israel	OM&A	66,9	66,4	67,3
	Itália	E&NA	49,7	54,1	45,1
	Lituânia	E&NA	70,6	71,0	70,3
	Luxemburgo	E&NA	47,4	48,9	45,7
	Noruega	E&NA	50,8	56,2	45,0
	Países Baixos	E&NA	55,2	58,5	51,9
	Polônia	E&NA	49,5	48,7	50,4
	Porto Rico	ALC	63,2	66,6	60,1
	Reino Unido	E&NA	62,1	65,8	58,6
	Suécia	E&NA	51,9	56,6	46,9
	Suíça	E&NA	54,9	58,9	50,9
	Taiwan	A	41,4	43,1	39,7
Nível B	África do Sul	OM&A	48,9	52,8	45,3
	Angola	OM&A	81,4	82,6	80,4
	Argentina	ALC	55,5	60,7	49,9
	Brasil	**ALC**	**70,4**	**73,3**	**67,6**
	Chile	ALC	68,5	69,3	67,7
	Costa Rica	ALC	69,5	73,8	65,3
	Croácia	E&NA	73,3	75,3	71,4
	Egito	OM&A	23,0	30,7	14,7
	El Salvador	ALC	69,6	70,2	69,1
	Equador	ALC	75,5	76,9	74,2
	Eslováquia	E&NA	67,7	70,6	64,7
	Estônia	E&NA	42,4	42,9	42,0
	Guatemala	ALC	73,4	78,9	67,9
	Hungria	E&NA	46,3	50,3	42,3
	Índia	A	46,8	46,9	46,8
	Jordânia	OM&A	53,6	59,4	46,9
	Letônia	E&NA	42,8	44,0	41,6
	México	ALC	62,6	65,5	59,8
	Omã	OM&A	59,7	64,4	54,9
	Peru	ALC	81,0	82,8	79,2
	Romênia	E&NA	43,8	46,2	41,4
	Tailândia	A	27,4	28,7	26,2
	Venezuela	ALC	54,2	55,9	52,4

Fonte: GEM 2025

[1] Percentual da população de 18 a 64 anos que respondeu 1 ou mais para a pergunta: quantos indivíduos você conhece pessoalmente que começaram um novo negócio ou que se tornaram autônomos ou que iniciaram trabalhos por conta própria nos últimos dois anos?

[2] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.

[3] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

Tabela auxiliar A1.2 Percentual[1] da população de 18 a 64 anos que percebe boas oportunidades para iniciar um negócio nos próximos seis meses – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025

Níveis de renda[2]	Economias	Regiões[3]	População de 18 a 64 anos (%)	Masculina	Feminina
Nível A	Alemanha	E&NA	52,9	58,7	46,5
	Arábia Saudita	OM&A	96,5	96,5	96,5
	Bahrein	OM&A	69,1	65,8	72,5
	Canadá	E&NA	60,1	65,5	54,5
	Catar	OM&A	74,6	75,4	72,1
	Chipre	E&NA	42,1	42,8	41,5
	Coreia do Sul	A	38,3	39,6	36,9
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	86,1	87,1	83,8
	Eslovênia	E&NA	51,4	52,7	49,9
	Espanha	E&NA	41,9	46,9	36,8
	Estados Unidos	E&NA	51,8	57,5	46,9
	Finlândia	E&NA	46,1	49,5	42,1
	França	E&NA	43,3	45,6	40,9
	Israel	OM&A	47,3	50,4	43,9
	Itália	E&NA	33,2	37,1	29,1
	Lituânia	E&NA	51,2	53,8	48,4
	Luxemburgo	E&NA	51,8	54,6	48,6
	Noruega	E&NA	59,2	61,1	56,9
	Países Baixos	E&NA	60,1	62,7	57,2
	Polônia	E&NA	70,7	69,3	72,1
	Porto Rico	ALC	51,0	52,9	49,3
	Reino Unido	E&NA	55,8	59,0	52,5
	Suécia	E&NA	64,3	67,3	60,5
	Suíça	E&NA	43,4	50,1	36,0
	Taiwan	A	40,1	37,9	42,5
Nível B	África do Sul	OM&A	64,4	65,0	63,9
	Angola	OM&A	74,2	76,2	72,4
	Argentina	ALC	48,0	52,8	41,4
	Brasil	**ALC**	**64,7**	**66,9**	**62,4**
	Chile	ALC	61,2	61,1	61,3
	Costa Rica	ALC	55,2	59,6	50,9
	Croácia	E&NA	71,7	75,0	68,2
	Egito	OM&A	57,4	59,5	55,0
	El Salvador	ALC	61,5	63,0	60,3
	Equador	ALC	74,9	76,8	73,1
	Eslováquia	E&NA	36,7	38,9	34,4
	Estônia	E&NA	39,4	39,3	39,4
	Guatemala	ALC	71,5	75,0	68,1
	Hungria	E&NA	24,0	23,1	25,0
	Índia	A	78,3	78,6	77,9
	Jordânia	OM&A	58,2	56,7	60,0
	Letônia	E&NA	35,8	37,1	34,5
	México	ALC	61,5	62,8	60,4
	Omã	OM&A	71,9	67,2	76,4
	Peru	ALC	84,2	84,8	83,6
	Romênia	E&NA	66,2	67,4	65,0
	Tailândia	A	77,5	78,3	76,6
	Venezuela	ALC	59,1	57,8	60,3

Fonte: GEM 2025

[1] Percentual da população de 18 a 64 anos que concorda totalmente ou parcialmente que nos próximos seis meses haverá boas oportunidades para iniciar um negócio na área onde mora.

[2] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.

[3] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

Tabela auxiliar A1.3 Percentual[1] da população de 18 a 64 anos que afirma ter as habilidades, as experiências e os conhecimentos necessários para iniciar um novo negócio (autopercepção) – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025

Níveis de renda[2]	Economias	Regiões[3]	População de 18 a 64 anos (%)	Masculina	Feminina
Nível A	Alemanha	E&NA	46,6	56,6	36,7
	Arábia Saudita	OM&A	89,6	89,6	89,4
	Bahrein	OM&A	67,0	69,3	64,5
	Canadá	E&NA	61,2	68,8	52,8
	Catar	OM&A	72,5	76,6	59,9
	Chipre	E&NA	61,5	69,9	53,1
	Coreia do Sul	A	56,5	57,9	54,8
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	82,0	84,1	77,3
	Eslovênia	E&NA	67,0	74,1	59,2
	Espanha	E&NA	53,7	58,7	48,8
	Estados Unidos	E&NA	55,6	63,4	48,3
	Finlândia	E&NA	36,8	42,6	31,2
	França	E&NA	49,3	57,3	41,5
	Israel	OM&A	36,6	45,5	28,2
	Itália	E&NA	54,7	62,0	47,2
	Lituânia	E&NA	54,5	59,9	49,0
	Luxemburgo	E&NA	46,5	54,2	38,5
	Noruega	E&NA	52,4	63,3	41,2
	Países Baixos	E&NA	45,1	51,8	38,4
	Polônia	E&NA	52,7	52,9	52,4
	Porto Rico	ALC	67,5	70,6	64,6
	Reino Unido	E&NA	61,8	69,5	54,2
	Suécia	E&NA	46,7	55,5	37,5
	Suíça	E&NA	42,6	49,8	34,9
	Taiwan	A	36,0	42,0	29,9
Nível B	África do Sul	OM&A	65,6	67,1	64,2
	Angola	OM&A	87,4	90,3	84,7
	Argentina	ALC	49,1	36,5	62,5
	Brasil	**ALC**	**68,7**	**77,1**	**60,6**
	Chile	ALC	71,2	75,2	67,3
	Costa Rica	ALC	65,9	71,5	60,4
	Croácia	E&NA	70,6	73,4	67,5
	Egito	OM&A	60,1	67,1	51,8
	El Salvador	ALC	73,0	75,4	71,0
	Equador	ALC	82,3	83,5	81,1
	Eslováquia	E&NA	58,8	65,1	52,1
	Estônia	E&NA	46,4	51,0	41,9
	Guatemala	ALC	74,0	79,0	69,1
	Hungria	E&NA	36,8	43,0	30,2
	Índia	A	83,0	82,7	83,3
	Jordânia	OM&A	69,7	73,4	65,3
	Letônia	E&NA	52,4	58,0	46,9
	México	ALC	70,2	76,2	64,4
	Omã	OM&A	59,1	61,3	56,9
	Peru	ALC	78,2	80,2	76,3
	Romênia	E&NA	44,7	47,8	41,6
	Tailândia	A	77,8	81,9	73,7
	Venezuela	ALC	78,6	80,0	77,2

Fonte: GEM 2025

[1] Percentual da população de 18 a 64 anos que concorda totalmente ou parcialmente que possui as habilidades, as experiências e os conhecimentos necessários para iniciar um novo negócio.

[2] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.

[3] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

Tabela auxiliar A1.4 Percentual[1] da população de 18 a 64 anos que afirma que o medo de fracassar não impediria que começasse um novo negócio – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025

Níveis de renda[2]	Economias	Regiões[3]	População de 18 a 64 anos (%)	Masculina	Feminina
Nível A	Alemanha	E&NA	51,4	56,5	46,1
	Arábia Saudita	OM&A	40,7	40,6	40,9
	Bahrein	OM&A	57,4	57,1	57,7
	Canadá	E&NA	47,0	49,7	44,6
	Catar	OM&A	59,3	59,5	58,6
	Chipre	E&NA	42,4	46,3	38,5
	Coreia do Sul	A	76,5	77,5	75,5
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	45,9	46,7	44,1
	Eslovênia	E&NA	56,6	63,4	49,2
	Espanha	E&NA	47,0	49,0	45,0
	Estados Unidos	E&NA	49,9	54,4	45,8
	Finlândia	E&NA	48,8	55,1	42,3
	França	E&NA	47,3	51,5	43,1
	Israel	OM&A	46,2	49,8	42,8
	Itália	E&NA	47,9	51,8	43,9
	Lituânia	E&NA	53,3	54,4	52,2
	Luxemburgo	E&NA	49,7	54,1	45,2
	Noruega	E&NA	58,2	58,7	57,7
	Países Baixos	E&NA	58,8	63,7	54,0
	Polônia	E&NA	48,9	48,5	49,2
	Porto Rico	ALC	56,8	56,5	57,1
	Reino Unido	E&NA	44,4	48,7	40,3
	Suécia	E&NA	53,9	57,2	50,4
	Suíça	E&NA	53,5	58,8	48,1
	Taiwan	A	60,0	60,6	59,4
Nível B	África do Sul	OM&A	53,9	55,6	52,4
	Angola	OM&A	52,6	53,9	51,4
	Argentina	ALC	61,1	54,6	68,1
	Brasil	**ALC**	**51,3**	**54,8**	**47,8**
	Chile	ALC	49,6	52,8	46,6
	Costa Rica	ALC	54,6	57,4	51,9
	Croácia	E&NA	48,3	52,4	44,3
	Egito	OM&A	53,3	55,9	50,4
	El Salvador	ALC	54,4	58,2	51,3
	Equador	ALC	49,4	49,6	49,2
	Eslováquia	E&NA	44,4	48,9	39,8
	Estônia	E&NA	48,1	51,3	44,9
	Guatemala	ALC	60,9	61,9	60,0
	Hungria	E&NA	56,7	59,2	54,1
	Índia	A	47,2	46,4	48,1
	Jordânia	OM&A	41,9	43,7	39,7
	Letônia	E&NA	56,3	62,8	49,8
	México	ALC	60,2	61,5	59,1
	Omã	OM&A	62,8	63,8	61,9
	Peru	ALC	57,5	59,9	55,2
	Romênia	E&NA	44,8	45,8	43,8
	Tailândia	A	50,8	55,3	46,5
	Venezuela	ALC	66,3	68,9	63,7

Fonte: GEM 2025
[1] Percentual da população de 18 a 64 anos que concorda totalmente ou parcialmente que o medo de fracassar não impediria que começasse um novo negócio.
[2] Níveis de renda - PIB *per capita:* Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.
[3] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

Tabela auxiliar A1.5 Percentual[1] da população de 18 a 64 anos que considera ser fácil começar um negócio – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025

Níveis de renda[2]	Economias	Regiões[3]	População de 18 a 64 anos (%)
Nível A	Alemanha	E&NA	36,6
	Arábia Saudita	OM&A	93,5
	Bahrein	OM&A	65,4
	Canadá	E&NA	54,6
	Catar	OM&A	70,3
	Chipre	E&NA	50,6
	Coreia do Sul	A	38,9
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	87,2
	Eslovênia	E&NA	66,5
	Espanha	E&NA	37,0
	Estados Unidos	E&NA	54,3
	Finlândia	E&NA	60,3
	França	E&NA	46,6
	Israel	OM&A	18,3
	Itália	E&NA	19,8
	Lituânia	E&NA	34,8
	Luxemburgo	E&NA	59,2
	Noruega	E&NA	66,7
	Países Baixos	E&NA	75,5
	Polônia	E&NA	76,7
	Porto Rico	ALC	28,3
	Reino Unido	E&NA	57,4
	Suécia	E&NA	76,1
	Suíça	E&NA	65,9
	Taiwan	A	37,4
Nível B	África do Sul	OM&A	61,3
	Angola	OM&A	73,6
	Argentina	ALC	65,6
	Brasil	**ALC**	**45,3**
	Chile	ALC	52,6
	Costa Rica	ALC	38,3
	Croácia	E&NA	44,2
	Egito	OM&A	69,6
	El Salvador	ALC	54,4
	Equador	ALC	56,4
	Eslováquia	E&NA	29,0
	Estônia	E&NA	70,8
	Guatemala	ALC	39,4
	Hungria	E&NA	40,4
	Índia	A	83,4
	Jordânia	OM&A	43,8
	Letônia	E&NA	29,6
	México	ALC	48,7
	Omã	OM&A	50,1
	Peru	ALC	58,8
	Romênia	E&NA	41,9
	Tailândia	A	70,7
	Venezuela	ALC	46,1

Fonte: GEM 2025
[1] Percentual da população de 18 a 64 anos que concorda totalmente ou parcialmente que em seu país é fácil começar um negócio.
[2] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.
[3] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

Tabela auxiliar A1.6 Percentual[1] da população de 18 a 64 anos que afirma a intenção de iniciar um novo negócio nos próximos três anos – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025

Níveis de renda[2]	Economias	Regiões[3]	População de 18 a 64 anos (%)
Nível A	Alemanha	E&NA	22,0
	Arábia Saudita	OM&A	48,8
	Bahrein	OM&A	53,3
	Canadá	E&NA	31,9
	Catar	OM&A	27,6
	Chipre	E&NA	21,6
	Coreia do Sul	A	30,7
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	62,3
	Eslovênia	E&NA	16,6
	Espanha	E&NA	13,8
	Estados Unidos	E&NA	20,3
	Finlândia	E&NA	8,4
	França	E&NA	19,8
	Israel	OM&A	16,8
	Itália	E&NA	22,1
	Lituânia	E&NA	34,8
	Luxemburgo	E&NA	19,8
	Noruega	E&NA	11,7
	Países Baixos	E&NA	18,6
	Polônia	E&NA	3,0
	Porto Rico	ALC	30,8
	Reino Unido	E&NA	31,8
	Suécia	E&NA	13,4
	Suíça	E&NA	15,5
	Taiwan	A	24,0
Nível B	África do Sul	OM&A	26,6
	Angola	OM&A	88,7
	Argentina	ALC	18,0
	Brasil	**ALC**	**47,2**
	Chile	ALC	46,2
	Costa Rica	ALC	27,8
	Croácia	E&NA	27,1
	Egito	OM&A	30,4
	El Salvador	ALC	33,9
	Equador	ALC	42,5
	Eslováquia	E&NA	17,8
	Estônia	E&NA	17,7
	Guatemala	ALC	41,0
	Hungria	E&NA	8,2
	Índia	A	28,5
	Jordânia	OM&A	45,3
	Letônia	E&NA	23,5
	México	ALC	27,6
	Omã	OM&A	53,6
	Peru	ALC	22,6
	Romênia	E&NA	7,8
	Tailândia	A	37,1
	Venezuela	ALC	25,9

Fonte: GEM 2025
[1] Percentual da população de 18 a 64 anos que afirma a intenção de iniciar um novo negócio nos próximos três anos.
[2] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.
[3] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

CAPÍTULO 2.

Intensidade da atividade empreendedora no Brasil e no mundo: Taxas gerais e específicas

2. INTENSIDADE DA ATIVIDADE EMPREENDEDORA NO BRASIL E NO MUNDO: TAXAS GERAIS E ESPECÍFICAS

Neste capítulo são apresentadas as principais taxas de empreendedorismo estimadas a partir dos dados da pesquisa com a população adulta (*Adult Population Survey* – APS) do GEM 2025. Esses indicadores permitem avaliar a intensidade e a dinâmica da atividade empreendedora no Brasil, bem como estabelecer comparações com as demais economias participantes da pesquisa, situando o país no contexto internacional.

A **Seção 2.1** examina as taxas gerais de empreendedorismo segundo os diferentes estágios do processo empreendedor, oferecendo uma visão inicial da dimensão e da composição da atividade empreendedora no país. Na **Seção 2.2**, essas mesmas taxas são analisadas em perspectiva histórica, considerando a série acumulada de mais de duas décadas de participação do Brasil no GEM, o que permite identificar tendências e mudanças estruturais ao longo do tempo. A **Seção 2.3** amplia a análise por meio da comparação direta entre o Brasil e as demais economias participantes, contemplando as cinco taxas centrais: taxa de empreendedorismo total (TTE), taxa de empreendedorismo inicial (TEA), taxa de empreendedorismo estabelecido (EBO), taxa de empreendedorismo nascente e taxa de empreendedorismo novo.

Na **Seção 2.4**, a análise aprofunda o exame das taxas específicas de empreendedorismo inicial e estabecido, estratificadas segundo características sociodemográficas da população, como sexo, idade, escolaridade, renda familiar e cor/raça. Essa abordagem permite identificar diferenças relevantes entre grupos populacionais e compreender de forma mais detalhada o perfil do empreendedor brasileiro em comparação com outras economias.

A **Seção 2.5** trata do empreendedorismo potencial, indicador que expressa a proporção da população não empreendedora que manifesta a intenção de iniciar um negócio nos próximos três anos, fornecendo evidências sobre expectativas futuras e possíveis movimentos da atividade empreendedora. A **Seção 2.6** aborda a descontinuidade dos negócios, analisando a proporção de indivíduos que interromperam atividades empreendedoras e as razões associadas a esse processo, elemento fundamental para a compreensão da dinâmica de entrada e saída de empreendedores no mercado. Por fim, a **Seção 2.7** inaugura uma nova temática da pesquisa GEM, qual seja, a questão da imigração e o empreendedorismo no Brasil e no mundo.

2.1 Taxas gerais de empreendedorismo no Brasil

Esta seção apresenta as taxas gerais de empreendedorismo calculadas a partir da pesquisa com a população adulta (APS), com foco na intensidade da atividade empreendedora segundo os estágios do negócio. Para garantir rigor conceitual e facilitar a leitura, as definições operacionais das taxas utilizadas ao longo do capítulo (TTE, TEA, EBO, empreendedorismo nascente e novo) estão consolidadas no destaque a seguir.

Taxas gerais

As taxas de empreendedorismo calculadas pelo GEM são obtidas a partir de dados coletados em uma amostra probabilística da população adulta, em 2025 foram considerados indivíduos de 18 a 74 anos*. São indicadores expressos em porcentagens e representam a proporção de determinados tipos de empreendedores (por exemplo, nascentes, novos ou estabelecidos) em relação à população considerada. Os valores calculados indicam a intensidade do empreendedorismo nas economias participantes da pesquisa. Portanto, o conjunto dessas taxas, combinado com outros dados e indicadores, oferece uma visão abrangente sobre a respectiva dinâmica de criação e manutenção de negócios nessas diferentes economias.

A ***taxa de empreendedorismo total (TTE)*** expressa a proporção da população envolvida em negócios, nas fases de criação ou manutenção. Essa taxa é composta por três outras: a) ***taxa de empreendedores nascentes*** – proporção da população envolvida, nos últimos 12 meses, com empreendimentos em fase de criação ou já em operação e remunerando seus sócios ou empregados por, no máximo, três meses; b) ***taxa de empreendedores novos*** – proporção da população que é, ao mesmo tempo, proprietária e administradora de algum negócio com, no mínimo, três meses e, no máximo, três anos e meio de operação; c) ***taxa de empreendedores estabelecidos (EBO, do inglês Established Business Ownership)*** – proporção da população envolvida em negócios com mais de três anos e meio de existência.

A combinação da ***taxa de empreendedores nascentes e novos resulta na taxa de empreendedores iniciais (TEA, do inglês Total Early-stage Entrepreneurial Activity)***, muito importante para análises agregadas das primeiras fases do empreendedorismo.

** Informações detalhadas sobre a amostra da pesquisa consultar o **Apêndice 1 - Metodologia**.*

Conforme a **Tabela 2.1**, a taxa de empreendedorismo total (TTE) no Brasil, em 2025, é de 31,6%, o que equivale a aproximadamente 43,8 milhões de pessoas de 18 a 64 anos envolvidas em algum estágio de atividade empreendedora. Esse indicador expressa a magnitude do fenômeno empreendedor no país ao agregar tanto empreendedores em fase inicial quanto aqueles com negócios já estabelecidos.

A decomposição da TTE mostra que a taxa de empreendedorismo inicial (TEA) atinge 19,4%, equivalente a cerca de 26,9 milhões de pessoas. Esse grupo é formado por 8,9% de empreendedores nascentes (aproximadamente 12,3 milhões) e 10,8% de empreendedores novos (cerca de 14,9 milhões), indicando participação expressiva das fases iniciais na composição do empreendedorismo nacional.

Já a taxa de empreendedorismo estabelecido (EBO) é de 12,4%, o que representa aproximadamente 17,2 milhões de indivíduos à frente de negócios com mais de três anos e meio de existência. Em conjunto, esses resultados evidenciam a coexistência de uma base ampla de novos empreendimentos e de um contingente relevante de negócios já consolidados, caracterizando a diversidade dos estágios do empreendedorismo no país.

A **Tabela 2.1** também traz um indicador adicional importante, conhecido como a Proporção (TEA/TTE), que expressa a participação relativa do empreendedorismo inicial no total da atividade empreendedora. No Brasil, essa proporção é de 61,5%, indicando que uma parcela significativa dos empreendedores se encontra nas fases iniciais do processo empreendedor. Esse indicador contribui para qualificar a interpretação da taxa total de empreendedorismo, uma vez que níveis elevados de TTE podem refletir, em parte, uma base expressiva de negócios ainda em processo de consolidação. No Brasil, essa proporção indica participação expressiva do empreendedorismo inicial no total da atividade empreendedora (6 em cada 10 empreendedores brasileiros são empreendedores iniciais), característica observada em economias nas quais o empreendedorismo desempenha papel relevante na geração de ocupação.

Tabela 2.1 Taxas[1] (% população adulta) e estimativas[2] (número de pessoas) de empreendedorismo segundo o estágio – Brasil – 2025

Estágio	18 a 64 anos		65 a 74 anos	
	Taxas (%)	Estimativas (em milhões)	Taxas (%)	Estimativas (em milhões)
Empreendedorismo total (TTE)	31,6	43,8	28,1	4,0
Empreendedorismo inicial (TEA)	19,4	26,9	11,0	1,5
Nascentes	8,9	12,3	2,6	0,4
Novos	10,8	14,9	8,4	1,2
Empreendedorismo estabelecido (EBO)	12,4	17,2	17,1	2,4
Proporção (TEA/TTE)	61,5		39,1	

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual da população de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos. A soma das taxas parciais pode ser diferente da taxa total, uma vez que empreendedores com mais de um empreendimento serão contabilizados mais de uma vez.
[2] Estimativas calculadas a partir de dados da população brasileira de 18 a 64 anos para o Brasil em 2025: 138,4 milhões, 65 a 74 anos para o Brasil em 2025: 14,1 milhões. Fonte: IBGE/Diretoria de Pesquisas. Projeção da população do Brasil e Unidades da Federação por sexo e idade para o período 2000-2070 (ano 2025).

Taxas gerais para a população de 65 a 74 anos

A **Tabela 2.1** apresenta, adicionalmente, as taxas gerais de empreendedorismo para a faixa etária de **65 a 74 anos**, permitindo ampliar a análise da atividade empreendedora ao considerar a participação da população em idades mais avançadas. A inclusão desse estrato etário possibilita observar diferenças relevantes na distribuição dos empreendedores entre os diferentes estágios do processo empreendedor.

Entre os indivíduos de 65 a 74 anos, a taxa de empreendedorismo total (TTE) é de 28,1%, indicando participação expressiva dessa população na atividade empreendedora. No entanto, a taxa de empreendedorismo inicial (TEA) atinge 11%, valor inferior ao observado na população de 18 a 64 anos, diferença explicada principalmente pela menor presença de empreendedores no estágio nascente, cuja taxa é de 2,6%. Esse resultado sugere menor intensidade na criação de novos negócios nesse grupo etário, o que é compatível com a própria dinâmica do ciclo de vida dos indivíduos e dos empreendimentos.

Em sentido oposto, a taxa de empreendedorismo estabelecido (EBO) alcança 17,1%, valor superior ao observado entre os indivíduos de 18 a 64 anos. Esse resultado indica maior concentração relativa de empreendedores mais velhos em negócios já consolidados, refletindo a continuidade de atividades iniciadas em períodos anteriores e a permanência desses indivíduos na condução de seus empreendimentos ao longo do tempo.

A introdução dessa nova faixa etária de 65 a 74 anos contribui para ampliar a compreensão da dinâmica do empreendedorismo no Brasil, ao evidenciar que a participação dos indivíduos mais idosos ocorre de forma distinta daquela observada nas faixas etárias mais jovens, com menor incidência de novos negócios e maior presença relativa em empreendimentos estabelecidos, considerando que menos da metade dos empreendedores brasileiros nessa faixa etária são empreendedores iniciais.

2.2 Tendências e evolução histórica do empreendedorismo no Brasil

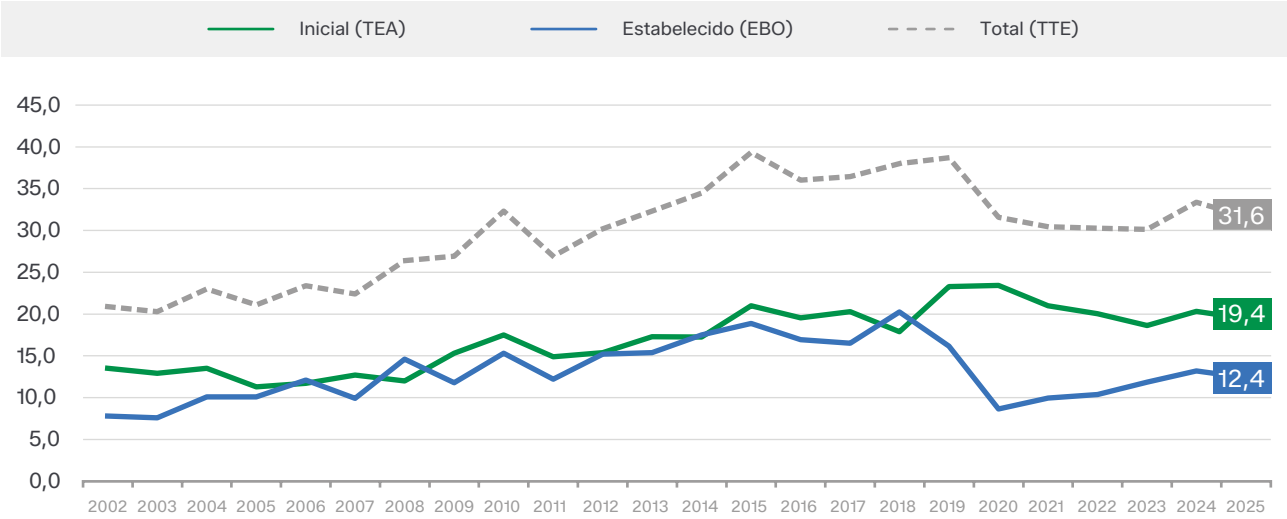
A análise da evolução das taxas de empreendedorismo ao longo do tempo permite compreender a dinâmica da atividade empreendedora no Brasil para além dos resultados observados em um único ano. Os **Gráficos 2.1** e **2.2** apresentam a trajetória das principais taxas do GEM desde o início da série histórica, possibilitando identificar movimentos de expansão, retração e estabilidade nos diferentes estágios do processo empreendedor e evidenciando mudanças na composição da atividade empreendedora ao longo dos anos.

O **Gráfico 2.1** apresenta a evolução histórica das taxas de empreendedorismo total (TTE), de empreendedorismo inicial (TEA) e de empreendedorismo estabelecido (EBO) no Brasil ao longo da série do GEM. A análise conjunta dessas três taxas permite observar como se distribuem, ao longo do tempo, os movimentos de entrada, consolidação e permanência dos empreendedores na atividade econômica. De modo geral, a taxa de empreendedorismo total (TTE) mantém-se em patamar elevado ao longo da série, refletindo a persistente relevância do empreendedorismo

no contexto brasileiro, enquanto as variações observadas decorrem, principalmente, das oscilações no empreendedorismo inicial e, em menor medida, das mudanças graduais no empreendedorismo estabelecido.

A evolução da taxa de empreendedorismo inicial (TEA) revela comportamento mais sensível às mudanças conjunturais, uma vez que esse indicador reflete diretamente a entrada de novos empreendedores na atividade econômica. Ao longo da série, a TEA apresenta movimentos de crescimento e retração, indicando períodos de maior dinamismo na criação de novos negócios alternados com momentos de desaceleração. Esse comportamento reforça o caráter mais volátil do empreendedorismo em estágio inicial quando comparado às demais fases do processo empreendedor. No entanto, entre 2016 e 2025, a TEA teve uma média de 20,6%, revelando uma tendência de estabilização nos anos recentes.

Gráfico 2.1 Evolução das taxas[1] (%) de empreendedorismo total (TTE), inicial (TEA) e estabelecido (EBO) – Brasil – 2002:2025



Fonte: GEM Brasil 2002 a 2025
[1] Percentual da população de 18 a 64 anos.

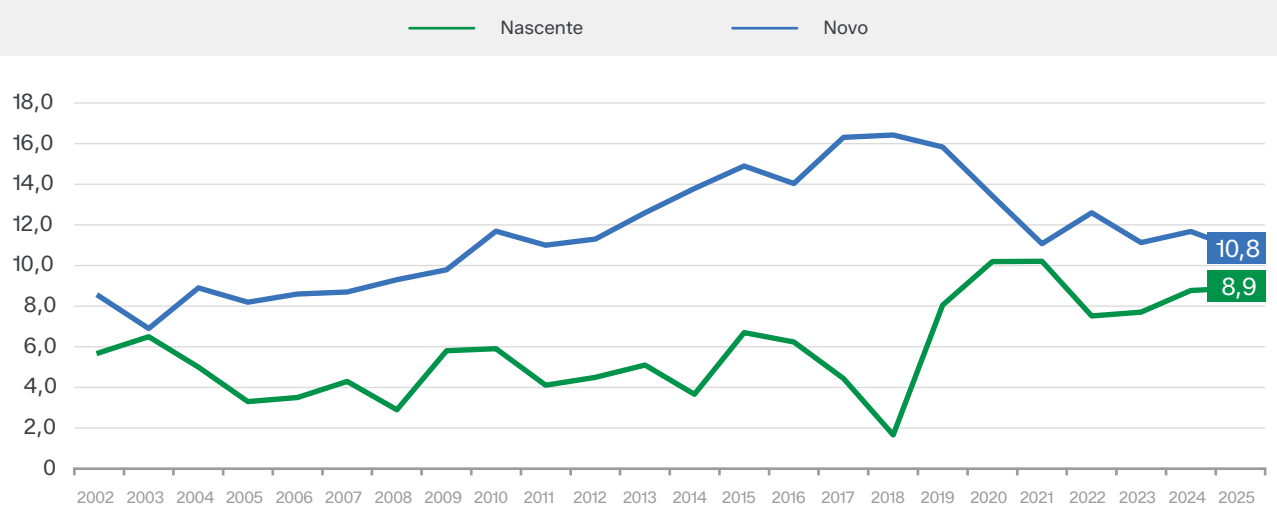
Por sua vez, a taxa de empreendedorismo estabelecido (EBO) sofreu retração no período associado à pandemia, quando parte dos empreendimentos mais consolidados foi afetada pelas restrições às atividades econômicas. Nos anos subsequentes, embora tenha ocorrido certa recuperação, a EBO não voltou aos patamares próximos de 15% observados antes desse período, mantendo-se em níveis inferiores e registrando, inclusive, leve retração entre 2024 e 2025. A evolução desse indicador sugere que mudanças na EBO tendem a ocorrer de forma mais gradual, o que evidencia a importância da sobrevivência e consolidação dos negócios para a manutenção do estoque de empreendedores na economia.

Dessa forma, a TTE, que resulta da soma de TEA e EBO, ainda não se aproximou dos valores máximos obtidos nos dois anos anteriores à pandemia de Covid-19, influenciada principalmente pelo menor desempenho na EBO.

O **Gráfico 2.2**, ao apresentar separadamente as taxas de empreendedorismo nascente e novo, permite observar com maior detalhe a dinâmica de entrada e consolidação dos empreendimentos. Enquanto o empreendedorismo nascente reflete a intenção e o início efetivo de novos negócios, o empreendedorismo novo representa a continuidade dessas iniciativas após os primeiros anos de funcionamento. A leitura conjunta dessas duas taxas evidencia que oscilações na criação de novos negócios nem sempre se traduzem imediatamente em aumento do número de empreendimentos consolidados, reforçando o caráter dinâmico do processo empreendedor ao longo do tempo.

Todavia, entre 2023 e 2025 a diferença entre as taxas de empreendedorismo nascente e novo se reduziu, o que pode evidenciar uma ampliação na conversão de empreendedorismo nascente em novo devido à melhoria nas condições econômicas do país.

Gráfico 2.2 Evolução das taxas[1] (%) de empreendedorismo nascente e novo – Brasil – 2002:2025



Fonte: GEM Brasil 2002 a 2025
[1] Percentual da população de 18 a 64 anos.

2.3 Taxas de empreendedorismo comparadas: Brasil e demais economias

Nesta seção, analisam-se as taxas de empreendedorismo do Brasil em comparação com as das demais economias participantes do GEM 2025, considerando os diferentes estágios dos empreendimentos e a posição relativa do país no contexto internacional. O **Quadro 2.1** apresenta um panorama geral das taxas de empreendedorismo por estágio entre as economias participantes, bem como a posição relativa do Brasil em cada indicador. A taxa de empreendedorismo total (TTE) do Brasil, de 31,6%, posiciona o país na décima colocação entre as 48 economias analisadas, valor significativamente superior à média internacional de 21,2%. Esse resultado evidencia a elevada intensidade da atividade empreendedora no país e reforça o papel do empreendedorismo como importante mecanismo de geração de ocupação e renda na economia brasileira.

Quadro 2.1 Comparativo entre indicadores das taxas[1] de empreendedorismo por estágio – economias participantes – 2025

Estatísticas descritivas	Taxas de empreendedorismo				
	Total	Inicial	Nascente	Novo	Estabelecido
Média (%)	21,2	14,5	9,4	6,3	7,1
Mínima (%)	3,6 (Catar)	2,4 (Catar)	1,2 (Polônia)	0,9 (Catar)	1,3 (Catar)
Máxima (%)	62,2 (Angola)	52,9 (Angola)	32,4 (Angola)	25,9 (Arábia Saudita)	18,2 (El Salvador)
Brasil (%)	**31,6**	**19,4**	**8,9**	**10,8**	**12,4**
Posição Brasil	**10ª**	**11ª**	**23ª**	**9ª**	**6ª**

Fonte: GEM 2025
[1] Percentual da população de 18 a 64 anos.

Ao se observar os diferentes estágios do processo empreendedor, o Brasil apresenta desempenho relativamente elevado na taxa de empreendedores novos (10,8%), ocupando a nona posição, o que indica capacidade relevante de continuidade dos negócios após a fase inicial. Em contraste, a taxa de empreendedorismo nascente (8,9%) posiciona o país em 23º lugar, sugerindo menor dinamismo relativo na criação de novos empreendimentos quando comparado a outras economias participantes. Já a taxa de empreendedorismo estabelecido (12,4%) coloca o Brasil na sexta posição global, evidenciando a existência de uma base comparativamente ampla de negócios consolidados.

Além das informações apresentadas no **Quadro 2.1**, a **Tabela auxiliar A2.1**, ao final deste capítulo, reúne as taxas gerais de empreendedorismo para o conjunto das 48 economias participantes da pesquisa, permitindo situar o desempenho brasileiro em perspectiva comparativa internacional.

Quando observadas especificamente as economias classificadas no nível de renda B, grupo ao qual o Brasil pertence, o país permanece entre os mais bem posicionados em termos de intensidade empreendedora, destacando-se especialmente pela dimensão de sua base de empreendedores estabelecidos. Em conjunto, os resultados indicam que o Brasil se sobressai não apenas pelo volume absoluto de empreendedores, mas também por sua posição relativa entre economias de características semelhantes, combinando níveis elevados de empreendedorismo total com uma presença significativa de negócios já consolidados.

Também em relação às economias do nível de renda A, composto na maioria por países da Europa e América do Norte (17 em 25 países), o Brasil apresenta resultados que o posicionam acima da média desse grupo em todas as taxas, exceto na proporção TEA/TTE.

2.4 Taxas específicas do empreendedorismo inicial e do empreendedorismo estabelecido segundo variáveis sociodemográficas: Brasil e demais economias

Até este ponto foram apresentados os resultados das taxas gerais de empreendedorismo segundo os diferentes estágios da atividade empreendedora. A partir desta seção, a análise passa a considerar essas taxas de forma desagregada por características sociodemográficas da população. As chamadas de taxas específicas permitem identificar com maior precisão os grupos nos quais a atividade empreendedora se manifesta com maior ou menor intensidade.

Taxas específicas

As taxas gerais de empreendedorismo, discutidas anteriormente, indicam a intensidade com que a atividade empreendedora se manifesta na população adulta brasileira e nas outras economias participantes do estudo.

Na análise relativa às taxas específicas, a população é considerada segundo as variáveis **sexo, idade, escolaridade, renda familiar e raça/cor**. Ou seja, essas taxas de empreendedorismo são calculadas levando-se em consideração a população de cada estrato utilizado na composição das variáveis.

Por exemplo, a variável **escolaridade** é composta, nessa análise, por quatro estratos: **fundamental incompleto, fundamental completo, médio completo e superior completo ou maior**.

A análise das taxas específicas concentra-se nos estágios inicial e estabelecido do empreendedorismo, uma vez que esses estágios permitem observar, respectivamente, os movimentos de entrada e de permanência na atividade empreendedora. Os resultados detalhados das taxas específicas para todas as economias participantes da pesquisa encontram-se apresentados nas **Tabelas auxiliares A2.2, A2.3, A2.4** e **A2.5**, ao final deste capítulo.

A **Tabela 2.2** apresenta as taxas específicas de empreendedorismo inicial (TEA) e estabelecido (EBO) para a população brasileira de 18 a 64 anos, desagregadas segundo sexo, faixa etária, escolaridade, renda familiar e raça/cor. A análise desses resultados permite identificar os segmentos da população nos quais a atividade empreendedora se manifesta com maior ou menor intensidade, evidenciando diferenças relevantes na distribuição do empreendedorismo entre os grupos sociodemográficos.

Entre a população de 18 a 64 anos, as maiores taxas de empreendedorismo foram observadas entre os homens, tanto no estágio inicial quanto no estabelecido, padrão recorrente nas edições anteriores da pesquisa. Em comparação a 2024, a taxa de mulheres empreendedoras sofre uma redução de 18,4% para 15% no estágio inicial. No empreendedorismo inicial, destacam-se as faixas etárias de 35 a 44 anos e de 25 a 34 anos, enquanto o empreendedorismo estabelecido apresenta maior incidência entre indivíduos de 55 a 64 anos, refletindo o processo de consolidação dos negócios ao longo do tempo. Destaca-se também que a faixa etária entre 18 e 24 anos foi a única que ampliou sua participação no empreendedorismo estabelecido (de 3% para 4,9%), indicando uma maior presença relativa de empreendedores jovens. Esta faixa etária também teve um pequeno crescimento, em comparação a 2024, no estágio inicial.

No recorte por escolaridade e renda, o empreendedorismo inicial apresentou maiores taxas entre indivíduos com menor nível educacional (fundamental incompleto) e entre famílias com renda intermediária ou mais elevada, ao passo que o empreendedorismo estabelecido mostrou maior frequência entre pessoas com ensino superior completo ou mais, invertendo o resultado de 2024 em que a maior frequência era de indivíduos com fundamental incompleto, e entre famílias de renda mais alta. Em relação à variável raça/cor, o empreendedorismo inicial apresentou maior incidência entre pretos ou pardos, enquanto o empreendedorismo estabelecido foi relativamente mais frequente entre a população branca, resultados muito similares a 2024. Este resultado parece sugerir que a manutenção de negócios por empreendedores pretos ou pardos pode ser mais difícil do que para empreendedores brancos.

Tabela 2.2 Taxas específicas[1] dos empreendedores nascentes, novos e estabelecidos segundo as características sociodemográficas – Brasil – 2025

Características sociodemográficas	Taxas específicas (%)									
	18 a 64 anos								65 a 74 anos	
	2024				2025				2025	
	Iniciais (TEA)			Estabelecidos (EBO)	Iniciais (TEA)			Estabelecidos (EBO)	Iniciais (TEA)	Estabelecidos (EBO)
	Nascente	Novos	Total (TEA)		Nascente	Novos	Total (TEA)			
Taxa Geral	8,8	11,7	20,3	12,4	8,9	10,8	19,4	12,4	11,0	17,1
Faixa etária										
18 a 24 anos	6,1	9,9	16,0	3,0	7,2	9,6	16,6	4,9	-	-
25 a 34 anos	10,6	14,8	25,1	9,8	9,0	12,6	21,4	9,2	-	-
35 a 44 anos	10,7	15,3	25,6	15,2	9,5	12,8	22,1	13,4	-	-
45 a 54 anos	7,3	7,3	14,6	17,9	10,6	8,6	19,0	16,7	-	-
55 a 64 anos	7,8	8,9	16,7	19,5	7,2	9,1	16,1	17,1	-	-
65 a 74 anos					-	-	-	-	11,0	17,1
Sexo										
Masculino	9,1	13,4	22,3	16,8	11,2	13,1	24,1	15,7	13,0	24,8
Feminino	8,5	10,0	18,4	9,8	6,6	8,6	15,0	9,1	8,6	11,1
Escolaridade[2]										
Fundamental incompleto	6,0	9,1	15,1	18,9	9,4	10,4	19,8	11,4	9,4	3,0
Fundamental completo	12,2	12,5	24,8	13,1	8,6	11,3	19,6	11,8	8,1	21,7
Médio completo	8,9	12,0	20,7	11,9	9,5	10,6	19,7	10,4	14,0	15,9
Superior completo ou maior	8,5	11,9	20,2	13,7	7,6	11,1	18,5	15,3	6,6	26,9
Renda familiar										
Até 1 salário mínimo	9,3	7,6	16,9	7,7	7,5	6,7	14,0	5,6	5,8	16,1
Mais de 1 até 2 salários mínimos	10,4	9,5	19,9	8,7	10,7	9,7	20,1	7,5	20,2	3,9
Mais de 2 até 3 salários mínimos	8,9	12,1	20,5	12,7	11,6	14,0	25,3	13,3	0,0	6,9
Mais de 3 até 6 salários mínimos	9,0	18,8	27,5	15,1	8,7	13,7	22,4	15,6	20,4	13,0
Mais de 6 salários mínimos	11,6	12,6	24,2	26,8	9,7	15,3	24,6	22,3	6,4	39,4
Raça/cor										
Branca	7,3	11,8	19,1	15,3	6,9	9,9	16,7	15,2	7,0	20,4
Preta ou Parda	9,4	11,7	20,9	11,5	10,4	11,5	21,6	10,1	13,5	12,9

Fonte: GEM Brasil 2025

[1] Percentual da população referente a cada categoria da população de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos (ex. 6,6% da população feminina no Brasil é de empreendedores nascentes).

[2] Fundamental incompleto = Nenhuma educação formal e Ensino Fundamental incompleto; Fundamental completo = Ensino Fundamental completo e Ensino Médio incompleto; Médio completo = Ensino Médio completo e Superior incompleto; Superior completo ou maior = Superior completo, Especialização incompleta e completa, Mestrado incompleto e completo, Doutorado incompleto e completo.

Taxas específicas para a população de 65 a 74 anos

A incorporação da faixa etária de **65 a 74 anos** nesta edição da pesquisa permite aprofundar a análise das diferenças observadas nas taxas gerais de empreendedorismo entre os grupos etários. Quando comparados os grupos de 18 a 64 anos e o de 65 a 74 anos, verifica-se que as diferenças anteriormente identificadas — menor intensidade do empreendedorismo inicial e maior presença relativa do empreendedorismo estabelecido entre os mais idosos — tornam-se mais evidentes ao se examinar as taxas específicas segundo as características sociodemográficas.

A taxa de empreendedorismo inicial para a faixa de 65 a 74 anos foi de 11%, a mais baixa quando comparada às cinco faixas etárias tradicionalmente analisadas no intervalo de 18 a 64 anos. Esse resultado representa uma diferença de 5,1 pontos percentuais em relação à faixa imediatamente anterior, de 55 a 64 anos, cuja taxa foi de 16,1% (**Tabela 2.2**). O resultado evidencia que, após as faixas etárias intermediárias, a intensidade da atividade empreendedora inicial tende a diminuir progressivamente, refletindo a menor entrada de novos indivíduos em atividades empreendedoras nas idades mais avançadas.

Em contraste, o comportamento do empreendedorismo estabelecido apresenta padrão distinto. A taxa de 17,1% observada para a faixa de 65 a 74 anos é equivalente à registrada entre indivíduos de 55 a 64 anos e superior às taxas observadas nas faixas etárias mais jovens, indicando que a presença de negócios consolidados aumenta nas idades mais seniores, ainda que tenda a se estabilizar nesse estágio do ciclo de vida empreendedor.

Nos demais aspectos sociodemográficos, os principais destaques observados para a faixa etária de 65 a 74 anos são:

- no empreendedorismo inicial, as maiores taxas concentram-se entre homens, entre indivíduos com ensino médio completo, entre famílias com renda entre três e seis salários mínimos e entre a população preta ou parda, ainda que todas permaneçam inferiores às observadas para o grupo de 18 a 64 anos;

- no empreendedorismo estabelecido, não se observa um padrão único de diferenças em relação ao grupo mais jovem, variando conforme a característica analisada, mas com destaque para indivíduos com ensino superior completo ou mais e para famílias com renda superior a seis salários mínimos, cujas taxas são superiores aos resultados de todas as faixas anteriores;

- recorte por raça/cor, para EBO, tanto pretos ou pardos quanto brancos apresentam taxas superiores às observadas no grupo de 18 a 64 anos, sendo a maior taxa dentro da própria faixa etária registrada entre indivíduos brancos.

O **Quadro 2.2** apresenta a comparação internacional das taxas específicas de empreendedorismo segundo sexo e faixa etária, permitindo situar o desempenho brasileiro em relação às demais economias participantes do GEM.

Quadro 2.2 Comparativo entre indicadores das taxas específicas[1] de empreendedorismo inicial segundo o sexo e faixa etária – economias participantes – 2025

Estatísticas descritivas	Taxas Específicas						
	Sexo		Faixa etária (anos)				
	Masculino	Feminino	18 a 24	25 a 34	35 a 44	45 a 54	55 a 64
Média (%)	16,0	12,9	13,9	18,1	16,3	13,4	9,7
Mínima (%)	2,7 (Catar)	1,5 (Catar)	0,6 (Polônia)	2,2 (Catar)	2,6 (Catar)	2,1 (Polônia)	0,2 (Romênia)
Máxima (%)	56,7 (Angola)	49,4 (Angola)	54,8 (Angola)	58,3 (Angola)	54,5 (Angola)	41,4 (Angola)	41,8 (Angola)
Brasil (%)	**24,1**	**15,0**	**16,6**	**21,4**	**22,1**	**19,0**	**16,1**
Posição Brasil	**9ª**	**16ª**	**14ª**	**15ª**	**11ª**	**10ª**	**9ª**

Fonte: GEM 2025
[1] Percentual da população de 18 a 64 anos referente a cada categoria da população.

No recorte por sexo, o Brasil apresenta taxa de empreendedorismo inicial de 24,1% entre os homens e de 15% entre as mulheres, posicionando-se na nona e 16ª colocações, respectivamente. A razão entre as taxas masculina e feminina é de 1,6, indicando uma diferença relativamente elevada quando comparada à observada em diversas economias participantes, em especial as economias do grupo B de nível de renda. Nesse grupo, esta razão equivale ao terceiro maior valor, igual à da Argentina e superada apenas por Egito (2,4) e Croácia (1,7). Esse resultado coloca o país entre aqueles com maior disparidade de gênero dentro de seu grupo de renda, sugerindo um maior

desequilíbrio relativo na participação feminina na atividade empreendedora (**Tabela auxiliar A2.2**).

A análise por faixa etária mostra que o empreendedorismo inicial (TEA) se concentra entre adultos jovens e de meia-idade. Em perspectiva comparativa, o Brasil mantém posições relativamente elevadas em todas as faixas etárias, reforçando o papel do empreendedorismo como alternativa relevante de inserção econômica e geração de renda. Quando agregados em duas faixas etárias mais amplas (18 a 34 anos; 35 a 64 anos), observa-se que os percentuais são muito próximos, 19,5% e 19,4% respectivamente. Estes valores são superiores à média das economias do grupo B de nível de renda. (**Tabela auxiliar A2.3**).

O **Quadro 2.3** amplia a análise ao apresentar a comparação internacional das taxas específicas segundo escolaridade e renda familiar. Os resultados indicam que o empreendedorismo inicial (TEA) no Brasil é maior entre os não graduados e no terço maior de renda. Tanto em escolaridade quanto em renda, o Brasil está entre as melhores posições entre as 48 economias participantes do GEM (**Tabela auxiliar A2.4** e **Tabela auxiliar A2.5**).

Quadro 2.3 Comparativo entre indicadores das taxas específicas[1] de empreendedorismo inicial segundo a escolaridade[2] e a renda familiar – economias participantes – 2025

Estatísticas descritivas	Taxas Específicas				
	Escolaridade		Renda familiar		
	Não Graduado	Graduado	Terço de menor renda	Terço de renda intermediária	Terço de maior renda
Média (%)	12,4	16,9	11,5	13,3	17,1
Mínima (%)	0,2 (Romênia)	2,4 (Egito)	1,1 (Romênia)	1,6 (Romênia)	3,1 (Polônia)
Máxima (%)	51,2 (Angola)	61,3 (Angola)	33,1 (Arábia Saudita)	33,7 (Equador)	34,2 (Canadá)
Brasil (%)	**19,8**	**18,5**	**17,2**	**22,7**	**24,7**
Posição Brasil	**9ª**	**15ª**	**9ª**	**7ª**	**13ª**

Fonte: GEM 2025
[1] Percentual da população de 18 a 64 anos referente a cada categoria da população.
[2] Não graduado: não fez ou não concluiu qualquer formação de nível superior (Nenhuma Educação formal, Ensino Fundamental incompleto, Ensino Fundamental completo, Ensino Médio incompleto, Ensino Médio completo e Superior incompleto); Graduado: concluiu ao menos uma formação de nível superior (Superior completo, Especialização incompleta e completa, Mestrado incompleto e completo, Doutorado incompleto e completo).

No que diz respeito à escolaridade, os empreendedores iniciais não graduados representam 19,8% da população entre 18 e 64 anos e os graduados são 18,5%. Estes valores estão acima da média de todos as economias em ambos os indicadores, colocando o Brasil na nona e 15ª posições, respectivamente, e sexta e décima no grupo das economias de Nível B. (**Tabela auxiliar A2.4**).

Em termos de renda familiar, o percentual da população entre 18 e 64 anos se amplia conforme aumenta o nível de renda. Assim, os empreendedores iniciais são 17,2% do terço de menor renda, 22,7% no terço intermediário e 24,7% no grupo de maior renda. Igualmente, os três indicadores superam as médias das economias que participaram da pesquisa, e revelam que o Brasil está na quinta posição entre as do nível B para as duas primeiras faixas de renda e na oitava posição para o terço de maior renda. (**Tabela auxiliar A2.5**).

2.5 Taxas de empreendedorismo potencial: Brasil e demais economias

O empreendedorismo potencial constitui um indicador relevante para compreender a dinâmica futura da atividade empreendedora, ao captar a proporção da população não empreendedora que manifesta intenção de iniciar um negócio nos próximos três anos.

Empreendedorismo potencial

No questionário da pesquisa GEM, a pergunta de base para avaliar a intenção de empreender no futuro, que determina o empreendedorismo potencial da população, foi: "Nos próximos três anos, você espera iniciar – sozinho ou com outras pessoas – um novo negócio ou algum tipo de atividade como autônomo ou por conta própria?"

Todas as pessoas entrevistadas responderam a esta questão. Contudo, a taxa de empreendedores potenciais é calculada como o percentual da população adulta não empreendedora que respondeu sim à questão apresentada. Em outras palavras, o cálculo da taxa de empreendedores potenciais não inclui os indivíduos já classificados como empreendedores, sejam eles nascentes, novos ou estabelecidos

A **Tabela 2.3** detalha as taxas e as estimativas do número de empreendedores potenciais para os anos de 2024 e 2025. Entre a população de 18 a 64 anos, a taxa de empreendedorismo potencial passou de 49,8% em 2024 para 45% em 2025, correspondendo a uma estimativa de aproximadamente 42,5 milhões de pessoas interessadas em iniciar um negócio. Apesar da redução, o indicador permanece elevado em termos históricos, sinalizando a continuidade do empreendedorismo como alternativa relevante de inserção econômica no país.

Tabela 2.3 Taxas[1] gerais (percentual da população adulta) e estimativas[2] (número de pessoas) de empreendedores potenciais[3] – Brasil – 2024:2025

Estágio	18 a 64 anos				65 a 74 anos	
	Taxas (%)		Estimativas (em milhões)		Taxas (%)	Estimativas (em milhões)
	2024	2025	2024	2025	2025	2025
Empreendedores potenciais	49,8	45,0	46,7	42,5	19,1	1,9

Fonte: GEM Brasil 2024 e 2025
[1] Percentual da população de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos não empreendedora.
[2] Estimativas calculadas a partir de dados da população brasileira de 18 a 64 anos não empreendedora para o Brasil em 2024: 93,8 milhões e 2025: 94,6 milhões, população brasileira de 65 a 74 anos não empreendedora para o Brasil em 2025: 10,1 milhões. Fonte: IBGE/Diretoria de Pesquisas. Projeção da população do Brasil e Unidades da Federação por sexo e idade para o período 2000-2070 (ano 2025).
[3] São considerados empreendedores potenciais aqueles indivíduos que ainda não são empreendedores (não considerados nascentes, novos ou estabelecidos), mas que pretendem abrir um novo negócio nos próximos três anos.

O **Gráfico 2.3** apresenta a evolução recente das taxas de empreendedorismo potencial no Brasil, evidenciando que, embora tenha ocorrido leve redução nos últimos anos, o indicador permanece em patamar elevado quando comparado ao período anterior à pandemia, apesar da tendência de declínio em relação a 2024. Após o aumento observado entre 2020 e 2022, associado ao contexto de maior incerteza econômica e à busca por alternativas de geração de renda, as taxas mantiveram-se próximas de 50%, indicando elevado nível de interesse da população brasileira em empreender no futuro próximo. No entanto, na faixa etária de 65 a 74 anos, como seria esperado, esta taxa é bem menor.

Gráfico 2.3 Evolução da taxa[1] (%) de empreendedores potenciais[2], para a população não empreendedora de 18 a 64 anos – Brasil – 2019:2025

Fonte: GEM Brasil 2019 a 2025
[1] Percentual da população não empreendedora de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos.
[2] São considerados empreendedores potenciais aqueles indivíduos que ainda não são empreendedores (não considerados nascentes, novos ou estabelecidos), mas que pretendem abrir um novo negócio nos próximos três anos.

Taxa de empreendedorismo potencial para população de 65 a 74 anos

A inclusão da faixa etária de 65 a 74 anos permite observar diferenças importantes no comportamento da intenção empreendedora ao longo do ciclo de vida. Nesse grupo, a taxa de empreendedorismo potencial foi de 19,1%, significativamente inferior à observada entre os indivíduos de 18 a 64 anos, resultado coerente com o padrão identificado nas taxas gerais e específicas de empreendedorismo, nas quais a entrada em novos negócios tende a diminuir nas idades mais avançadas. Ainda assim, a presença de aproximadamente 1,9 milhão de empreendedores potenciais nesse estrato evidencia que o interesse por iniciar negócios permanece relevante também entre a população mais idosa (**Tabela 2.3**).

Em perspectiva internacional, o **Quadro 2.4** mostra que o Brasil permanece entre as economias com maiores taxas de empreendedorismo potencial, ocupando a sexta posição entre as economias participantes. Além disso, quando considerado o número absoluto de pessoas que declaram intenção de iniciar um negócio nos próximos três anos, o país ocupa a segunda posição, evidenciando que a combinação entre elevada taxa percentual e grande dimensão populacional resulta em um dos maiores contingentes de empreendedores potenciais entre as economias analisadas. Esse resultado reforça a importância do empreendedorismo como expectativa de geração de renda e mobilidade econômica para parcela significativa da população brasileira.

Quadro 2.4 Comparativo entre indicadores da taxa[1] (%) e estimativas (número de pessoas) de empreendedores potenciais[2] de 18 a 64 anos – economias participantes – 2025

Estatísticas descritivas	Taxas Específicas	
	Taxas (%)	Estimativas (em milhões)
Média	24,3	6,7
Mínima	3,0 (Polônia)	0,1 (Luxemburgo)
Máxima	88,1 (Angola)	150,0 (Índia)
Brasil	**45,0**	**42,5[3]**
Posição Brasil	**6ª**	**2ª**

Fonte: GEM 2025
[1] Percentual da população de 18 a 64 anos não empreendedora.
[2] São considerados empreendedores potenciais aqueles indivíduos que ainda não são empreendedores, mas que pretendem abrir um novo negócio nos próximos três anos. Estimativas calculadas a partir de dados da população não empreendedora de 18 a 64 anos.
[3] Estimativa calculada a partir de dados da população não empreendedora em 2025: 94,6 milhões. Fonte de dados da população brasileira: IBGE/Diretoria de Pesquisas. Projeção da população do Brasil e Unidades da Federação por sexo e idade para o período 2000-2070 (ano 2025).

A comparação internacional (**Tabela auxiliar A2.6**) evidencia a elevada dispersão das taxas entre as economias participantes. Enquanto a maior taxa observada alcança 88% (Angola), indicando contexto de forte predisposição à criação de novos negócios, a menor taxa registrada foi de 3% (Polônia), revelando ambientes nos quais a intenção empreendedora é significativamente mais restrita. Nesse contexto, torna-se relevante analisar, na seção seguinte, em que medida essa intenção empreendedora se traduz em permanência dos negócios ao longo do tempo, a partir da análise das taxas de descontinuidade nas diferentes economias.

2.6 Descontinuidade dos negócios: Brasil e demais economias

Esta seção trata da descontinuidade (ou parada de funcionamento) de negócios brasileiros e de suas razões, além de apresentar comparações com as demais economias estudadas pelo GEM. A taxa de descontinuidade constitui um indicador relevante para a compreensão das condições e perspectivas do empreendedorismo, pois complementa a análise das taxas de criação e intenção empreendedora ao evidenciar a permanência e a sustentabilidade dos empreendimentos ao longo do tempo.

Taxa de descontinuidade

Para o cálculo da taxa de descontinuidade, são considerados os indivíduos que afirmaram no questionário do GEM que, nos últimos 12 meses, venderam, encerraram, deixaram ou descontinuaram algum negócio do qual eram proprietários (e administradores) ou qualquer atividade como autônomo ou por conta própria, e que esse negócio encerrou suas atividades após sua saída, independentemente de terem registro formal ou não.

A **Tabela 2.4** apresenta a taxa de descontinuidade mais recente para o Brasil, permitindo observar a situação atual do indicador. Em 2025, a taxa de descontinuidade foi de 8% para a população de 18 a 64 anos.

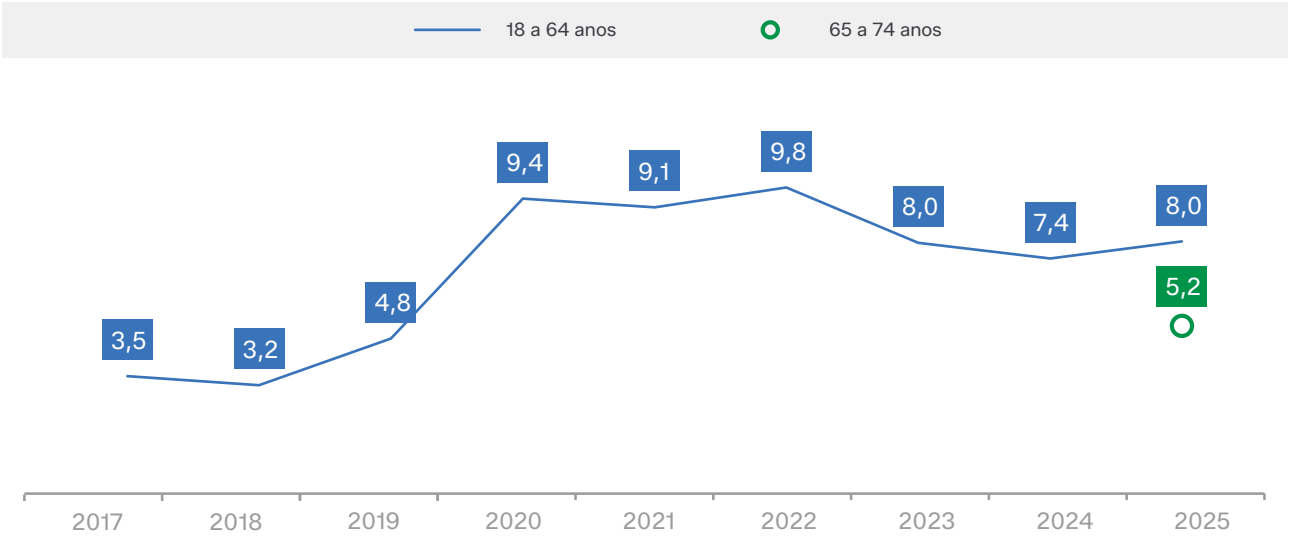
Tabela 2.4 Taxa (%) de descontinuidade[1], para a população – Brasil – 2025

Indicador	Taxa geral (%)	
	18 a 64 anos	65 a 74 anos
Descontinuidade	8,0	5,2

Fonte: GEM 2025
[1] Percentual da população de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos.

A evolução desse indicador ao longo do tempo pode ser observada no **Gráfico 2.4**, que evidencia mudanças importantes no comportamento da descontinuidade dos negócios no Brasil. Entre 2017 e 2019, as taxas permaneceram em níveis mais baixos, variando entre 3,2% e 4,8%. Em 2020, entretanto, observa-se aumento expressivo para 9,4%, seguido da manutenção do indicador em patamar elevado entre 2020 e 2022, período diretamente influenciado pelos efeitos econômicos da pandemia. A partir de 2023 ocorre redução gradual da taxa, com valores de 8% em 2023 e 7,4% em 2024, ainda acima dos níveis observados no período pré-pandemia. Em 2025, o indicador retorna a 8%, indicando estabilização em patamar intermediário quando comparado à série histórica recente.

Gráfico 2.4 Evolução da taxa (%) de descontinuidade[1], para a população – Brasil – 2017:2025



Fonte: GEM Brasil 2017 a 2025
[1] Para o cálculo dessa taxa são considerados os indivíduos da população de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos que afirmaram que nos últimos 12 meses venderam, encerraram, deixaram ou descontinuaram algum negócio do qual eram proprietários (e administradores) ou qualquer atividade como autônomo ou por conta própria, e esse negócio não continuou as atividades após sua saída.

A descontinuidade é um fenômeno inerente à dinâmica das economias e não deve ser interpretada exclusivamente como negativa, uma vez que faz parte do processo natural de criação e encerramento de empreendimentos. No entanto, níveis persistentemente elevados podem indicar dificuldades de consolidação dos negócios, com impactos sobre a geração contínua de bens, serviços e renda. Nesse sentido, a análise das razões que levam ao encerramento das atividades contribui para compreender melhor as condições do empreendedorismo no país.

A **Tabela 2.5** apresenta as principais razões apontadas pelos respondentes para a descontinuidade dos negócios. Em 2025, a razão mais frequentemente citada foi "negócio não lucrativo" (35,2%), seguida por "questões pessoais ou familiares" (28%), reproduzindo o mesmo posicionamento do ano anterior.

Tabela 2.5 Percentual[1] da população que descontinuou um negócio e principais razões da descontinuidade – Brasil – 2020:2025

Proporção da população que afirma ter encerrado algum negócio no ano anterior		18 a 64 anos						65 a 74 anos
		2020	2021	2022	2023	2024	2025	2025
		9,4	9,1	9,8	8,0	7,4	8,0	5,2
Principais razões da descontinuidade	Negócio não lucrativo	17,9	17,6	18,5	27,8	29,4	35,2	28,5
	Questões pessoais ou familiares	15,5	13,5	23,4	19,2	25,7	28,0	35,0
	Dificuldades para obter recursos financeiros	8,1	6,8	16,7	20,6	15,6	16,2	9,0
	Outra oportunidade de trabalho ou negócio	5,8	4,9	4,6	9,4	15,9	10,6	0,0
	Governo/tributação/burocracia	2,9	3,2	1,8	4,8	5,4	5,4	5,2
	Aposentadoria	0,0	0,7	0,6	0,5	0,4	0,7	22,3
	Questões relacionadas à pandemia de coronavírus	41,6	47,4	26,6	14,3	-	-	-
	Outras	8,1	5,8	7,8	3,4	7,6	3,9	0,0
	Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: GEM Brasil 2020 a 2025
[1] Percentual da população de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos que afirmou que nos últimos 12 meses vendeu, encerrou, deixou ou descontinuou algum negócio do qual era proprietário (e administrador) ou qualquer atividade como autônomo ou por conta própria, e que não continuou em operação após sua saída.

Descontinuidade para população de 65 a 74 anos

O **Gráfico 2.4** incorpora também, pela primeira vez, a faixa etária de 65 a 74 anos, para a qual a taxa de descontinuidade em 2025 foi de 5,2%. Como se trata do ponto inicial da série desse estrato, o dado deve ser lido como referência de base, indicando descontinuidade inferior à observada na população com idade entre 18 e 64 anos, sugerindo maior estabilidade relativa dos negócios mantidos em idades mais avançadas.

Para os empreendedores dessa faixa etária, "questões pessoais ou familiares" (35%) foi a razão mais frequente para descontinuidade do negócio, seguida por "negócio não lucrativo" (28,5%). Nesta faixa etária ganha destaque a "aposentadoria" (22,3%) como motivo para a descontinuidade do negócio (**Tabela 2.5**).

Em perspectiva internacional, o **Quadro 2.5** permite situar o Brasil em relação às demais economias participantes. Em 2025, a taxa brasileira de descontinuidade (8%) situou-se acima da média internacional (4,9%), posicionando o país na quinta colocação entre as economias analisadas.

A amplitude observada entre as economias é significativa, com taxas variando entre 1,2% (Romênia) e 26,6% (Angola), evidenciando que fatores institucionais e econômicos influenciam de forma relevante a permanência dos negócios nas diferentes economias.

Quadro 2.5 Comparativo entre indicadores da taxa de descontinuidade[1] da população – economias participantes – 2025

Estatísticas descritivas	Taxa de descontinuidade
Média (%)	4,9
Mínima (%)	1,2 (Romênia)
Máxima (%)	26,6 (Angola)
Brasil (%)	**8,0**
Posição Brasil	**5ª**

Fonte: GEM 2025
[1] Para o cálculo dessa taxa são considerados os indivíduos da população de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos que afirmaram que nos últimos 12 meses venderam, encerraram, deixaram ou descontinuaram algum negócio do qual eram proprietários (e administradores) ou qualquer atividade como autônomo ou por conta própria, e esse negócio não continuou as atividades após sua saída.

A comparação detalhada mostra ainda que o Brasil apresenta taxa superior à média das economias de nível de renda B (5,9%) e também acima da média das economias de nível de renda A (3,9%), situando-se entre os países com maior intensidade de descontinuidade dentro de seu grupo de renda. Ao mesmo tempo, permanece distante dos níveis extremos observados em economias com taxas muito elevadas ou muito reduzidas, reforçando o caráter dinâmico, porém ainda marcado por desafios de consolidação dos negócios no país (**Tabela auxiliar A2.7**).

Em conjunto, os resultados indicam que o elevado interesse em empreender observado no Brasil convive com níveis também relevantes de descontinuidade dos negócios, evidenciando a importância de iniciativas voltadas não apenas ao estímulo à criação de novos empreendimentos, mas também ao fortalecimento das condições de permanência e sustentabilidade das atividades empresariais ao longo do tempo.

2.7 Imigração e empreendedorismo: Brasil e demais economias

Taxa de empreendedorismo e imigração

Em 2025, pela primeira vez a pesquisa GEM em nível internacional investiga a questão da imigração e seus impactos na dinâmica empreendedora das economias participantes da pesquisa. Conceitualmente, de acordo com a metodologia GEM, são considerados ***imigrantes*** aqueles que declaram não ter nascido no país específico da pesquisa, ou que possuem pelo menos um dos pais não nascido nesse respectivo país.

Para efeito de processamento de resultados, a coordenação internacional do GEM, optou por excluir das análises detalhadas sobre esse tema no relatório global países com menos de 50 imigrantes identificados na amostra coletada. Embora o Brasil esteja entre esses países, alguns resultados gerais são apresentados com a finalidade de contextualizar internamente a relevância dos imigrantes no empreendedorismo brasileiro, bem como, para demonstrar uma aproximação do que poderia ser a posição do Brasil em perspectiva global nessa temática.

A **Tabela 2.6** apresenta a taxa de imigrantes da população brasileira (1,7%) e as taxas de empreendedorismo (inicial e estabelecido) entre os imigrantes. Para a faixa etária entre 18 e 64 anos, a taxa de empreendedores iniciais entre imigrantes atingiu a marca de 22,8%, percentual ligeiramente superior a taxa de empreendedorismo inicial na população em geral que é de 19,4% (**Tabela 2.1**). Por outro lado, no empreendedorismo estabelecido, a taxa é bem menor (5,5%), ante os 12,4% verificada na população de 18 a 64 anos no país.

Tabela 2.6 Taxas[1] (em %) de imigrantes identificados na população brasileira e percentual[2] de empreendedores em estágio inicial e estabelecido entre os imigrantes[3] – Brasil – 2025

Imigração	Percentual (%)	
	18 a 64 anos	65 a 74 anos
Imigrantes na população (taxa geral)	1,7	0,6
Empreendedores iniciais entre os imigrantes (taxa específica)	22,8	0,0
Empreendedores estabelecidos entre os imigrantes (taxa específica)	5,5	0,0

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual da população de 18 a 64 anos e de 65 a 74 anos.
[2] Percentual de empreendedores em estágio inicial e estabelecido entre os imigrantes.
[3] São considerados imigrantes aqueles que declararam não ter nascido no Brasil ou que possuem pelo menos um dos pais não nascido no Brasil.

Empreendedores imigrantes entre a população de 65 a 74 anos

Para essa faixa etária, não foram identificados entre os imigrantes empreendedores iniciais ou estabelecidos na pesquisa. Nessa faixa etária, a presença de imigrantes é bem menor do que na população entre 18 e 64 anos. Assim, para uma parcela tão reduzida da população torna-se mais raro encontrar pessoas envolvidas com o empreendedorismo.

O **Quadro 2.6** amplia a análise desse tema ao trazer uma comparação em uma perspectiva internacional das taxas de empreendedores imigrantes nos estágios iniciais e estabelecido. O Brasil se posiciona em quarto lugar para a taxa de empreendedores imigrantes iniciais e em oitavo lugar para os empreendedores imigrantes estabelecidos. A taxa de empreendedores imigrantes iniciais está acima da média, enquanto para os estabelecidos o valor é muito próximo à média.

Quadro 2.6 Comparativo entre indicadores de imigração na população e entre os empreendedores em estágio inicial e estabelecido 18 a 64 anos – economias participantes – 2025

Estatísticas descritivas	Imigrantes na população (taxa geral)[1]	Empreendedores entre os imigrantes (taxa específica)[2]	
		Iniciais	Estabelecidos
Média	13,7	15,2	5,4
Mínima	0,01 (Polônia)	2,50 (Catar)	0,91 (Catar)
Máxima	86,4 (Catar)	43,4 (Chile)	10,8 (Reino Unido)
Brasil	**1,7**	**22,8**	**5,5**
Posição Brasil	**40ª**	**4ª**	**8ª**

Fonte: GEM 2025
[1] Percentual da população de 18 a 64 anos nascida em outro país ou que possui pelo menos um dos pais nascido em outro país.
[2] Percentual de empreendedores iniciais e estabelecidos entre os imigrantes.
Nota: Economias com menos de 50 imigrantes identificados na amostra coletada não foram incluídos nas análises detalhadas sobre esse tema no relatório global. Embora o Brasil esteja entre essas economias, alguns resultados gerais estão nesta tabela, para demonstrar uma aproximação do que poderia ser a posição do Brasil no contexto global.

No entanto, esse resultado se contrasta fortemente com a taxa geral de imigrantes na população, que coloca o Brasil na 40ª posição. Na **Tabela auxiliar A2.8** encontram-se os detalhes para as economias com informações disponíveis neste tema.

Uma possível explicação para esses resultados pode vir da recente onda de imigração para o Brasil, especialmente de latino-americanos, em tempos mais recentes. Dados do IBGE[16] indicam que, entre 2010 e 2022, houve um crescimento de 70% no número de imigrantes, dos quais 72% são latino-americanos. Esse elevado crescimento, seguramente, foi acompanhado de início de novos empreendimentos por parte dessa população imigrante, que tem buscado melhores condições de geração de renda e de vida no Brasil.

[16] Giacomin, H. Imigrantes no Brasil: 72% são latino-americanos. Jornal da USP (05/02/2026). Disponível em: https://jornal.usp.br/?p=975235.

Tabela auxiliar A2.1 Taxas[1] (em %) de empreendedorismo de 18 a 64 anos por estágio – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025

Níveis de renda[2]	Economias	Regiões[3]	Total (TTE)	Iniciais (TEA)	Nascentes	Novos	Estabelecidos (EBO)	Proporção (TEA/TTE)
Nível A	Alemanha	E&NA	17,7	13,0	9,4	6,0	5,1	73,1
	Arábia Saudita	OM&A	41,5	28,9	3,0	25,9	12,7	69,6
	Bahrein	OM&A	21,0	17,9	14,5	3,8	3,3	85,3
	Canadá	E&NA	32,8	27,4	22,7	12,8	6,1	83,4
	Catar	OM&A	3,6	2,4	1,7	0,9	1,3	66,3
	Chipre	E&NA	16,8	9,4	5,6	4,2	7,9	56,0
	Coreia do Sul	A	24,9	9,1	7,1	2,0	16,2	36,3
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	25,0	20,4	15,1	9,7	4,8	81,6
	Eslovênia	E&NA	16,8	7,1	4,5	2,8	9,8	42,6
	Espanha	E&NA	15,2	7,8	4,9	3,6	7,4	51,7
	Estados Unidos	E&NA	22,7	17,7	13,6	6,8	5,5	77,8
	Finlândia	E&NA	11,4	6,1	4,1	2,3	5,5	53,1
	França	E&NA	16,8	11,6	8,2	3,7	5,7	68,9
	Israel	OM&A	12,9	8,9	6,5	3,0	4,1	69,0
	Itália	E&NA	16,4	11,0	7,7	3,9	6,0	66,7
	Lituânia	E&NA	21,6	17,0	13,7	5,3	5,4	78,8
	Luxemburgo	E&NA	12,8	9,4	7,4	3,0	3,7	73,5
	Noruega	E&NA	15,4	8,9	6,0	3,1	6,8	57,7
	Países Baixos	E&NA	19,9	12,2	6,8	6,0	8,3	61,3
	Polônia	E&NA	15,2	2,9	1,2	1,7	12,3	19,1
	Porto Rico	ALC	19,8	15,6	11,8	4,3	4,4	79,1
	Reino Unido	E&NA	33,5	21,9	13,9	10,6	13,3	65,5
	Suécia	E&NA	14,3	9,6	7,6	2,8	5,0	66,8
	Suíça	E&NA	16,4	10,2	7,8	3,1	6,8	62,1
	Taiwan	A	18,5	10,1	6,2	5,3	8,6	54,8
	Média Nível A		**19,3**	**12,7**	**8,4**	**5,5**	**7,0**	**64,0**
Nível B	África do Sul	OM&A	18,4	14,7	9,6	5,8	3,9	80,0
	Angola	OM&A	62,2	52,9	32,4	24,2	10,5	85,1
	Argentina	ALC	26,3	21,4	10,3	12,9	5,0	81,4
	Brasil	**ALC**	**31,6**	**19,4**	**8,9**	**10,8**	**12,4**	**61,5**
	Chile	ALC	35,6	29,4	22,9	8,1	7,1	82,5
	Costa Rica	ALC	20,2	13,9	9,1	5,4	6,3	69,1
	Croácia	E&NA	15,7	11,6	9,0	4,0	4,4	74,0
	Egito	OM&A	4,1	2,8	1,4	1,6	1,4	68,8
	El Salvador	ALC	41,2	23,9	10,8	14,1	18,2	57,9
	Equador	ALC	36,1	29,6	20,0	11,2	6,5	82,1
	Eslováquia	E&NA	15,8	11,4	8,3	5,3	4,9	71,8
	Estônia	E&NA	17,7	11,6	9,2	2,9	6,5	65,8
	Guatemala	ALC	35,8	25,4	14,4	12,4	12,0	70,9
	Hungria	E&NA	14,0	7,2	4,4	3,1	7,0	51,4
	Índia	A	18,2	12,3	10,2	2,9	6,1	67,7
	Jordânia	OM&A	14,2	10,7	7,2	3,6	3,8	75,7
	Letônia	E&NA	23,4	13,2	10,4	3,4	11,0	56,7
	México	ALC	23,7	19,4	12,4	7,8	4,9	82,1
	Omã	OM&A	10,9	6,4	3,4	3,3	4,6	58,3
	Peru	ALC	17,3	12,8	9,7	4,5	5,3	74,2
	Romênia	E&NA	7,6	3,7	2,0	1,9	4,3	48,2
	Tailândia	A	34,4	19,0	6,9	14,4	15,6	55,4
	Venezuela	ALC	9,4	7,7	6,0	1,7	1,9	81,3
	Média Nível B		**23,2**	**16,6**	**10,4**	**7,2**	**7,1**	**69,6**

Fonte: GEM 2025
[1] Percentual da população de 18 a 64 anos.
[1] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.
[2] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

Tabela auxiliar A2.2 Taxas específicas[1] (em %) de empreendedorismo inicial (TEA) segundo o sexo e razão[2] (TEA Masculino/TEA Feminino) – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025

Níveis de renda[3]	Economias	Regiões[4]	Masculino	Feminino	Razão
Nível A	Alemanha	E&NA	15,0	10,9	1,4
	Arábia Saudita	OM&A	30,0	27,0	1,1
	Bahrein	OM&A	19,3	16,6	1,2
	Canadá	E&NA	31,1	23,6	1,3
	Catar	OM&A	2,7	1,5	1,8
	Chipre	E&NA	11,9	6,9	1,7
	Coreia do Sul	A	9,3	8,8	1,1
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	22,4	16,0	1,4
	Eslovênia	E&NA	8,8	5,3	1,7
	Espanha	E&NA	8,5	7,2	1,2
	Estados Unidos	E&NA	19,3	15,9	1,2
	Finlândia	E&NA	8,5	3,5	2,4
	França	E&NA	13,2	10,0	1,3
	Israel	OM&A	9,1	8,7	1,0
	Itália	E&NA	13,6	8,3	1,6
	Lituânia	E&NA	18,8	15,2	1,2
	Luxemburgo	E&NA	11,5	7,2	1,6
	Noruega	E&NA	12,4	5,1	2,4
	Países Baixos	E&NA	14,3	10,1	1,4
	Polônia	E&NA	3,0	2,8	1,1
	Porto Rico	ALC	17,5	13,9	1,3
	Reino Unido	E&NA	24,9	19,0	1,3
	Suécia	E&NA	12,9	6,1	2,1
	Suíça	E&NA	11,4	9,0	1,3
	Taiwan	A	11,8	8,5	1,4
	Média Nível A		**14,4**	**10,7**	**1,5**
Nível B	África do Sul	OM&A	14,9	14,6	1,0
	Angola	OM&A	56,7	49,4	1,1
	Argentina	ALC	26,2	16,4	1,6
	Brasil	**ALC**	**24,1**	**15,0**	**1,6**
	Chile	ALC	29,1	29,6	1,0
	Costa Rica	ALC	13,0	14,9	0,9
	Croácia	E&NA	14,7	8,5	1,7
	Egito	OM&A	4,0	1,6	2,4
	El Salvador	ALC	20,6	26,6	0,8
	Equador	ALC	28,9	30,4	0,9
	Eslováquia	E&NA	12,7	10,0	1,3
	Estônia	E&NA	13,1	10,1	1,3
	Guatemala	ALC	27,9	22,9	1,2
	Hungria	E&NA	7,7	6,7	1,2
	Índia	A	12,2	12,5	1,0
	Jordânia	OM&A	12,8	8,3	1,5
	Letônia	E&NA	15,6	10,9	1,4
	México	ALC	22,2	16,8	1,3
	Omã	OM&A	6,0	6,7	0,9
	Peru	ALC	12,4	13,3	0,9
	Romênia	E&NA	4,6	2,7	1,7
	Tailândia	A	20,5	17,6	1,2
	Venezuela	ALC	7,8	7,6	1,0
	Média Nível B		**17,7**	**15,3**	**1,3**

Fonte: GEM 2025

[1] Percentual referente a cada categoria da população (p. ex.: 24,1% dos homens no Brasil eram empreendedores iniciais em 2025).

[2] Exemplo de interpretação: Para cada 160 homens empreendedores em estágio inicial, 100 mulheres eram empreendedoras em estágio inicial no Brasil, em 2025.

[3] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.

[4] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

Tabela auxiliar A2.3 Taxas específicas[1] (em %) de empreendedorismo inicial (TEA) segundo a faixa etária – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025

Níveis de renda[2]	Economias	Regiões[3]	18 a 34 anos	35 a 64 anos
Nível A	Alemanha	E&NA	22,5	8,4
	Arábia Saudita	OM&A	26,3	31,4
	Bahrein	OM&A	21,6	14,7
	Canadá	E&NA	38,5	21,4
	Catar	OM&A	1,9	2,9
	Chipre	E&NA	14,7	6,2
	Coreia do Sul	A	8,4	9,3
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	16,0	24,5
	Eslovênia	E&NA	11,2	5,5
	Espanha	E&NA	9,3	7,2
	Estados Unidos	E&NA	23,2	14,3
	Finlândia	E&NA	7,5	5,3
	França	E&NA	13,2	10,7
	Israel	OM&A	8,6	9,1
	Itália	E&NA	13,3	10,0
	Lituânia	E&NA	21,0	15,2
	Luxemburgo	E&NA	11,6	8,2
	Noruega	E&NA	9,2	8,7
	Países Baixos	E&NA	16,1	10,0
	Polônia	E&NA	3,4	2,7
	Porto Rico	ALC	17,7	14,4
	Reino Unido	E&NA	31,7	16,4
	Suécia	E&NA	11,5	8,5
	Suíça	E&NA	8,2	11,2
	Taiwan	A	9,6	10,4
	Média Nível A		**15,0**	**11,5**
Nível B	África do Sul	OM&A	15,4	14,1
	Angola	OM&A	56,6	47,8
	Argentina	ALC	21,3	21,6
	Brasil	**ALC**	**19,5**	**19,4**
	Chile	ALC	29,2	29,5
	Costa Rica	ALC	13,6	14,1
	Croácia	E&NA	17,6	9,2
	Egito	OM&A	1,9	3,9
	El Salvador	ALC	22,6	25,2
	Equador	ALC	32,4	26,8
	Eslováquia	E&NA	15,2	9,7
	Estônia	E&NA	16,5	9,4
	Guatemala	ALC	26,3	24,4
	Hungria	E&NA	10,0	5,9
	Índia	A	13,6	11,0
	Jordânia	OM&A	12,0	9,2
	Letônia	E&NA	19,4	10,7
	México	ALC	24,8	15,1
	Omã	OM&A	5,5	7,2
	Peru	ALC	12,0	13,5
	Romênia	E&NA	3,9	3,6
	Tailândia	A	18,4	19,4
	Venezuela	ALC	8,2	7,3
	Média Nível B		**18,1**	**15,6**

Fonte: GEM 2025
[1] Percentual referente a cada categoria da população (p. ex.: 19,5% da população de 18 a 34 anos no Brasil eram empreendedores iniciais em 2025).
[2] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.
[3] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

Tabela auxiliar A2.4 Taxas específicas[1] (em %) de empreendedorismo inicial (TEA) segundo a escolaridade[2] – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025

Níveis de renda[3]	Economias	Regiões[4]	Não Graduado	Graduado
Nível A	Alemanha	E&NA	9,6	16,4
	Arábia Saudita	OM&A	25,9	29,6
	Bahrein	OM&A	15,7	23,1
	Canadá	E&NA	21,3	28,8
	Catar	OM&A	0,8	3,0
	Chipre	E&NA	6,4	10,7
	Coreia do Sul	A	8,5	9,3
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	20,1	20,5
	Eslovênia	E&NA	6,3	7,8
	Espanha	E&NA	6,6	9,2
	Estados Unidos	E&NA	16,7	18,2
	Finlândia	E&NA	5,9	6,2
	França	E&NA	8,7	13,1
	Israel	OM&A	5,9	9,0
	Itália	E&NA	9,8	14,3
	Lituânia	E&NA	16,8	17,2
	Luxemburgo	E&NA	7,1	11,6
	Noruega	E&NA	8,9	8,9
	Países Baixos	E&NA	11,7	13,1
	Polônia	E&NA	2,6	3,0
	Porto Rico	ALC	9,4	17,8
	Reino Unido	E&NA	13,0	29,6
	Suécia	E&NA	8,9	10,1
	Suíça	E&NA	6,9	11,8
	Taiwan	A	7,0	11,4
	Média Nível A		**10,4**	**14,2**
Nível B	África do Sul	OM&A	11,3	20,4
	Angola	OM&A	51,2	61,3
	Argentina	ALC	18,5	31,5
	Brasil	**ALC**	**19,8**	**18,5**
	Chile	ALC	27,9	30,4
	Costa Rica	ALC	12,5	17,8
	Croácia	E&NA	9,1	14,2
	Egito	OM&A	3,4	2,4
	El Salvador	ALC	23,6	24,9
	Equador	ALC	28,6	32,2
	Eslováquia	E&NA	9,6	14,1
	Estônia	E&NA	10,9	12,2
	Guatemala	ALC	25,3	27,0
	Hungria	E&NA	5,4	10,2
	Índia	A	10,5	16,8
	Jordânia	OM&A	8,8	16,8
	Letônia	E&NA	11,5	15,1
	México	ALC	12,3	30,6
	Omã	OM&A	6,7	6,1
	Peru	ALC	8,2	13,9
	Romênia	E&NA	0,2	4,4
	Tailândia	A	12,9	25,5
	Venezuela	ALC	7,0	9,4
	Média Nível B		**14,6**	**19,8**

Fonte: GEM 2025

[1] Percentual referente a cada categoria da população de 18 a 64 anos (p. ex.: 18,5% dos graduados no Brasil eram empreendedores iniciais em 2025).

[2] Não graduado: não fez ou não concluiu qualquer formação de nível superior (Nenhuma Educação formal, Ensino Fundamental incompleto, Ensino Fundamental completo, Ensino Médio incompleto, Ensino Médio completo e Superior incompleto); Graduado: concluiu ao menos uma formação de nível superior (Superior completo, Especialização incompleta e completa, Mestrado incompleto e completo, Doutorado incompleto e completo).

[3] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.

[4] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

Tabela auxiliar A2.5 Taxas específicas[1] (em %) de empreendedorismo inicial (TEA) de 18 a 64 anos segundo os percentis de renda familiar – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025

Níveis de renda[2]	Economias	Regiões[3]	Terço de menor renda(TEA)	Terço de renda intermediária	Terço de maior renda
Nível A	Alemanha	E&NA	10,2	14,2	16,6
	Arábia Saudita	OM&A	33,1	23,0	30,7
	Bahrein	OM&A	15,0	18,3	27,2
	Canadá	E&NA	22,5	26,2	34,2
	Catar	OM&A	1,2	3,1	4,2
	Chipre	E&NA	9,9	9,5	10,4
	Coreia do Sul	A	7,9	10,4	9,7
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	12,7	-	30,3
	Eslovênia	E&NA	4,1	6,3	8,6
	Espanha	E&NA	7,7	8,9	9,1
	Estados Unidos	E&NA	17,6	18,1	17,4
	Finlândia	E&NA	5,5	6,3	8,7
	França	E&NA	9,3	10,6	14,2
	Israel	OM&A	9,4	9,2	9,5
	Itália	E&NA	6,6	11,3	14,7
	Lituânia	E&NA	18,2	17,1	18,0
	Luxemburgo	E&NA	8,3	10,9	10,5
	Noruega	E&NA	8,7	8,1	10,3
	Países Baixos	E&NA	10,7	11,5	17,4
	Polônia	E&NA	2,7	2,9	3,1
	Porto Rico	ALC	14,2	14,5	21,8
	Reino Unido	E&NA	13,6	18,6	30,0
	Suécia	E&NA	9,3	9,3	11,0
	Suíça	E&NA	9,6	10,5	9,9
	Taiwan	A	6,4	10,7	14,5
	Média Nível A		**11,0**	**12,1**	**15,7**
Nível B	África do Sul	OM&A	8,9	13,4	25,3
	Angola	OM&A	-	-	-
	Argentina	ALC	26,2	24,5	24,8
	Brasil	**ALC**	**17,2**	**22,7**	**24,7**
	Chile	ALC	27,2	27,7	32,3
	Costa Rica	ALC	13,0	11,6	16,5
	Croácia	E&NA	10,4	10,7	12,7
	Egito	OM&A	2,8	1,8	3,2
	El Salvador	ALC	-	-	-
	Equador	ALC	28,9	33,7	29,8
	Eslováquia	E&NA	8,1	12,5	18,3
	Estônia	E&NA	9,6	10,7	15,7
	Guatemala	ALC	22,0	26,4	28,6
	Hungria	E&NA	5,7	9,4	9,6
	Índia	A	9,7	12,3	21,0
	Jordânia	OM&A	8,5	9,9	14,0
	Letônia	E&NA	8,8	13,1	18,6
	México	ALC	14,4	19,6	33,4
	Omã	OM&A	3,7	9,7	8,5
	Peru	ALC	11,4	12,1	17,0
	Romênia	E&NA	1,1	1,6	7,2
	Tailândia	A	9,3	20,0	27,4
	Venezuela	ALC	5,9	7,4	8,3
	Média Nível B		**12,0**	**14,8**	**18,9**

Fonte: GEM 2025

[1] Percentual referente a cada categoria da população de 18 a 64 anos (24,7% dos que pertenciam ao terço de maior renda no Brasil eram empreendedores iniciais em 2025).

[2] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.

[3] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

Tabela auxiliar A2.6 Taxas[1] (%) e estimativas[2] (número de pessoas) de empreendedores potenciais[3] de 18 a 64 anos – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025

Níveis de renda[4]	Economias	Regiões[5]	Taxas empreendedores potenciais	Estimativas em milhões empreendedores potenciais
Nível A	Alemanha	E&NA	14,2	6,0
	Arábia Saudita	OM&A	48,5	9,0
	Bahrein	OM&A	47,7	0,2
	Canadá	E&NA	21,0	3,2
	Catar	OM&A	26,3	0,6
	Chipre	E&NA	19,5	0,1
	Coreia do Sul	A	24,6	6,3
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	56,4	3,5
	Eslovênia	E&NA	16,0	0,2
	Espanha	E&NA	11,5	2,8
	Estados Unidos	E&NA	13,1	20,5
	Finlândia	E&NA	6,5	0,2
	França	E&NA	16,2	5,4
	Israel	OM&A	13,3	0,6
	Itália	E&NA	17,3	5,2
	Lituânia	E&NA	27,2	0,4
	Luxemburgo	E&NA	15,8	0,1
	Noruega	E&NA	9,1	0,3
	Países Baixos	E&NA	12,9	1,1
	Polônia	E&NA	3,0	0,6
	Porto Rico	ALC	25,0	0,4
	Reino Unido	E&NA	15,8	4,4
	Suécia	E&NA	11,1	0,6
	Suíça	E&NA	10,5	0,5
	Taiwan	A	18,1	2,3
	Média Nível A		**20,0**	**3,0**
Nível B	África do Sul	OM&A	19,2	6,2
	Angola	OM&A	88,1	4,2
	Argentina	ALC	15,3	3,2
	Brasil	**ALC**	**45,0**	**42,5**
	Chile	ALC	42,5	3,3
	Costa Rica	ALC	22,6	0,6
	Croácia	E&NA	21,5	0,4
	Egito	OM&A	28,6	15,9
	El Salvador	ALC	33,8	0,6
	Equador	ALC	35,2	2,4
	Eslováquia	E&NA	13,1	0,4
	Estônia	E&NA	14,8	0,1
	Guatemala	ALC	42,8	2,9
	Hungria	E&NA	6,5	0,3
	Índia	A	25,6	150,0
	Jordânia	OM&A	43,4	2,4
	Letônia	E&NA	15,4	0,1
	México	ALC	18,4	10,9
	Omã	OM&A	52,2	0,7
	Peru	ALC	19,9	3,5
	Romênia	E&NA	6,2	0,8
	Tailândia	A	27,7	7,9
	Venezuela	ALC	22,4	3,4
	Média Nível B		**28,7**	**11,4**

Fonte: GEM 2025

[1] Percentual da população de 18 a 64 anos não empreendedora.

[2] São considerados empreendedores potenciais aqueles indivíduos que ainda não são empreendedores, mas que pretendem abrir um novo negócio nos próximos três anos. Estimativas calculadas a partir de dados da população não empreendedora de 18 a 64 anos.

[3] Estimativa calculada a partir de dados da população não empreendedora em 2025: 92,2 milhões. Fonte de dados da população brasileira: IBGE/Diretoria de Pesquisas. Projeção da população do Brasil e Unidades da Federação por sexo e idade para o período 2000-2070 (ano 2025).

[4] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.

[5] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

Tabela auxiliar A2.7 Taxas[1] (% população de 18 a 64 anos) de descontinuidade – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025

Níveis de renda[2]	Economias	Regiões[3]	Descontinuidade
Nível A	Alemanha	E&NA	4,5
	Arábia Saudita	OM&A	5,7
	Bahrein	OM&A	8,9
	Canadá	E&NA	7,0
	Catar	OM&A	2,2
	Chipre	E&NA	2,1
	Coreia do Sul	A	3,2
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	6,3
	Eslovênia	E&NA	2,3
	Espanha	E&NA	2,0
	Estados Unidos	E&NA	3,8
	Finlândia	E&NA	2,5
	França	E&NA	2,8
	Israel	OM&A	4,6
	Itália	E&NA	2,7
	Lituânia	E&NA	9,6
	Luxemburgo	E&NA	2,7
	Noruega	E&NA	1,7
	Países Baixos	E&NA	5,8
	Polônia	E&NA	2,1
	Porto Rico	ALC	2,6
	Reino Unido	E&NA	5,8
	Suécia	E&NA	2,5
	Suíça	E&NA	1,6
	Taiwan	A	2,9
		Média Nível A	**3,9**
Nível B	África do Sul	OM&A	6,2
	Angola	OM&A	26,6
	Argentina	ALC	6,6
	Brasil	**ALC**	**8,0**
	Chile	ALC	4,8
	Costa Rica	ALC	4,6
	Croácia	E&NA	2,8
	Egito	OM&A	3,4
	El Salvador	ALC	7,1
	Equador	ALC	6,8
	Eslováquia	E&NA	4,2
	Estônia	E&NA	3,9
	Guatemala	ALC	4,4
	Hungria	E&NA	1,9
	Índia	A	2,1
	Jordânia	OM&A	5,8
	Letônia	E&NA	2,9
	México	ALC	6,2
	Omã	OM&A	15,1
	Peru	ALC	4,3
	Romênia	E&NA	1,2
	Tailândia	A	5,6
	Venezuela	ALC	2,3
		Média Nível B	**5,9**

Fonte: GEM 2025

[1] Percentual da população de 18 a 64 anos. Para o cálculo dessa taxa são considerados os indivíduos que afirmaram que nos últimos 12 meses venderam, encerraram, deixaram ou descontinuaram algum negócio do qual eram proprietários (e administradores) ou qualquer atividade como autônomo ou por conta própria, e esse negócio não continuou as atividades após sua saída.

[2] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.

[3] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

Tabela auxiliar A2.8 Taxa[1] (em %) de imigrantes na população percentual[2] entre os empreendedores em estágio inicial e estabelecido de 18 a 64 anos – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025

Níveis de renda[3]	Economias	Regiões[4]	Imigrantes na população (taxa geral)	Empreendedores entre os imigrantes (taxa específica)	
				Iniciais	Estabelecidos
Nível A	Alemanha	E&NA	12,5	18,8	3,2
	Arábia Saudita	OM&A	12,9	-	-
	Bahrein	OM&A	0,0	-	-
	Canadá	E&NA	41,8	31,1	4,6
	Catar	OM&A	86,4	2,5	0,9
	Chipre	E&NA	8,9	8,4	3,6
	Coreia do Sul	A	0,3	-	-
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	79,5	18,8	4,3
	Eslovênia	E&NA	10,5	7,1	10,6
	Espanha	E&NA	10,4	13,7	5,6
	Estados Unidos	E&NA	0,0	-	-
	Finlândia	E&NA	2,6	-	-
	França	E&NA	14,5	16,6	5,2
	Israel	OM&A	30,8	9,3	4,7
	Itália	E&NA	6,2	14,9	1,6
	Lituânia	E&NA	6,3	-	-
	Luxemburgo	E&NA	71,4	10,3	3,6
	Noruega	E&NA	11,2	5,2	4,6
	Países Baixos	E&NA	14,7	15,5	8,3
	Polônia	E&NA	0,0	-	-
	Porto Rico	ALC	12,1	14,1	5,4
	Reino Unido	E&NA	22,0	29,9	10,8
	Suécia	E&NA	13,5	10,9	4,6
	Suíça	E&NA	18,7	11,8	5,2
	Taiwan	A	2,9	-	-
	Média Nível A		**19,6**	**14,1**	**5,1**
Nível B	África do Sul	OM&A	4,8	-	-
	Angola	OM&A	2,8	-	-
	Argentina	ALC	6,7	-	-
	Brasil	**ALC**	**1,7**	**22,8**	**5,5**
	Chile	ALC	22,3	43,4	8,3
	Costa Rica	ALC	13,0	12,8	5,8
	Croácia	E&NA	11,7	9,3	4,3
	Egito	OM&A	1,7	-	-
	El Salvador	ALC	1,6	-	-
	Equador	ALC	1,6	-	-
	Eslováquia	E&NA	3,8	-	-
	Estônia	E&NA	20,1	11,0	5,4
	Guatemala	ALC	0,8	-	-
	Hungria	E&NA	2,8	-	-
	Índia	A	2,6	-	-
	Jordânia	OM&A	14,8	-	-
	Letônia	E&NA	12,6	10,3	7,3
	México	ALC	2,3	-	-
	Omã	OM&A	2,8	-	-
	Peru	ALC	2,8	-	-
	Romênia	E&NA	1,8	-	-
	Tailândia	A	0,6	-	-
	Venezuela	ALC	4,9	-	-
	Média Nível B		**6,1**	**18,3**	**6,1**

Fonte: GEM 2025
[1] Percentual da população de 18 a 64 anos nascida em outro país ou que possui pelo menos um dos pais nascido em outro país.
[2] Percentual de empreendedores iniciais e estabelecidos entre os imigrantes.
[3] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.
[4] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.
Nota: Economias com menos de 50 imigrantes identificados na amostra coletada não foram incluídos nas análises detalhadas sobre esse tema no relatório global. Embora o Brasil esteja entre essas economias, alguns resultados gerais estão nesta tabela, para demonstrar uma aproximação do

CAPÍTULO 3.

Retrato do empreendedor brasileiro e suas motivações

3. RETRATO DO EMPREENDEDOR BRASILEIRO E SUAS MOTIVAÇÕES

Este capítulo apresenta o retrato dos empreendedores brasileiros e suas motivações, buscando caracterizar quem são os indivíduos envolvidos nas diferentes fases do processo empreendedor e quais são suas principais características sociodemográficas. Diferentemente do capítulo anterior, centrado nas taxas de empreendedorismo, a análise aqui volta-se à composição interna do grupo de empreendedores, permitindo compreender como se distribuem características como sexo, idade, escolaridade, renda familiar e cor/raça entre aqueles envolvidos na criação ou condução de negócios. Os resultados referem-se à distribuição das características dentro do próprio grupo de empreendedores, e não às taxas calculadas sobre o total da população.

O retrato dos empreendedores

Diferentemente do que foi feito com as taxas, na obtenção do retrato dos empreendedores, calcula-se o ***percentual de cada estrato na composição de cada grupo*** de empreendedores (nascentes, novos ou estabelecidos) com a soma dos percentuais dos estratos, totalizando 100%.

Os percentuais (ou proporções) mostrados fazem referência a um determinado estrato (por exemplo, sexo feminino) sobre o total do grupo em questão (por exemplo, empreendedores nascentes). Todas as análises, descrições e comparações são feitas considerando-se exclusivamente os indivíduos classificados como empreendedores, sejam eles nascentes, novos ou estabelecidos. Portanto, esses percentuais têm significado diferente dos percentuais da seção anterior, chamados de taxas, que apontam a proporção de pessoas em atividades empreendedoras na população adulta.

A **Figura 3.1** apresenta a estimativa da quantidade de empreendedores brasileiros nos diferentes estágios do negócio em 2025, permitindo dimensionar a magnitude da atividade empreendedora no país. Considerando as duas faixas etárias (18 a 64 anos e 65 a 74 anos), são 12,7 milhões de empreendedores nascentes, 16,1 milhões de empreendedores novos e 19,6 milhões de empreendedores estabelecidos. Em conjunto, esses resultados reforçam a elevada dimensão do empreendedorismo brasileiro e indicam que, à medida que os negócios amadurecem, aumenta o contingente de empreendedores que conseguem alcançar estágios mais consolidados da atividade empreendedora.

Estimativa do número de empreendedores de 65 a 74 anos

Considerando a nova faixa etária incorporada ao estudo, entre 65 e 74 anos, estimam-se ainda cerca de 0,4 milhão de empreendedores nascentes, 1,2 milhão de empreendedores novos e 2,4 milhões de empreendedores estabelecidos, evidenciando a presença relevante do empreendedorismo também entre os grupos etários mais avançados.

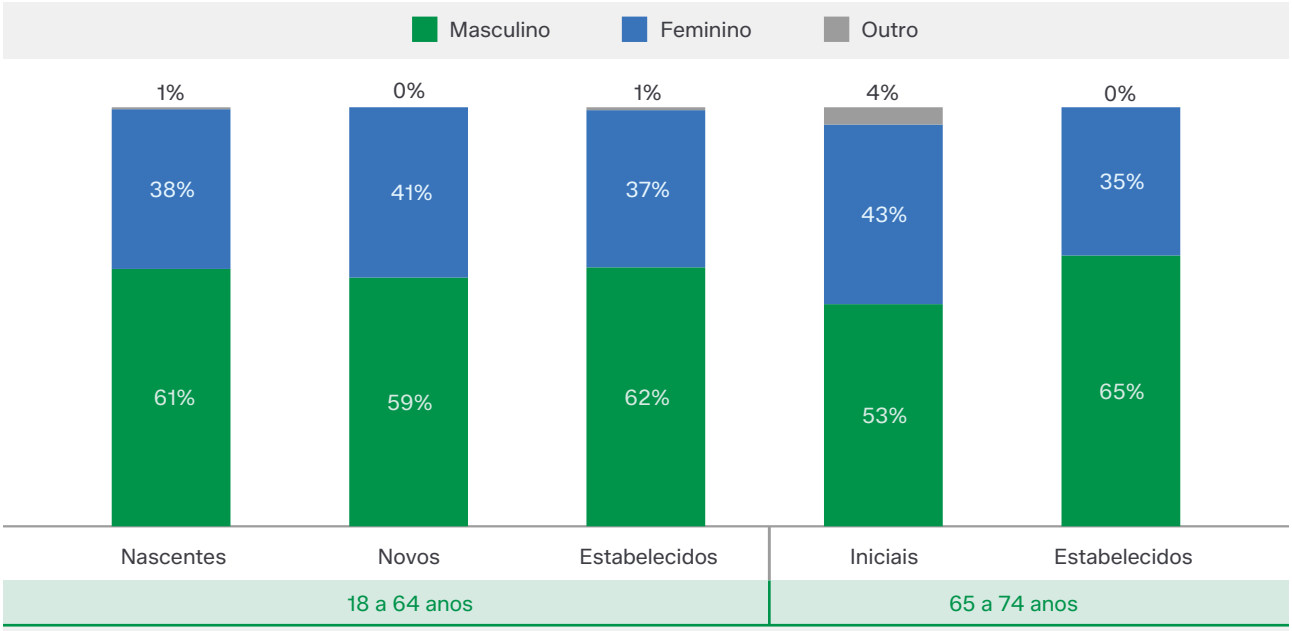
Figura 3.1 Estimativa[1] da quantidade de empreendedores nascentes, novos e estabelecidos – Brasil – 2025

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Estimativas calculadas a partir das taxas de empreendedorismo (Tabela 2.1) e dados da população brasileira de 18 a 64 anos (138,4 milhões) e, 65 a 74 anos (14,1 milhões). Fonte: IBGE/Diretoria de Pesquisas. Projeção da população do Brasil e Unidades da Federação por sexo e idade para o período 2000-2070 (ano 2025).

3.1 O perfil dos empreendedores

O **Gráfico 3.1** mostra a distribuição percentual dos empreendedores brasileiros segundo o sexo e o estágio do empreendimento. Entre a população de 18 a 64 anos, observa-se predominância masculina em todos os estágios do negócio: os homens representam 61% dos empreendedores nascentes, 59% dos empreendedores novos e 62% dos empreendedores estabelecidos, enquanto as mulheres correspondem a 38%, 41% e 37%, respectivamente.

Gráfico 3.1 Distribuição percentual dos empreendedores[1] nascentes, novos, iniciais e estabelecidos segundo o sexo – Brasil – 2025



Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos e de 65 a 74 anos.

Os resultados indicam que, em 2025, é praticamente constante a participação feminina nos três estágios de desenvolvimento do negócio, ou seja, na faixa etária de 18 a 64 anos o empreendedorismo brasileiro é composto por aproximadamente 40% de mulheres.

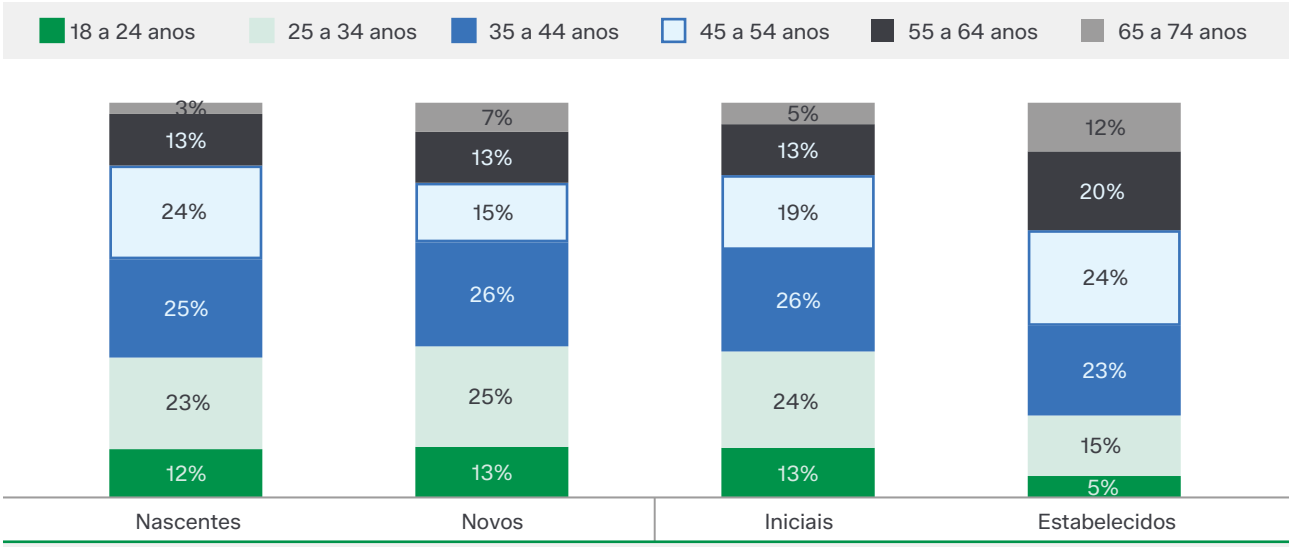
Perfil dos empreendedores de 65 aos 74 anos segundo sexo

Na nova faixa etária incorporada ao estudo, de 65 a 74 anos, os resultados são apresentados para os estágios inicial (TEA) e estabelecido (EBO), e não diferem de forma relevante do observado na outra faixa etária, com os homens correspondendo a 53% dos empreendedores iniciais e 65% dos estabelecidos, ao passo que as mulheres representam 43% e 35%, respectivamente.

Para as empreendedoras na faixa etária de 65 a 74 anos, a diminuição é de 8 p.p. quando se compara a proporção de iniciais com estabelecidas. Contudo, chama a atenção a participação delas no empreendedorismo inicial (43%), pois representa o maior percentual, considerando todos os estágios e faixas etárias (**Gráfico 3.1**).

O **Gráfico 3.2** apresenta a distribuição percentual dos empreendedores brasileiros segundo a faixa etária e o estágio do empreendimento. Observa-se que a atividade empreendedora nos estágios iniciais se concentra principalmente nas faixas etárias intermediárias, com maior participação dos indivíduos entre 25 e 34 anos e 35 e 44 anos, que, em conjunto, representam 48% dos empreendedores nascentes, 51% dos empreendedores novos e 50% dos empreendedores iniciais. Esse padrão indica que a decisão de empreender ocorre com maior intensidade nas fases de maior inserção produtiva da população, período normalmente associado à consolidação da trajetória profissional e à busca por autonomia econômica.

Gráfico 3.2 Distribuição percentual dos empreendedores[1] nascentes, novos, iniciais e estabelecidos de 18 a 74 anos segundo a faixa etária – Brasil – 2025



Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 74 anos.

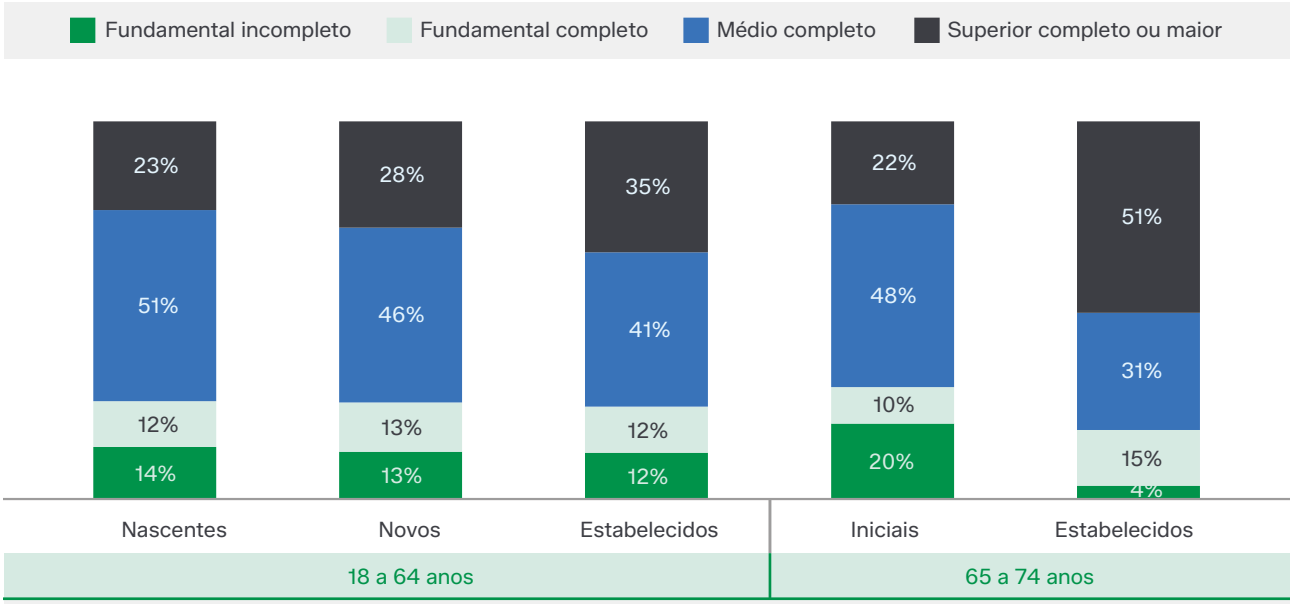
Entre os empreendedores estabelecidos, observa-se aumento da participação relativa das faixas etárias mais elevadas em comparação aos estágios iniciais do empreendedorismo. As faixas de 45 a 54 anos e 55 a 64 anos representam 44% dos empreendedores estabelecidos, percentual superior ao observado entre os novos (28%), e os nascentes (37%) e na agregação desses dois tipos na categoria dos iniciais (32%) nessas mesmas faixas etárias. Esse resultado sugere que parte relevante dos negócios iniciados nas idades centrais permanece em operação ao longo do tempo, alcançando estágios mais consolidados da atividade empreendedora.

Participação dos empreendedores de 65 aos 74 anos no Brasil

A faixa etária de 65 a 74 anos apresenta participação em todos os estágios do empreendedorismo, ainda que em menor proporção relativa, nos empreendedores nascentes, novos e iniciais, 3%, 7% e 5%, respectivamente. A maior presença relativa entre os empreendedores estabelecidos (12%) indica que, nesse grupo etário, o empreendedorismo está mais associado à continuidade de negócios ao longo do tempo do que à entrada recente em novas iniciativas, evidenciando seu papel também como forma de permanência produtiva e geração de renda em idades mais avançadas. Os empreendedores de maior idade, somando-se os percentuais das faixas etárias entre 45 e 74 anos representam 56% dos estabelecidos.

O **Gráfico 3.3** apresenta a distribuição percentual dos empreendedores brasileiros segundo o nível de escolaridade e o estágio do empreendimento. Assim como nos gráficos anteriores, os dados referentes aos empreendedores nascentes, novos e estabelecidos correspondem à população de 18 a 64 anos, enquanto, para a faixa etária de 65 a 74 anos, são apresentados os empreendedores iniciais e estabelecidos.

Gráfico 3.3 Distribuição percentual dos empreendedores[1] nascentes, novos, iniciais e estabelecidos segundo a escolaridade[2] – Brasil – 2025



Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos e de 65 a 74 anos.
[2] Fundamental incompleto = Nenhuma educação formal e Ensino Fundamental incompleto; Fundamental completo = Ensino Fundamental completo e Ensino Médio incompleto; Médio completo = Ensino Médio completo e Superior incompleto; Superior completo ou maior = Superior completo, Especialização incompleta e completa, Mestrado incompleto e completo, Doutorado incompleto e completo.

Entre os empreendedores de 18 a 64 anos, observa-se predominância do ensino médio completo nos estágios iniciais do empreendedorismo, concentrando 51% dos empreendedores nascentes e 46% dos novos, além de 41% entre os estabelecidos. Esse resultado indica que a entrada na atividade empreendedora ocorre majoritariamente entre indivíduos com escolaridade intermediária. Em contraste, a participação relativa dos empreendedores com ensino superior completo ou mais aumenta à medida que o negócio se consolida, passando de 23% entre os nascentes para 28% entre os novos e alcançando 35% entre os estabelecidos, sugerindo associação entre maior escolaridade e maior permanência na atividade empreendedora.

Nos níveis mais baixos de escolaridade, a participação relativa mostra menor variação entre os estágios. Empreendedores com fundamental incompleto representam 14% dos nascentes, 13% dos novos e 12% dos estabelecidos, enquanto

aqueles com fundamental completo correspondem a 12%, 13% e 12%, respectivamente. Esses valores indicam que, embora o empreendedorismo esteja presente em todos os níveis educacionais, sua permanência tende a ser relativamente menor entre os grupos de menor escolaridade.

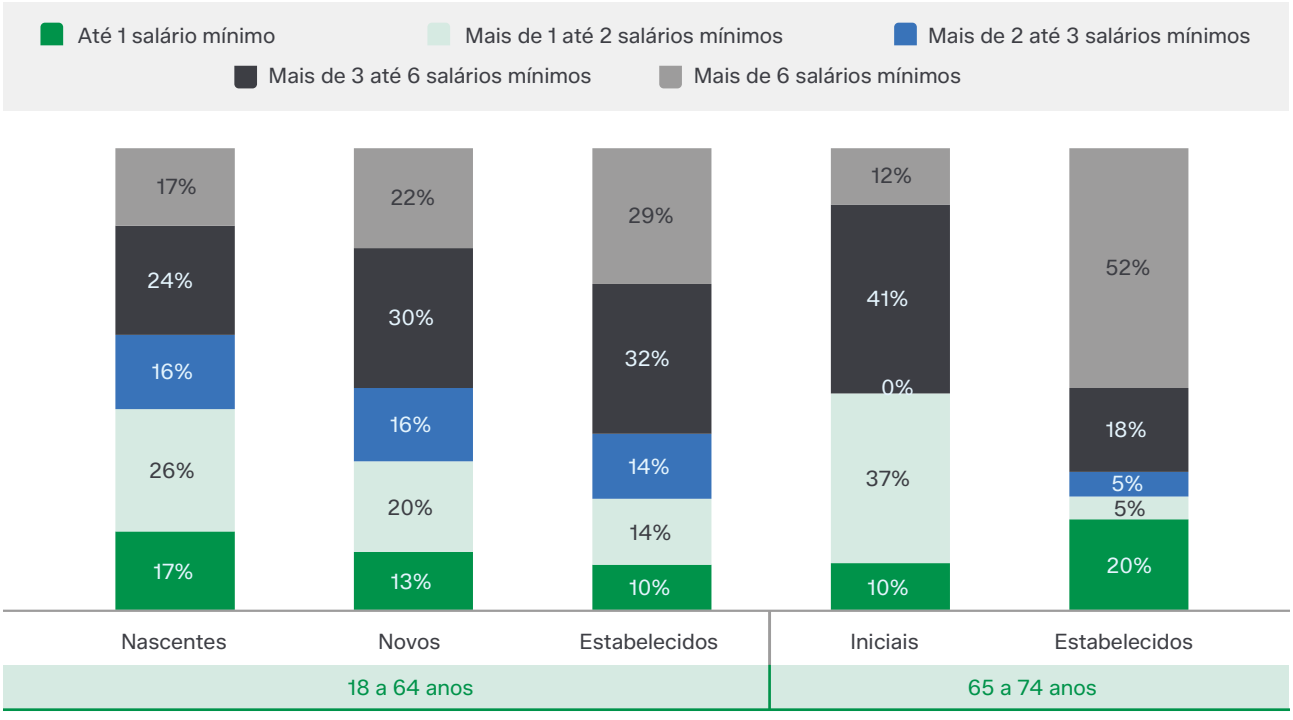
Perfil dos empreendedores de 65 aos 74 anos segundo a escolaridade

Entre os empreendedores estabelecidos da faixa etária de 65 a 74 anos, mais da metade (51%) deles possuem ensino superior completo, contra 22% no estágio inicial. Nessa faixa etária, no que diz respeito à escolaridade com ensino médio completo, há uma maior presença no estágio inicial (48%) em comparação ao estágio estabelecido (31%). Esse resultado sugere que, entre os empreendedores mais seniores, a continuidade dos negócios está mais associada a trajetórias com maior acúmulo de capital intelectual ao longo da vida profissional.

Nos níveis mais baixos de escolaridade, a faixa etária de 65 a 74 anos, chama atenção pois apenas 4% dos empreendedores estabelecidos não possuem o ensino fundamental completo, enquanto entre os empreendedores iniciais essa representação alcança 20%, sugerindo que parcela expressiva se lança ao empreendedorismo sem o "ferramental" de conhecimentos formais adequados (**Gráfico 3.3**).

O **Gráfico 3.4** apresenta a distribuição percentual dos empreendedores brasileiros segundo a renda familiar e o estágio do empreendimento. Entre os empreendedores de 18 a 64 anos, observa-se que as maiores participações são diferentes para os nascentes em relação aos novos e estabelecidos. No empreendedorismo nascente, destacam-se 26% dos indivíduos com renda na categoria "mais de 1 e até 2 salários mínimos" e 24% na faixa "mais de 3 e até 6 salários mínimos". Entre os empreendedores novos e estabelecidos, o padrão revela maior participação concentrada nas duas faixas superiores de renda, que somam 52% dos empreendedores novos – sendo 30% na faixa "mais de 3 até 6 salários mínimos" e 22% na faixa "mais de 6 salários mínimos" – e 61% entre os estabelecidos, com participações de 32% e 29%, respectivamente. Esta diferença pode ser explicada pelo próprio fato de que empreendedores nascentes encontram-se nos primeiros momentos de seus empreendimentos em que, muitas vezes, as possibilidades de geração de renda são menores quando comparadas com os empreendedores novos e, especialmente, os estabelecidos.

Gráfico 3.4 Distribuição percentual dos empreendedores[1] nascentes, novos, iniciais e estabelecidos segundo a renda familiar – Brasil – 2025



Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos e de 65 a 74 anos.

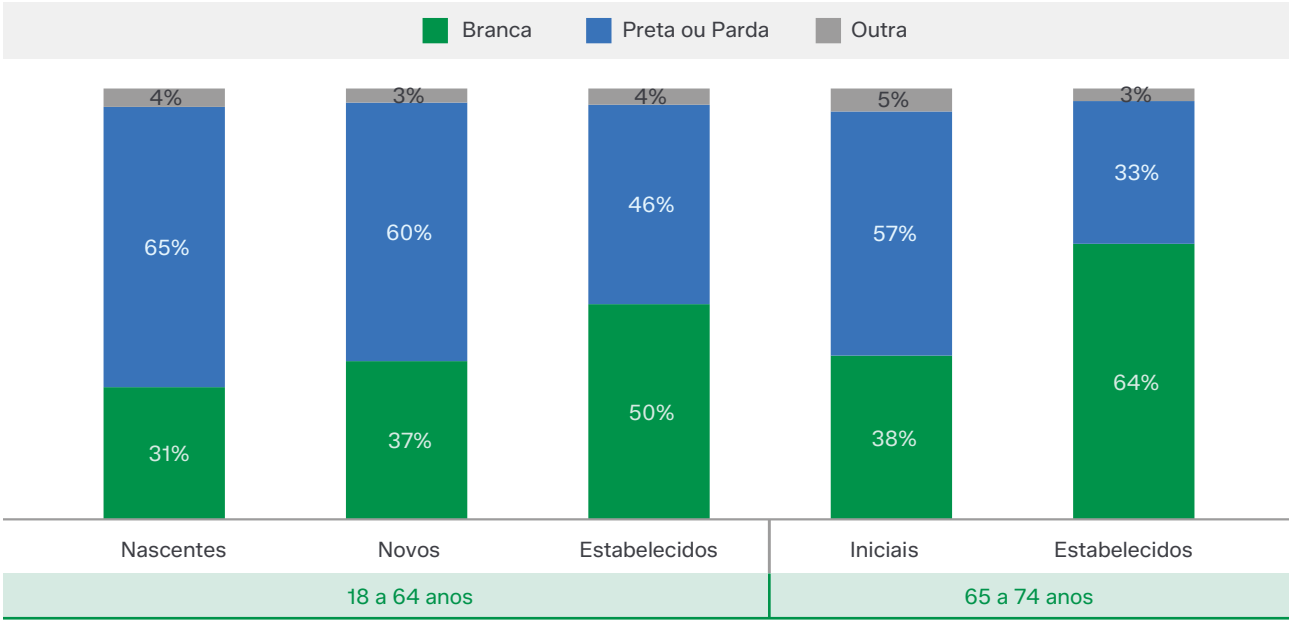
Perfil dos empreendedores de 65 aos 74 anos segundo a renda familiar

Na faixa etária de 65 a 74 anos, observa-se padrão distinto em relação ao grupo mais jovem. Entre os empreendedores iniciais, a maior participação concentra-se nas faixas intermediárias de renda, com destaque para a categoria "mais de 3 até 6 salários mínimos" (41%) e, em menor medida, para a categoria "mais de 1 até 2 salários mínimos" (37%). Já entre os empreendedores estabelecidos desse grupo etário, verifica-se forte concentração nas faixas de renda mais elevadas, com 52% situados na categoria "mais de 6 salários mínimos" e 18% na categoria "mais de 3 até 6 salários mínimos". Esse resultado sugere que, entre os empreendedores mais seniores, a continuidade dos negócios está mais associada a níveis mais elevados de renda familiar, indicando maior capacidade de sustentação e permanência da atividade empreendedora ao longo do tempo (**Gráfico 3.4**).

No entanto, nessa faixa etária, chama a atenção que na menor faixa de renda (até 1 salário mínimo), os empreendedores iniciais representam 10% e os estabelecidos 20%. Talvez, isto se explique pela dificuldade que pessoas mais idosas têm para encontrar oportunidades de inserção em ocupações formais em idades mais avançadas, especialmente as de menor nível educacional, usualmente associadas a menor nível de renda, conforme dados da PNAD Contínua do IBGE[17].

O **Gráfico 3.5** apresenta a distribuição percentual dos empreendedores brasileiros segundo cor/raça e estágio do empreendimento. Entre os empreendedores de 18 a 64 anos, observa-se predominância da população preta ou parda nos estágios iniciais do empreendedorismo, representando 65% dos empreendedores nascentes e 60% dos novos. Entre os empreendedores estabelecidos, contudo, a participação relativa da população branca torna-se majoritária, alcançando 50%, enquanto pretos ou pardos representam 46%. A categoria "outra" mantém participação reduzida em todos os estágios, variando entre 3% e 4%. Esta diferença sugere que possa haver barreiras de diferentes tipos, estruturais e pessoais, que dificultam aos empreendedores pretos ou pardos desenvolverem seus empreendimentos no mercado.

Gráfico 3.5 Distribuição percentual dos empreendedores[1] nascentes, novos, iniciais e estabelecidos segundo a cor/raça – Brasil – 2025



Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos e de 65 a 74 anos.

[17] Fonte: IBGE. PNAD Contínua: Características adicionais do mercado de trabalho 2024. Ver página 9. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102236_informativo.pdf. Acesso em: 17/02/2026.

Perfil dos empreendedores de 65 aos 74 anos segundo a cor/raça

Na faixa etária de 65 a 74 anos, o padrão apresenta diferenças mais acentuadas. Entre os empreendedores iniciais, a população preta ou parda corresponde a 57%, enquanto os empreendedores brancos representam 38%. Já entre os empreendedores estabelecidos desse grupo etário, observa-se forte predominância da população branca, com 64% de participação, ao passo que pretos ou pardos correspondem a 33% (**Gráfico 3.5**).

Esse resultado sugere que, embora o ingresso na atividade empreendedora ocorra de forma mais intensa entre pretos ou pardos, a permanência e consolidação dos negócios ao longo do tempo mostram maior presença relativa entre empreendedores brancos, indicando diferenças estruturais associadas às trajetórias de acumulação de recursos, oportunidades e condições de continuidade dos empreendimentos.

3.2 Situação Laboral dos Empreendedores

Esta seção analisa a situação laboral dos empreendedores brasileiros, considerando a forma como a atividade empreendedora se relaciona com outras condições de inserção no mercado de trabalho. A situação laboral distingue entre empreendedores que têm o negócio como atividade principal e aqueles que conciliam o empreendedorismo com outras ocupações, permitindo compreender o papel do empreendedorismo como fonte principal ou complementar de renda.

A **Tabela 3.1** apresenta a distribuição percentual da situação laboral dos empreendedores brasileiros segundo o estágio do empreendimento e a faixa etária. Entre os empreendedores de 18 a 64 anos, observa-se predominância da condição de empreendedor como principal ocupação, especialmente entre os empreendedores estabelecidos, para os quais essa proporção atinge 98,6%, e entre os novos, com 94,2%, indicando elevado grau de dedicação exclusiva ao negócio à medida que o empreendimento avança em seu ciclo de desenvolvimento. Entre os empreendedores nascentes, essa proporção é menor (78,2%), refletindo a presença mais significativa de indivíduos que ainda conciliam o início do negócio com outras formas de inserção laboral, principalmente o "trabalho em tempo integral" (8%) ou o desemprego (5,3%).

Tabela 3.1 Distribuição percentual[1] da situação laboral dos empreendedores – Brasil – 2025

Situação Laboral	Percentual de empreendedores (%)					
	18 a 64 anos				65 a 74 anos	
	Iniciais			Estabelecidos	Total (iniciais)	Estabelecidos
	Nascentes	Novos	Total (iniciais)			
Empreendedor	78,2	94,2	86,8	98,6	95,4	100,0
Trabalha em tempo integral	8,0	3,2	5,4	1,1	0,0	0,0
Desempregado(a)	5,3	0,5	2,7	0,0	0,0	0,0
Dono(a) de casa	3,6	0,5	2,0	0,0	0,0	0,0
Trabalha em tempo parcial	2,3	0,9	1,6	0,3	0,0	0,0
Aposentado(a)	0,5	0,7	0,6	0,0	4,6	0,0
Outras	2,0	0,0	0,9	0,0	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos e de 65 a 74 anos.

Situação laboral dos empreendedores na faixa etária específica dos 65 aos 74 anos

Na faixa etária de 65 a 74 anos, observa-se padrão distinto. Entre os empreendedores iniciais, 95,4% declararam ter o próprio negócio como principal ocupação, percentual que alcança 100% entre os empreendedores estabelecidos, indicando elevada centralidade do empreendimento como forma de permanência produtiva nesse grupo etário. A presença de aposentados aparece de forma mais relevante entre os empreendedores iniciais (4,6%), sugerindo que, para parte desse grupo, o empreendedorismo pode assumir papel complementar à renda previdenciária ou representar alternativa de continuidade da atividade econômica após a aposentadoria (**Tabela 3.1**).

Em conjunto, os resultados indicam que, independentemente da faixa etária, a atividade empreendedora tende a se tornar progressivamente a principal ocupação dos indivíduos à medida que o negócio avança para estágios mais consolidados, reduzindo a coexistência com outras formas de inserção laboral.

3.3 Perfil dos empreendedores potenciais

Esta subseção apresenta o perfil dos empreendedores potenciais, ou seja, dos indivíduos que manifestam intenção de iniciar um negócio nos próximos anos, mas que ainda não estão envolvidos em atividades empreendedoras em estágio inicial ou estabelecido. Esse grupo representa um indicador relevante para a compreensão da dinâmica futura do empreendedorismo, pois sinaliza o contingente de pessoas que pode vir a ingressar na atividade empreendedora, permitindo identificar características sociodemográficas associadas à intenção de empreender no Brasil.

Empreendedores potenciais

Todos os respondentes da pesquisa responderam à pergunta: "Nos próximos três anos você espera iniciar – sozinho ou com outras pessoas – um novo negócio ou algum tipo de atividade como autônomo ou por conta própria?" Desse modo, todas as pessoas entrevistadas, já envolvidas com um empreendimento, em quaisquer de seus estágios (nascente, novo ou estabelecido), ou as que ainda não estivessem, responderam a esta questão, sinalizando uma de três alternativas: "sim", "não" ou "não sabe".

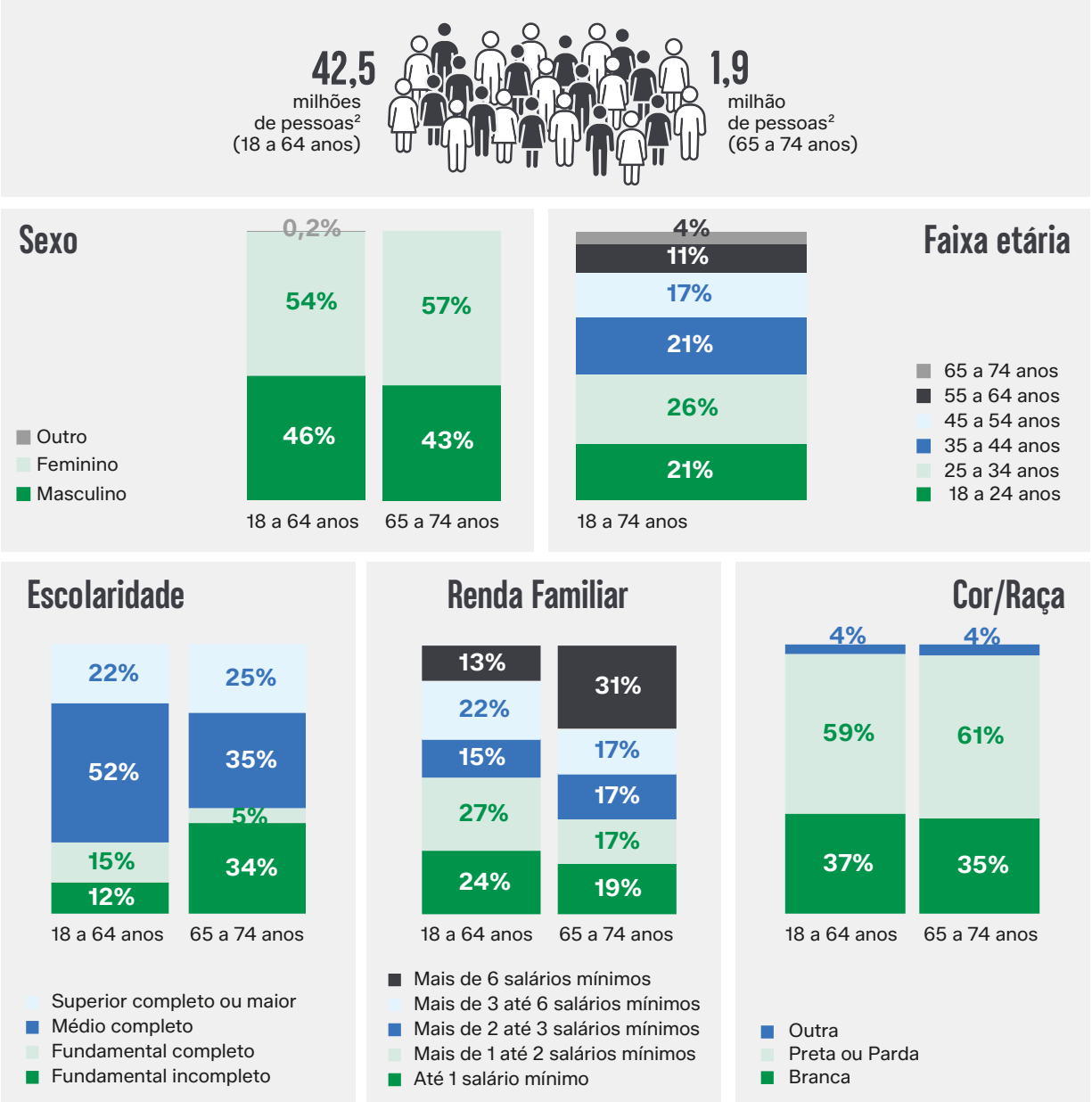
Portanto, para aqueles que já estão envolvidos com atividade empreendedora, deve-se entender a resposta como a intenção ou não desta pessoa de empreender novamente, nos próximos três anos.

Porém, a taxa de empreendedores potenciais calculada pelo consórcio GEM somente considera o percentual da população adulta não empreendedora que respondeu "sim" à questão apresentada, ou seja, nesse cálculo são excluídos os indivíduos já classificados como empreendedores, sejam eles nascentes, novos ou estabelecidos.

A **Figura 3.2** apresenta a distribuição percentual dos empreendedores potenciais brasileiros segundo características sociodemográficas, considerando a população de 18 a 74 anos. Em termos absolutos, estima-se que, em 2025, aproximadamente 42,5 milhões de pessoas entre 18 e 64 anos e 1,9 milhão entre 65 e 74 anos manifestaram intenção de iniciar um negócio nos próximos anos, totalizando 44,4 milhões de potenciais empreendedores. Esses números evidenciam a dimensão expressiva do contingente potencialmente ingressante na atividade empreendedora no país.

No recorte por *sexo*, observa-se predominância feminina entre os empreendedores potenciais em ambas as faixas etárias, correspondendo a 54% entre 18 e 64 anos e 57% entre 65 e 74 anos, enquanto os homens representam 46% e 43%, respectivamente. Esse resultado sugere que a intenção de empreender permanece relativamente mais elevada entre as mulheres, especialmente entre os grupos etários mais avançados.

Figura 3.2 Distribuição percentual dos empreendedores[1] potenciais de 18 a 74 anos por características sociodemográficas – Brasil – 2025



Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores potenciais de 18 a 64 e de 65 a 74 anos.
[2] Estimativas calculadas a partir das taxas de empreendedorismo potencial (Tabela 2.3) e de dados da população brasileira não empreendedora de 18 a 64 anos (94,6 milhões) e de 65 a 74 anos (10,1 milhões). Fonte: IBGE/Diretoria de Pesquisas. Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação por sexo e idade para o período de 2000 a 2070 (ano 2025).

Quanto à distribuição *por faixa etária*, conforme apresentado na **Figura 3.2**, 68% dos empreendedores potenciais se concentram em indivíduos que representam as fases iniciais e intermediárias da vida profissional, ou seja, até os 44 anos. A participação reduz-se progressivamente nas três faixas etárias subsequentes mais elevadas, sendo de 17%, 11% e 4%, respectivamente, o que é consistente com o menor interesse de envolvimento em novas iniciativas de negócio à medida que aumenta a idade.

Em relação à *escolaridade*, entre os empreendedores potenciais de 18 a 64 anos observa-se predominância de indivíduos com ensino médio completo (52%), seguidos pelos que possuem ensino superior completo ou mais (22%). Já na faixa de 65 a 74 anos, o perfil apresenta maior concentração relativa entre indivíduos com fundamental incompleto (34%) e ensino médio completo (35%), indicando composição educacional distinta entre os grupos etários. Esse resultado é compatível com evidências do mercado de trabalho brasileiro

observadas na PNAD Contínua do IBGE[18], segundo as quais trabalhadores por conta própria apresentam participação relativamente mais elevada entre indivíduos com menor escolaridade, refletindo, em parte, a redução das oportunidades de inserção em ocupações formais em idades mais avançadas e níveis educacionais mais baixos.

Em relação à *renda familiar*, observa-se que, entre os empreendedores potenciais de 18 a 64 anos, a maior participação relativa concentra-se nas faixas de renda mais baixas e intermediárias, com destaque para os indivíduos com renda de "mais de 1 até 2 salários mínimos" (27%) e "até 1 salário mínimo" (24%). À medida que a renda aumenta, a participação relativa diminui, atingindo 13% entre aqueles com renda superior a "mais de 6 salários mínimos".

Já na faixa etária de 65 a 74 anos, observa-se distribuição distinta, com maior participação relativa entre indivíduos com renda mais elevada, sendo 31% na faixa de "mais de 6 salários mínimos". Esse resultado sugere que, entre os mais jovens, a intenção empreendedora está mais associada à busca por alternativas de geração de renda, enquanto, entre os mais seniores, tende a ocorrer em contextos de maior estabilidade econômica.

Quanto à distribuição por *cor/raça*, os dados indicam predominância de indivíduos pretos ou pardos entre os empreendedores potenciais, representando 59% na faixa de 18 a 64 anos e 61% entre aqueles de 65 a 74 anos. A participação de indivíduos brancos corresponde a 37% e 35%, respectivamente, enquanto as demais categorias representam cerca de 4% em ambos os grupos etários. Esse padrão é consistente com a própria composição demográfica da população brasileira e indica que a intenção empreendedora se encontra amplamente disseminada entre diferentes grupos raciais, refletindo o papel do empreendedorismo como alternativa de inserção produtiva e geração de renda em distintos segmentos da sociedade.

Por fim, a **Tabela 3.2** apresenta a distribuição percentual da situação laboral dos empreendedores potenciais em comparação com a população total, permitindo identificar diferenças relevantes entre aqueles que manifestam intenção de empreender e o conjunto da população. Entre os indivíduos de 18 a 64 anos, observa-se maior concentração de empreendedores potenciais entre aqueles que trabalham em tempo integral, correspondendo a 49,6%, percentual significativamente superior ao observado na população em geral (33,3%). Também se destaca a maior participação relativa de desempregados (17,9%, frente a 10,9% na população) e de estudantes (7%, ante 4,8%), sugerindo que a intenção empreendedora está associada tanto à busca por alternativas de inserção produtiva quanto a momentos de transição na trajetória ocupacional.

Tabela 3.2 Distribuição percentual da situação laboral dos empreendedores potenciais e população[1] – Brasil – 2025

Situação Laboral	Percentual de empreendedores (%)			
	18 a 64 anos		65 a 74 anos	
	Empreendedores Potenciais	População	Empreendedores Potenciais	População
Trabalha em tempo integral	49,6	33,3	17,0	5,4
Desempregado(a)	17,9	10,9	0,0	2,2
Trabalha em tempo parcial	9,7	6,6	6,9	0,9
Dono(a) de casa	9,6	8,1	14,0	6,7
Estudante	7,0	4,8	0,0	0,0
Aposentado(a)	3,1	4,1	56,9	54,2
Empreendedor	0,0	30,1	0,0	27,7
Outra	3,0	2,0	5,3	2,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual da população de 18 a 64 anos e de 65 a 74 anos.

[18] Fonte: IBGE. PNAD Contínua: Características adicionais do mercado de trabalho 2024. Ver página 9. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102236_informativo.pdf. Acesso em: 17/02/2026.

Situação laboral dos empreendedores potenciais na faixa específica de 65 a 74 anos

Na faixa etária de 65 a 74 anos, o perfil reflete a própria estrutura ocupacional desse grupo. A maioria dos empreendedores potenciais encontra-se aposentada (56,9%), proporção próxima à observada na população total (54,2%), indicando que a intenção de empreender nesse grupo etário ocorre predominantemente após a saída do mercado de trabalho formal. Ainda assim, observa-se participação relativamente mais elevada entre aqueles que trabalham em tempo integral (17%, frente a 5,4% na população), sugerindo que parte desse grupo mantém vínculo ativo com atividades econômicas mesmo em idades mais avançadas. A intenção de empreender nessa condição revela o desejo de continuidade de atuação produtiva em condições mais autônomas (**Tabela 3.2**).

Em conjunto, os resultados indicam que os empreendedores potenciais apresentam perfil ocupacional distinto da população em geral, caracterizado por maior presença entre indivíduos economicamente ativos ou em situações de transição laboral. Esse padrão reforça a interpretação do empreendedorismo potencial como indicador de movimentos futuros de entrada na atividade empreendedora, associados tanto à busca por autonomia econômica quanto à adaptação a mudanças nas condições de inserção no mercado de trabalho.

3.4 Motivações para empreender – Brasil e mundo

Esta subseção analisa as motivações que levam os indivíduos a iniciar um negócio, considerando tanto o contexto brasileiro quanto a comparação internacional. A abordagem mais recente da pesquisa GEM amplia a tradicional distinção entre empreendedorismo por oportunidade e por necessidade, incorporando a análise de múltiplas motivações associadas à decisão de empreender. Essa perspectiva permite compreender de forma mais abrangente os fatores que influenciam a criação de novos negócios, considerando desde objetivos econômicos e de realização pessoal até razões associadas à escassez de oportunidades de trabalho.

Indicadores da motivação para empreender

Desde a sua criação, o GEM distingue a motivação para a atividade empreendedora em duas categorias: oportunidade (identificação de uma oportunidade de negócio a ser aproveitada) ou necessidade (garantia de subsistência). Entretanto, existe um reconhecimento que essa dicotomia não reflete bem as nuances das motivações para a criação dos negócios. Assim sendo, a pesquisa GEM Global, a partir de 2019, passa a incluir questões capazes de captar múltiplas motivações.

Dessa forma, os empreendedores podem se posicionar em uma escala de concordância Likert (cinco pontos) diante de quatro afirmações que representam as diferentes motivações consideradas na pesquisa: (i) para fazer a diferença no mundo; (ii) para construir uma grande riqueza ou renda muito alta; (iii) para continuar uma tradição familiar; e, por fim, (iv) para ganhar a vida porque os empregos são escassos.

No Brasil, embora seja considerado esse aprimoramento na metodologia internacional, com o objetivo de dar continuidade à série histórica obtida, ainda foi mantida a coleta dos dados que permite o cálculo dos indicadores de necessidade e oportunidade (dicotômica).

3.4.1. Motivação da população para empreender – oportunidade ou necessidade

A **Tabela 3.3** apresenta as taxas e a distribuição percentual dos empreendedores iniciais segundo a motivação para empreender — oportunidade ou necessidade. Entre a população de 18 a 64 anos, observa-se que o empreendedorismo por oportunidade permanece predominante, correspondendo a 55% dos empreendedores iniciais, enquanto o empreendedorismo por

necessidade representa 42%. Em termos de taxa sobre a população, o empreendedorismo inicial por oportunidade alcança 10,6%, frente a 8,1% por necessidade. Entre os empreendedores novos, a predominância da oportunidade é ainda mais evidente (59,5%), ao passo que entre os nascentes observa-se maior equilíbrio entre as motivações (49,3% por oportunidade e 47,4% por necessidade).

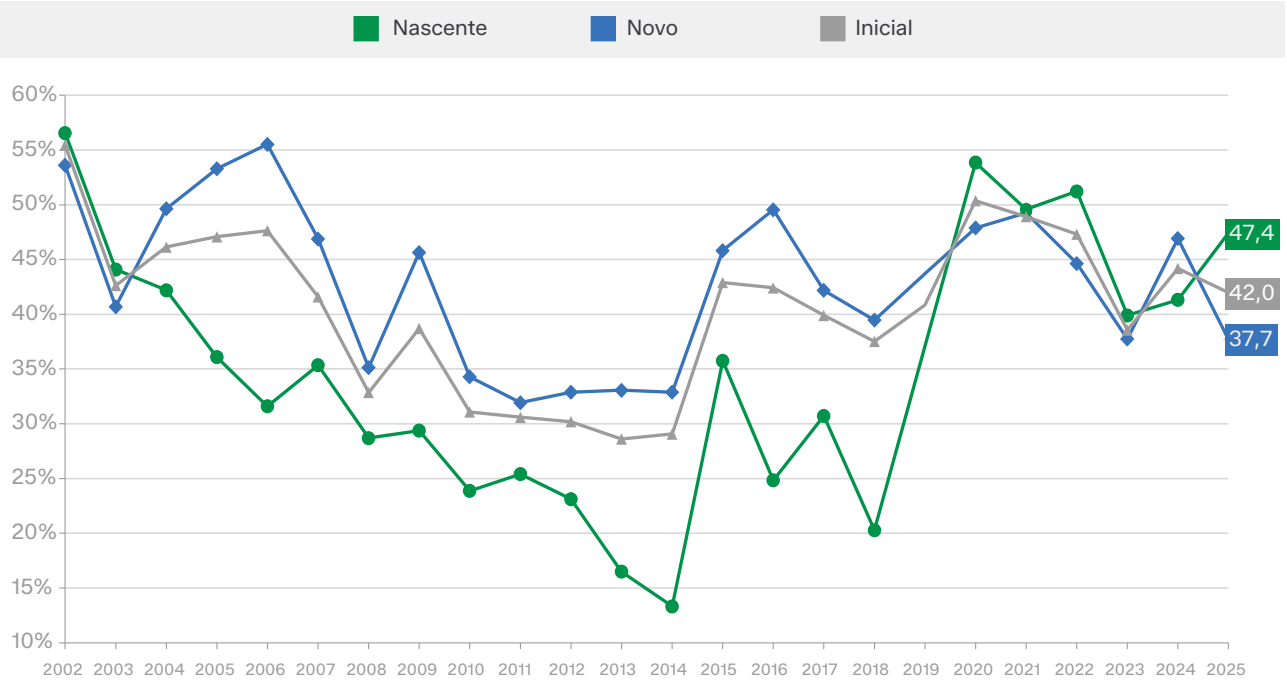
Tabela 3.3 Taxas[1] e percentual de empreendedores iniciais (nascentes e novos) por oportunidade e necessidade – Brasil – 2025

Estágio		18 a 64 anos		65 a 74 anos	
		Oportunidade	Necessidade	Oportunidade	Necessidade
Percentual sobre a população - taxa (%)	Empreendedores iniciais (TEA)	10,6	8,1	6,4	3,3
	Nascentes	4,3	4,2	-	-
	Novos	6,4	4,0	-	-
Percentual sobre os empreendedores[2] (%)	Empreendedores iniciais	55,0	42,0	62,9	32,5
	Nascentes	49,3	47,4	-	-
	Novos	59,5	37,7	-	-

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual da população de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos.
[2] A soma pode não totalizar 100%, pois em alguns empreendimentos não é possível distinguir a motivação para empreender.

A análise da evolução temporal apresentada no **Gráfico 3.6** evidencia mudanças importantes na participação do empreendedorismo por necessidade ao longo do tempo, considerando de forma agregada as três categorias que compõem o empreendedorismo inicial — nascentes, novos e o total de empreendedores iniciais. Após um período de queda gradual entre 2002 e 2014, quando a proporção de empreendedores iniciais por necessidade atingiu níveis próximos a 30%, observa-se aumento significativo a partir de 2015 e, sobretudo, durante os anos da pandemia, quando essa proporção alcançou 50,4% em 2020 e permaneceu elevada em 2021 (48,9%) e 2022 (47,3%). Nos anos mais recentes, verifica-se redução relativa dessa motivação, atingindo 42% em 2025, sinalizando um movimento de recomposição do empreendedorismo associado à identificação de oportunidades econômicas, ainda que em patamar superior ao observado no período anterior à crise sanitária. Especificamente em 2025, observa-se diferença de cerca de 10 pontos percentuais entre os empreendedores nascentes (47,4%) e os novos (37,7%), indicando maior presença relativa da motivação por necessidade nas fases mais iniciais do processo empreendedor.

Gráfico 3.6 Evolução do empreendedorismo por necessidade como proporção da taxa de empreendedorismo inicial (nascente e novo) – Brasil – 2002:2018 e 2020:2025



Fonte: GEM Brasil 2002 a 2018 e 2020 a 2025
Nota.: No ano de 2019 não foi realizada a coleta desse dado.

A **Tabela 3.4** apresenta a distribuição percentual dos empreendedores iniciais segundo o sexo e a motivação para iniciar um novo negócio. Entre os empreendedores de 18 a 64 anos, observa-se predominância do empreendedorismo por oportunidade tanto entre os homens (57,5%) quanto entre as mulheres (50,9%), embora a motivação por necessidade apresente participação relativamente mais elevada entre o público feminino (44,5%) em comparação ao masculino (40,5%).

Tabela 3.4 Percentual dos empreendedores iniciais, por sexo, segundo a motivação para começar um novo negócio – Brasil – 2025

Sexo	Percentual sobre os empreendedores iniciais[1] (%)			
	18 a 64 anos		65 a 74 anos	
	Oportunidade	Necessidade	Oportunidade	Necessidade
Masculino	57,5	40,5	76,0	24,0
Feminino	50,9	44,5	38,5	49,4

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos e de 65 a 74 anos. A soma pode não totalizar 100%, pois em alguns empreendimentos não é possível distinguir a motivação para empreender.

A **Tabela 3.5** apresenta a distribuição percentual dos empreendedores iniciais segundo a faixa etária e a motivação para iniciar um novo negócio. Observa-se que o empreendedorismo por oportunidade predomina nas faixas etárias mais jovens, alcançando 61,1% entre os indivíduos de 18 a 24 anos e 64,5% entre aqueles de 25 a 34 anos, enquanto o empreendedorismo por necessidade representa, respectivamente, 36,3% e 32,1%. Esse padrão sugere maior presença da identificação de oportunidades econômicas nas fases iniciais da vida profissional.

Tabela 3.5 Percentual dos empreendedores iniciais, por faixa etária, segundo a motivação para começar um novo negócio – Brasil – 2025

Faixa etária	Percentual sobre os empreendedores iniciais[1] (%)	
	Oportunidade	Necessidade
18 a 24 anos	61,1	36,3
25 a 34 anos	64,5	32,1
35 a 44 anos	49,3	49,0
45 a 54 anos	54,9	41,4
55 a 64 anos	42,3	53,3
65 a 74 anos	62,9	32,5

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos e de 65 a 74 anos. A soma pode não totalizar 100%, pois em alguns empreendimentos não é possível distinguir a motivação para empreender.

Na faixa de 35 a 44 anos, verifica-se maior equilíbrio entre as motivações, com 49,3% dos empreendedores iniciando seus negócios por oportunidade e 49% por necessidade, indicando coexistência mais intensa entre estratégias de aproveitamento de oportunidades e respostas a condições econômicas ou laborais. A partir dos 55 anos, observa-se inversão desse padrão entre os empreendedores de 55 a 64 anos, faixa em que o empreendedorismo por necessidade passa a predominar (53,3%), superando a motivação por oportunidade (42,3%).

A **Tabela 3.6** apresenta a distribuição percentual dos empreendedores iniciais segundo a escolaridade e a motivação para iniciar um novo negócio. Entre os empreendedores de 18 a 64 anos, observa-se que a motivação por oportunidade cresce à medida que aumenta o nível de escolaridade. Enquanto entre os indivíduos com fundamental incompleto o empreendedorismo por necessidade é predominante (57,7%), superando a motivação por oportunidade (42,3%), entre aqueles com ensino médio completo a situação se inverte, com 57% empreendendo por oportunidade e 39,9% por necessidade. Esse padrão torna-se ainda mais evidente entre os empreendedores com ensino superior completo ou mais, para os quais a motivação por oportunidade alcança 66%, frente a 28,5% por necessidade.

A predominância do empreendedorismo por necessidade entre os empreendedores com menor nível de educação formal pode ser devida às dificuldades de encontrar oportunidades de trabalho formal que as pessoas de menor escolaridade enfrentam.

Tabela 3.6 Percentual dos empreendedores iniciais, por escolaridade[1], segundo a motivação para começar um novo negócio – Brasil – 2025

Escolaridade	Percentual sobre os empreendedores iniciais[1] (%)			
	18 a 64 anos		65 a 74 anos	
	Oportunidade	Necessidade	Oportunidade	Necessidade
Fundamental incompleto	42,3	57,7	76,1	23,9
Fundamental completo	41,3	58,7	0,0	100,0
Médio completo	57,0	39,9	69,3	30,7
Superior completo ou maior	66,0	28,5	78,1	0,0

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Fundamental incompleto = Nenhuma educação formal e Ensino Fundamental incompleto; Fundamental completo = Ensino Fundamental completo e Ensino Médio incompleto; Médio completo = Ensino Médio completo e Superior incompleto; Superior completo ou maior = Superior completo, Especialização incompleta e completa, Mestrado incompleto e completo, Doutorado incompleto e completo.
[2] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos e de 65 a 74 anos. A soma pode não totalizar 100%, pois em alguns empreendimentos não é possível distinguir a motivação para empreender.

A **Tabela 3.7** apresenta a distribuição dos empreendedores iniciais segundo a renda familiar e a motivação para empreender. Entre os empreendedores de 18 a 64 anos, observa-se que o

empreendedorismo por necessidade predomina nas duas categorias de menor renda, até 3 salários mínimos, alcançando percentuais de 61% e 64%. À medida que a renda aumenta, cresce a participação do empreendedorismo por oportunidade, que passa a representar 59,6% entre os indivíduos com renda de "mais de 2 até 3 salários mínimos" e atinge 69,7% nas duas faixas superiores de renda. Esse padrão sugere que melhores condições econômicas estão associadas a maior capacidade de identificação e exploração de oportunidades de negócio, enquanto o empreendedorismo por necessidade permanece mais concentrado entre os segmentos de menor renda.

Tabela 3.7 Percentual dos empreendedores iniciais, por renda familiar, segundo a motivação para começar um novo negócio – Brasil – 2025

Renda familiar	Percentual sobre os empreendedores iniciais[1] (%)			
	18 a 64 anos		65 a 74 anos	
	Oportunidade	Necessidade	Oportunidade	Necessidade
Até 1 salário mínimo	33,0	61,0	49,8	50,2
Mais de 1 até 2 salários mínimos	36,0	64,0	72,5	27,5
Mais de 2 até 3 salários mínimos	59,6	39,0	-	-
Mais de 3 até 6 salários mínimos	69,7	29,4	75,2	12,4
Mais de 6 salários mínimos	69,7	24,8	58,3	41,7

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos e de 65 a 74 anos. A soma pode não totalizar 100%, pois em alguns empreendimentos não é possível distinguir a motivação para empreender.

A **Tabela 3.8** apresenta a distribuição dos empreendedores iniciais segundo a cor/raça e a motivação para empreender. Entre os empreendedores de 18 a 64 anos, observa-se predominância do empreendedorismo por oportunidade entre os indivíduos brancos (63,5%), enquanto entre pretos ou pardos essa proporção é menor (52,8%), acompanhada de maior participação relativa do empreendedorismo por necessidade (44,8%). Esse resultado indica diferenças na forma de inserção empreendedora entre os grupos, sugerindo que restrições estruturais e condições socioeconômicas distintas podem influenciar o peso relativo da necessidade como motivação para iniciar um negócio.

Tabela 3.8 Percentual dos empreendedores iniciais, por cor/raça, segundo a motivação para começar um novo negócio – Brasil – 2025

Cor/raça	Percentual sobre os empreendedores iniciais[1] (%)			
	18 a 64 anos		65 a 74 anos	
	Oportunidade	Necessidade	Oportunidade	Necessidade
Branca	63,5	32,4	49,2	38,1
Preta ou Parda	52,8	44,8	74,3	25,7

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos e de 65 a 74 anos. A soma pode não totalizar 100%, pois em alguns empreendimentos não é possível distinguir a motivação para empreender.

Empreendedorismo por oportunidade ou necessidade para empreendedores iniciais na faixa etária dos 65 aos 74 anos

Na faixa etária de 65 a 74 anos, assim como no grupo etário anterior, de forma geral, é maior presença do empreendedorismo por oportunidade (62,9%), embora a motivação por necessidade ainda represente parcela relevante (32,5%). Nessa faixa etária se encontra o maior percentual de empreendedorismo por oportunidade (**Tabela 3.3 e 3.5).**

Esse resultado sugere que, entre os empreendedores mais seniores que ingressam em novas atividades, a decisão de empreender tende a estar mais associada à autonomia, à continuidade da atividade produtiva ou à exploração de oportunidades percebidas, diferentemente do padrão observado na faixa etária imediatamente anterior.

As diferenças com relação ao sexo do empreendedor tornam-se mais pronunciadas nessa faixa etária (**Tabela 3.4**). Entre os homens, o empreendedorismo por oportunidade alcança 76%, indicando predominância clara dessa motivação. Entre as mulheres, contudo, observa-se inversão desse padrão: a motivação por necessidade representa 49,4%, enquanto o empreendedorismo por oportunidade corresponde a 38,5%. A distância entre esses percentuais evidencia uma diferença relevante na forma de inserção empreendedora entre homens e mulheres nessa faixa etária, sugerindo que, entre as mulheres mais seniores, o empreendedorismo está mais frequentemente associado à geração de renda ou à manutenção da atividade econômica diante de restrições no mercado de trabalho, ao passo que, entre os homens, prevalece a motivação vinculada à identificação de oportunidades.

Entre os mais seniores, observa-se predominância do empreendedorismo por oportunidade na maioria dos níveis educacionais (**Tabela 3.6**). Entre os indivíduos com ensino médio completo, a motivação por oportunidade representa 69,3%, e entre aqueles com ensino superior completo ou mais esse percentual alcança 78,1%, não havendo registros de motivação por necessidade nesse grupo. Entre os indivíduos com fundamental incompleto, também se verifica predominância expressiva da oportunidade (76,1%) em relação à necessidade (23,9%). Chama atenção, entretanto, o resultado observado entre os empreendedores com ensino fundamental completo na faixa etária de 65 a 74 anos, para os quais a motivação registrada foi integralmente associada à necessidade (100%). Esse resultado deve ser interpretado com cautela, uma vez que a desagregação simultânea por faixa etária e escolaridade pode envolver número reduzido de observações, não necessariamente configurando um padrão estrutural do empreendedorismo nesse grupo, mas sim uma característica específica da amostra no período analisado. Contudo, em conjunto, esses resultados sugerem que níveis mais elevados de escolaridade estão associados a maior capacidade de identificação e exploração de oportunidades de negócio, enquanto menores níveis educacionais tendem a apresentar maior associação com o empreendedorismo como alternativa de geração de renda.

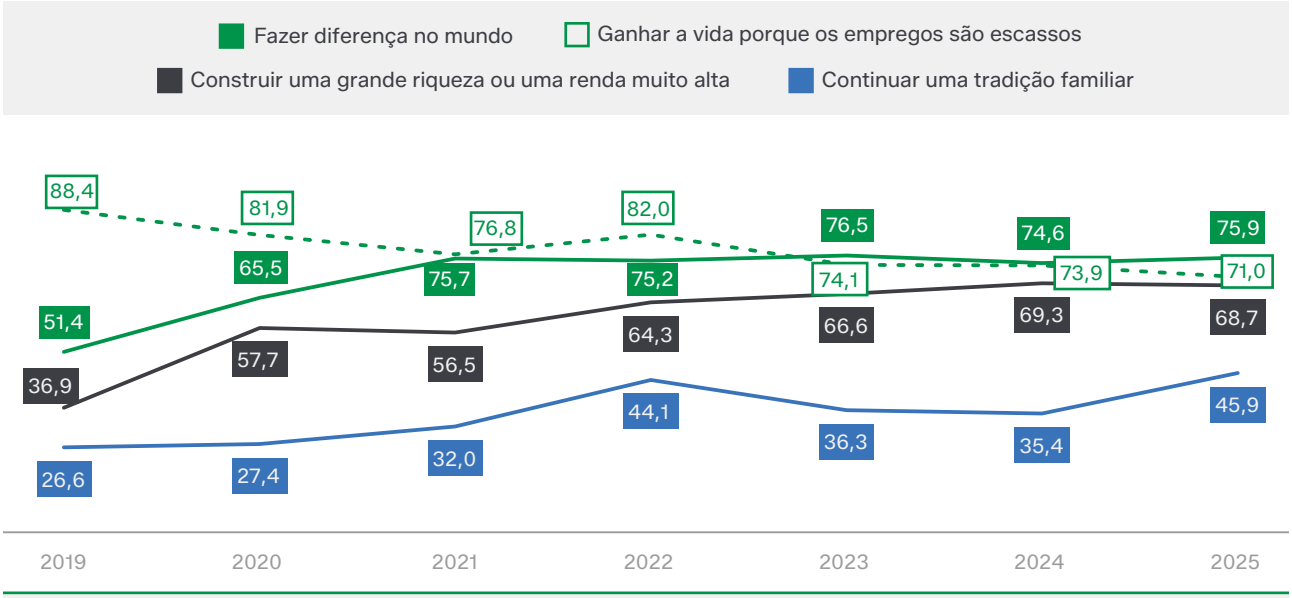
Na faixa etária de 65 a 74 anos, entre os empreendedores com renda de até 1 salário mínimo, as motivações encontram-se praticamente equilibradas (49,8% por oportunidade e 50,2% por necessidade). Nas faixas intermediárias e superiores de renda, entretanto, predomina o empreendedorismo por oportunidade, alcançando 72,5% entre aqueles com renda de "mais de 1 até 2 salários mínimos" e 75,2% na faixa de "mais de 3 até 6 salários mínimos". Já entre os empreendedores com renda superior a 6 salários mínimos, observa-se maior aproximação entre as motivações (58,3% por oportunidade e 41,7% por necessidade), indicando que, mesmo em níveis mais elevados de renda, fatores associados à manutenção da renda ou à continuidade da atividade produtiva podem influenciar a decisão de empreender nessa faixa etária (**Tabela 3.7**).

Considerando os empreendedores de faixa etária mais elevada, o padrão apresenta inversão parcial em relação ao grupo etário mencionado anteriormente. Entre os empreendedores pretos ou pardos, o empreendedorismo por oportunidade alcança 74,3%, superando o observado entre os empreendedores brancos (49,2%), enquanto a motivação por necessidade permanece mais elevada entre os brancos (38,1%) do que entre pretos ou pardos (25,7%) (***Tabela 3.8***).

3.4.2. Motivações múltiplas para empreender

O **Gráfico 3.7** apresenta a evolução das motivações declaradas pelos empreendedores iniciais brasileiros entre 2019 e 2025, evidenciando a coexistência de diferentes razões para a criação de novos negócios. Em 2025, as motivações mais frequentemente mencionadas foram "fazer diferença no mundo" (75,9%) e "ganhar a vida porque os empregos são escassos" (71%), seguidas por "construir uma grande riqueza ou uma renda muito alta" (68,7%) e "continuar uma tradição familiar" (45,9%). Observa-se, ao longo da série histórica, redução gradual da motivação associada à escassez de empregos — que alcançava 88,4% em 2019 — e crescimento expressivo das motivações relacionadas à realização pessoal e à busca por melhores resultados econômicos, sugerindo recomposição parcial do perfil motivacional do empreendedorismo após os anos mais críticos da pandemia. Apesar dessas tendências, a escassez de oportunidades de trabalho formal ainda é uma motivação para empreender muito frequente entre os empreendedores brasileiros, seja por oportunidade ou necessidade, como se verá na próxima seção.

Gráfico 3.7 Evolução do percentual dos empreendedores iniciais[1] segundo as motivações para começar o novo negócio – Brasil – 2019:2025



Fonte: GEM Brasil 2019 a 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos e de 65 a 74 anos. Empreendedores iniciais que concordam totalmente ou parcialmente com a motivação apresentada.

A **Tabela 3.9** permite aprofundar essa análise ao distinguir as múltiplas motivações segundo o empreendedorismo por oportunidade e por necessidade. Entre os empreendedores iniciais de 18 a 64 anos, aqueles motivados por oportunidade apresentam maior concordância com as motivações associadas à realização e à ascensão econômica, como "fazer diferença no mundo" (77,1%) e "construir uma grande riqueza ou uma renda muito alta" (71,3%). Já entre os empreendedores por necessidade, destaca-se a motivação "ganhar a vida porque os empregos são escassos", mencionada por 80%, além da maior presença relativa da continuidade de tradição familiar (53,5%). Esses resultados reforçam a interpretação de que o empreendedorismo por oportunidade tende a estar associado a expectativas de realização pessoal e econômica, enquanto o empreendedorismo por necessidade permanece mais vinculado à geração imediata de renda.

Tabela 3.9 Empreendedores[1] iniciais (TEA) por oportunidade ou por necessidade segundo as múltiplas motivações para iniciar um novo negócio – Brasil – 2025

Motivação	Percentual dos empreendedores iniciais (%)					
	18 a 64 anos			65 a 74 anos		
	Iniciais	Por oportunidade	Por necessidade	Iniciais	Por oportunidade	Por necessidade
Fazer diferença no mundo	75,9	77,1	75,7	63,0	43,4	85,9
Ganhar a vida porque os empregos são escassos	71,0	64,4	80,0	82,0	76,3	85,9
Construir uma grande riqueza ou uma renda muito alta	68,7	71,3	67,3	48,9	27,0	70,6
Continuar uma tradição familiar	45,9	38,6	53,5	52,5	40,5	70,6

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos e de 65 a 74 anos. Empreendedores que concordam totalmente ou parcialmente com cada uma das motivações. As motivações não são excludentes, ou seja, o empreendedor pode ter concordado com mais de uma alternativa apresentada.

Motivações múltiplas para empreender na faixa etária dos 65 aos 74 anos

Na faixa etária de 65 a 74 anos, as diferenças tornam-se ainda mais pronunciadas (***Tabela 3.9***). Entre os empreendedores por necessidade, observam-se percentuais elevados de concordância com motivações relacionadas tanto à escassez de empregos (85,9%) quanto à busca por renda ou continuidade familiar (70,6%), indicando que o empreendedorismo nesse grupo pode representar estratégia de permanência produtiva e complementação de renda em idades mais avançadas. Também se destaca neste grupo a alta motivação de "fazer a diferença no mundo" (85,9%). Por outro lado, entre os empreendedores por oportunidade dessa faixa etária, as motivações ligadas à realização pessoal e à construção de riqueza apresentam participação relativamente menor, sugerindo perfil motivacional distinto daquele observado entre os empreendedores mais jovens.

3.4.2.1. Motivações múltiplas – comparações entre as economias

O **Quadro 3.1** apresenta o comparativo internacional do percentual de empreendedores iniciais que declararam concordância com cada uma das motivações analisadas pelo GEM. No caso da motivação "fazer a diferença no mundo", o Brasil registra 75,9% entre os empreendedores iniciais, percentual substancialmente superior à média internacional (50,8%). Esse resultado posiciona o país na quinta colocação geral entre as economias participantes, alcançando a quarta posição entre os empreendedores novos (77,4%) e a sétima entre os nascentes (73,9%). O Brasil situa-se muito acima de economias como Coreia do Sul (4,4%) e relativamente próximo do valor máximo observado em Angola (82,9%), indicando forte presença de motivações associadas a propósito e impacto social no contexto nacional. Este resultado também posiciona o Brasil acima de todas as economias do grupo com nível de renda A, para os três estágios de empreendedores, o que indica uma forte orientação de propósito entre os empreendedores brasileiros (**Tabela auxiliar A3.1**).

Quadro 3.1 Comparativo entre indicadores do percentual dos empreendedores[1] iniciais (nascentes e novos) de 18 a 64 anos que afirmaram alguma motivação para começar o novo negócio – economias participantes – 2025

Motivação	Estatísticas descritivas	Nascentes	Novos	Iniciais
Fazer a diferença no mundo	Média (%)	52,1	51,2	50,8
	Mínimo (%)	4,9 (Coreia do Sul)	2,5 (Coreia do Sul)	4,4 (Coreia do Sul)
	Máximo (%)	84,8 (Angola)	80,9 (Angola)	82,9 (Angola)
	Brasil (%)	**73,9**	**77,4**	**75,9**
	Posição Brasil	**7ª**	**4ª**	**5ª**
Ganhar a vida porque os empregos são escassos	Média (%)	67,3	68,3	67,6
	Mínimo (%)	31,0 (Suécia)	26,9 (Noruega)	30,0 (Suécia)
	Máximo (%)	91,1 (Equador)	94,5 (Argentina)	92,4 (Argentina)
	Brasil (%)	**72,9**	**69,0**	**71,0**
	Posição Brasil	**20ª**	**28ª**	**24ª**
Construir uma grande riqueza ou uma renda muito alta	Média (%)	61,5	61,9	61,3
	Mínimo (%)	23,2 (Hungria)	19,0 (Noruega)	26,3 (Hungria)
	Máximo (%)	91,2 (Chipre)	92,9 (Chipre)	92,1 (Chipre)
	Brasil (%)	**73,9**	**64,3**	**68,7**
	Posição Brasil	**14ª**	**21ª**	**17ª**
Continuar uma tradição familiar	Média (%)	33,1	37,9	33,6
	Mínimo (%)	3,6 (Coreia do Sul)	10,5 (Suíça)	5,6 (Coreia do Sul)
	Máximo (%)	78,7 (Índia)	73,5 (Índia)	77,3 (Índia)
	Brasil (%)	**50,8**	**41,7**	**45,9**
	Posição Brasil	**6ª**	**18ª**	**10ª**

Fonte: GEM 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos.

Em relação à motivação "ganhar a vida porque os empregos são escassos", o percentual brasileiro entre os empreendedores iniciais é de 71%, levemente acima da média internacional (67,6%). Contudo, a posição relativa do país é intermediária (24ª colocação), ficando distante dos valores máximos observados na Argentina (92,4%). Para empreendedores nascentes e novos, o Brasil se posiciona pouco acima das médias internacionais, porém se distância muito do Equador (91,1%), no caso de empreendedores nascentes, e da Argentina (94,5%), para os novos. Esse posicionamento indica que, embora a necessidade continue relevante no Brasil, o país não figura entre os casos mais extremos de empreendedorismo motivado predominantemente pela escassez de emprego. A Tabela auxiliar mostra que, no grupo de renda de nível B, o Brasil situa-se acima da média de seu estrato, mas abaixo de algumas economias latino-americanas com maior incidência dessa motivação (**Tabela auxiliar A3.2**).

No que se refere à motivação "construir uma grande riqueza ou uma renda muito alta", o Brasil apresenta 68,7% de concordância entre os empreendedores iniciais, acima da média internacional (61,3%), ocupando a 17ª posição no conjunto das economias. Embora relevante, essa motivação não configura um diferencial competitivo brasileiro no *ranking* global, sobretudo quando comparada a economias como a do Chipre (92,1%). A Tabela auxiliar indica que o país mantém posição intermediária também dentro do grupo de renda de nível B, sugerindo que a ambição econômica convive com outras motivações igualmente expressivas (**Tabela auxiliar A3.3**).

Por fim, na motivação "continuar uma tradição familiar", o Brasil registra 45,9%, superando de forma significativa a média internacional (33,6%) e alcançando a décima posição geral, com destaque maior entre os empreendedores nascentes (50,8%, 6ª posição). Embora distante do máximo observado na Índia (77,3%), o percentual brasileiro evidencia que a dimensão familiar mantém papel relevante na dinâmica empreendedora nacional. A Tabela auxiliar confirma que, dentro do grupo de renda de nível B, o Brasil figura entre as economias com maior peso relativo dessa motivação (**Tabela auxiliar A3.4**).

De maneira geral, a comparação internacional revela que o Brasil se destaca mais fortemente nas motivações associadas a propósito e tradição familiar do que nas motivações estritamente vinculadas à necessidade. O perfil motivacional brasileiro, portanto, combina elevada orientação aspiracional com presença ainda significativa de fatores estruturais relacionados ao mercado de trabalho, caracterizando um padrão híbrido quando comparado às demais economias participantes do GEM.

Tabela auxiliar A3.1 Percentual dos empreendedores iniciais[1] (nascentes e novos) de 18 a 64 anos que afirmaram que "fazer a diferença no mundo" estava entre as suas motivações para começar o novo negócio – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025

Níveis de renda[2]	Economias	Regiões[3]	Nascentes	Novos	Iniciais
Nível A	Alemanha	E&NA	50,4	53,0	49,9
	Arábia Saudita	OM&A	57,2	61,4	60,8
	Bahrein	OM&A	39,3	42,9	39,3
	Canadá	E&NA	67,1	71,8	67,1
	Catar	OM&A	58,0	42,1	50,7
	Chipre	E&NA	43,7	43,3	43,7
	Coreia do Sul	A	4,9	2,5	4,4
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	66,9	67,7	63,2
	Eslovênia	E&NA	48,3	56,7	51,0
	Espanha	E&NA	58,1	57,1	56,8
	Estados Unidos	E&NA	65,7	71,5	66,5
	Finlândia	E&NA	44,2	36,6	39,3
	França	E&NA	21,0	16,8	19,5
	Israel	OM&A	46,7	41,3	45,3
	Itália	E&NA	38,7	38,6	37,4
	Lituânia	E&NA	42,2	62,1	45,8
	Luxemburgo	E&NA	47,3	48,0	46,6
	Noruega	E&NA	40,4	21,3	33,1
	Países Baixos	E&NA	44,1	45,5	44,6
	Polônia	E&NA	17,5	13,8	15,3
	Porto Rico	ALC	64,1	74,1	66,3
	Reino Unido	E&NA	68,5	76,4	71,5
	Suécia	E&NA	41,8	43,7	41,0
	Suíça	E&NA	60,9	47,3	57,7
	Taiwan	A	39,2	43,8	39,6
	Média Nível A		**47,0**	**47,2**	**46,3**
Nível B	África do Sul	OM&A	77,2	79,7	78,2
	Angola	OM&A	84,8	80,9	82,9
	Argentina	ALC	31,2	17,0	19,5
	Brasil	**ALC**	**73,9**	**77,4**	**75,9**
	Chile	ALC	59,1	65,5	61,4
	Costa Rica	ALC	71,1	77,0	73,7
	Croácia	E&NA	29,4	39,0	30,8
	Egito	OM&A	75,7	64,7	68,0
	El Salvador	ALC	44,6	36,9	40,4
	Equador	ALC	50,5	53,9	51,1
	Eslováquia	E&NA	51,8	60,8	50,9
	Estônia	E&NA	35,1	36,1	34,1
	Guatemala	ALC	77,7	73,0	76,0
	Hungria	E&NA	75,9	67,4	71,4
	Índia	A	83,7	79,8	82,3
	Jordânia	OM&A	41,2	26,4	36,5
	Letônia	E&NA	38,4	44,1	39,5
	México	ALC	59,1	65,8	61,1
	Omã	OM&A	34,8	20,5	27,9
	Peru	ALC	67,4	62,3	63,4
	Romênia	E&NA	57,7	45,7	51,4
	Tailândia	A	51,4	56,4	53,5
	Venezuela	ALC	55,1	48,5	53,6
	Média Nível B		**57,7**	**55,6**	**55,8**

Fonte: GEM 2025

[1] Empreendedores iniciais (nascentes e novos) de 18 a 64 anos que concordam totalmente ou parcialmente com a motivação apresentada.

[2] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.

[3] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

Tabela auxiliar A3.2 Percentual dos empreendedores iniciais[1] (nascentes e novos) de 18 a 64 anos que afirmaram que "ganhar a vida porque os empregos são escassos" estava entre as suas motivações para começar o novo negócio – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025

Níveis de renda[2]	Economias	Regiões[3]	Nascentes	Novos	Iniciais
Nível A	Alemanha	E&NA	65,8	61,0	62,1
	Arábia Saudita	OM&A	73,7	83,3	82,2
	Bahrein	OM&A	71,5	71,8	71,6
	Canadá	E&NA	70,3	75,6	71,3
	Catar	OM&A	79,8	65,9	74,9
	Chipre	E&NA	54,5	69,5	60,9
	Coreia do Sul	A	31,0	44,9	34,2
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	81,7	83,2	80,8
	Eslovênia	E&NA	54,3	47,5	51,3
	Espanha	E&NA	64,4	71,1	66,7
	Estados Unidos	E&NA	68,3	74,0	69,2
	Finlândia	E&NA	67,8	68,6	66,3
	França	E&NA	46,8	53,3	48,9
	Israel	OM&A	51,1	57,6	52,6
	Itália	E&NA	58,7	58,8	58,5
	Lituânia	E&NA	67,5	72,5	68,8
	Luxemburgo	E&NA	37,5	32,9	35,6
	Noruega	E&NA	35,6	26,9	32,8
	Países Baixos	E&NA	37,8	41,9	39,0
	Polônia	E&NA	69,9	78,4	74,8
	Porto Rico	ALC	72,5	59,7	70,1
	Reino Unido	E&NA	56,8	72,0	62,9
	Suécia	E&NA	31,0	36,9	30,0
	Suíça	E&NA	47,7	39,1	44,6
	Taiwan	A	39,2	34,4	35,6
	Média Nível A		**57,4**	**59,2**	**57,8**
Nível B	África do Sul	OM&A	85,6	88,0	87,3
	Angola	OM&A	89,1	92,6	90,4
	Argentina	ALC	89,0	94,5	92,4
	Brasil	**ALC**	**72,9**	**69,0**	**71,0**
	Chile	ALC	75,8	79,4	76,6
	Costa Rica	ALC	80,2	87,9	83,1
	Croácia	E&NA	65,6	68,8	66,2
	Egito	OM&A	79,9	74,0	78,2
	El Salvador	ALC	88,2	89,9	89,0
	Equador	ALC	91,1	91,4	91,5
	Eslováquia	E&NA	75,5	77,6	75,9
	Estônia	E&NA	58,6	56,5	58,6
	Guatemala	ALC	90,2	83,3	86,7
	Hungria	E&NA	63,1	55,2	59,9
	Índia	A	87,5	75,5	83,7
	Jordânia	OM&A	83,9	90,8	86,1
	Letônia	E&NA	56,9	63,5	59,8
	México	ALC	83,9	90,5	85,9
	Omã	OM&A	48,2	36,2	43,2
	Peru	ALC	70,7	71,1	71,6
	Romênia	E&NA	90,2	79,9	86,4
	Tailândia	A	83,9	88,2	86,0
	Venezuela	ALC	86,5	93,5	88,0
	Média Nível B		**78,1**	**78,1**	**78,2**

Fonte: GEM 2025
[1] Empreendedores iniciais (nascentes e novos) de 18 a 64 anos que concordam totalmente ou parcialmente com a motivação apresentada.
[2] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.
[3] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

Tabela auxiliar A3.3 Percentual dos empreendedores iniciais[1] (nascentes e novos) de 18 a 64 anos que afirmaram que "construir uma grande riqueza ou uma renda muito alta" estava entre as suas motivações para começar o novo negócio – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025

Níveis de renda[2]	Economias	Regiões[3]	Nascentes	Novos	Iniciais
Nível A	Alemanha	E&NA	66,0	63,1	65,4
	Arábia Saudita	OM&A	69,5	83,5	82,0
	Bahrein	OM&A	61,7	74,7	64,2
	Canadá	E&NA	68,1	72,8	68,6
	Catar	OM&A	74,6	84,3	76,1
	Chipre	E&NA	91,2	92,9	92,1
	Coreia do Sul	A	88,0	92,4	88,9
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	84,1	90,5	84,9
	Eslovênia	E&NA	54,9	56,5	54,2
	Espanha	E&NA	54,9	53,4	53,9
	Estados Unidos	E&NA	69,8	76,4	71,2
	Finlândia	E&NA	42,5	57,5	47,8
	França	E&NA	42,7	43,1	42,4
	Israel	OM&A	73,6	66,8	70,6
	Itália	E&NA	52,5	63,0	55,4
	Lituânia	E&NA	51,2	60,5	53,2
	Luxemburgo	E&NA	55,4	38,9	51,7
	Noruega	E&NA	39,4	19,0	32,0
	Países Baixos	E&NA	40,0	42,9	41,2
	Polônia	E&NA	32,5	27,5	29,7
	Porto Rico	ALC	51,8	64,1	54,6
	Reino Unido	E&NA	75,3	79,7	77,7
	Suécia	E&NA	47,4	47,3	46,3
	Suíça	E&NA	41,1	38,6	41,5
	Taiwan	A	69,8	62,0	67,0
	Média Nível A		**59,9**	**62,0**	60,5
Nível B	África do Sul	OM&A	82,2	85,8	84,2
	Angola	OM&A	79,5	81,1	80,4
	Argentina	ALC	47,5	28,3	33,4
	Brasil	**ALC**	**73,9**	**64,3**	**68,7**
	Chile	ALC	59,2	66,1	60,9
	Costa Rica	ALC	56,8	60,3	58,1
	Croácia	E&NA	59,9	61,5	58,8
	Egito	OM&A	85,1	77,9	80,2
	El Salvador	ALC	49,1	43,2	45,8
	Equador	ALC	57,3	63,8	59,2
	Eslováquia	E&NA	53,3	61,6	54,4
	Estônia	E&NA	45,6	39,3	43,6
	Guatemala	ALC	79,2	77,0	78,7
	Hungria	E&NA	23,2	29,7	26,3
	Índia	A	81,9	68,2	77,8
	Jordânia	OM&A	86,7	85,0	86,1
	Letônia	E&NA	51,1	43,7	49,8
	México	ALC	61,8	67,5	64,3
	Omã	OM&A	65,6	61,0	62,6
	Peru	ALC	89,1	81,1	85,9
	Romênia	E&NA	50,2	56,0	52,6
	Tailândia	A	75,4	76,5	75,6
	Venezuela	ALC	40,9	42,1	41,2
	Média Nível B		**63,2**	**61,8**	**62,1**

Fonte: GEM 2025

[1] Empreendedores iniciais (nascentes e novos) de 18 a 64 anos que concordam totalmente ou parcialmente com a motivação apresentada.

[2] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.

[3] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

Tabela auxiliar A3.4 Percentual dos empreendedores iniciais[1] (nascentes e novos) de 18 a 64 anos que afirmaram que "continuar uma tradição familiar" estava entre as suas motivações para começar o novo negócio – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025

Níveis de renda[2]	Economias	Regiões[3]	Nascentes	Novos	Iniciais
Nível A	Alemanha	E&NA	36,2	45,6	37,5
	Arábia Saudita	OM&A	45,9	32,7	34,1
	Bahrein	OM&A	35,8	36,6	35,8
	Canadá	E&NA	41,2	55,6	41,9
	Catar	OM&A	29,4	18,7	24,9
	Chipre	E&NA	19,0	34,9	26,7
	Coreia do Sul	A	3,6	12,5	5,6
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	52,8	62,0	52,3
	Eslovênia	E&NA	21,6	19,1	20,3
	Espanha	E&NA	25,0	29,6	25,5
	Estados Unidos	E&NA	33,8	47,8	35,6
	Finlândia	E&NA	25,5	29,8	24,9
	França	E&NA	17,4	26,7	20,2
	Israel	OM&A	21,4	30,5	22,0
	Itália	E&NA	35,1	37,5	35,5
	Lituânia	E&NA	33,8	46,4	35,7
	Luxemburgo	E&NA	20,6	23,9	20,6
	Noruega	E&NA	28,3	20,2	25,1
	Países Baixos	E&NA	28,4	33,9	29,7
	Polônia	E&NA	13,0	12,0	12,4
	Porto Rico	ALC	24,9	40,3	28,8
	Reino Unido	E&NA	36,2	55,0	42,2
	Suécia	E&NA	22,6	28,2	22,6
	Suíça	E&NA	11,1	10,5	11,0
	Taiwan	A	22,6	28,6	23,3
	Média Nível A		**27,4**	**32,7**	**27,8**
Nível B	África do Sul	OM&A	48,1	58,7	51,3
	Angola	OM&A	52,7	60,3	56,3
	Argentina	ALC	24,5	29,9	25,8
	Brasil	**ALC**	**50,8**	**41,7**	**45,9**
	Chile	ALC	27,4	38,5	29,9
	Costa Rica	ALC	46,3	53,0	49,6
	Croácia	E&NA	18,3	26,7	20,7
	Egito	OM&A	42,7	36,2	40,0
	El Salvador	ALC	49,8	41,1	45,0
	Equador	ALC	39,0	53,3	43,1
	Eslováquia	E&NA	41,6	56,0	42,1
	Estônia	E&NA	15,8	38,4	18,9
	Guatemala	ALC	48,9	46,8	48,7
	Hungria	E&NA	18,5	10,6	15,1
	Índia	A	78,7	73,5	77,3
	Jordânia	OM&A	25,6	36,9	29,3
	Letônia	E&NA	27,7	37,4	29,4
	México	ALC	41,3	57,5	47,1
	Omã	OM&A	54,2	44,0	49,3
	Peru	ALC	31,4	27,6	30,5
	Romênia	E&NA	29,8	28,3	28,3
	Tailândia	A	56,6	63,7	60,7
	Venezuela	ALC	33,5	42,0	35,4
	Média Nível B		**39,3**	**43,6**	**40,0**

Fonte: GEM 2025
[1] Empreendedores iniciais (nascentes e novos) de 18 a 64 anos que concordam totalmente ou parcialmente com a motivação apresentada.
[2] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.
[3] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

CAPÍTULO 4.

Características dos empreendimentos – Brasil e economias participantes

4. CARACTERÍSTICAS DOS EMPREENDIMENTOS – BRASIL E ECONOMIAS PARTICIPANTES

Este capítulo analisa os empreendimentos brasileiros sob diversos aspectos, incluindo comparações entre as 48 economias que participaram do GEM 2025. Os estágios de desenvolvimento dos empreendimentos — nascentes e novos (que compreendem os estágios iniciais) e estabelecidos permanecem como dimensões centrais para as análises apresentadas neste capítulo. Focalizam-se indicadores como os percentuais de empreendedores segundo os setores de atividades econômicas, a distribuição dos empreendedores nos estágios iniciais e estabelecido, a distribuição percentual dos empreendedores nas atividades econômicas segundo diversas variáveis sociodemográficas, o número de pessoas envolvidas nos negócios, a origem dos clientes, a formalização dos negócios, as razões para a formalização e para a não formalização, se os negócios que possuem são franquias, entre outros fatores.

4.1. Setores de atividade dos empreendedores – Brasil e economias participantes

No Brasil, entre os empreendedores de 18 a 64 anos, observa-se uma concentração de negócios no setor de serviços orientados para o consumidor — 50,6% entre os iniciais e 42,5% entre os estabelecidos (**Tabela 4.1**) –, tendência essa que também é observada na média das demais economias analisadas (**Quadro 4.1**). Os empreendedores nascentes tendem a iniciar mais negócios nesse setor, relativamente aos novos empreendedores: aproximadamente 55% *versus* 47%. Em segundo lugar, está o setor de transformação, tendo-se 28,6% dos empreendedores iniciais (com resultados muito próximos entre os nascentes e novos) e 29,5% dos estabelecidos. Já em terceiro lugar se encontra o setor de serviços orientados para os negócios com 17,7% dos iniciais e 24,3% dos estabelecidos; e se percebe que os empreendedores novos tendem mais do que os nascentes a terem negócios nesse setor — ao redor de 11% *versus* 23%. O setor extrativo se encontra na quarta e última posição, representando 3,2% dos empreendedores iniciais e 3,7% dos estabelecidos no Brasil, sendo que há mais empreendedores nascentes do que novos, praticamente 5% *versus* 1%.

Tabela 4.1 Distribuição percentual de empreendedores[1] segundo o setor das atividades econômicas – Brasil – 2025

Setor de atividade econômica	Percentual de empreendedores (%)					
	18 a 64 anos				65 a 74 anos	
	Iniciais			Estabelecidos	Iniciais	Estabelecidos
	Nascentes	Novos	Total (iniciais)			
Setor extrativo	5,3	1,3	3,2	3,7	13,7	16,4
Setor de transformação	28,6	28,3	28,6	29,5	30,9	29,5
Serviços orientados para negócios	10,8	23,0	17,7	24,3	5,6	9,9
Serviços orientados para o consumidor	55,3	47,4	50,6	42,5	49,9	44,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos e de 65 a 74 anos.

Setores de atividade dos empreendedores de 65 a 74 anos

A comparação dos empreendedores seniores, de 65 a 74 anos, com os resultados da amostra de 18 a 64 anos apresenta algumas diferenças importantes. A primeira delas é a observação de que o setor extrativo, entre os seniores, supera o setor de serviços orientados a negócios. Assim, no setor extrativo, têm-se quase 14% dos empreendedores seniores iniciais e 16% dos estabelecidos, comparativamente aos praticamente 3% e 4% de seus pares entre 18 e 64 anos. No setor de serviços orientados para os negócios, é bem menor a participação dos empreendedores seniores: 5,6% entre os iniciais e quase 10% entre os estabelecidos, resultados bem abaixo dos quase 18% e dos 24% dos empreendedores de 18 a 64 anos. Nos outros dois setores — o de serviços orientados aos consumidores e o de transformação —, os resultados dos seniores seguem bem próximos aos dos empreendedores de 18 a 64 anos (**Tabela 4.1**).

No **Quadro 4.1** que apresenta os percentuais comparativos dos setores de atividades dos empreendedores iniciais nas economias participantes, observa-se que o setor predominante entre eles é o de serviços orientados para o consumidor — com a média de 55%, visto que as atividades tendem a não exigir muita especialização ou conhecimento aplicado. Assim, há uma grande diferença para o setor posicionado em segundo lugar, com a média de 22,2% — o setor de serviços orientados para negócios, muito próximo à média de 19,5% do setor de transformação. Por último, situa-se o setor extrativo, com 3,3%.

Quadro 4.1 Comparativo do indicador "setor de atividades" – percentual de empreendedores[1] iniciais – economias participantes – 2025

Estatísticas descritivas	Percentual de empreendedores iniciais			
	Setor extrativo	Setor de transformação	Serviços orientados para negócios	Serviços orientados para o consumidor
Média (%)	3,3	19,5	22,2	55,0
Mínimo (%)	0,0 (Bahrein)	10,4 (Suíça)	2,6 (El Salvador)	28,5 (Eslovênia)
Máximo (%)	13,3 (Egito)	29,8 (Eslovênia)	45,0 (Suécia)	85,4 (El Salvador)
Brasil (%)	**3,2**	**28,6**	**17,7**	**50,6**
Posição Brasil	**20ª**	**6ª**	**33ª**	**32ª**

Fonte: GEM 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos.

Nos serviços orientados para o consumidor, os resultados das economias variam entre 85,4%, exibidos por El Salvador, e 28,5% da Eslovênia; o Brasil, com 50,6%, fica abaixo da média das economias, e se situa na 32ª posição. O setor de serviços orientados para negócios apresenta uma distância entre o mínimo de 2,6% apresentado por El Salvador e o máximo de 45% da Suécia; nesse setor, o Brasil se posiciona como 33º, dado que seu resultado é de 17,7%, abaixo da média das economias, de 22,2%. Já no setor de transformação, os resultados das economias se situam entre 10,4% da Suíça e 29,8% da Eslovênia, sendo que o Brasil, com o resultado de 28,6%, mostra-se bem superior à média e próximo ao resultado da Eslovênia, colocando-se em sexto lugar. O setor extrativo apresenta resultados que variam entre o máximo de 13,3% do Egito e o mínimo de zero do Bahrein, e como o Brasil atinge resultado de 3,2%, bem próximo à média das demais economias, se posiciona como 20º.

O **Quadro 4.2** apresenta os percentuais de empreendedores estabelecidos nos setores de atividades das economias participantes. O setor de serviços orientados para o consumidor atinge a maior média entre essas economias (47,3%), sendo que o menor percentual é o de Luxemburgo (21,7%), e o máximo é o de El Salvador (83,8%). O Brasil, com o resultado de 42,5%, não muito distante da

média, aparece posicionado como 26º. A segunda média, 24,3%, é a do setor de serviços orientados para negócios, que coincide exatamente com o resultado atingido pelo Brasil, está na 25ª posição, entre o máximo de 54,2% atingido pela Suíça e o mínimo de 1,8% de El Salvador. A seguir, está a média do setor de transformação, 23,8%, próximo da média do setor de serviços orientados para negócios. O resultado do Brasil (29,5%) o coloca na oitava posição, entre o máximo de 39,1% da Romênia e o mínimo de 9,4% da Arábia Saudita. Por último, observa-se o setor extrativo, com a média das economias de 4,6%, setor em que o Brasil, com o resultado de 3,7%, está posicionado em 24º, entre o máximo de 22,4% exibido pela Croácia e o mínimo de zero da Arábia Saudita.

Quadro 4.2 Comparativo do indicador "setor de atividades" – percentual de empreendedores[1] estabelecidos – economias participantes – 2025

Estatísticas descritivas	Percentual de empreendedores estabelecidos			
	Setor extrativo	Setor de transformação	Serviços orientados para negócios	Serviços orientados para o consumidor
Média (%)	4,6	23,8	24,3	47,3
Mínimo (%)	0,0 (Arábia Saudita)	9,4 (Arábia Saudita)	1,8 (El Salvador)	21,7 (Luxemburgo)
Máximo (%)	22,4 (Croácia)	39,1 (Romênia)	54,2 (Suíça)	83,8 (El Salvador)
Brasil (%)	**3,7**	**29,5**	**24,3**	**42,5**
Posição Brasil	**24ª**	**8ª**	**25ª**	**26ª**

Fonte: GEM 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos.

Analisando-se as médias globais do percentual de empreendedores, iniciais e estabelecidos, por setor de atividades (**Quadro 4.1** e **Quadro 4.2**), tem-se a diminuição de 7,7 pontos percentuais (p.p.) no setor de negócios voltados para o consumidor, pois o resultado de 47,3% entre empreendedores estabelecidos representa um recuo na concentração de negócios nesse setor. Nos outros três setores, há ganhos percentuais no empreendedorismo estabelecido, sendo que o maior avanço é no setor de transformação, com o resultado de quase 24%, representando um ganho de 4,5 p.p. Há um aumento um pouco menor, de 2,3 p.p., no setor de serviços orientados a negócios (média de 24,3%), e um ganho mais discreto no setor extrativo, 1,3 p.p. (média de 4,6%). O Brasil acompanha essas mesmas tendências: observa-se diminuição relativa da concentração no setor de serviços orientados para o consumidor (queda de 8,1 p.p., registrando 42,5%) e ganho de 6,6 p.p. no setor de serviços orientados a negócios (atingindo 24,3%); os ganhos nos outros dois setores — transformação e extrativo — são mais discretos, de 0,9 e 0,5 p.p., respectivamente.

As **Tabela auxiliar A4.1** e a **Tabela auxiliar A4.2** (ao final do capítulo) apresentam dados completos da distribuição percentual de empreendedores iniciais e estabelecidos, de 18 a 64 anos, segundo o setor das atividades econômicas de todas as economias participantes da pesquisa, agrupadas por níveis de renda.

4.2. Principais atividades dos empreendedores no Brasil

4.2.1 Atividades prevalentes segundo o estágio dos empreendimentos

A distribuição percentual das principais atividades dos empreendedores por estágio — inicial e estabelecido segundo as seções CNAE – é apresentada na **Tabela 4.2**.

Tabela 4.2 Distribuição percentual das principais atividades dos empreendedores[1] por estágio – Seções CNAE – Brasil – 2025

Denominação (CNAE)	Seção	Percentual de empreendedores (%)				
		Iniciais			Estabelecidos	Total
		Nascentes	Novos	Total (iniciais)		
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	G	34,9	23,4	28,7	22,4	26,0
Indústrias de transformação	C	14,5	7,0	10,5	11,2	10,9
Atividades profissionais, científicas e técnicas	M	3,5	7,8	5,9	15,7	9,8
Construção	F	8,8	12,1	10,5	7,8	9,4
Outras atividades de serviços	S	7,8	9,8	8,8	8,8	8,9
Alojamento e alimentação	I	9,9	7,5	8,7	5,8	7,5
Atividades administrativas e serviços complementares	N	4,2	9,7	7,3	6,4	7,0
Transporte, armazenagem e correio	H	2,4	6,1	4,5	6,5	5,3
Saúde humana e serviços sociais	Q	2,6	4,0	3,4	3,3	3,4
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	A	5,3	1,3	3,2	3,7	3,4
Informação e comunicação	J	2,7	3,4	2,8	1,0	2,3
Serviços domésticos	T	0,6	1,8	1,3	3,0	2,0
Educação	P	2,0	2,0	2,0	1,9	1,8
Outras seções		0,9	4,1	2,5	2,5	2,5
Total		100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos.

Observa-se que os empreendedores iniciais concentram praticamente 67% dos seus negócios em cinco seções, sendo que entre os estabelecidos têm-se quase 66%.

Assim, a seção com maiores percentuais para ambos os estágios é a "Seção G – Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas", com aproximadamente 29% entre os empreendedores iniciais e 22% entre os estabelecidos. A "Seção C – Indústrias de transformação" representa cerca de 11% dos negócios dos empreendedores iniciais e dos estabelecidos, segunda e terceira posições, respectivamente. As atividades da "Seção F – Construção" representam quase 11% dos negócios dos empreendedores iniciais (2ª posição) e 8% dos negócios dos estabelecidos (5ª posição). À "Seção M – Atividades profissionais, científicas e técnicas", dedicam-se quase 16% dos empreendedores estabelecidos, representando a segunda concentração de negócios, ao passo que bem menos (6%) empreendedores iniciais têm empreendimentos nessa seção. Negócios na "Seção S – Outras atividades de serviços" representam praticamente 9% dos empreendimentos dos empreendedores iniciais e dos estabelecidos (4ª colocação entre os iniciais e os estabelecidos). A "Seção I – Alojamento e alimentação" representa praticamente 9% dos negócios dos empreendedores iniciais (5ª colocação) e um pouco menos, 6%, entre os estabelecidos.

Tira-se como conclusão que, entre os empreendedores iniciais e estabelecidos de 18 a 64 anos, há maior concentração de negócios em atividades ligadas à "Seção G – Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas" (predominantemente na alimentação) e à "Seção S - Outras atividades de serviços". Ou seja, em atividades nas quais as barreiras de entrada são menores, pois são mais intensivas em uso do próprio trabalho, demanda-se menos conhecimento e menos capital. Apesar da maior competição, boa parte dos empreendedores tem conseguido fazer com que seus negócios

amadureçam e se estabeleçam. Por outro lado, também se dedicam às atividades da "Seção C – Indústrias de transformação" e "Seção H – Transporte, armazenagem e correio" que, mesmo no estágio inicial, demandam maior acesso a ativos produtivos e, talvez, mais capital em termos de recursos para a estabilização de seus negócios. Dentre os empreendedores estabelecidos de 18 a 64 anos, destaca-se uma concentração em atividades da seção "Seção M – Atividades profissionais, científicas e técnicas", que demandam mais conhecimento e capital humano, maior capacitação e que demandam mais capacidade para se consolidarem nos segmentos ou nichos identificados.

Na **Tabela auxiliar A4.3** (ao final do capítulo), são apresentados os desdobramentos dessas seções por classes de atividades, ou seja, com um nível maior de desagregação dos dados, favorecendo consultas específicas em relação aos tipos de negócios conduzidos pelos empreendedores brasileiros.

4.2.2 Atividades segundo características sociodemográficas dos empreendedores iniciais

A **Tabela 4.3** mostra que a distribuição das atividades dos **empreendedores iniciais (nascentes e novos)** no Brasil em 2025 apresenta forte concentração em setores de comércio e serviços, ao mesmo tempo em que revela diferenças relevantes segundo sexo, idade, escolaridade, renda familiar e cor/raça.

Tabela 4.3 Distribuição percentual das principais atividades dos empreendedores[1] iniciais segundo as características sociodemográficas – Seções CNAE – Brasil – 2025

Denominação (CNAE)	Seção	Total (inicial)	Sexo		Faixa Etária			Escolaridade	
			Masculino	Feminino	18 a 34 anos	35 a 54 anos	55 a 64 anos	Não graduado	Graduado
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	G	28,7	30,4	26,1	29,9	27,2	30,5	31,5	21,4
Indústrias de transformação	C	10,5	7,7	14,9	8,5	9,5	19,6	9,2	14,2
Construção	F	10,5	15,5	2,9	6,2	14,2	9,9	12,0	5,2
Outras atividades de serviços	S	8,8	5,4	14,0	14,6	5,7	2,9	10,2	4,7
Alojamento e alimentação	I	8,7	6,7	11,7	8,8	9,1	6,7	9,5	6,0
Atividades administrativas e serviços complementares	N	7,3	6,4	8,7	2,9	12,5	1,7	8,2	5,5
Atividades profissionais, científicas e técnicas	M	5,9	6,7	4,2	10,5	2,8	3,4	2,3	15,9
Transporte, armazenagem e correio	H	4,5	6,8	1,1	4,5	2,9	10,0	5,6	0,9
Saúde humana e serviços sociais	Q	3,4	0,7	7,5	2,7	3,9	3,7	0,3	12,5
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	A	3,2	4,8	0,7	0,7	4,6	5,1	3,3	2,1
Informação e comunicação	J	2,8	2,9	2,8	4,4	2,4	0,0	1,8	6,1
Educação	P	2,0	1,9	2,1	2,4	1,5	2,8	2,0	2,2
Serviços domésticos	T	1,3	0,0	3,2	1,4	0,4	3,7	1,8	0,0
Atividades imobiliárias	L	0,6	1,1	0,0	0,5	0,9	0,0	0,3	1,8
Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	E	0,4	0,7	0,0	0,0	0,9	0,0	0,3	0,8
Outras seções		1,5	2,3	0,0	1,9	1,5	0,0	1,7	0,8
Total		100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos.

(Continua)

(Continuação)

Tabela 4.3 Distribuição percentual das principais atividades dos empreendedores[1] iniciais segundo as características sociodemográficas – Seções CNAE – Brasil – 2025

Denominação (CNAE)	Seção	Total (inicial)	Renda familiar			Cor/raça	
			Até 2 SM	Mais de 2 SM até 6 SM	Mais de 6 SM	Branca	Preta ou Parda
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	G	28,7	31,3	28,8	27,4	22,1	33,5
Indústrias de transformação	C	10,5	13,0	7,0	10,7	11,0	10,2
Construção	F	10,5	9,9	12,5	2,5	11,2	9,7
Outras atividades de serviços	S	8,8	10,6	9,2	5,5	8,7	9,0
Alojamento e alimentação	I	8,7	11,2	7,5	4,1	5,1	10,8
Atividades administrativas e serviços complementares	N	7,3	7,2	7,3	8,9	7,8	6,9
Atividades profissionais, científicas e técnicas	M	5,9	2,4	5,1	14,8	11,8	2,6
Transporte, armazenagem e correio	H	4,5	2,5	7,7	2,9	5,3	3,0
Saúde humana e serviços sociais	Q	3,4	0,6	4,6	7,0	6,6	2,0
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	A	3,2	3,9	0,9	3,3	1,0	4,3
Informação e comunicação	J	2,8	1,5	4,5	3,7	4,3	2,3
Educação	P	2,0	0,0	3,6	2,5	1,3	2,1
Serviços domésticos	T	1,3	3,3	0,0	0,0	0,8	1,0
Atividades imobiliárias	L	0,6	0,0	0,0	3,8	0,6	0,7
Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	E	0,4	0,6	0,0	1,2	0,6	0,4
Outras seções		1,5	1,9	1,3	1,6	1,6	1,5
Total		100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos.

A análise por **sexo** evidencia diferenças importantes na inserção setorial. Observa-se que as mulheres têm concentração de empreendimentos consideravelmente maior que os homens na "Seção C – Indústrias de transformação" (14,9%), na "Seção S - Outras atividades de serviços" (14%) e na "Seção I – Alojamento e alimentação" (11,7%), além de atividades na "Seção Q – Saúde humana e serviços sociais", (7,5%) e na "Seção T – Serviços domésticos" (3,2%). Já os homens têm frequências destacadamente maiores na "Seção G – Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas" (30,4%), na "Seção F – Construção" (15,5%), na "Seção H – Transporte, armazenagem e correio" (6,8%) e na "Seção A – Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura" (4,8%), setores tradicionalmente associados a atividades operacionais ou de maior intensidade física.

Considerando a **faixa etária**, entre os empreendedores mais jovens (18 a 34 anos) destacam-se empreendimentos na "Seção G – Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas" (29,9%), na "Seção S - Outras atividades de serviços" (14,6%) e na "Seção M – Atividades profissionais, científicas e técnicas" (10,5%). Entre aqueles de 35 a 54 anos, a maior concentração está na "Seção G – Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas" (27,2%), na "Seção F – Construção" (14,2%)

e na "Seção N – Atividades administrativas e serviços complementares" (12,5%). Já entre os empreendedores de 55 a 64 anos, observa-se maior presença relativa de negócios na "Seção G – Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas" (30,5%), na "Seção C – Indústrias de transformação" (19,6%) e na "Seção H – Transporte, armazenagem e correio" (10%), sugerindo uma diversificação maior de atividades nas faixas etárias mais elevadas.

A **escolaridade** também influencia a distribuição setorial. Entre os empreendedores não graduados, predominam a "Seção G – Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas" (31,5%), a "Seção F – Construção (12%)" e a "Seção S – Outras atividades de serviços" (10,2%). Já entre os graduados, destacam-se "Seção G – Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas" (21,4%), a "Seção M – Atividades profissionais, científicas e técnicas" (15,9%) e a "Seção C – Indústrias de transformação" (14,2%), indicando maior presença de empreendimentos associados a ocupações especializadas ou baseadas em conhecimento.

Quanto à **renda familiar**, os empreendedores com até dois salários mínimos concentram-se principalmente na "Seção G – Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas" (31,3%), "Seção C – Indústrias de transformação" (13%) e "Seção I – Alojamento e alimentação" (11,2%). Entre aqueles com renda entre mais de dois e até seis salários mínimos, ganham maior destaque a "Seção G – Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas" (28,8%), a "Seção F – Construção" (12,5%) e "Seção S – Outras atividades de serviços" (9,2%). Já entre os empreendedores com mais de seis salários mínimos, observa-se maior presença na "Seção G – Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas" (27,4%), na "Seção M – Atividades profissionais, científicas e técnicas" (14,8%) e na "Seção C – Indústrias de transformação" (10,7%).

Por fim, ao considerar **cor/raça**, verifica-se, entre os empreendedores pretos ou pardos, maior concentração de atividades na "Seção G – Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas" (33,5%), na "Seção I – Alojamento e alimentação" (10,8%), e na "Seção C – Indústrias de transformação" (10,2%), enquanto entre os brancos destacam-se a "Seção G – Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas" (22,1%), a "Seção M – Atividades profissionais, científicas e técnicas" (11,8%) e a "Seção F – Construção" (11,2%).

Esses resultados sugerem que fatores estruturais, como acesso à educação, renda e oportunidades de inserção ocupacional, influenciam a distribuição dos empreendedores iniciais entre os diferentes setores de atividade econômica. Empreendedores brancos, por exemplo, de maior renda e escolaridade, tendem a estar mais presentes nas atividades consideradas mais sofisticadas ou intensivas em conhecimento e capital.

4.2.3 Atividades segundo características sociodemográficas dos empreendedores estabelecidos

Pode-se perceber na **Tabela 4.4**, como dito anteriormente, que o **empreendedorismo estabelecido** no Brasil se concentra em três pilares principais: a "Seção G – Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas", que lidera com 22,4%; a Seção M – Atividades profissionais, científicas e técnicas", com 15,7%; e a "Seção C – Indústrias de transformação", com 11,2%. Juntos, esses setores respondem por quase 50% dos negócios estabelecidos. Contudo, quando são analisados os desdobramentos desses dados segundo as características sociodemográficas desses empreendedores algumas peculiaridades chamam a atenção.

Tabela 4.4 Distribuição percentual das principais atividades dos empreendedores[1] estabelecidos segundo as características sociodemográficas – Seções CNAE – Brasil – 2025

Denominação (CNAE)	Seção	Total (estabelecido)	Sexo		Faixa Etária			Escolaridade	
			Masculino	Feminino	18 a 34 anos	35 a 54 anos	55 a 64 anos	Não graduado	Graduado
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	G	22,4	23,0	21,8	23,2	24,0	17,6	27,0	12,6
Atividades profissionais, científicas e técnicas	M	15,7	16,4	14,9	19,6	12,8	18,5	5,3	36,6
Indústrias de transformação	C	11,2	11,3	11,2	6,1	13,4	11,3	13,1	8,0
Outras atividades de serviços	S	8,8	4,5	15,2	17,5	7,3	3,3	10,9	6,1
Construção	F	7,8	12,7	0,0	5,9	8,2	9,0	10,3	2,0
Transporte, armazenagem e correio	H	6,5	9,3	2,0	3,2	6,9	8,9	7,6	2,1
Atividades administrativas e serviços complementares	N	6,4	8,1	3,7	4,7	5,7	9,8	6,5	7,0
Alojamento e alimentação	I	5,8	2,3	10,6	9,5	3,4	7,7	6,3	5,8
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	A	3,7	4,4	2,5	1,3	4,4	4,3	3,7	4,2
Saúde humana e serviços sociais	Q	3,3	1,6	6,2	3,0	3,4	3,5	1,1	5,4
Serviços domésticos	T	3,0	1,3	5,9	1,5	4,2	1,7	4,2	1,2
Educação	P	1,9	1,2	3,0	1,3	2,9	0,0	0,6	4,6
Artes, cultura, esporte e recreação	R	1,3	1,5	1,0	1,5	0,7	2,4	1,5	1,1
Atividades imobiliárias	L	1,2	0,7	2,0	0,0	1,4	2,0	0,7	2,3
Informação e comunicação	J	1,0	1,6	0,0	1,7	1,2	0,0	1,1	1,0
Total		100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos.

(Continua)

(Continuação)

Tabela 4.4 Distribuição percentual das principais atividades dos empreendedores[1] estabelecidos segundo as características sociodemográficas – Seções CNAE – Brasil – 2025

Denominação (CNAE)	Seção	Total (estabelecido)	Renda familiar			Cor/raça	
			Até 2 SM	Mais de 2 SM até 6 SM	Mais de 6 SM	Branca	Preta ou Parda
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	G	22,4	29,4	19,4	25,4	22,4	21,3
Atividades profissionais, científicas e técnicas	M	15,7	9,1	11,1	24,3	21,4	11,9
Indústrias de transformação	C	11,2	7,3	12,5	15,5	11,5	10,0
Outras atividades de serviços	S	8,8	7,7	15,1	3,2	7,8	10,7
Construção	F	7,8	9,9	10,9	2,7	3,6	10,5
Transporte, armazenagem e correio	H	6,5	3,6	5,0	8,9	5,1	5,9
Atividades administrativas e serviços complementares	N	6,4	0,0	7,0	8,7	7,7	5,5
Alojamento e alimentação	I	5,8	12,6	5,8	0,0	5,0	7,8
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	A	3,7	8,5	1,8	2,5	3,7	4,4
Saúde humana e serviços sociais	Q	3,3	0,0	2,9	4,3	3,7	1,6
Serviços domésticos	T	3,0	7,5	2,0	0,0	2,3	4,4
Educação	P	1,9	0,0	1,2	3,1	0,8	3,4
Artes, cultura, esporte e recreação	R	1,3	0,0	3,4	0,0	1,9	0,8
Atividades imobiliárias	L	1,2	4,4	0,9	0,0	1,7	0,9
Informação e comunicação	J	1,0	0,0	1,0	1,4	1,3	0,9
Total		100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos.

Na distribuição por **sexo**, não se nota uma diferenciação clara na natureza dos negócios entre homens e mulheres. Entre as cinco atividades mais representativas nos dois grupos, em três delas as diferenças não ultrapassam 1,5 p.p. ("Seção G – Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas", por volta de 22,5%; "Seção M – Atividades profissionais, científicas e técnicas", 15,5%; e "Seção C – Indústrias de transformação", em torno de 11%). As diferenças mais notáveis estão presentes na "Seção S - Outras atividades de serviços", que representa mais de 15% das empreendedoras e menos de 5% dos empreendedores do sexo masculino; a "Seção I – Alojamento e alimentação" também é mais frequente entre elas, 10,6% *versus* 2,3%; ao contrário, as seções "F – Construção" e "H – Transporte, armazenagem e correio" são mais representativas entre os homens, 12,7% *versus* 0% e 9,3% *versus* 2%, respectivamente.

Na distribuição por **faixa etária**, chama atenção que as três seções de atividade mais representativas entre os mais jovens (18 a 34 anos) equivalem a mais de 60% dos empreendedores estabelecidos dessa faixa etária, são elas: "Seção G – Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas" (23,2%), "Seção M – Atividades profissionais, científicas e técnicas" (19,6%) e "Seção S - Outras atividades de serviços" (17,5%). Diferentemente, entre os mais velhos (55 a 64 anos), as três

principais atividades somadas alcançam 47,4% do total de empreendedores dessa faixa etária e duas delas são as mesmas, com percentuais distintos, das identificadas entre os jovens, a "Seção M" (18,5%) e a "Seção G" (17,6%). A seção que distingue os dois grupos etários é a "Seção C – Indústrias de transformação", que representa 11,3% dos empreendedores estabelecidos com idade entre 55 e 64 anos. Entre os empreendedores da faixa etária intermediária (35 a 54 anos), as três seções de atividades mais representativas coincidem com as dos mais velhos, porém, somadas suas frequências, elas alcançam mais da metade (50,2%) desses empreendedores.

A distribuição por **escolaridade** é a que mais revela diferenças entre os estratos considerados. Por exemplo, 27% dos empreendedores estabelecidos não graduados estão atuando em atividades vinculadas à "Seção G – Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas", entre os graduados esse percentual é menos da metade (12,6%). Entre os não graduados também se destacam as seções "C – Indústrias de transformação", "S – Outras atividades de serviços" e "F – Construção", com representatividade superior a 10%. No grupo dos graduados, há uma concentração massiva na "Seção M – Atividades profissionais, científicas e técnicas", que representa 36,6% desses empreendedores, já que dependem significativamente de profissionais com curso superior. Além dessa, apenas a "Seção G" apresenta percentual acima de 10%, conforme já comentado.

Analisando a distribuição das seções de atividades segundo a **renda familiar**, percebe-se que os empreendedores estabelecidos cujas famílias auferem até 2 salários mínimos (SM) apenas duas seções alcançam percentual acima de 10%. Primeiramente, representando quase 30% desses empreendedores, a "Seção G – Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas" e em seguida a "Seção I – Alojamento e alimentação", com 12,6%. Na faixa de renda familiar intermediária (entre 2 e 6 SM), têm-se cinco atividades com frequências entre 10% e 20%; em ordem decrescente, as seções são as seguintes: "G – Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas", "S – Outras atividades de serviços", "C – Indústrias de transformação", "M – Atividades profissionais, científicas e técnicas" e "F – Construção". Em relação ao grupo de empreendedores estabelecidos com renda familiar superior a 6 SM, chama a atenção que apenas três seções respondam por mais de 65% desses empreendedores. As Seções G e M aparecem em primeiro lugar, com frequências próximas a 25% cada uma delas, e em terceiro lugar a Seção C, com 15,5%.

Pelo recorte de **cor/raça** é possível destacar que os empreendedores brancos têm sua maior concentração na "Seção G – Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas" e na "Seção M – Atividades profissionais, científicas e técnicas", ambas com percentuais próximos a 22%, e ainda, com 11,5%, aparece a "Seção C – Indústrias de transformação". Entre os pretos ou pardos, embora a seção mais frequente também seja a "Seção G", eles possuem representatividade notavelmente maior que os brancos na "Seção S – Outras atividades de serviços" (10,7% *versus* 7,8%) e principalmente na "Seção F – Construção" (10,5% *versus* 3,6%).

Esta análise reflete como as variáveis sociodemográficas moldam as escolhas setoriais dos empreendedores brasileiros, com o setor de serviços especializados (Seção M) ganhando espaço à medida que aumentam a escolaridade e a renda.

4.2.4 Atividades segundo a motivação dos empreendedores iniciais

A **Tabela 4.5** apresenta a distribuição percentual das principais atividades dos empreendedores iniciais, segundo **motivação para empreender** (oportunidade ou necessidade) permitindo compreender como as diferentes seções de atividades absorvem perfis distintos de entrada no empreendedorismo ao longo do ciclo de vida. Mostra-se também, para cada seção de atividades, a razão entre oportunidade e necessidade. Desse modo, pode-se perceber como as diferentes atividades tendem a atrair perfis diferentes em termos dessas motivações.

Tabela 4.5 Distribuição percentual das principais atividades dos empreendedores[1] iniciais por oportunidade e necessidade – Seções CNAE – Brasil – 2025

Denominação (CNAE)	Seção	Percentual de empreendedores iniciais (%)			Razão (op/nec)
		Total (inicial)	Oportunidade	Necessidade	
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	G	28,7	30,3	27,0	1,1
Indústrias de transformação	C	10,5	8,8	11,6	0,8
Construção	F	10,5	9,0	12,9	0,7
Outras atividades de serviços	S	8,8	6,9	9,8	0,7
Alojamento e alimentação	I	8,7	7,9	9,9	0,8
Atividades administrativas e serviços complementares	N	7,3	7,0	8,4	0,8
Atividades profissionais, científicas e técnicas	M	5,9	8,1	3,6	2,2
Transporte, armazenagem e correio	H	4,5	4,5	4,9	0,9
Saúde humana e serviços sociais	Q	3,4	4,5	1,5	3,0
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	A	3,2	4,4	1,0	4,4
Informação e comunicação	J	2,8	3,2	2,6	1,3
Educação	P	2,0	2,8	1,2	2,3
Serviços domésticos	T	1,3	0,4	2,6	0,1
Outras seções		2,5	2,2	3,1	1,5
Total		100,0	100,0	100,0	-

Fonte: GEM 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos.

A "Seção G - Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas" representa a maior parcela dos negócios dos empreendedores iniciais (quase 29%), com predominância entre aqueles motivados por oportunidade (cerca de 30%), embora também apresente concentração entre os empreendedores por necessidade (27%). Esse resultado confirma o caráter transversal do setor, que combina relativa atratividade mercadológica com baixas barreiras de entrada, funcionando tanto como estratégia de exploração de oportunidades quanto como alternativa de inserção econômica em contextos adversos.

Na sequência, a "Seção C – Indústrias de transformação" e a "Seção F – Construção" também se destacam, com participações próximas de 11%, apresentando relativo desbalanceamento em favor dos motivados por necessidade (em torno de 12% e 13%, respectivamente).

Seções como a "Seção M – Atividades profissionais, científicas e técnicas", a "Seção J – Informação e comunicação", a "Seção P – Educação" e a "Seção Q – Saúde humana e serviços sociais" apresentam maior peso relativo entre os empreendedores motivados por oportunidade, evidenciando maior alinhamento com estratégias planejadas, uso intensivo de capital humano e identificação prévia de nichos de mercado. Destaca-se, por exemplo, que cerca de 8% dos empreendedores por oportunidade atuam em atividades da "Seção M – Atividades profissionais, científicas e técnicas", frente a pouco menos de 4% entre os motivados por necessidade, reforçando a associação entre esse tipo de empreendedorismo e setores de maior valor agregado.

Em contrapartida, atividades da "Seção T – Serviços domésticos" (praticamente 3%) e da "Seção S – Outras atividades de serviços" (cerca de 10%) apresentam maior concentração relativa entre os empreendedores por necessidade, sugerindo trajetórias marcadas por restrições no mercado de trabalho formal e menor disponibilidade de recursos iniciais.

Portanto, os dados indicam que os empreendedores por oportunidade concentram seus negócios em setores mais intensivos em conhecimento e capital humano, enquanto o empreendedorismo por necessidade permanece ligado a atividades tradicionais e de menor complexidade tecnológica. Essas diferenças se intensificam nas faixas etárias mais velhas, evidenciando a interação entre motivação, tipo de atividade e ciclo de vida, reforçando a necessidade de políticas públicas que promovam a transição para formas de empreendedorismo mais sustentáveis e orientadas à oportunidade.

Passa-se a analisar agora a razão entre oportunidade e necessidade em cada seção de atividades. Percebe-se que há um grupo de seções em que a oportunidade supera em muito a necessidade: "Seção A – Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura" com razão de 4,4; "Seção Q – Saúde humana e serviços sociais", que apresenta razão 3,0; "Seção P – Educação", que atinge a razão de 2,3; e a "Seção M – Atividades profissionais, científicas e técnicas" em que a razão é de 2,2.

Para o melhor entendimento do significado dessas razões, pode-se fazer a seguinte leitura, por exemplo: nos negócios relacionados à agricultura, pecuária etc. (Seção A), a razão 4,4 indica que para cada 100 empreendedores por necessidade, tem-se 440 que empreendem por oportunidade, ou, que na seção Q, dos negócios relacionados à saúde, para cada 100 empreendedores por necessidade, tem-se 300 por oportunidade (razão 3,0). No geral, percebe-se que as atividades de negócios nessas seções demandam educação, capacitação ou treinamentos específicos, além de capital ou terra, como no caso específico da seção A. Ou seja, exigem conhecimentos especializados que permitem que os empreendedores identifiquem oportunidades para iniciar seus negócios, oferecendo produtos e serviços com maior valor agregado, ou com acesso ao mercado de modo mais favorável do que em outras seções de atividades, o que pode repercutir positivamente nas chances de sucesso desses empreendimentos.

Nas seções "J – Informação e comunicação" e "G - Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas" há um predomínio mais modesto da oportunidade sobre a necessidade, dado que as razões são de 1,3 e 1,1, respectivamente. No caso das atividades vinculadas a "Seção G", que é a mais frequentemente buscada pelos empreendedores brasileiros, sejam eles classificados como empreendedores por oportunidade ou necessidade, a maior parte não demanda educação específica ou especializada. Além disso, as barreiras de entrada tendem a ser menores, quer em termo de experiência, capital ou outros recursos, o que facilita o ingresso de mais empreendedores pressionados por necessidade, mesmo que o mercado ainda seja promissor e atraente aos empreendedores que identificam boas oportunidades, com condições de operar de forma diferenciada em seus campos de competição.

Entre as várias seções em que a motivação por necessidade supera a oportunidade (razão inferior a 1,0), destacam-se: a "Seção F – Construção", com razão de 0,7 e, a "Seção T – serviços domésticos", cuja razão é de 0,1 significando que para cada 100 negócios abertos por necessidade, apenas 10 são abertos porque o empreendedor identificou uma oportunidade.

Assim, a maioria desses empreendedores escolhem seções de atividades que são menos exigentes em termos de requisitos de educação e experiência prévias; são atividades em que se pode ter familiaridade, experiências e aprendizagem obtidas com exposição a modelos, instrutores ou pessoas mais experientes, em situações informais, ou em treinamentos e capacitações formais de curta duração. Em geral, o mercado de atuação nesses grupos de atividades é disputado com base no preço, e não no valor agregado/inovação dos produtos ou serviços; ou são segmentos em que os empreendedores atuam diretamente vinculados, até com certo grau de dependência, a empresas de maior porte, capazes de determinar limites a seus próprios custos, impactando assim a perspectiva de crescimento desses empreendimentos que dependem, em muitos casos, da própria força de trabalho de seus proprietários.

4.3. Pessoas envolvidas nos empreendimentos – proprietários ou contratados: Brasil e economias participantes

A média de proprietários (ou sócios) em diferentes estágios de desenvolvimento, ou seja, a quantidade de pessoas envolvidas nos empreendimentos é apresentada na **Tabela 4.6**. No Brasil, entre empreendedores de 18 a 64 anos, as médias de proprietários para empreendimentos — nascentes, novos e estabelecidos — são, respectivamente, 1,5, 1,3 e 1,5.

Tabela 4.6 Número médio de proprietários[1] no negócio por estágio – Brasil – 2025

Estágio	Número médio de proprietários	
	18 a 64 anos	65 a 74 anos
Empreendedorismo inicial	1,4	1,2
Nascentes	1,5	1,4
Novos	1,3	1,1
Empreendedorismo estabelecido	1,5	1,1

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Para os empreendedores novos e estabelecidos representa o número médio de proprietários atual e para os nascentes representa a expectativa futura. Empreendedores de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos.

Número de proprietários nos negócios dos empreendedores de 65 a 74 anos

Entre os empreendimentos dos seniores, as médias nesses mesmos estágios são ligeiramente menores: 1,4, 1,1 e 1,1. Esses números são bastante próximos entre si, podendo-se inferir que não há variação significativa na quantidade de sócios ao longo dos diferentes estágios e faixas etárias (**Tabela 4.6**).

No **Quadro 4.3** são apresentados os números médios de proprietários nos negócios, por estágio dos empreendimentos, no Brasil e nas demais economias participantes do GEM em 2025, considerando empreendedores de 18 a 64 anos.

Quadro 4.3 Comparativo do indicador "número médio[1] de proprietários no negócio" – por estágio dos empreendimentos – economias participantes – 2025

Estatísticas descritivas	Número médio de proprietários no negócio			
	Iniciais			Estabelecidos
	Nascentes	Novos	Total (iniciais)	
Média	1,8	1,9	1,8	2,3
Mínimo	1,3 (Índia)	1,1 (Índia)	1,2 (Índia)	1,2 (Guatemala)
Máximo	2,8 (Catar)	7,2 (México)	4,1 (México)	17,0 (Bahrein)
Brasil	**1,5**	**1,3**	**1,4**	**1,5**
Posição Brasil	**45ª**	**47ª**	**47ª**	**35ª**

Fonte: GEM 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos.

Percebe-se que as médias do número de proprietários nos negócios no Brasil são inferiores às médias das economias participantes, nos diferentes estágios do negócio, situando o país entre a 35ª e 47ª posição entre as 48 economias analisadas.

No estágio nascente, a média das economias é de 1,8, variando entre o mínimo de 1,3, exibido pela Índia, e o máximo de 2,8, no Catar. O Brasil apresenta média de 1,5, posicionando-se na 45a colocação. No estágio de empreendimentos novos, a média global é de 1,9, enquanto a média brasileira, de 1,3, permanece bem abaixo, posicionando-o na 47ª colocação. O valor mínimo de 1,1 é novamente registrado pela Índia, e o máximo, de 7,2, pelo México.

No estágio de negócios estabelecidos, a média das economias é de 2,3, superior à observada nos negócios iniciais (1,8). A Guatemala exibe a menor média (1,2), enquanto a maior (17) é atingida pelo Bahrein. O Brasil, com a média de 1,5, fica situado na 35a posição. A análise desses dados conduz à conclusão de que um maior número de proprietários ou sócios tende a estar associado à maturidade dos negócios, visto que, no contexto internacional, observa-se um aumento desse indicador entre os empreendimentos estabelecidos.

A **Tabela auxiliar A4.4** detalha o número médio de proprietários nos negócios em todas as economias participantes da pesquisa em 2025.

A **Tabela 4.7** apresenta a distribuição dos empreendedores brasileiros segundo o número de pessoas que pretendem empregar ou já empregam, de acordo com o estágio do empreendimento. A geração de ocupação é analisada considerando os diferentes estágios de desenvolvimento dos negócios: para os empreendimentos nascentes, considera-se a expectativa de criação de empregos nos próximos cinco anos, enquanto, para os novos e estabelecidos, são contabilizados os postos de trabalho efetivamente gerados. Essa distinção é fundamental para a adequada análise e comparação entre os dados encontrados.

Tabela 4.7 Distribuição percentual de empreendedores[1] iniciais e estabelecidos segundo a geração de ocupação[2] – Brasil – 2025

Pessoas ocupadas	Percentual de empreendedores (%)		
	18 a 64 anos		
	Nascentes	Novos	Estabelecidos
Não informou	9,8	3,9	2,2
Nenhuma pessoa	8,0	51,6	39,4
1 pessoa	2,8	14,3	16,8
2 pessoas	8,0	10,6	6,9
3 pessoas	9,0	3,9	7,3
4 pessoas	7,5	4,3	3,6
5 ou mais pessoas	54,9	11,3	23,8
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos.
[2] Para os empreendedores nascentes, representa a expectativa futura para a geração de ocupação nos próximos cinco anos. Para os novos e estabelecidos representa a geração de ocupação atual.

São altos os percentuais de empreendedores novos e estabelecidos que não geram nenhum posto de trabalho — quase 52% e 39%, respectivamente —, indicando que se tratam, majoritariamente, de empreendedores individuais, à geração do seu próprio emprego. Esse resultado contrasta com o observado entre os empreendedores nascentes, entre os quais apenas cerca de 8% não projetam criação de ocupações.

Esses empreendedores nascentes, por estarem dando os primeiros passos na direção de efetiva abertura de seus empreendimentos, concentram suas expectativas na geração de, no mínimo, duas ocupações; observa-se que mais da metade deles (cerca de 55%) espera gerar mais de cinco ocupações nos próximos anos.

Essas expectativas contrastam com os dados observados entre empreendedores novos e estabelecidos, pois se baseiam na realidade atual de seus negócios, na efetiva ocupação de pessoas. Assim, entre os empreendedores novos, aproximadamente metade (24,9%) emprega de uma a duas pessoas, cerca de 8% ocupam entre três e quatro pessoas, e praticamente 11% ocupam cinco ou mais.

Comparativamente, os empreendedores estabelecidos geram mais ocupações: quase 24% geram de uma a duas ocupações, cerca de 11% entre três e quatro, e praticamente 24% ocupam cinco pessoas ou mais, ou seja, aproximadamente o dobro do que geram os empreendedores novos.

Indicador de expectativa de geração de ocupação

A pesquisa GEM tem especial interesse em averiguar a influência do empreendedorismo na geração de ocupação a partir dos negócios criados. Para tanto, um dos indicadores utilizados busca identificar a incidência de empreendedores que possuem **expectativa elevada** quanto à geração de ocupações. Para a mensuração desse indicador, que é composto por múltiplas variáveis, são considerados os empreendedores que revelam a intenção de que no prazo de cinco anos terão 10 ou mais pessoas ocupadas em seu empreendimento e, ao mesmo tempo, que o número de pessoas previstas no futuro (cinco anos) seja pelo menos 50% maior que o número de pessoas atualmente ocupadas (momento da entrevista).

Complementando a análise dos dados de geração de empregos, o **Quadro 4.4** apresenta a expectativa elevada quanto à geração de ocupações dos empreendedores iniciais comparativamente às economias participantes. Esclarece-se que expectativa elevada quanto à geração de ocupações significa que o empreendedor afirma que terá 10 ou mais empregados em cinco anos e terá um crescimento de pelo menos 50% no número de empregos gerados, em relação ao atual. O Brasil, com a média de 25,2% de empreendedores iniciais com elevada expectativa, supera bastante a média geral, de 18,7%, posicionando-se na 13a colocação em termos dessas elevadas expectativas. O menor valor percentual apresentado, de 2,4%, é da Polônia, e o máximo, de 53,8%, é da Arábia Saudita.

Quadro 4.4 Comparativo do indicador "expectativa elevada quanto à geração de ocupações"[1] – percentual de empreendedores[2] iniciais – economias participantes – 2025

Estatísticas descritivas	Iniciais
Média (%)	18,7
Mínimo (%)	2,4 (Polônia)
Máximo (%)	53,8 (Arábia Saudita)
Brasil (%)	**25,2**
Posição Brasil	**13ª**

Fonte: GEM 2025
[1] Expectativa elevada quanto à geração de ocupações: o empreendedor afirma que em cinco anos terá 10 ou mais empregados e terá um crescimento de pelo menos 50% no número de empregos gerados, em relação ao atual.
[2] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos.

O indicador "expectativa elevada quanto à geração de ocupações" em todas as economias é apresentado na **Tabela auxiliar A4.5**.

4.4. Formalização dos negócios

A **Tabela 4.8** apresenta os percentuais de empreendedores brasileiros, em diferentes estágios de desenvolvimento de seus negócios, que possuem Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ).

Tabela 4.8 Percentual de empreendedores[1] por estágio que obtiveram CNPJ – Brasil – 2025

Estágio	Percentual de empreendedores com CNPJ (%)	
	18 a 64 anos	65 a 74 anos
Empreendedorismo total	47,6	44,2
Empreendedorismo inicial	41,2	23,5
Nascentes	35,7	26,5
Novos	45,3	22,6
Empreendedorismo estabelecido	58,0	57,4

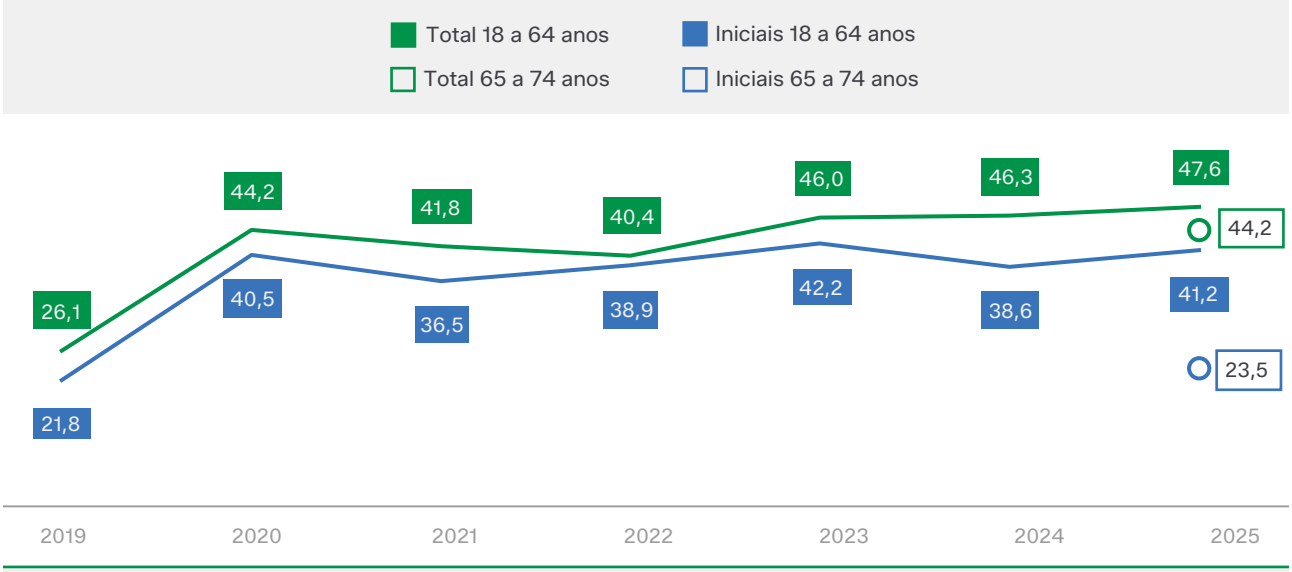
Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos.

No total, quase 48% dos empreendedores de 18 a 64 anos no Brasil possuem CNPJ, resultado esse que significa que menos da metade dos negócios se encontram formalizados e incluídos no sistema legal e tributário. Analisando-se os estágios do ciclo empreendedor, no empreendedorismo inicial na faixa etária de 18 a 64 anos têm-se cerca de 41% de formalização. Desdobrando-se os empreendedores iniciais em nascentes e novos, observa-se que o percentual dos empreendedores nascentes de 18 a 64 anos cai um pouco — para quase 36% (5,5 p.p.). Entre os empreendedores novos, o resultado é maior, atingindo praticamente 45%. No empreendedorismo estabelecido, 58% dos empreendedores possuem negócios formalizados, sugerindo que a maior maturidade e possível estabilidade do negócio favorece ou se associa com a formalização dos negócios. Deve-se observar que entre os empreendedores iniciais e, de modo especial, entre os nascentes, tende a haver menos negócios formais porque, em muitos casos, estão em uma etapa de experiência. Outro detalhe importante, por conta da própria definição do empreendedorismo nascente, é o natural baixo grau de formalização, pois muitos estão ainda no planejamento do negócio, ou ainda não começaram a operar efetivamente.

Os resultados de obtenção de CNPJ demonstram que ainda há dificuldades a serem superadas para que os pequenos negócios sejam incluídos na economia formal, apontando para a necessidade de mais apoio e orientação, e incentivos para facilitar o processo de formalização.

O **Gráfico 4.1** mostra a evolução do percentual de empreendedores de 18 a 64 anos formalizados no Brasil, considerando o total de empreendedores e aqueles em estágios iniciais, no período de 2019 a 2025. No início da série, em 2019, observa-se que apenas 26% dos empreendedores no total e cerca de 22% dos empreendedores iniciais possuíam CNPJ, evidenciando um nível baixo de formalização. Entre 2019 e 2020 há um aumento significativo, com o total de formalizados atingindo 44% e os empreendedores iniciais chegando a quase 41%, o que pode estar relacionado a políticas públicas ou à busca por regularização diante das incertezas econômicas do período. Deve-se destacar aqui que a maior difusão da figura do Microempreendedor Individual (MEI) tende a colaborar para níveis mais elevados de formalização dos negócios.

Gráfico 4.1 Evolução do percentual de empreendedores[1] segundo a formalização – Brasil – 2019:2025



Fonte: GEM Brasil 2019 a 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos.

Entre 2020 e 2021, nota-se uma leve redução nos índices de formalização, com o total de empreendedores formalizados caindo para aproximadamente 42% e os empreendedores iniciais para quase 37%. Em 2022, observa-se nova queda na formalização no empreendedorismo total, que atinge praticamente 40%, ao passo que no empreendedorismo inicial tem-se o movimento contrário — crescimento para quase 39%. Essas quedas podem estar associadas às dificuldades econômicas impostas pela pandemia de Covid-19, que levou muitos empreendedores a atuarem informalmente devido aos custos e burocracias associados à formalização.

Em 2023, os índices voltaram a crescer, atingindo 46% no total e 42% entre os empreendedores iniciais; em 2024 registram-se cerca de 46% no empreendedorismo total e quase 39% no inicial, seguidos por mais crescimento em 2025, finalizando a série com aproximadamente 48% no total e 41% no inicial.

A série de dados demonstra uma diferença consistente entre os empreendedores totais e os iniciais, com percentuais de formalização sempre inferiores no empreendedorismo inicial. Essa disparidade reflete as barreiras enfrentadas por negócios em estágio inicial, como baixo faturamento, custos, burocracia e incertezas, para se formalizarem. A evolução apresentada indica um aumento geral na formalização ao longo do período analisado. A tendência de recuperação pós-pandemia e a progressão para os níveis mais recentes indicam um movimento positivo, entretanto há necessidade de manter e até ampliar os esforços no sentido de promover maior inclusão no sistema formal.

Formalização dos negócios entre empreendedores de 65 a 74 anos

Cerca de 44% dos empreendedores seniores possuem negócios formalizados. Esse percentual, que não difere muito do encontrado entre os demais empreendedores de faixa etária mais jovem, é sustentado sobretudo pelos empreendedores estabelecidos. Em torno de 57% desses formalizaram seus empreendimentos, pois é consideravelmente menor a proporção dos empreendedores iniciais dessa faixa etária com negócios formalizados, 23,5%, o que representa uma diferença de 17,7 p.p. (**Tabela 4.8**).

As **principais razões para a obtenção de um CNPJ** no Brasil, em 2025, classificadas de acordo com o estágio de desenvolvimento dos empreendedores: nascentes e novos (portanto, iniciais) e estabelecidos de 18 a 64 anos são apresentadas na **Tabela 4.9**.

Tabela 4.9 Principais razões para obtenção do CNPJ – percentual de empreendedores[1] – Brasil – 2025

Razão para obtenção do CNPJ	Percentual de empreendedores (%)			
	Iniciais			Estabelecidos
	Nascentes	Novos	Total (iniciais)	
Estar regularizado	45,7	40,1	42,0	45,4
Contribuir para a Previdência	18,5	8,8	12,7	15,3
Exigência dos clientes quanto à emissão de nota fiscal	13,4	23,0	18,8	22,9
Vender para diversos mercados, por exemplo, empresas	13,0	10,0	11,3	10,7
Obter crédito	9,4	3,7	6,0	3,3
Exigência da empresa onde trabalhava em se tornar terceirizado	8,3	13,1	11,3	6,2
Fazer compras como PJ	4,8	2,7	3,5	3,2
Ter funcionários	4,1	5,6	5,0	5,4
Trabalhar para órgãos públicos	3,0	0,8	1,7	0,9
Outro motivo	2,6	4,7	3,9	5,2

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos. Respostas múltiplas. Não totalizam 100%.

Para os empreendedores de 18 a 64 anos, cerca de 46% dos nascentes e 40% dos novos (totalizando 42% dos empreendedores iniciais) buscam a formalização para estarem regularizados. A exigência dos clientes quanto à emissão de nota fiscal é apontada como principal razão por aproximadamente 19% dos empreendedores iniciais — 13,4% dos nascentes e 23% dos novos — e por cerca de 23% dos estabelecidos.

A possibilidade de vender para diversos mercados, como empresas, é importante para quase 11% dos empreendedores iniciais, sendo 13% dos nascentes e 10% dos novos e 10,7% dos estabelecidos.

Outra importante razão para a obtenção do CNPJ é a exigência da empresa onde trabalhava em se tornar terceirizado, que é relevante para 6% dos estabelecidos e praticamente 11% dos iniciais.

Em síntese, a busca da regularização é a razão predominante para a formalização em todos os estágios. Paralelamente, aspectos como contribuir para a Previdência, a exigência dos clientes de emissão de nota fiscal e vender para diversos mercados tornam-se mais significativos à medida que os negócios evoluem, refletindo mudanças nas prioridades dos empreendedores em função de suas necessidades operacionais e sociais.

A **Tabela 4.10** apresenta as **principais razões para a não obtenção do CNPJ** (ou não formalização dos negócios) entre empreendedores no Brasil em 2025, segundo o estágio do negócio (empreendedores iniciais — nascentes e novos — e estabelecidos), oferecendo dados que permitem perceber quais são os obstáculos à formalização. Importa ressaltar que o questionário permite respostas múltiplas, razão pela qual os percentuais não totalizam 100%.

Tabela 4.10 Principais razões para NÃO obtenção do CNPJ – percentual de empreendedores[1] – Brasil – 2025

Razão para NÃO obtenção do CNPJ	Percentual de empreendedores (%)			
	Iniciais			Estabelecidos
	Nascentes	Novos	Total (iniciais)	
Iniciou o negócio há pouco tempo, ainda irá regularizar	21,0	20,4	21,0	10,1
Ainda não iniciaram as atividades	24,5	8,8	16,8	2,8
Atividade não exige CNPJ/possui outro tipo de registro alvará, licença	10,5	17,5	14,3	30,3
Está em processo de regularização da empresa	9,9	6,1	8,6	3,6
Formalização custa caro	7,4	9,4	8,1	9,6
Não vê necessidade	4,4	12,1	7,3	14,0
Formalização é um processo demorado/burocrático	4,7	4,6	4,7	5,6
Faturamento ainda é baixo; negócio muito pequeno para ser formalizado	6,9	2,2	4,6	1,9
Não sabe se vai continuar com este negócio por muito tempo	0,0	5,2	2,7	8,2
Não tem como pagar impostos	1,1	3,0	2,1	4,4
Por falta de tempo	0,6	3,2	1,6	2,8
Não sabe como fazer para formalizar	0,7	1,2	0,9	3,5
Outro motivo	7,2	7,4	7,4	9,5

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos. Respostas múltiplas. Não totalizam 100%.

Entre os empreendedores iniciais de 18 a 64 anos, predominam razões associadas ao momento do ciclo de vida do negócio. A principal justificativa entre os nascentes é o fato de ainda não terem iniciado as atividades (quase 25%), enquanto entre os novos destaca-se a percepção de que o negócio foi iniciado há pouco tempo e ainda será regularizado (ao redor de 20%). Outra razão relevante entre os empreendedores iniciais é a percepção de que a atividade não exige CNPJ ou já possui outro tipo de registro (cerca de 14%), especialmente entre os empreendedores novos (aproximadamente 18%). Esse dado sugere ambiguidade regulatória ou desconhecimento sobre as exigências formais, o que pode retardar ou desestimular a formalização. Em menor escala, mas ainda de forma significativa, aparecem razões associadas aos custos da formalização (praticamente 8%), ao processo burocrático e ao baixo faturamento inicial (quase 5% para ambas), indicando que barreiras econômicas e administrativas seguem relevantes na decisão de permanecer informal. Há também, dentre os iniciais, os que afirmam que não veem necessidade de formalização (cerca de 7%).

Já entre os empreendedores estabelecidos de 18 a 64 anos, observa-se um perfil distinto. A principal razão para a não obtenção do CNPJ passa a ser a percepção de que a atividade não exige CNPJ ou já possui outro tipo de registro (praticamente 30%), seguida pela não percepção de necessidade de formalização (14%) e pelos custos associados à formalização (quase 10%). Esses resultados sugerem que, para negócios já consolidados, a informalidade tende a assumir um caráter estratégico ou funcional, mais do que temporário, refletindo avaliações de custo-benefício e estratégias de adaptação ao ambiente regulatório.

Em síntese, os dados revelam que a não formalização via CNPJ decorre de uma combinação de fatores temporais, econômicos, regulatórios e estratégicos, variando conforme o estágio do negócio. Enquanto entre os empreendedores

iniciais a informalidade tende a ser percebida como provisória, associada à fase de arranque do negócio, entre os empreendedores estabelecidos — especialmente os mais velhos — ela assume um caráter mais deliberado, baseado na percepção de dispensa legal, custos elevados ou baixa relação custo-benefício da formalização.

A distribuição percentual das principais atividades dos empreendedores iniciais no Brasil em 2025, segundo a situação de formalização (com ou sem CNPJ), é exibida na **Tabela 4.11**. A análise desses dados permite avaliar como a formalização se associa às diferentes seções de atividades.

Tabela 4.11 Distribuição percentual das principais atividades de empreendedores[1] iniciais segundo a formalização – Brasil – 2025

Denominação (CNAE)	Seção	Percentual de empreendedores iniciais (%)		
		Total (inicial)	Com CNPJ	Sem CNPJ
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	G	28,7	25,5	30,8
Indústrias de transformação	C	10,5	9,8	11,1
Construção	F	10,5	11,0	10,3
Outras atividades de serviços	S	8,8	5,0	11,6
Alojamento e alimentação	I	8,7	9,0	8,5
Atividades administrativas e serviços complementares	N	7,3	11,2	4,6
Atividades profissionais, científicas e técnicas	M	5,9	6,8	4,9
Transporte, armazenagem e correio	H	4,5	4,6	4,5
Saúde humana e serviços sociais	Q	3,4	4,8	2,4
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	A	3,2	2,5	3,7
Informação e comunicação	J	2,8	4,5	1,7
Educação	P	2,0	1,3	2,1
Serviços domésticos	T	1,3	0,0	2,2
Outras seções		2,5	3,9	1,5
Total		100,0	100,0	100,0

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos.

Entre os empreendedores iniciais de 18 a 64 anos, a "Seção G – Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas" permanece como o principal setor de atuação (ao redor de 29%), porém com diferenças relevantes segundo a formalização. A participação é maior entre os empreendedores sem CNPJ (aproximadamente 31%) do que entre aqueles com CNPJ (quase 26%), indicando que as atividades dessa seção funcionam como uma porta de entrada recorrente para o empreendedorismo informal, em função de fracas barreiras regulatórias e da possibilidade de operação em pequena escala.

Setores mais intensivos em conhecimento, capital humano e exigências regulatórias apresentam maior presença relativa entre os empreendedores formalizados. Destacam-se as "Seção N – Atividades administrativas e serviços complementares", que concentram aproximadamente 11% dos empreendedores com CNPJ, contra apenas cerca de 5% entre os sem CNPJ, bem como a "Seção M – Atividades profissionais, científicas e técnicas" (cerca de 7% com CNPJ frente a quase 5% sem CNPJ) e "Seção J – Informação e comunicação" (aproximadamente 5% *versus* quase 2%). Esses resultados sugerem que a formalização está fortemente associada a

setores que demandam maior previsibilidade institucional, contratos formais e inserção em cadeias produtivas estruturadas.

Em contrapartida, atividades tradicionalmente associadas à informalidade e à subsistência apresentam maior peso entre os empreendedores sem CNPJ. Além do comércio, destacam-se "Seção S – Outras atividades de serviços" (11,6% sem CNPJ contra 5% com CNPJ), "Seção T – serviços domésticos" (apenas 2%, exclusivamente entre os sem CNPJ) e, em menor medida, a "Seção A – Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura" (quase 4% sem CNPJ frente a cerca de 3% com CNPJ). Esse padrão reforça o papel da informalidade como estratégia de entrada e sobrevivência em setores de menor escala e menor exigência de capital inicial.

Portanto, a análise evidencia que a formalização do empreendedorismo inicial no Brasil está fortemente associada ao setor de atividade. Seções com atividades mais complexas, reguladas e intensivas em conhecimento apresentam maior propensão à formalização, enquanto as atividades tradicionais, de pequena escala e intensivas, concentram maior informalidade.

Apresenta-se na **Tabela 4.12** a distribuição percentual das principais atividades dos empreendedores estabelecidos no Brasil em 2025, segundo a situação de formalização (com ou sem CNPJ), permitindo analisar como a formalização se relaciona com as seções de atividades dos negócios consolidados.

Tabela 4.12 Distribuição percentual das principais atividades de empreendedores[1] estabelecidos segundo a formalização – Brasil – 2025

Denominação (CNAE)	Seção	Percentual de empreendedores estabelecidos (%)		
		Total (estabelecido)	Com CNPJ	Sem CNPJ
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	G	22,4	25,6	18,3
Atividades profissionais, científicas e técnicas	M	15,7	16,8	13,2
Indústrias de transformação	C	11,2	12,7	9,3
Outras atividades de serviços	S	8,8	9,6	7,9
Construção	F	7,8	5,0	11,3
Transporte, armazenagem e correio	H	6,5	6,1	7,1
Atividades administrativas e serviços complementares	N	6,4	6,9	5,7
Alojamento e alimentação	I	5,8	7,0	4,3
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	A	3,7	4,0	3,3
Saúde humana e serviços sociais	Q	3,3	1,9	5,4
Serviços domésticos	T	3,0	0,8	6,3
Educação	P	1,9	0,7	3,6
Artes, cultura, esporte e recreação	R	1,3	0,6	2,2
Atividades imobiliárias	L	1,2	0,6	2,1
Outras seções		1,0	1,7	0,0
Total		100,0	100,0	100,0

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos.

Entre os empreendedores estabelecidos de 18 a 64 anos, a "Seção G – Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas" permanece como o principal setor (praticamente 22%), mas com diferenças relevantes conforme a formalização. A participação é maior entre os formalizados (aproximadamente 26%) do que entre os sem CNPJ (ao redor de 18%), indicando que, à medida que os negócios amadurecem, a formalização torna-se mais frequente nesse setor, possivelmente em função da necessidade de contratos formais, acesso a fornecedores e meios de pagamento estruturados.

Atividades com maior complexidade organizacional e institucional apresentam clara associação com a formalização. A "Seção M – Atividades profissionais, científicas e técnicas" concentra quase 17% dos empreendedores com CNPJ, frente a cerca de 13% entre os sem CNPJ, enquanto a "Seção C – Indústrias de transformação" também apresenta maior peso entre os formalizados (cerca de 13% contra 9%).

Em contrapartida, setores tradicionalmente associados à informalidade mesmo em estágios mais avançados mostram maior concentração entre os empreendedores sem CNPJ. Destacam-se a "Seção F – Construção" (11,3% sem CNPJ contra 5% com CNPJ), "Seção T – Serviços domésticos" (6,3% frente a 0,8%), "Seção P – Educação" (3,6% contra 0,7%) e "Seção Q – Saúde humana e serviços sociais" (5,4% frente a 1,9%). Esses dados sugerem que, mesmo entre negócios estabelecidos, parte significativa das atividades permanece à margem da formalização, refletindo estratégias de redução de custos, baixa escala ou inserção em nichos pouco regulados.

Em síntese, a análise da **Tabela 4.12** indicam que, no empreendedorismo estabelecido, a formalização está fortemente associada a setores com maior exigência institucional, escala produtiva e necessidade de integração a cadeias formais de mercado. Contudo, a persistência de níveis relevantes de informalidade mesmo entre negócios consolidados — especialmente em setores intensivos em trabalho e de menor complexidade regulatória — evidencia limitações estruturais do ambiente institucional brasileiro.

Os dados da distribuição percentual dos empreendedores nascentes, novos (iniciais) e estabelecidos segundo a formalização (com ou sem CNPJ) e a capacidade de geração de ocupação são mostrados na **Tabela 4.13**. permitindo avaliar o potencial de criação de empregos ao longo do ciclo de vida dos empreendimentos.

Tabela 4.13 Distribuição percentual de empreendedores[1] nascentes, novos (iniciais) e estabelecidos segundo a formalização e a geração de ocupação[2] – Brasil – 2025

Pessoas ocupadas	Percentual de empreendedores (%)								
	Nascentes			Novos			Estabelecidos		
	Total	Com CNPJ	Sem CNPJ	Total	Com CNPJ	Sem CNPJ	Total	Com CNPJ	Sem CNPJ
Não informou	9,8	6,3	11,0	3,9	1,5	5,1	2,2	2,5	1,9
Nenhuma pessoa	8,0	4,2	10,3	51,6	37,4	63,8	39,4	30,1	51,2
1 pessoa	2,8	1,3	3,8	14,3	13,4	15,1	16,8	12,0	23,8
2 pessoas	8,0	13,2	5,2	10,6	12,6	9,1	6,9	8,0	5,5
3 pessoas	9,0	11,2	7,9	3,9	7,7	0,8	7,3	9,3	4,6
4 pessoas	7,5	9,3	6,6	4,3	6,6	2,3	3,6	3,7	3,4
5 ou mais pessoas	54,9	54,4	55,2	11,3	20,6	3,7	23,8	34,3	9,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos.
[2] Para os empreendedores nascentes, representa a expectativa futura para a geração de ocupação nos próximos cinco anos. Para os novos e estabelecidos representa a geração de ocupação atual.

Ressalta-se que, para os empreendedores nascentes, os dados refletem a expectativa futura de geração de ocupação nos próximos cinco anos, enquanto, para os novos e estabelecidos, representam a geração de ocupação atual.

Entre os empreendedores de 18 a 64 anos, observa-se uma forte diferenciação conforme o estágio do negócio. Entre os nascentes, predomina uma expectativa elevada de geração de ocupação: cerca de 55% indicam a intenção de empregar cinco ou mais pessoas, proporção semelhante entre os formalizados e os não formalizados (entre 54% e 55%). Esse dado sugere um otimismo significativo no momento de entrada no empreendedorismo, característico dessa fase inicial, ainda que parte dessas expectativas possa não se concretizar ao longo do tempo.

Entre os empreendedores novos, o perfil muda substancialmente. A maioria declara não empregar nenhuma pessoa (quase 52%), com maior concentração entre os sem CNPJ (cerca de 64%) do que entre os formalizados (ao redor de 37%), indicando que a informalidade está fortemente associada a empreendedores solo. Ainda assim, observa-se que aproximadamente 11% dos novos empreendedores declaram empregar cinco ou mais pessoas, sendo o percentual muito mais elevado entre os formalizados (quase 21%) do que entre os não formalizados (cerca de 4%), apontando para o papel da formalização na ampliação da capacidade de geração de empregos.

Em síntese, os resultados evidenciam que a geração de ocupação no empreendedorismo brasileiro está fortemente associada ao estágio do negócio, à formalização. Enquanto os empreendedores nascentes apresentam expectativas muito otimistas de criação de empregos, a efetiva geração de ocupação concentra-se nos empreendimentos formalizados.

4.5 Franquias

A **Tabela 4.14** apresenta a distribuição percentual dos empreendedores iniciais e estabelecidos cujos negócios operam no modelo de franquia segundo o grupo etário, permitindo avaliar a presença desse formato organizacional no universo do empreendedorismo brasileiro.

Tabela 4.14 Distribuição percentual dos empreendedores[1] iniciais e estabelecido cujos negócios são franquias – Brasil – 2025

Franquia	Percentual dos empreendedores (%)					
	18 a 64 anos				65 a 74 anos	
	Iniciais			Estabelecidos	Iniciais	Estabelecidos
	Nascentes	Novos	Total (iniciais)			
É um franqueador	1,0	1,4	1,3	1,6	8,7	7,8
É um franqueado	4,0	4,3	4,2	2,4	5,0	0,0
Não é franquia	94,9	94,3	94,5	95,9	86,3	92,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos e de 65 a 74 anos.

Entre os empreendedores de 18 a 64 anos, observa-se que a grande maioria dos negócios não está vinculada ao sistema de franquias. Entre os empreendedores iniciais, praticamente 95% dos negócios não são franquias, proporção semelhante entre os nascentes (cerca de 95%) e os novos (em torno de 94%). Esse resultado evidencia que o empreendedorismo inicial no Brasil permanece predominantemente associado à criação de negócios independentes, muitas vezes de pequena escala e com forte caráter individual ou familiar.

A participação de empreendedores de 18 a 64 anos que atuam no sistema de franquias é relativamente pequena, representando ao redor de 4% dos empreendedores iniciais. Esse percentual é bastante próximo entre os nascentes e os novos (em torno de 4%), sugerindo que o modelo de franquia pode funcionar como alternativa de entrada no empreendedorismo, sobretudo para indivíduos que buscam operar sob uma marca consolidada e com um modelo de negócio previamente estruturado. Por sua vez, a presença de franqueadores entre os empreendedores iniciais é ainda mais restrita (praticamente 1%), refletindo as maiores exigências de escala, capital e maturidade organizacional necessárias para estruturar e expandir redes de franquias.

Entre os empreendedores estabelecidos de 18 a 64 anos, a participação de franqueadores apresenta aumento pouco significativo (0,3 p.p. pois atinge 1,6%), enquanto a proporção de franqueados diminui (para aproximadamente 2%). Esse resultado sugere que, ao longo do ciclo de vida dos negócios, parte das franquias pode evoluir para formatos operacionais mais autônomos ou que a sobrevivência no sistema de franquias esteja associada a dinâmicas específicas do setor e da rede franqueadora.

De forma geral, a análise dos resultados indica que o sistema de franquias possui participação relativamente limitada no conjunto do empreendedorismo brasileiro, sendo amplamente superado pela criação de negócios independentes. Ainda assim, o modelo de franquia representa uma alternativa relevante para uma parcela específica de empreendedores, sobretudo aqueles que buscam reduzir incertezas associadas ao início de um negócio por meio da adoção de marcas consolidadas, modelos de negócios definidos, padrões operacionais estruturados e suporte gerencial. Esses resultados reforçam o papel complementar das franquias no ecossistema empreendedor brasileiro, coexistindo com um amplo conjunto de iniciativas empresariais autônomas e de menor escala.

Franquias entre os empreendedores de 65 a 74 anos

Entre os empreendedores de 65 a 74 anos, observa-se um padrão distinto, embora também caracterizado pela predominância de negócios não vinculados a franquias. Entre os empreendedores iniciais, cerca de 86% afirmam não operar nesse modelo, enquanto quase 9% atuam como franqueadores e 5% como franqueados. Entre os empreendedores estabelecidos dessa faixa etária, praticamente 92% permanecem fora do sistema de franquias, ao passo que cerca de 8% atuam como franqueadores, não havendo registros de empreendedores estabelecidos na condição de franqueados (**Tabela 4.14**).

Tabela auxiliar A4.1

Distribuição percentual[1] de empreendedores iniciais segundo o setor das atividades econômicas – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025

Níveis de renda[2]	Economias	Regiões[3]	Percentual de empreendedores iniciais (%)				
			Setor extrativo	Setor de transformação	Serviços orientados para negócios	Serviços orientados para o consumidor	Total
Nível A	Alemanha	E&NA	1,9	14,5	30,5	53,1	100,0
	Arábia Saudita	OM&A	0,3	13,3	9,3	77,1	100,0
	Bahrein	OM&A	0,0	20,6	17,0	62,5	100,0
	Canadá	E&NA	2,1	23,2	20,7	54,0	100,0
	Catar	OM&A	5,5	29,4	28,1	37,0	100,0
	Chipre	E&NA	1,4	14,0	33,0	51,6	100,0
	Coreia do Sul	A	0,0	20,5	10,1	69,4	100,0
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	0,7	28,8	24,6	45,9	100,0
	Eslovênia	E&NA	2,0	29,8	39,8	28,5	100,0
	Espanha	E&NA	2,9	12,3	33,1	51,7	100,0
	Estados Unidos	E&NA	3,4	17,2	26,2	53,2	100,0
	Finlândia	E&NA	10,3	20,7	33,7	35,3	100,0
	França	E&NA	2,8	19,7	33,8	43,7	100,0
	Israel	OM&A	1,7	12,7	30,6	54,9	100,0
	Itália	E&NA	5,1	19,1	32,1	43,6	100,0
	Lituânia	E&NA	3,5	22,4	22,9	51,2	100,0
	Luxemburgo	E&NA	0,9	15,5	40,4	43,2	100,0
	Noruega	E&NA	6,3	18,4	38,5	36,8	100,0
	Países Baixos	E&NA	2,0	12,9	33,1	52,1	100,0
	Polônia	E&NA	1,7	27,9	18,3	52,1	100,0
	Porto Rico	ALC	1,9	17,7	32,0	48,4	100,0
	Reino Unido	E&NA	0,4	18,6	29,9	51,1	100,0
	Suécia	E&NA	7,4	10,8	45,0	36,7	100,0
	Suíça	E&NA	1,4	10,4	40,1	48,1	100,0
	Taiwan	A	1,9	20,7	20,8	56,7	100,0
	Média Nível A		**2,7**	**18,8**	**28,9**	**49,5**	**100,0**
Nível B	África do Sul	OM&A	4,3	16,2	17,7	61,7	100,0
	Angola	OM&A	6,4	13,4	3,1	77,1	100,0
	Argentina	ALC	0,9	19,6	19,0	60,5	100,0
	Brasil	**ALC**	**3,2**	**28,6**	**17,7**	**50,6**	**100,0**
	Chile	ALC	3,1	18,0	17,9	61,0	100,0
	Costa Rica	ALC	6,6	17,3	11,6	64,6	100,0
	Croácia	E&NA	6,9	20,2	34,5	38,3	100,0
	Egito	OM&A	13,3	26,0	2,7	58,0	100,0
	El Salvador	ALC	1,5	10,5	2,6	85,4	100,0
	Equador	ALC	0,6	13,0	3,2	83,2	100,0
	Eslováquia	E&NA	2,0	18,7	26,2	53,1	100,0
	Estônia	E&NA	3,6	25,9	30,1	40,3	100,0
	Guatemala	ALC	4,0	16,4	6,8	72,9	100,0
	Hungria	E&NA	5,1	21,0	25,8	48,2	100,0
	Índia	A	3,2	23,6	6,9	66,4	100,0
	Jordânia	OM&A	7,7	22,4	11,1	58,7	100,0
	Letônia	E&NA	8,1	29,5	27,9	34,6	100,0
	México	ALC	1,5	18,8	10,5	69,2	100,0
	Omã	OM&A	0,0	26,7	15,9	57,4	100,0
	Peru	ALC	1,7	18,8	19,0	60,4	100,0
	Romênia	E&NA	0,8	28,9	22,1	48,1	100,0
	Tailândia	A	4,2	17,1	5,3	73,4	100,0
	Venezuela	ALC	1,5	16,2	5,3	77,0	100,0
	Média Nível B		**3,9**	**20,3**	**14,9**	**60,9**	**100,0**

Fonte: GEM 2025

[1] Percentual da população de 18 a 64 anos.

[2] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.

[3] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

Tabela auxiliar A4.2 Distribuição percentual[1] de empreendedores estabelecidos segundo o setor das atividades econômicas – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025

Níveis de renda[2]	Economias	Regiões[3]	Percentual de empreendedores estabelecidos (%)				
			Setor extrativo	Setor de transformação	Serviços orientados para negócios	Serviços orientados para o consumidor	Total
Nível A	Alemanha	E&NA	1,6	18,5	39,7	40,2	100,0
	Arábia Saudita	OM&A	0,0	9,4	12,4	78,3	100,0
	Bahrein	OM&A	0,0	29,4	32,4	38,2	100,0
	Canadá	E&NA	0,7	17,9	26,7	54,7	100,0
	Catar	OM&A	0,0	37,9	28,1	34,0	100,0
	Chipre	E&NA	6,6	26,4	23,5	43,4	100,0
	Coreia do Sul	A	1,6	23,1	15,3	60,0	100,0
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	1,7	25,9	30,2	42,2	100,0
	Eslovênia	E&NA	5,5	27,1	42,4	25,0	100,0
	Espanha	E&NA	5,4	18,1	38,9	37,6	100,0
	Estados Unidos	E&NA	3,1	20,0	35,0	41,8	100,0
	Finlândia	E&NA	17,8	17,6	31,9	32,7	100,0
	França	E&NA	5,2	21,1	34,8	38,9	100,0
	Israel	OM&A	1,2	16,1	50,6	32,1	100,0
	Itália	E&NA	7,4	19,4	38,0	35,2	100,0
	Lituânia	E&NA	1,3	33,2	12,4	53,1	100,0
	Luxemburgo	E&NA	4,5	25,1	48,7	21,7	100,0
	Noruega	E&NA	10,3	22,2	31,5	35,9	100,0
	Países Baixos	E&NA	2,7	17,5	31,9	47,9	100,0
	Polônia	E&NA	4,3	25,9	19,1	50,7	100,0
	Porto Rico	ALC	0,9	30,0	31,2	37,8	100,0
	Reino Unido	E&NA	1,3	18,4	41,8	38,6	100,0
	Suécia	E&NA	7,5	14,6	48,2	29,8	100,0
	Suíça	E&NA	6,4	14,9	54,2	24,6	100,0
	Taiwan	A	6,3	27,0	15,8	51,0	100,0
	Média Nível A		**4,1**	**22,3**	**32,6**	**41,0**	**100,0**
Nível B	África do Sul	OM&A	5,3	24,7	14,6	55,3	100,0
	Angola	OM&A	12,7	18,4	7,6	61,3	100,0
	Argentina	ALC	0,0	27,2	14,6	58,2	100,0
	Brasil	**ALC**	**3,7**	**29,5**	**24,3**	**42,5**	**100,0**
	Chile	ALC	2,5	24,6	17,7	55,2	100,0
	Costa Rica	ALC	1,2	29,5	9,3	60,1	100,0
	Croácia	E&NA	22,4	19,2	33,3	25,1	100,0
	Egito	OM&A	8,4	35,0	2,6	54,0	100,0
	El Salvador	ALC	0,4	14,0	1,8	83,8	100,0
	Equador	ALC	0,6	20,2	2,8	76,4	100,0
	Eslováquia	E&NA	3,5	28,2	21,4	46,8	100,0
	Estônia	E&NA	8,6	28,4	35,7	27,2	100,0
	Guatemala	ALC	4,0	25,7	8,2	62,1	100,0
	Hungria	E&NA	8,4	26,4	26,4	38,9	100,0
	Índia	A	1,9	27,9	3,9	66,3	100,0
	Jordânia	OM&A	6,1	26,1	14,5	53,2	100,0
	Letônia	E&NA	14,9	31,6	29,1	24,5	100,0
	México	ALC	0,0	14,9	11,0	74,0	100,0
	Omã	OM&A	5,8	26,5	31,9	35,8	100,0
	Peru	ALC	0,4	23,5	17,9	58,3	100,0
	Romênia	E&NA	5,0	39,1	10,0	45,9	100,0
	Tailândia	A	2,9	15,5	4,8	76,9	100,0
	Venezuela	ALC	0,0	27,5	8,8	63,7	100,0
	Média Nível B		**5,2**	**25,4**	**15,3**	**54,2**	**100,0**

Fonte: GEM 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos.
[2] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.
[3] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

Tabela auxiliar A4.3 Abertura das seções CNAE em classe das atividades para os empreendedores[1] – Brasil – 2025

Denominação (CNAE)	Percentual de empreendedores (%)				
	Iniciais		Total (iniciais)	Estabelecidos	Total
	Nascentes	Novos			
Seção G - Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	**34,9**	**23,4**	**28,7**	**22,4**	**26,0**
Comércio varejista de artigos do vestuário e acessórios	9,0	4,2	6,2	1,8	4,4
Manutenção e reparação de veículos automotores	3,9	3,4	3,6	4,6	4,1
Comércio varejista de cosméticos, produtos de perfumaria e de higiene pessoal	0,4	3,9	2,3	2,2	2,3
Comércio varejista de produtos alimentícios em geral ou especializado em produtos alimentícios	5,0	0,9	2,8	1,3	2,3
Comércio varejista de outros produtos novos	3,1	1,9	2,5	0,3	1,6
Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios - minimercados, mercearias e armazéns	1,8	0,4	1,1	1,9	1,4
Comércio varejista de produtos de padaria, laticínio, doces, balas e semelhantes	0,4	1,0	0,7	1,0	0,8
Comércio varejista de bebidas	1,0	0,6	0,8	0,4	0,7
Comércio varejista especializado de móveis, colchoaria e artigos de iluminação	0,0	0,7	0,4	1,4	0,6
Comércio varejista de artigos de uso doméstico	2,2	0,0	1,0	0,0	0,6
Comércio varejista de calçados e artigos de viagem	0,0	0,8	0,4	0,5	0,4
Comércio atacadista especializado em produtos alimentícios	1,0	0,4	0,7	0,0	0,4
Comércio varejista especializado de equipamentos de telefonia e comunicação	1,0	0,0	0,5	0,0	0,3
Comércio varejista de livros, jornais, revistas e papelaria	0,0	0,0	0,0	0,7	0,3
Outras Atividades	5,9	5,2	5,6	6,4	5,8
Seção C - Indústrias de transformação	**14,5**	**7,0**	**10,5**	**11,2**	**10,9**
Fabricação de produtos de panificação	4,5	1,0	2,6	0,3	1,7
Confecção de peças do vestuário, exceto roupas íntimas	1,6	0,8	1,2	1,0	1,1
Fabricação de produtos diversos	0,4	0,0	0,2	1,8	0,8
Manutenção e reparação de máquinas e equipamentos da indústria mecânica	0,4	0,8	0,6	1,1	0,8
Fabricação de outros produtos têxteis	0,0	0,7	0,4	0,0	0,2
Fabricação de móveis com predominância de madeira	0,0	0,0	0,0	0,4	0,2
Fabricação de estruturas de madeira e de artigos de carpintaria para construção	0,0	0,0	0,0	0,4	0,1
Outras Atividades	7,5	3,7	5,5	6,2	5,8

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos.

(Continua)

(Continuação)

Tabela auxiliar A4.3 Abertura das seções CNAE em classe das atividades para os empreendedores[1] – Brasil – 2025

Denominação (CNAE)	Percentual de empreendedores (%)				
	Iniciais		Total (iniciais)	Estabelecidos	Total
	Nascentes	Novos			
Seção M - Atividades profissionais, científicas e técnicas	**3,5**	**7,8**	**5,9**	**15,7**	**9,8**
Atividades jurídicas, exceto cartórios	0,0	1,1	0,6	3,6	1,8
Serviços de engenharia	0,0	1,5	0,9	2,4	1,5
Atividades fotográficas e similares	0,0	0,6	0,3	2,9	1,4
Atividades profissionais, científicas e técnicas	1,0	2,3	1,7	0,4	1,2
Atividades de publicidade	0,5	0,8	0,6	1,8	1,1
Atividades de contabilidade, consultoria e auditoria contábil e tributária	0,0	0,4	0,2	1,6	0,8
Atividades de consultoria em gestão empresarial	0,5	0,0	0,2	1,3	0,6
Serviços de arquitetura	0,5	0,3	0,4	0,6	0,5
Outras Atividades	1,0	0,8	0,9	1,1	1,0
Seção F - Construção	**8,8**	**12,1**	**10,5**	**7,8**	**9,4**
Serviços especializados para construção	1,0	2,6	1,9	5,2	3,1
Obras de acabamento	2,3	3,8	3,0	1,0	2,2
Construção de edifícios	2,6	3,1	2,9	1,0	2,1
Instalações elétricas	1,9	1,7	1,8	0,3	1,2
Instalações hidráulicas, de sistemas de ventilação e refrigeração	0,5	0,9	0,7	0,4	0,6
Outras Atividades	0,5	0,0	0,2	0,0	0,1
Seção S - Outras atividades de serviços	**7,8**	**9,8**	**8,8**	**8,8**	**8,9**
Cabeleireiros e outras atividades de tratamento de beleza	6,2	5,9	5,9	5,7	5,9
Atividades de serviços pessoais	0,0	2,2	1,2	1,7	1,4
Reparação e manutenção de computadores e de equipamentos periféricos	1,3	0,5	0,9	0,0	0,5
Outras Atividades	0,4	1,1	0,8	1,4	1,0
Seção I - Alojamento e alimentação	**9,9**	**7,5**	**8,7**	**5,8**	**7,5**
Restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas	7,3	5,0	6,1	4,5	5,3
Serviços de *catering*, bufê e outros serviços de comida preparada	2,5	2,5	2,6	1,4	2,1
Hotéis e similares	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Seção N - Atividades administrativas e serviços complementares	**4,2**	**9,7**	**7,3**	**6,4**	**7,0**
Atividades de organização de eventos, exceto culturais e esportivos	0,0	3,1	1,7	1,3	1,5
Atividades paisagísticas	0,5	1,2	0,9	1,0	1,0
Serviços combinados de escritório e apoio administrativo	0,6	0,4	0,5	1,5	0,9
Limpeza em prédios e em domicílios	1,4	0,6	1,0	0,4	0,7
Outras Atividades	1,7	4,4	3,2	2,2	2,9

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos.

(Continua)

(Continuação)

Tabela auxiliar A4.3 Abertura das seções CNAE em classe das atividades para os empreendedores[1] – Brasil – 2025

Denominação (CNAE)	Percentual de empreendedores (%)				
	Iniciais		Total (iniciais)	Estabelecidos	Total
	Nascentes	Novos			
Seção H - Transporte, armazenagem e correio	**2,4**	**6,1**	**4,5**	**6,5**	**5,3**
Transporte rodoviário de carga	1,4	3,4	2,5	3,6	3,0
Transporte rodoviário de táxi	0,0	2,3	1,3	2,5	1,8
Outras Atividades	1,0	0,4	0,7	0,3	0,5
Seção Q - Saúde humana e serviços sociais	2,6	4,0	3,4	3,3	3,4
Atividades de profissionais da área de saúde, exceto médicos e odontólogos	0,0	2,6	1,4	1,8	1,6
Atividades de atenção ambulatorial executadas por médicos e odontólogos	2,1	0,3	1,2	0,7	1,0
Atividades de atenção à saúde humana	0,0	0,6	0,3	0,0	0,2
Outras Atividades	0,5	0,5	0,5	0,8	0,6
Seção A - Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	**5,3**	**1,3**	**3,2**	**3,7**	**3,4**
Criação de bovinos	1,4	0,5	0,9	0,3	0,7
Criação de aves	0,6	0,0	0,3	0,0	0,2
Criação de animais	0,5	0,0	0,2	0,0	0,2
Cultivo de frutas de lavoura permanente, exceto laranja e uva	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Outras Atividades	2,8	0,8	1,7	3,3	2,4
Seção J - Informação e comunicação	**2,7**	**3,4**	**2,8**	**1,0**	**2,3**
Desenvolvimento de programas de computador sob encomenda	0,5	1,3	0,7	0,3	0,7
Outras Atividades	2,1	2,1	2,2	0,7	1,6
Seção T - Serviços domésticos	**0,6**	**1,8**	**1,3**	**3,0**	**2,0**
Serviços domésticos	0,6	1,8	1,3	3,0	2,0
Seção P - Educação	**2,0**	**2,0**	**2,0**	**1,9**	**1,8**
Atividades de ensino	1,0	1,2	1,2	1,2	1,2
Ensino de arte e cultura	0,0	0,3	0,2	0,0	0,1
Outras Atividades	0,9	0,4	0,7	0,7	0,5
Seção L - Atividades imobiliárias	**0,0**	**1,2**	**0,6**	**1,2**	**0,9**
Intermediação na compra, venda e aluguel de imóveis	0,0	1,2	0,6	0,4	0,6
Outras Atividades	0,0	0,0	0,0	0,8	0,3
Seção R - Artes, cultura, esporte e recreação	**0,0**	**0,8**	**0,3**	**1,3**	**0,7**
Artes cênicas, espetáculos e atividades complementares	0,0	0,8	0,3	1,3	0,7

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos.

Tabela auxiliar A4.4 Número médio[1] de proprietários no negócio por estágio – economias participantes (agrupamento por nível de renda) – 2025

Níveis de renda[2]	Economias	Regiões[3]	Número médio de proprietário		
			Nascentes	Novos	Estabelecidos
Nível A	Alemanha	E&NA	1,8	2,0	2,0
	Arábia Saudita	OM&A	2,1	1,5	1,5
	Bahrein	OM&A	2,1	2,5	17,0
	Canadá	E&NA	2,0	2,2	2,0
	Catar	OM&A	2,8	2,4	2,1
	Chipre	E&NA	1,9	1,9	1,8
	Coreia do Sul	A	1,9	3,0	2,3
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	1,8	2,0	1,8
	Eslovênia	E&NA	1,8	1,4	1,6
	Espanha	E&NA	1,9	2,6	2,3
	Estados Unidos	E&NA	2,8	2,3	1,7
	Finlândia	E&NA	1,5	2,0	2,2
	França	E&NA	1,6	1,5	1,8
	Israel	OM&A	1,5	1,4	1,4
	Itália	E&NA	1,6	1,8	1,8
	Lituânia	E&NA	1,5	1,4	1,5
	Luxemburgo	E&NA	2,0	2,2	2,4
	Noruega	E&NA	2,2	2,5	9,2
	Países Baixos	E&NA	1,7	1,9	2,0
	Polônia	E&NA	1,4	1,4	1,5
	Porto Rico	ALC	1,7	1,9	1,8
	Reino Unido	E&NA	1,7	2,3	7,2
	Suécia	E&NA	2,0	2,0	2,2
	Suíça	E&NA	1,7	1,6	1,6
	Taiwan	A	2,6	2,2	1,8
	Média Nível A		**1,9**	**2,0**	**3,0**
Nível B	África do Sul	OM&A	1,7	1,6	1,9
	Angola	OM&A	1,7	1,6	1,4
	Argentina	ALC	1,7	1,8	1,7
	Brasil	**ALC**	**1,5**	**1,3**	**1,5**
	Chile	ALC	1,7	1,9	1,6
	Costa Rica	ALC	1,9	1,9	1,5
	Croácia	E&NA	1,6	1,4	1,6
	Egito	OM&A	1,8	2,0	2,4
	El Salvador	ALC	1,6	1,4	1,3
	Equador	ALC	1,4	1,4	1,3
	Eslováquia	E&NA	1,7	2,0	1,7
	Estônia	E&NA	1,5	1,4	1,6
	Guatemala	ALC	1,6	1,4	1,2
	Hungria	E&NA	1,7	1,3	1,3
	Índia	A	1,3	1,1	1,3
	Jordânia	OM&A	1,7	2,1	1,7
	Letônia	E&NA	1,8	1,9	1,5
	México	ALC	2,1	7,2	1,9
	Omã	OM&A	1,5	1,4	1,4
	Peru	ALC	2,0	1,8	1,7
	Romênia	E&NA	1,5	1,3	1,3
	Tailândia	A	2,8	1,8	1,5
	Venezuela	ALC	1,8	1,5	1,6
	Média Nível B		**1,7**	**1,8**	**1,6**

Fonte: GEM 2025
[1] Média dos empreendedores de 18 a 64 anos.
[2] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.
[3] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

Tabela auxiliar A4.5 Percentual[1] dos empreendedores iniciais segundo a "expectativa elevada quanto à geração de ocupações"[2] – economias participantes (agrupadas por nível de renda) – 2025

Níveis de renda[3]	Economias	Regiões[4]	Percentual de empreendedores iniciais (%)
Nível A	Alemanha	E&NA	14,8
	Arábia Saudita	OM&A	53,8
	Bahrein	OM&A	38,5
	Canadá	E&NA	24,2
	Catar	OM&A	34,5
	Chipre	E&NA	26,4
	Coreia do Sul	A	8,3
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	33,0
	Eslovênia	E&NA	19,6
	Espanha	E&NA	6,4
	Estados Unidos	E&NA	25,7
	Finlândia	E&NA	11,6
	França	E&NA	16,1
	Israel	OM&A	12,9
	Itália	E&NA	14,6
	Lituânia	E&NA	7,1
	Luxemburgo	E&NA	20,4
	Noruega	E&NA	15,7
	Países Baixos	E&NA	10,3
	Polônia	E&NA	2,4
	Porto Rico	ALC	24,8
	Reino Unido	E&NA	30,9
	Suécia	E&NA	11,8
	Suíça	E&NA	6,9
	Taiwan	A	24,1
	Média Nível A		**19,8**
Nível B	África do Sul	OM&A	27,4
	Angola	OM&A	46,4
	Argentina	ALC	4,1
	Brasil	**ALC**	**25,2**
	Chile	ALC	24,2
	Costa Rica	ALC	14,5
	Croácia	E&NA	9,3
	Egito	OM&A	38,1
	El Salvador	ALC	3,3
	Equador	ALC	4,4
	Eslováquia	E&NA	9,7
	Estônia	E&NA	10,7
	Guatemala	ALC	17,2
	Hungria	E&NA	14,7
	Índia	A	4,7
	Jordânia	OM&A	19,2
	Letônia	E&NA	30,3
	México	ALC	27,0
	Omã	OM&A	18,9
	Peru	ALC	17,3
	Romênia	E&NA	8,9
	Tailândia	A	18,9
	Venezuela	ALC	10,6
	Média Nível B		**17,6**

Fonte: GEM 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos.
[2] Expectativa elevada quanto à geração de ocupações: o empreendedor afirma que em cinco anos terá 10 ou mais empregados e terá um crescimento de pelo menos 50% no número de empregos gerados, em relação ao atual.
[3] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.
[4] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

CAPÍTULO 5.

Inovação e tecnologia nos empreendimentos – Brasil e economias participantes

5. INOVAÇÃO E TECNOLOGIA NOS EMPREENDIMENTOS – BRASIL E ECONOMIAS PARTICIPANTES

Este capítulo examina a inovação e a tecnologia nos empreendimentos brasileiros, comparativamente às economias participantes do GEM 2025. A análise contempla, de um lado, os indicadores de impacto dos empreendimentos segundo características relacionadas à inovação e, de outro, o uso de tecnologias digitais e de inteligência artificial (IA) pelos empreendedores.

Em consonância com a metodologia do GEM, a inovação é caracterizada a partir da abrangência (local, nacional ou mundial) da novidade do produto, do serviço e do nível de atualidade dos processos e das tecnologias empregados. Quanto ao uso de tecnologias digitais, sua medição é feita por meio de indicadores de seu emprego atual, da intenção de ampliação e da percepção de relevância estratégica dessas ferramentas para os negócios.

Portanto, o capítulo concebe a digitalização e a IA não apenas como recursos instrumentais, mas como componentes crescentemente centrais para a competitividade, a inovação e a capacidade de adaptação dos negócios.

5.1. Impacto dos empreendimentos segundo as características relacionadas à inovação

Indicadores de impacto dos empreendimentos

A pesquisa GEM para ponderar a respeito da intensidade da inovação dos empreendimentos investiga a abrangência (local, nacional ou mundial) da novidade do produto/serviço, assim como do nível de atualidade dos processos (tecnologias) utilizados. Ainda, de acordo com a metodologia GEM, **empreendimentos de impacto em âmbito nacional** são aqueles cujo empreendedor afirma que tem ou terá clientes procedentes de outras cidades e estados do país e que o produto/serviço ou o processo (tecnologia) que utiliza pode ser considerado uma novidade no nível nacional. Já os **empreendimentos de impacto em âmbito internacional** são aqueles que têm ou terão clientes procedentes de outros países e que o produto/serviço ou o processo (tecnologia) que utiliza pode ser considerado uma novidade em nível mundial.

A **Tabela 5.1** apresenta dados de 2025, para o Brasil, com a distribuição percentual dos empreendedores, por estágios dos negócios — nascentes e novos (iniciais) e estabelecidos —, com foco no impacto nacional ou internacional de seus empreendimentos.

Tabela 5.1 Percentual de empreendedores[1] segundo o impacto[2] (nacional e internacional) do empreendimento – Brasil – 2025

Impacto	Percentual de empreendedores (%)					
	18 a 64 anos				65 a 74 anos	
	Iniciais			Estabelecidos	Iniciais	Estabelecidos
	Nascentes	Novos	Total (iniciais)			
Impacto nacional	3,1	3,9	3,6	5,5	0,0	6,8
Impacto internacional	1,0	0,4	0,7	0,7	0,0	0,0

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos.
[2] **Impacto de âmbito nacional:** o empreendedor afirma que tem ou terá clientes procedentes de pelo menos outras cidades e estados do país e que o seu produto/serviço ou o processo/tecnologia que utiliza podem ser considerados uma novidade em nível nacional pelo menos. **Impacto de âmbito internacional:** o empreendedor afirma que tem ou terá clientes procedentes de outros países e que o seu produto/serviço ou o processo/tecnologia que utiliza podem ser considerados uma novidade em nível internacional.

A questão do impacto do empreendimento (nacional ou internacional) combina indicadores relacionados à procedência dos clientes e ao grau de novidade dos produtos e tecnologias considerados pelos empreendimentos. Entre os empreendedores brasileiros de 18 a 64 anos é baixa a proporção de empreendimentos que sejam de impacto internacional, seja no empreendedorismo inicial, como no estabelecido, cujo percentual é de 0,7%. Porém, quando se toma essa proporção e se estima em números absolutos, a quantidade de empreendimentos com impacto internacional chama a atenção. São cerca de 310 mil negócios com essa característica de impacto (**Cap. 3 - Figura 3.1**).

Negócios com impacto nacional são muito mais frequentes, 3,6% dos empreendedores iniciais (3,1% entre os nascentes e 3,9% entre os novos) e 5,5% dos estabelecidos estão à frente de empreendimentos com impacto nacional.

Esses resultados sugerem que empreendimentos mais maduros tendem a reunir condições um pouco mais favoráveis para ampliar sua atuação territorial e consolidar diferenciais percebidos como inovadores em escala nacional.

Empreendedores na faixa etária de 65 a 74 anos e o impacto dos seus empreendimentos

Os empreendedores dessa faixa etária, iniciais ou estabelecidos, não atuam com negócios que possuam impacto internacional. No que se refere ao impacto nacional dos negócios, vale destacar que para esse indicador, o valor encontrado entre empreendedores estabelecidos (6,8%) é superior ao verificado no outro grupo (**Tabela 5.1**).

O **Quadro 5.1** mostra o comparativo do indicador "impacto (nacional e internacional) do empreendimento", com os percentuais de referência (média, mínimo e máximo) de empreendedores iniciais, considerando as 48 economias participantes em 2025.

Quadro 5.1 Comparativo do indicador "impacto[1] (nacional e internacional) do empreendimento" – percentual de empreendedores[2] iniciais – economias participantes – 2025

Estatísticas descritivas	Percentual de empreendedores iniciais	
	Nacional	Internacional
Média (%)	14,0	3,4
Mínimo (%)	0,8 (El Salvador)	0,0 (Arábia Saudita)
Máximo (%)	26,7 (Coreia do Sul)	13,3 (Eslovênia)
Brasil (%)	**3,6**	**0,7**
Posição Brasil	**44ª**	**37ª**

Fonte: GEM 2025
[1] **Impacto de âmbito nacional:** o empreendedor afirma que tem ou terá clientes procedentes de pelo menos outras cidades e estados do país e que o seu produto/serviço ou o processo/tecnologia que utiliza podem ser considerados uma novidade em nível nacional pelo menos. **Impacto de âmbito internacional:** o empreendedor afirma que tem ou terá clientes procedentes de outros países e que o seu produto/serviço ou o processo/tecnologia que utiliza podem ser considerados uma novidade em nível internacional.
[2] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos.

Os dados indicam que, em termos de inovação dos empreendedores iniciais, o Brasil está na 44ª posição no impacto nacional e na 37ª posição no impacto internacional. Percebe-se que o país, com 3,6%, está bem abaixo das médias das outras economias em relação ao impacto nacional (14%). Situação semelhante ocorre no impacto internacional, no qual o Brasil registra 0,7%, também abaixo da média global observada (3,4%).

Os resultados apontam, agora de forma comparativa, para o baixo impacto nacional

e internacional dos empreendimentos dos empreendedores iniciais brasileiros, chamando a atenção para a baixa competitividade nacional e global.

Aponta-se a necessidade de ampliação de ações, programas, apoio e políticas públicas em diferentes níveis de governo e para o maior envolvimento de agentes privados. Tais iniciativas permitem que os empreendedores e empreendimentos iniciais brasileiros sejam mais bem estruturados e desenvolvidos ampliando suas condições de amadurecimento e consolidação, fortalecendo seu desempenho em termos de agregação de inovação, favorecendo a expansão de seu alcance geográfico.

A distribuição percentual de empreendedores brasileiros segundo o estágio dos empreendimentos e as características relacionadas à inovação — em âmbito local, nacional ou internacional — é exibida na **Tabela 5.2**.

Tabela 5.2 Distribuição percentual de empreendedores[1] segundo as características relacionadas à inovação produzida pelos seus empreendimentos – Brasil – 2025

Abrangência	Percentual de empreendedores (%)							
	18 a 64 anos							
	Iniciais						Estabelecidos	
	Nascentes		Novos		Total (iniciais)			
	Produto ou serviço será novo	Processo (tecnologia) será novo	Produto ou serviço é novo	Processo (tecnologia) é novo	Produto ou serviço é novo	Processo (tecnologia) é novo	Produto ou serviço é novo	Processo (tecnologia) é novo
Local	5,9	13,5	9,9	14,5	8,0	14,2	7,8	15,0
Brasil	2,6	0,5	2,0	2,7	2,3	1,8	2,2	2,5
Mundo	0,0	2,1	0,7	0,4	0,4	1,2	0,3	3,1
Nenhum local	91,6	83,9	87,3	82,4	89,3	82,9	89,7	79,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos.

(Continua)

(Continuação)

Tabela 5.2 Distribuição percentual de empreendedores[1] segundo as características relacionadas à inovação produzida pelos seus empreendimentos – Brasil – 2025

Abrangência	Percentual de empreendedores (%)			
	65 a 74 anos			
	Iniciais		Estabelecidos	
	Produto ou serviço é novo	Processo (tecnologia) é novo	Produto ou serviço é novo	Processo (tecnologia) é novo
Local	27,2	26,5	14,5	22,7
Brasil	0,0	0,0	0,0	0,0
Mundo	0,0	0,0	2,7	6,8
Nenhum local	72,8	73,5	82,8	70,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos.

Entre os empreendedores nascentes, no âmbito local, quase 6% deles afirmam que o seu produto ou serviço será novo, e quase 14% declaram que o processo (tecnologia) será novo. Entre os empreendedores novos, os percentuais são mais expressivos: cerca de 10% indicam que seu produto ou serviço é novo, e ao redor de 15% apontam que o processo (tecnologia) é novo. Entre os empreendedores estabelecidos, aproximadamente 8% declaram que seu produto ou serviço é novo, e cerca de 15% afirmam que o processo (tecnologia) é novo.

Assim, observa-se que mais empreendimentos que chegam ao estágio novo oferecem produto ou serviços novos, ao passo que, em termos de novidade de processo ou tecnologia, os percentuais permanecem em patamares bastante próximos. Todavia, entre os negócios mais longevos (estabelecidos), há uma leve queda na oferta de inovação de produto ou serviço, enquanto a novidade de processo ou tecnologia se mantém praticamente no nível observado que entre os empreendedores novos.

No âmbito nacional, 2,6% dos empreendedores nascentes indicam que seu produto ou serviço será novo, mais do que os 2% observados entre os empreendedores novos. Em termos de processo ou tecnologia, tem-se 0,5% entre os nascentes e 2,7% entre os novos. No estágio estabelecido, 2,2% apontam ter produtos ou serviços novos e um pouco mais (2,5%) indicam ter processos ou tecnologias novos.

Ou seja, em termos de novidade de produto ou serviço, a variação observada nos diferentes estágios é muito pequena, praticamente irrelevante, ao passo que no processo há um pequeno incremento no estágio novo, e se mantém quase no patamar dos estabelecidos. Independentemente dos estágios dos negócios, os percentuais de empreendedores que agregam inovação — seja em produto ou serviço, seja em processo ou tecnologia — para competir no mercado nacional são baixos. Ou seja, a esmagadora maioria dos empreendimentos brasileiros não apresenta inovação suficiente para ampliar a abrangência de seus mercados.

No âmbito internacional, os empreendedores nascentes afirmam que seus produtos e serviços não serão novos, ao passo que cerca de 2% indicam a novidade no processo ou tecnologia empregados. Esses percentuais caem ainda mais entre os empreendedores novos — 0,7% para produto/serviço novos e 0,4% para processo/tecnologia novos. Entre os estabelecidos, os resultados se mantêm bastante baixos para a novidade de produto ou serviço (0,3%), enquanto há leve melhora no que se refere à novidade de processo/tecnologia (cerca de 3%).

De qualquer modo, os resultados preocupam, pois são poucos os negócios brasileiros que conseguem alcançar o mercado internacional oferecendo alguma novidade nos produtos ou serviços, assim como são poucos os que agregam novidade no que tange ao processo e à tecnologia.

Empreendedores na faixa etária de 65 a 74 anos e as características dos empreendimentos relacionadas à inovação

Os empreendimentos liderados por empreendedores iniciais seniores, segundo suas próprias indicações, não apresentam qualquer novidade em âmbito nacional ou internacional. Contudo, pouco menos de 30% deles afirmam que seus negócios possuem alguma característica inovadora (produtos ou processos) com abrangência mais restrita, ou seja, em seu próprio local de atuação.

Entre os empreendedores estabelecidos na faixa dos 65 a 74 anos de idade, 2,7% deles afirmam que os produtos ofertados possuem algum grau de novidade em âmbito internacional. Em relação às tecnologias e aos processos utilizados, 6,8% deles dizem empregá-los, percentuais mais elevados que os verificados entre os empreendedores do grupo dos 18 aos 64 anos (**Tabela 5.2**).

Como complemento, a **Tabela auxiliar A5.1** (apresentada no fim do capítulo) reúne os dados de impacto nacional e internacional dos empreendimentos, com as economias agrupadas em dois níveis de renda *per capita* (A e B), sendo o Brasil classificado no nível B.

5.2 Tecnologias digitais e inteligência artificial (IA)

A incorporação de tecnologias digitais e de inteligência artificial constitui uma das dimensões mais relevantes da transformação contemporânea dos empreendimentos. No âmbito do GEM, essa questão é analisada não apenas a partir do uso atual dessas tecnologias, mas também da intenção de ampliar sua utilização, da importância atribuída aos recursos digitais para a estratégia do negócio e da percepção dos impactos positivos e negativos da inteligência artificial (IA).

Em conjunto, esses indicadores permitem avaliar em que medida os empreendimentos brasileiros vêm respondendo às mudanças estruturais associadas à digitalização da economia, à automação e ao uso intensivo de dados.

5.2.1 Uso de tecnologias digitais pelos empreendedores

O uso de tecnologias digitais passou a desempenhar papel cada vez mais importante na dinâmica dos empreendimentos. Aplicativos, plataformas digitais, instrumentos de comunicação, canais eletrônicos de venda e soluções de gestão vêm redefinindo a forma como os negócios operam, se relacionam com seus clientes e estruturam suas estratégias de crescimento. No caso dos empreendimentos analisados pelo GEM, esse movimento se associa diretamente à necessidade de adaptação a mercados mais digitalizados, consumidores mais conectados e processos de competição mais intensivos em informação e rapidez de resposta.

Já na **Tabela 5.3**, destacam-se as tecnologias mais adotadas pelos empreendedores iniciais e estabelecidos. De modo geral, observa-se que os empreendedores iniciais de 18 a 64 anos tendem a utilizar com maior frequência as tecnologias digitais e os aplicativos do que seus pares empreendedores novos e estabelecidos.

Tabela 5.3 Percentual de empreendedores[1] que usam tecnologias digitais ou aplicativos – Brasil – 2025

Uso de tecnologias digitais ou aplicativos	Percentual de empreendedores (%)					
	18 a 64 anos				65 a 74 anos	
	Iniciais			Estabelecidos	Iniciais	Estabelecidos
	Nascentes	Novos	Total (iniciais)			
	96,6	93,5	94,8	96,9	57,8	89,2
Tecnologias ou aplicativos						
WhatsApp	97,1	97,4	97,2	96,9	100,0	86,1
Mídias sociais	78,1	63,5	70,6	61,5	28,3	40,4
E-mail	64,4	62,5	63,1	59,4	51,8	36,6
Armazenamento de dados em nuvem	41,6	37,8	39,8	36,6	17,6	21,2
Ferramentas de análise de dados	40,7	31,7	35,8	30,8	22,8	13,1
Site próprio	37,0	21,8	28,5	23,5	25,2	16,1
Aplicativos de videoconferência	36,8	31,9	34,0	30,7	27,6	23,8
Aplicativos de gestão de trabalho	22,0	16,5	19,0	16,0	0,0	6,0

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos.
[2] As tecnologias digitais ou aplicativos usados não são excludentes, ou seja, o empreendedor pode ter escolhido mais de uma alternativa apresentada.

Nota-se que a utilização do "WhatsApp" é pervasiva: em todos os estágios, praticamente 97% dos empreendedores declaram utilizá-lo. As "mídias sociais", também, são bastante utilizadas: por 78% dos empreendedores nascentes e cerca de 64% dos empreendedores novos, sendo um pouco menos usadas pelos estabelecidos, – 62%.

O "e-mail" tende a ser adotado por mais de 59% dos empreendedores, observando-se a sua utilização por 64% dos nascentes, em torno de

63% entre os novos e 59% entre os estabelecidos. O "uso de armazenamento de dados em nuvem" apresenta resultados que variam de 37% (entre os estabelecidos) a aproximadamente 42% (entre os nascentes), enquanto os novos registram percentual intermediário de 38%.

Em seguida, têm-se os percentuais das "ferramentas de análise de dados": quase 42% entre os empreendedores nascentes, caindo para aproximadamente 38% entre os novos e 37% dos estabelecidos. Apesar dos resultados serem relativamente baixos, novamente são os nascentes que apresentam maior resultado em "site próprio" (37%) enquanto entre os novos é praticamente 15 p.p. a menos (22%), aumentando levemente entre os estabelecidos (em torno de 24%).

O uso de "aplicativos de videoconferência" apresenta resultados mais próximos entre si: quase 37% entre os nascentes, 32% entre os novos e 31% entre os estabelecidos. Por fim, somente 22% dos empreendedores nascentes utilizam "aplicativos de gestão de trabalho", que são menos adotados pelos novos e estabelecidos — aproximadamente 17% e 16%, respectivamente, o que indica baixa adoção dessas ferramentas.

Uso de tecnologias digitais e aplicativos – Empreendedores de 65 a 74 anos

Os percentuais apresentados pelos empreendedores iniciais e estabelecidos de 65 a 74 anos demonstram, no geral, que o uso das tecnologias digitais ou aplicativos é relativamente menor do que entre seus pares de 18 a 64 anos. O único caso em que os superam é na utilização de "WhatsApp" (100%), percentual pouco acima dos 97% observados entre os empreendedores iniciais de 18 a 64 anos (**Tabela 5.3**).

A **Tabela 5.4** mostra o percentual de empreendedores que pretendem utilizar mais tecnologias digitais para vender produtos ou serviços. Percebe-se que essa intenção é maior entre os empreendedores iniciais, cerca de 77%, do que entre os estabelecidos, quase 69%. Dentre dos empreendedores iniciais, os nascentes apresentam o maior percentual de intenção de uso de tecnologias digitais (em torno de 81%), seguidos pelos novos (praticamente 75%). Esses resultados indicam maior receptividade à inovação tecnológica nas fases iniciais do negócio.

Tabela 5.4 Percentual de empreendedores[1] que pretendem utilizar mais tecnologias – Brasil – 2025

Tecnologias	Percentual de empreendedores (%)					
	18 a 64 anos				65 a 74 anos	
	Iniciais			Estabelecidos	Iniciais	Estabelecidos
	Nascentes	Novos	Total (iniciais)			
Pretende aumentar o uso de tecnologias digitais para a venda de produtos ou serviços nos próximos meses.	80,5	74,9	77,2	68,8	47,4	68,8

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos.

Pretensão de usar mais tecnologias – Empreendedores de 65 a 74 anos

Entre os empreendedores iniciais de 65 a 74 anos, o percentual dos que pretendem ampliar o uso de tecnologias para vendas é bem menor (47,4%), quando comparado aos 77,2% observados entre os empreendedores iniciais de 18 a 64 anos. Já entre os estabelecidos seniores, o resultado é o mesmo verificado para os empreendedores de 18 a 64 anos (**Tabela 5.4**).

Quadro 5.2 apresenta o comparativo do indicador "pretende aumentar o uso de tecnologias digitais para a venda de produtos ou serviços nos próximos meses", com os percentuais de empreendedores iniciais.

Quadro 5.2 Comparativo do indicador "pretende aumentar o uso de tecnologias digitais para a venda de produtos ou serviços nos próximos meses" – percentual de empreendedores[1] iniciais – economias participantes – 2025

Estatísticas descritivas	Percentual de empreendedores iniciais		
	Sim	Não	Talvez
Média (%)	58,7	27,5	13,8
Mínimo (%)	35,5 (Suécia)	5,0 (Angola)	1,4 (Bahrein)
Máximo (%)	93,4 (Angola)	48,8 (Hungria)	26,8 (Tailândia)
Brasil (%)	**77,2**	**18,5**	**4,3**
Posição Brasil	**5ª**	**38ª**	**43ª**

Fonte: GEM 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos.

Entre os empreendedores iniciais das economias participantes da pesquisa GEM em 2025, 58,7% pretendem aumentar o uso de tecnologias digitais, enquanto 27,5% não têm essa intenção e 13,8% estão indecisos. No Brasil, o percentual de empreendedores iniciais que pretendem intensificar o uso de tecnologias digitais é elevado, alcançando 77,2%, o que posiciona o país em quinta posição entre as economias participantes.

Por outro lado, apenas 18,5% dos empreendedores iniciais brasileiros não pretendem ampliar o uso de tecnologias digitais, o que coloca o Brasil na 38ª posição, revelando baixa resistência à adoção dessas tecnologias. Além disso, apenas 4,3% dos empreendedores estão indecisos, conferindo ao país a 43ª posição no quesito "Talvez".

Examinando-se os resultados máximos e mínimos, observa-se que o menor percentual de intenção de uso de tecnologias digitais foi registrado na Suécia (35,5%), enquanto o maior percentual foi observado em Angola que lidera com 93,4%. No quesito "não pretendem aumentar o uso", o maior percentual foi registrado na Hungria (48,8%), enquanto o menor foi novamente observado na Angola (5%). Já no quesito "talvez", a maior proporção foi verificada na Tailândia (26,8%) e a menor em Bahrein (1,4%).

O **Quadro 5.3** exibe o comparativo dos resultados entre as economias participantes quanto à intenção dos empreendedores estabelecidos de aumentar o uso de tecnologias digitais nos próximos meses.

A média dos que manifestam essa intenção é de 51,1%, com resultados que variam entre o mínimo de 18,9% observado na Hungria e o máximo de 87,6% em Angola.

Quadro 5.3 Comparativo do indicador "pretendem aumentar o uso de tecnologias digitais para a venda de produtos ou serviços nos próximos meses" – percentual de empreendedores[1] estabelecidos – economias participantes – 2025

Estatísticas descritivas	Percentual de empreendedores estabelecidos (%)		
	Sim	Não	Talvez
Média (%)	51,1	37,6	11,3
Mínimo (%)	18,9 (Hungria)	11,4 (Angola)	0,5 (Catar)
Máximo (%)	87,6 (Angola)	72,5 (Hungria)	31,3 (Tailândia)
Brasil (%)	**68,8**	**27,9**	**3,3**
Posição Brasil	**11ª**	**34ª**	**42ª**

Fonte: GEM 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos.

O Brasil atingiu o resultado de 68,8%, posicionando-se na 11ª colocação em termos de intenção de ampliar o uso das tecnologias digitais no curtíssimo prazo. Em contrapartida, a média dos que se manifestam contrários a esse aumento é de 37,6%, e o menor valor também é registrado em Angola (11,4%) e o maior na Hungria (72,5%). No Brasil, o percentual dos que não pretendem intensificar o uso é de 27,9%, (34ª posição).

Considerando os que responderam "talvez", indecisos portanto, a média global é de 11,3%, com variação entre o mínimo de 0,5%, no Catar, e o máximo de 31,3%, na Tailândia. No Brasil os indecisos são 3,3%, resultado que o situa na 42ª posição. Assim, a intenção dos empreendedores estabelecidos brasileiros de intensificar o uso de tecnologias digitais é elevada, atingindo pouco mais de dois terços do total.

Como complemento, as **Tabelas auxiliares A5.2** e **A5.3** reúnem os dados de todas as economias participantes relacionados à pretensão dos empreendedores em intensificar o uso tecnologias digitais e aplicativos em seus processos comerciais.

5.2.2 Uso da inteligência artificial (IA) pelos empreendedores

Os resultados percentuais dos empreendedores brasileiros que, em 2025, consideram determinados recursos digitais como muito importantes para a operação diária de seus negócios são mostrados na **Tabela 5.5**.

Tabela 5.5 Percentual de empreendedores[1] que considera muito importante para a implementação da sua estratégia de negócio os seguintes recursos digitais – Brasil – 2025

Recursos digitais	Percentual de empreendedores (%)					
	18 a 64 anos				65 a 74 anos	
	Iniciais			Estabelecidos	Iniciais	Estabelecidos
	Nascentes	Novos	Total (iniciais)			
Inteligência Artificial.	72,9	40,6	55,0	47,8	100,0	60,2
Ferramentas de análise de dados.	54,0	44,8	49,1	38,4	23,9	42,9
Serviços de armazenamento de dados em nuvem, videoconferência, gestão de trabalho.	44,5	41,6	43,2	39,7	23,2	50,8
Utilizar um site com a marca da sua empresa para comércio eletrônico (e-commerce).	48,5	38,0	42,3	33,1	14,4	48,7

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos.

Observa-se que valorização dos recursos digitais na implementação das estratégias de negócio tende a decrescer à medida que o negócio amadurece, sendo que os empreendedores nascentes tendem atribuir mais importância a esses recursos digitais do que os novos e estabelecidos

A "inteligência artificial" é considerada importante por 55% dos empreendedores iniciais de 18 a 64 anos, resultado fortemente impulsionado pelos empreendedores novos, que se mostram mais entusiastas (quase 73%) em comparação aos nascentes (40,6%), uma diferença de 32,3 p.p. Entre os estabelecidos, cerca de 48% valorizam a "inteligência artificial", mostrando menor adesão a essa tecnologia pelos empreendedores de negócios consolidados.

Entre os empreendedores iniciais, as "ferramentas de análise de dados" são consideradas importantes por 49%. Nesse caso, são os empreendedores nascentes que mais as valorizam (54%), acima do percentual observado entre os novos (quase 45%) uma diferença de 9,2 p.p. Entre os empreendedores

estabelecidos, 38,4% reconhecem a relevância dessas ferramentas, percentual inferior aos empreendedores iniciais.

Os "serviços de armazenamento de dados em nuvem, videoconferência e gestão de trabalho" são considerados muito importantes por aproximadamente 43% dos empreendedores iniciais, sendo um pouco mais valorizados pelos empreendedores nascentes (quase 45%) do que pelos novos (43%). Entre os empreendedores estabelecidos o percentual é próximo de 40%, indicando uma menor valorização em relação aos iniciais, embora a diferença seja pequena, 3,5 p.p.

A valorização atribuída ao uso de "site com a marca da empresa para comércio eletrônico (e-commerce)" também diminui com o maior amadurecimento do negócio. Cerca de 42% dos empreendedores iniciais consideram-no muito importante, sendo mais valorizados pelos nascentes, cerca de 49%, e menos pelos novos (38%). Praticamente um terço dos empreendedores estabelecidos de 18 a 64 anos (33%) consideram esse recurso como muito importante para a estratégia dos negócios, mostrando menor importância do site com marca pelos negócios mais consolidados.

Essa análise indica que a "Inteligência Artificial" é o recurso considerado mais estratégico pelos empreendedores iniciais ao passo que a atribuição de importância aos outros recursos digitais varia conforme o estágio dos negócios, refletindo as prioridades que variam conforme o ciclo de vida dos empreendimentos.

Valorização dos recursos digitais – Empreendedores de 65 a 74

Entre os empreendedores iniciais de 65 a 74 anos, destaca-se o elevado percentual de valorização da "inteligência artificial" (100%), resultado que supera em muito os seus pares de 18 a 64 anos (55%). Por outro lado, nos demais recursos — ferramentas de análise de dados, serviços de armazenamento de dados e outros e site com marca da empresa —, os empreendedores iniciais seniores tendem a atribuir muito menor importância, com percentuais de aproximadamente 24%, 23% e 14%, respectivamente.

Já entre os empreendedores estabelecidos de 65 a 74 anos, os percentuais ultrapassam seus pares mais jovens: 60% para "inteligência artificial", cerca de 43% para "ferramentas de análise de dados", em torno de 51% para "serviços de armazenamento de dados e outros" e, finalmente, aproximadamente 49% para o "site com a marca da empresa" (**Tabela 5.5**).

A **Tabela 5.6** mostra a distribuição percentual de empreendedores em relação ao uso da inteligência artificial (IA), segmentados pelos estágios dos negócios.

Tabela 5.6 Distribuição percentual de empreendedores[1] em relação ao uso de inteligência artificial (IA) – Brasil – 2025

Inteligência Artificial	Percentual de empreendedores (%)					
	18 a 64 anos				65 a 74 anos	
	Iniciais			Estabelecidos	Iniciais	Estabelecidos
	Nascentes	Novos	Total (iniciais)			
Não usa inteligência artificial no seu trabalho, mas poderia usar no futuro.	24,2	26,0	25,5	25,9	55,2	26,3
Não usa inteligência artificial no seu trabalho e não pretende usar.	26,6	19,6	22,4	24,3	0,0	39,4
Não conhece ou não sabe qual é a utilidade da inteligência artificial.	18,6	22,4	20,9	22,0	28,7	27,1
Usa um pouco a inteligência artificial no seu trabalho diário.	17,2	22,1	19,8	18,6	10,1	5,7
Usa muito a inteligência artificial no seu trabalho diário.	13,3	9,9	11,3	9,2	6,1	1,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos.

Focalizando nos resultados dos empreendedores de 18 a 64 anos, observa-se que cerca de um quarto ainda "não usa a IA no seu trabalho, porém considera usá-la no futuro": cerca de 26% dos iniciais (24% dos nascentes e 26% dos novos) e 26% dos estabelecidos.

No item seguinte — não usa inteligência artificial no seu trabalho e não pretende usar —, em torno de 22% dos empreendedores iniciais (27% dos nascentes e 20% dos novos) e proporção ligeiramente maior entre os estabelecidos (24%) demonstram resistência a ao uso dessa ferramenta em seus trabalhos.

Entre os empreendedores iniciais, praticamente 21% (quase 19% dos nascentes e 22% dos novos) declaram não conhecer ou não saber qual é a utilidade da inteligência artificial. Entre os estabelecidos, o percentual é semelhante ao observado entre os empreendedores novos, indicando nível próximo de desconhecimento sobre a IA e seu potencial de aplicação, bem como seus impactos nos negócios.

O percentual dos empreendedores iniciais e dos estabelecidos que afirmam usar um pouco a inteligência artificial no seu trabalho diário é em torno de 20% e 19%, respectivamente. Nota-se que essa proporção é um pouco menor entre os nascentes (17%) do que entre os novos (22%).

Já o uso intensivo da IA ainda é reduzido. Os resultados variam de 9% entre os estabelecidos a 11% entre os iniciais, sendo 13% entre os nascentes e 10% entre os novos.

Conclui-se que ainda há elevado grau de desconhecimento, resistência e pouco uso da IA entre os empreendedores, e que a diferença entre os empreendedores iniciais e estabelecidos é pouco expressiva, pouco mais de um quarto dos empreendedores manifesta abertura para utilizar essa ferramenta no futuro. Isso indica a necessidade de maior familiarização, capacitação e treinamento dos empreendedores para que possam se inteirar sobre o potencial dessa tecnologia e aprender sobre suas aplicações possíveis nos seus trabalhos e negócios. Entretanto, recomenda-se que sejam treinamentos com apoio e mentoria para que realmente entrem em contato com a ferramenta e apliquem em suas necessidades reais.

Uso da inteligência artificial (IA) – Empreendedores de 65 a 74 anos

Os dados analisados nos levam a concluir que os empreendedores seniores de 65 a 74 utilizam menos e apresentam maior desconhecimento sobre a IA em comparação aos de 18 a 64 anos. Cerca de 29% dos seniores iniciais (*versus* 21% entre seus pares) e 27% dos estabelecidos (*versus* 22%) declaram não ter ideia do que podem fazer com essa ferramenta em seu trabalho e negócios.

Por outro lado, entre os seniores iniciais, apenas 10% utilizam pouco a IA, proporção equivalente à metade observada entre os mais jovens. Entre os estabelecidos seniores têm-se quase 6% *versus* aproximadamente 20% entre seus pares.

Na categoria de usar muito, os seniores iniciais totalizam 6% em comparação aos 11% dos de 18 a 64 anos, e entre os estabelecidos seniores esse percentual não ultrapassa 2% em contraste com 9% de seus pares.

Observa-se ainda, que a abertura para o uso futuro da IA é significativamente maior entre os seniores iniciais (55%), mais que o dobro do observado entre os empreendedores de 18 a 64 anos (cerca de 26%). Entre os estabelecidos seniores, esse percentual é similar ao de seus pares (26%).

Nota-se ainda menor resistência ao uso da IA entre os seniores iniciais — resultado zero *versus* 22% entre os mais jovens. Todavia, entre os seniores estabelecidos, 39% não têm a intenção de usar essa tecnologia, ultrapassando os 24% observados entre os de 18 a 64 anos (**Tabela 5.6**).

A **Tabela 5.7** apresenta a distribuição percentual dos empreendedores brasileiros, nascentes e novos (iniciais), e estabelecidos, sobre o nível de importância atribuído ao uso de inteligência artificial (IA) em seus negócios nos próximos três anos, com base nos dados de 2025.

Tabela 5.7 Distribuição percentual de empreendedores[1] sobre o nível de importância atribuído ao uso de inteligência artificial (IA) em seu negócio nos próximos três anos – Brasil – 2025

Nível de importância	Percentual de empreendedores (%)					
	18 a 64 anos				65 a 74 anos	
	Iniciais			Estabelecidos	Iniciais	Estabelecidos
	Nascentes	Novos	Total (iniciais)			
Nada importante	0,9	3,3	2,3	2,8	0,0	0,0
Importante	27,0	43,4	36,0	43,9	62,3	37,4
Muito importante	72,1	53,2	61,7	53,3	37,7	62,6
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos.

Entre os empreendedores iniciais, é bastante reduzido o percentual dos que consideram o uso de IA "nada importante" (cerca de 2%), resultado muito próximo aos quase 3% do observados entre os estabelecidos. Entre os nascentes, esse índice é ainda menor (praticamente 1%) e ligeiramente maior entre os novos (em torno de 3%). Esses dados revelam que a parcela que ainda não percebe o potencial da IA para os seus negócios é extremamente reduzida.

Os resultados mostram ainda que 36% dos empreendedores iniciais consideram a IA "importante", com uma variação significativa entre nascentes (27%) e novos (cerca de 43%), uma diferença de 16 p.p. Entre os estabelecidos, essa percepção é similar à que se encontra entre os novos, com aproximadamente 44% atribuindo importância ao uso de IA. Esses dados sugerem que empreendedores no estágio nascente podem estar menos atentos às tendências tecnológicas, enquanto os novos e estabelecidos se mostram mais atentos e convencidos da importância e do potencial dessa ferramenta para seus trabalhos e negócios.

No quesito "muito importante", os empreendedores nascentes apresentam percepção mais intensa da relevância da IA (72%), em comparação aos novos (53%), atingindo uma média de quase 62% entre os iniciais. Já os empreendedores estabelecidos ficam um pouco atrás, com 53% reconhecendo a alta importância da IA, uma diferença de 8,4 p.p. em relação à média dos empreendedores iniciais (61,7%).

Esses dados mostram que, regra geral, há um consenso de que a importância da IA nos negócios deve crescer nos próximos anos, as diferenças se encontram apenas na intensidade.

Nível de importância atribuído ao uso de inteligência artificial (IA) – Empreendedores de 65 a 74 anos

Entre os empreendedores seniores (65 a 74 anos) não se observam casos de atribuição de "nenhuma importância" à IA. Entre os iniciais, registram-se 62% que consideram a IA "importante", muito mais que seus pares de 18 a 64 anos (36%). Entre os seniores estabelecidos, praticamente 37% avaliam a IA como "importante", um tanto menos do que seus pares (quase 44%).

Por outro lado, na categoria "muito importante" observam-se menos empreendedores seniores iniciais (cerca de 38%) em comparação aos de 18 a 64 anos (em torno de 62%). Todavia, o resultado — aproximadamente 63% — dos seniores estabelecidos que reputam a IA "muito importante" supera os empreendedores estabelecidos de 18 a 64 anos (53%). Isso pode estar refletindo que a maior experiência de vida e nos negócios permite uma sensibilidade maior para avaliar a importância da IA.

Assim, depreende-se que os empreendedores seniores iniciais, apesar de considerarem a importância de IA, tendem a estar menos atentos para essa relevância quando comparados aos mais jovens (18 a 64 anos), ao passo que entre os estabelecidos, essa percepção se mostra mais elevada (**Tabela 5.7**).

A percepção dos empreendedores brasileiros quanto ao uso da inteligência artificial (IA) como um fator de alto impacto positivo em seus negócios é mostrada na **Tabela 5.8**, que segmenta os dados entre nascentes e novos (que juntos são os empreendedores iniciais) e estabelecidos.

Tabela 5.8 Percentual de empreendedores[1] que afirmaram que o uso de inteligência artificial (IA) pode ter alto impacto positivo no negócio – Brasil – 2025

Impacto positivo	Percentual de empreendedores (%)					
	18 a 64 anos				65 a 74 anos	
	Iniciais			Estabelecidos	Iniciais	Estabelecidos
	Nascentes	Novos	Total (iniciais)			
Melhoria na capacidade de personalizar produtos ou serviços.	73,7	73,1	73,6	70,9	37,7	41,6
Desenvolvimento de produtos e serviços inovadores.	72,6	73,1	73,2	71,1	100,0	56,6
Aumento da produtividade e eficiência em todas as operações.	70,4	73,8	72,6	70,3	37,7	75,5
Aumento da receita e crescimento do negócio.	66,6	73,6	70,8	63,0	66,5	64,2
Melhor gestão de riscos e *compliance.*	53,7	61,8	58,4	56,2	66,5	47,0

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos.

Analisando o grupo de empreendedores de 18 a 64 anos, a categoria "melhoria na capacidade de personalizar produtos ou serviços" é bastante valorizada, com resultados que variam de 71% (estabelecidos) a praticamente 74% (iniciais). Desdobrando os iniciais, o percentual dos nascentes é de quase 74%, muito próximo aos novos, 73%.

Resultados similares são observados quanto ao impacto percebido da IA no "desenvolvimento de produtos e serviços inovadores": cerca de 73% tanto entre nascentes quanto entre novos, mantendo esse valor como média dos iniciais, enquanto os estabelecidos registram 71%.

O "aumento da produtividade e eficiência em todas as operações" figura em seguida como um benefício significativo, atribuído à IA, por praticamente 73% dos empreendedores iniciais (70% dos nascentes e cerca de 74% dos novos) e por 70% dos estabelecidos.

Já o "aumento da receita e crescimento do negócio" é percebido como impacto positivo da IA por aproximadamente 71% dos empreendedores iniciais, (praticamente 67% dos nascentes e em torno de 74% dos novos), em comparação aos 63% dos estabelecidos.

Por fim, a categoria menos mencionada é "melhor gestão de riscos e *compliance*", que exibe 58% entre os empreendedores iniciais, (cerca de 54% dos nascentes e 62% dos novos) e 56% entre os estabelecidos.

A análise dos dados revela a percepção dos empreendedores a respeito do impacto positivo da IA na inovação dos negócios tanto nos estágios iniciais quanto no estágio estabelecido. A tecnologia é considerada como uma ferramenta que possibilita criar soluções mais adaptadas para os clientes, apoiando o desenvolvimento de produtos e serviços inovadores e personalizados, e de otimizar processos e reduzir ineficiências em todas as etapas do ciclo empresarial. Os resultados mostram ainda que a IA é percebida por boa parte dos empreendedores como uma ferramenta capaz de impulsionar o melhor desempenho financeiro das empresas, um pouco mais nos estágios iniciais. Embora com frequência relativamente menor do que nas afirmativas anteriores, mais do que metade dos empreendedores anteveem o potencial da IA no apoio aos negócios na melhoria da gestão de riscos e adequação às normas regulatórias de *compliance*.

Os resultados não evidenciam um padrão, único, variando entre as categorias e estágios dos empreendimentos.

Percepção da IA e seu impacto positivo nos negócios – Empreendedores de 65 a 74 anos

Entre os empreendedores seniores, de 65 a 74 anos, na categoria "melhoria na capacidade de personalizar produtos ou serviços" observa-se menor valorização entre os iniciais (quase 38%) e estabelecidos (cerca de 42%) relativamente aos mais jovens de 18 a 64 anos, que superaram 70%.

Por outro lado, no que se refere ao "desenvolvimento de produtos e serviços inovadores", os empreendedores seniores iniciais são unânimes em apontar esse impacto positivo, superando os seus pares mais jovens. Já entre os seniores estabelecidos, o percentual é inferior (em torno de 57% *versus* 71%).

Quanto ao "aumento da produtividade e eficiência em todas as operações" é bem menor (quase 38%) em relação aos seus pares mais jovens, enquanto entre os seniores estabelecidos o resultado de praticamente 76% supera ligeiramente o dos seus pares mais novos (70%).

No que tange ao "aumento da receita e crescimento do negócio", os resultados dos seniores iniciais e estabelecidos são equivalentes aos dos seus pares de 18 a 64 anos.

Na afirmativa sobre "melhor gestão de riscos e *compliance*", tem-se um pouco mais de empreendedores seniores iniciais — ao redor de 67% em comparação aos 58% de seus pares –, em contraste com um resultado de 47% dos seniores estabelecidos, inferior ao de seus pares (56%).

Portanto, os resultados sugerem maior desnivelamento de conhecimento sobre as ferramentas de IA entre os empreendedores seniores, quando comparados aos dos empreendedores mais jovens de 18 a 64 anos, e as expectativas de impacto positivo não apresentam tendências claras. Nesse contexto, destaca-se a importância de ampliar treinamentos e capacitação sobre a tecnologia de IA e de suas aplicações, mas que sejam cursos e ações que foquem em aplicações práticas e que demonstrem como usar, que exponham casos, e que possibilitem a aplicação direta já nos problemas e situações vividas pelos empreendedores seniores em seus negócios e contextos (**Tabela 5.8**).

O **Quadro 5.4** exibe o comparativo entre as economias participantes quanto ao percentual de empreendedores que afirmam que o uso de inteligência artificial (IA) pode ter alto impacto positivo nos negócios

Na afirmativa sobre o impacto da IA na "melhoria na capacidade de personalizar produtos ou serviços" a média global entre os empreendedores iniciais é de 52,5%, e a variação de resultados vai do mínimo de 11%, na Polônia (economia de nível A de renda *per capita*), a 82,9%, no Peru (nível B). O Brasil exibe média de 73,6%, bem acima da média global, posicionando-se em quarto lugar. Entre os empreendedores estabelecidos a média das economias é de 45,5%, variando entre 12,6% na Polônia (nível A) e 88,9% no Catar (nível A). O Brasil, com 70,9%, também se destaca, ocupando o sexto lugar.

A avaliação média dos empreendedores iniciais quanto ao impacto no "desenvolvimento de produtos e serviços inovadores" é de 51,9%, situando-se entre 5,2% exibido pela Polônia (nível A) e 75,3% em Angola (nível B). A média do Brasil é de 73,2, posicionando-o no segundo lugar. Entre os empreendedores estabelecidos, a média global é de 45,7%, com variação entre 7,8% na Polônia (nível A) e de 85,9% mostrado pelo Catar (nível A). A média brasileira é de 71,1%, muito acima da global, o que o coloca no quinto lugar.

Em seguida, na percepção do impacto da IA no "aumento da produtividade e eficiência em todas as operações", a média global é de 55,5%, entre o mínimo de 2,4% na Polônia (nível A) e o máximo de 77,2% no Peru (nível B). A média 72,6% do Brasil se situa muito acima da média das economias, e posiciona o país em terceiro lugar. Entre os empreendedores estabelecidos, a média global é de 48,1%, com valores entre 5,2%, novamente da Polônia (nível A) e 90,1% no Peru (nível B). A média brasileira é de 70,3%, bem destacada da média global, quarto lugar no *ranking* global.

Com respeito ao impacto positivo no "aumento da receita e crescimento do negócio", a média das economias entre os empreendedores é de 50%, que fica entre os extremos de 11% na Polônia (nível A) e 79,8% em Angola (nível B). A média brasileira é de 70,8% e coloca o país na quarta posição. Entre os empreendedores estabelecidos, a média global é de 43,7%, sendo que o resultado mínimo é de 10,1% na Polônia (nível A) e o máximo de 89,9% na Venezuela (nível B). O Brasil, com 63%, acima da média global, se posiciona na décima colocação.

Quadro 5.4 Comparativo do indicador "afirmaram que o uso de inteligência artificial (IA) pode ter alto impacto positivo nos negócios" – percentual dos empreendedores – economias participantes – 2025

Afirmações	Estatísticas descritivas	Percentual dos empreendedores	
		Iniciais	Estabelecidos
Melhoria na capacidade de personalizar produtos ou serviços.	Média (%)	52,5	45,5
	Mínimo (%)	11,0 (Polônia)	12,6 (Polônia)
	Máximo (%)	82,9 (Peru)	88,9 (Catar)
	Brasil (%)	**73,6**	**70,9**
	Posição Brasil	**4ª**	**6ª**
Desenvolvimento de produtos e serviços inovadores.	Média (%)	51,9	45,7
	Mínimo (%)	5,2 (Polônia)	7,8 (Polônia)
	Máximo (%)	75,3 (Angola)	85,9 (Catar)
	Brasil (%)	**73,2**	**71,1**
	Posição Brasil	**2ª**	**5ª**
Aumento da produtividade e eficiência em todas as operações.	Média (%)	55,5	48,1
	Mínimo (%)	2,4 (Polônia)	5,2 (Polônia)
	Máximo (%)	77,2 (Peru)	90,1 (Peru)
	Brasil (%)	**72,6**	**70,3**
	Posição Brasil	**3ª**	**4ª**
Aumento da receita e crescimento do negócio.	Média (%)	50,0	43,7
	Mínimo (%)	11,0 (Polônia)	10,1 (Polônia)
	Máximo (%)	79,8 (Angola)	89,9 (Venezuela)
	Brasil (%)	**70,8**	**63,0**
	Posição Brasil	**4ª**	**10ª**
Melhor gestão de riscos e *compliance*.	Média (%)	45,6	40,4
	Mínimo (%)	12,8 (Polônia)	7,9 (Finlândia)
	Máximo (%)	70,5 (Peru)	77,3 (Peru)
	Brasil (%)	**58,4**	**56,2**
	Posição Brasil	**15ª**	**10ª**

Fonte: GEM 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos.

Na afirmativa relativa à "melhor gestão de riscos e *compliance*", a média global entre os empreendedores iniciais é de 45,6%, com variação entre 12,8% na Polônia (nível A) e de 70,5% no Peru (nível B). O Brasil atinge 58,4%, acima da média das economias, mas se posiciona na 15ª colocação. Entre os empreendedores estabelecidos, a média global é de 40,4%, situada entre o mínimo de 7,9% na Finlândia (nível A) e o máximo de 77,3% no Peru (nível B). A média brasileira é de 56,2%, o que posiciona o país na décima posição.

Em síntese, de modo geral, os empreendedores brasileiros — iniciais e estabelecidos — avaliam de forma positiva o impacto das ferramentas de IA nos diversos aspectos dos seus negócios, situando o país entre aqueles com percepções mais favoráveis. Isso indica que os empreendedores antecipam benefícios importantes para a estratégia e gestão de seus negócios caso venham a aprender e aplicar essas ferramentas para a gerar inovação, desenvolver produtos e serviços mais ajustados às demandas específicas dos clientes, melhorar a eficiência dos processos, aumentar a produtividade,

com impactos nos resultados dos negócio e na qualidade da gestão e do controle de riscos.

As **Tabelas auxiliares A5.4** e **A5.5** apresentam o *ranking* global de todas as economias participantes da pesquisa no que se refere à percepção por parte dos empreendedores do impacto positivo da IA em diferentes processos do negócio.

A **Tabela 5.9** exibe os percentuais de empreendedores brasileiros que percebem potenciais impactos negativos significativos associados ao uso da inteligência artificial (IA) em seus negócios.

Tabela 5.9 Percentual de empreendedores[1] que afirmaram que o uso de inteligência artificial (IA) pode ter alto impacto negativo nos negócios – Brasil – 2025

Impacto negativo	Percentual de empreendedores (%)					
	18 a 64 anos				65 a 74 anos	
	Iniciais			Estabelecidos	Iniciais	Estabelecidos
	Nascentes	Novos	Total (iniciais)			
Preocupações com segurança e privacidade de dados.	53,6	50,2	51,2	52,7	66,5	74,0
Aumento de custos e desafios de implementação.	48,5	44,8	46,4	35,1	28,7	41,6
Dilemas éticos de tomadas de decisão baseadas em IA.	47,1	37,9	41,9	39,6	28,7	77,3
Resistência ou desconfiança dos clientes.	42,6	30,4	36,2	31,7	0,0	47,1
Resistência entre os funcionários.	33,9	29,5	31,8	29,5	28,7	41,6

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos.

Inicialmente, observa-se que os resultados dos empreendedores nascentes de 18 a 64 anos são, em geral, superiores aos dos empreendedores novos e estabelecidos, indicando maior preocupação com os impactos negativos abordados nas diferentes afirmativas. Com exceção da "preocupação com segurança e privacidade dos dados", os empreendedores estabelecidos de 18 a 64 anos tendem a se mostrar menos preocupados do que os empreendedores iniciais. A maior experiência com os negócios, clientes e equipes pode contribuir para a menor percepção de risco, contrastando, sobretudo com os empreendedores nascentes, talvez porque ainda são novatos nos negócios.

Entre os empreendedores iniciais de 18 a 64 anos, destacam-se "preocupações com segurança e privacidade de dados", mencionadas por aproximadamente 54% dos nascentes e 50% dos novos, resultando em uma média de 51%. Entre os estabelecidos, esse percentual é semelhante, quase 53%.

Os "custos e desafios de implementação" também são percebidos como um fator negativo relevante por quase 49% dos nascentes e 45% dos novos, com média próxima de 46% entre os empreendedores iniciais. Entre os estabelecidos, essa preocupação é ligeiramente menor (35%), apontando que a experiência acumulada pode reduzir os receios e preocupações.

Os "dilemas éticos" relacionados ao uso da IA na tomada de decisão são citados por praticamente 47% dos empreendedores nascentes e 38% dos novos, resultando na média em torno de 42% dos iniciais, percentual ligeiramente superior ao observado entre os estabelecidos (quase 40%).

A "resistência ou desconfiança dos clientes" é apontada como possível impacto negativo por quase 43% dos nascentes e bem menos (30%) dos novos, resultando na medida de 36% entre os empreendedores iniciais. Entre os estabelecidos, essa preocupação é um pouco menor (cerca de 32%).

Por fim, a "resistência entre os funcionários" é outro aspecto relevante, sendo mencionado por aproximadamente 34% dos nascentes e quase 30% dos novos, totalizando cerca de 32% dos empreendedores iniciais. Entre os estabelecidos, o percentual cai para 30%, indicando que os empreendedores e a equipe de negócios mais consolidados podem estar mais preparados para lidar com inovações tecnológicas.

De modo geral, os dados mostram que a percepção de impactos negativos varia conforme o estágio de desenvolvimento do negócio. Os empreendedores nascentes apresentam maior nível de preocupação e receio, mas à medida que ganham experiência e avançam nos estágios do empreendimento, estruturando-os melhor, definindo processos, estabilizando equipes, o receio tendem a diminuir. De qualquer modo, sugere-se a oferta de programas de familiarização e capacitação em IA, para que os empreendedores em diferentes estágios de negócios possam reduzir suas preocupações e adaptar seus empreendimentos e potencializar os impactos positivos dessa tecnologia.

Dois terços (67%) dos empreendedores seniores manifestam preocupações com "segurança e privacidade de dados", percentual superior ao observado entre os mais novos, sendo ainda mais elevado entre os empreendedores seniores estabelecidos (74%).

Os "custos e desafios de implementação" preocupam menos que 29% dos empreendedores seniores iniciais, mas preocupam quase 42% dos seniores estabelecidos. Esse padrão — menor preocupação entre os iniciais e maior entre os estabelecidos — também se repete nas demais dimensões analisadas: dilemas éticos, resistência dos clientes e resistência dos funcionários.

Nessas três dimensões, os empreendedores seniores iniciais mostram-se menos preocupados do que os iniciais de 18 a 64 anos (cerca de 29%, 0% e 29%, respectivamente, frente a 42%, 36% e quase 30%). O contrário ocorre quando se observam os resultados dos seniores estabelecidos, cujos percentuais são significativamente maiores (77%, 47% e cerca de 42%, respectivamente), superando os observados entre os empreendedores mais jovens (cerca de 40%, 32% e 30%).

Pode-se hipotetizar que a razão para maior preocupação dos empreendedores seniores estabelecidos esteja associada ao desconhecimento, menor exposição à IA, mais insegurança e menos disposição para mudanças de processos em seus negócios mais consolidados. Por outro lado, os empreendedores seniores iniciais se mostram, no geral, mais otimistas e menos focados nos impactos negativos da IA nos negócios, possivelmente por acreditarem que suas experiências lhes permitam conduzir melhor a adoção dessas ferramentas em seus empreendimentos.

Percepção da IA e seu alto impacto negativo nos negócios – Empreendedores de 65 a 74 anos

Os empreendedores iniciais seniores de 65 a 74, exceto quanto à "segurança e privacidade de dados", demonstram menos preocupação do que os empreendedores iniciais de 18 a 64 anos. Por outro lado, os empreendedores estabelecidos seniores tendem a se mostrar muito mais preocupados com os impactos negativos das ferramentas de IA em seus negócios do que os seus pares de 18 a 64 anos (**Tabela 5.9**).

O **Quadro 5.5** exibe o comparativo dos resultados no indicador "afirmaram que o uso de inteligência artificial (IA) pode ter alto impacto negativo nos negócios", e mostra os percentuais de empreendedores iniciais e estabelecidos das economias participantes no GEM em 2025.

Quadro 5.5 Comparativo do indicador "afirmaram que o uso de inteligência artificial (IA) pode ter alto impacto negativo nos negócios" – percentual de empreendedores iniciais e estabelecidos – economias participantes – 2025

Afirmações	Estatísticas descritivas	Percentual dos empreendedores	
		Iniciais	Estabelecidos
Preocupações com segurança e privacidade de dados.	Média (%)	45,5	45,4
	Mínimo (%)	1,7 (Polônia)	5,8 (Polônia)
	Máximo (%)	72,1 (Peru)	74,4 (Arábia Saudita)
	Brasil (%)	**51,2**	**52,7**
	Posição Brasil	**16ª**	**14ª**
Aumento de custos e desafios de implementação.	Média (%)	35,7	35,1
	Mínimo (%)	10,3 (Polônia)	10,2 (Polônia)
	Máximo (%)	61,7 (Peru)	62,4 (Peru)
	Brasil (%)	**46,4**	**35,1**
	Posição Brasil	**8ª**	**24ª**
Dilemas éticos de tomadas de decisão baseadas em IA.	Média (%)	33,9	32,9
	Mínimo (%)	14,6 (Polônia)	6,6 (Omã)
	Máximo (%)	47,4 (Peru)	61,9 (Argentina)
	Brasil (%)	**41,9**	**39,6**
	Posição Brasil	**10ª**	**14ª**
Resistência ou desconfiança dos clientes.	Média (%)	32,3	30,9
	Mínimo (%)	6,6 (Polônia)	8,7 (Omã)
	Máximo (%)	57,4 (Egito)	68,6 (Peru)
	Brasil (%)	**36,2**	**31,7**
	Posição Brasil	**19ª**	**25ª**
Resistência entre os funcionários.	Média (%)	28,0	26,6
	Mínimo (%)	7,6 (Eslovênia)	8,2 (Omã)
	Máximo (%)	50,7 (Angola)	51,8 (África do Sul)
	Brasil (%)	**31,8**	**29,5**
	Posição Brasil	**17ª**	**19ª**

Fonte: GEM 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos.

No que se refere às preocupações com "segurança e privacidade de dados" a média global dos 48 países participantes é de 45,5% entre os empreendedores iniciais, sendo o mínimo de 1,7% registrado na Polônia (nível A) e o máximo de 72,1% no Peru (nível B). O Brasil apresenta média de 51,2%, acima da global, apontando elevada preocupação dos empreendedores iniciais, posicionando-se na 16ª colocação. Entre os empreendedores estabelecidos, a média global é de 45,4%, com mínimo de 5,8% da Polônia (nível A), e máximo de 74,4% na Arábia Saudita (nível A). O Brasil com 52,7% e situa acima da média global, ocupando a 14ª posição.

Quanto ao "receio de aumento de custos e desafios de implementação" a média global é de 35,7%, entre os extremos de 10,3% na Polônia (nível A) e 61,7% no Peru (nível B). O Brasil apresenta a média de 46,4%, bem acima da global, situando-se na décima posição. Entre os estabelecidos, a média global é de 35,1%, com valores entre 10,2% na

Polônia (nível A) e 62,4% no Peru (nível B). A média do Brasil é de 35,1%, igual à global, situando o país na 24ª posição.

Em relação aos "dilemas éticos de tomadas de decisão" baseadas em IA, a média global entre os empreendedores iniciais é de 33,9%, variando de 14,6% na Polônia (nível A) e 47,4% no Peru (nível B). O Brasil apresenta a média de 41,9%, acima da média global, posicionando-se na décima colocação, significando preocupação intensa. Entre os estabelecidos, a média global é de 32,9%, com extremos de 6,6% em Omã (nível B) e 61,9% na Argentina (nível B), sendo que o Brasil atinge 39,6%, também acima da média global, ocupando a 14ª posição.

No que se refere à "resistência ou desconfiança dos clientes", a média global entre os empreendedores iniciais é de 32,3%, sendo 6,6% o menor valor exibido pela Polônia (nível A) e o maior — 57,4% do Egito (nível B). O Brasil apresenta 36,2%, acima da média global, posicionando-se na 19ª posição. Entre os estabelecidos, a média global é de 30,9%, com valores entre 8,7% em Omã (nível B) e 68,6% no Peru (nível B). A média Brasileira é de 31,7%, ligeiramente acima da global, e a sua posição é a 25ª.

Quanto à "resistência entre os funcionários", os empreendedores iniciais mostram a média global de 28%, entre os extremos de 7,6% na Eslovênia (nível A) e 50,7% em Angola (nível B). A média brasileira é de 31,8%, acima da global, situando-se na 17ª posição. Entre os empreendedores estabelecidos a média global é de 26,6%, situada entre 8,2% de Omã (nível B) e 51,8% da África do Sul (nível B). A média brasileira é de 29,5%, acima da global, posicionando o país como 19º no *ranking* global.

Em síntese, os resultados e as posições brasileiras no *ranking* global indicam que as preocupações dos empreendedores iniciais e estabelecidos brasileiros com os impactos negativos da IA são, em geral, de moderadas a intensas, frequentemente acima da média internacional. Esses dados reforçam a necessidade de ampliar ações de apoio e orientação de modo que os empreendedores possam conhecer as possibilidades oferecidas pelas ferramentas, bem como, receber treinamentos, capacitação e até mentoria para aplicá-las na melhoria de processos, no aumento da eficiência, na inovação e na performance dos negócios, fortalecendo sua competitividade.

As **Tabelas auxiliares A5.6** e **A5.7** apresentam o *ranking* global de todas as economias participantes da pesquisa no que se refere à percepção de impacto negativo da IA no ambiente de negócio por parte dos empreendedores.

5.2.3 Condições do ambiente para utilização de IA (NES)

Examinam-se, a seguir, os dados da **Tabela 5.10**, que apresenta as médias das notas atribuídas pelos especialistas brasileiros[19], entrevistados em 2025, às afirmativas relacionadas à IA e ao empreendedorismo, bem como os resultados obtidos nas demais economias participantes.

Na comparação das médias brasileiras com as médias globais nos seis fatores analisados, observa-se que, de modo geral, o Brasil fica aquém, sendo que as maiores diferenças são observadas nos fatores "disponibilidade de educação e treinamento em IA" (1,8 ponto), "instituições públicas e seu suporte em IA" (1,6 ponto). Por outro lado, os fatores em que o país mais se aproxima da média global são: "percepção sobre ética vinculada à IA" — (0,2 ponto abaixo) e "desenvolvimento e progresso de IA" (0,4 ponto abaixo).

O fator "necessidade de desenvolver e implementar soluções de IA" apresenta média global de 6,3, enquanto a média brasileira de 5,0 indica uma lacuna de 1,3 ponto. Este resultado sugere que ainda se carece de muito mais conscientização sobre a necessidade de desenvolver e implementar soluções de IA entre os empreendedores.

[19] As entrevistas com especialistas são realizadas no âmbito da pesquisa NES (*National expert Survey*), uma das fontes de dados da pesquisa GEM. Para mais detalhes consultar o Apêndice 1 – A1- Metodologia

Tabela 5.10 Média das notas[1] atribuídas pelos especialistas na avaliação objetiva relacionadas ao "Inteligência artificial e empreendedorismo" – Brasil e economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025

Afirmações	Média Brasil	Média das economias
Necessidade de desenvolver e implementar soluções de IA	5,0	6,3
A conscientização sobre a necessidade de desenvolver e implementar soluções de IA é comum entre os empreendedores.	4,5	6,2
Atualmente a conscientização sobre a necessidade de desenvolver e implementar soluções de IA é promovida ativamente no ambiente de negócios.	5,6	6,3
Desenvolvimento e progresso de IA	6,0	6,4
As empresas novas e em desenvolvimento estão incluindo intencionalmente soluções de IA em seus modelos de negócios.	5,2	6,3
A viabilidade e o crescimento a longo prazo das empresas emergentes dependem da implementação ativa de soluções de IA.	6,8	6,6
Conscientização, competências e conhecimento de IA	4,4	5,2
Os colaboradores estão conscientes da necessidade de desenvolver suas competências em IA.	5,7	6,1
Os colaboradores desenvolverem suas competências em IA é uma prática comum.	4,3	5,2
Os colaboradores têm as competências em IA no nível atualmente adequado para seus cargos.	3,3	4,3
Disponibilidade de educação e treinamento em IA	2,7	4,5
Os conhecimentos e competências relacionados com a IA estão incluídos nos modelos de educação complementar ao ensino regular.	2,0	4,2
Os treinamentos em IA estão amplamente disponíveis para empreendedores e seus colaboradores.	3,4	4,8
Instituições públicas e seu suporte em IA	2,5	4,1
As instituições públicas apoiam a implementação de soluções de IA, por ex.: através de subsídios, formação oferecida a empreendedores e outras ações.	2,6	4,1
As instituições públicas promovem ativamente as soluções de IA.	2,5	4,1
Percepção sobre ética vinculada à IA	5,2	5,4
As preocupações com segurança e privacidade de dados recebem um lugar de destaque quando se discute a implementação de soluções de IA nas empresas.	5,5	5,7
Os consumidores são, em geral, receptivos às ferramentas de IA e confiam nos algoritmos subjacentes.	5,0	5,2
A mídia (incluindo as redes sociais) destaca os dilemas éticos nas tomadas de decisões propostas por ferramentas de IA.	5,0	5,3

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Notas atribuídas pelos especialistas em escala de 0 a 10, sendo 0 totalmente falsa e 10 totalmente verdadeira para afirmações que compõem a condição.

O fator "desenvolvimento e progresso de IA" alcança as melhores notas médias tanto no Brasil (6,0) quanto no nível global (6,4). Os especialistas apontam que as empresas novas e em desenvolvimento ainda precisam se esforçar mais para incluir intencionalmente soluções de IA em seus modelos de negócios (nota 5,2 no Brasil e 6,3 no global). Por outro lado, enfatizam ligeiramente superior à média internacional, que a viabilidade e o crescimento de longo prazo dependem da implementação ativa de soluções de IA (6,8 no Brasil *versus* 6,6 global).

Quanto à "conscientização, competências e conhecimento de IA" a média global é de 5,2, superior à média brasileira, de 4,4, com diferença de 0,8 ponto. Esse resultado se deve, principalmente,

à baixa avaliação quanto à adequação das competências em IA dos colaboradores (nota 3,3 no Brasil). A menor média brasileira também se deve à falta de desenvolvimento das competências de IA entre os colaboradores, segundo os especialistas. Embora a diferença entre a média global e a brasileira seja pequena na questão sobre a necessidade de desenvolver competências em IA, a nota inferior do Brasil indica que é preciso intensificar a conscientização nesse tema.

A maior diferença entre a média brasileira e global é observada no fator "disponibilidade de educação e treinamento em IA", 4,5 no nível global e 2,7 no Brasil, uma distância de 1,8 ponto. Portanto, tanto no plano global quanto no nacional, já se infere que os especialistas apontam para a insuficiência da oferta de capacitação e treinamento em IA para os empreendedores, em quaisquer estágios em que estejam seus negócios. O mesmo pode ser dito a respeito da inclusão de conteúdos para o desenvolvimento de competências em IA no sistema educacional formal.

No fator "instituições públicas e seu suporte em IA" a média global (4,1), supera por 1,6 ponto a média brasileira (2,5). Nas afirmativas que enfocam se as "instituições públicas apoiam a implementação de soluções de IA" e se as "instituições públicas promovem ativamente as soluções de IA", as notas brasileiras ficam aquém da nota média global. Implicando que o suporte e a promoção ativa por parte das instituições públicas à IA são deficientes.

No fator "percepção sobre ética vinculada à IA", a média brasileira (5,2) fica muito próxima da média global (5,4). De modo geral, as avaliações acompanham o padrão global, com diferenças pequenas — 0,2 a 0,3 pontos. Os especialistas indicam preocupação moderada com os aspectos de segurança e privacidade na implementação de soluções de IA, percebem os consumidores brasileiros como moderadamente receptivos a essas ferramentas e avaliam que a mídia e as redes sociais dão certa atenção aos dilemas éticos envolvidos nas decisões mediadas por IA.

Considerando a rápida evolução das tecnologias de IA e o crescente leque de aplicações, torna-se fundamental que os empreendimentos acompanhem essas transformações para manter sua competitividade. Consequentemente, destaca-se a necessidade de ampliar as iniciativas, ações e programas que ofertem treinamento, capacitação, educação, e que se intensifiquem os apoios e mentorias para os empreendedores aprenderem a usar e aplicar essas ferramentas tanto na estratégia quanto nos processos de seus negócios; também são urgentes políticas governamentais amplas e ousadas, nos diferentes níveis de governo para atingir, sobretudo os micro e pequenos negócios para ajudá-los a se tornarem competitivos dentro e fora do país.

O **Quadro 5.6** apresenta o comparativo do indicador "Inteligência artificial e empreendedorismo" exibindo as médias das notas atribuídas pelos especialistas das diferentes economias participantes. Complementarmente, há a **Tabela auxiliar A5.8** que apresenta esse comparativo, mas segmentando as economias participantes em dois níveis de renda *per capita* — A e B.

Quanto à percepção sobre a "necessidade de desenvolver e implementar soluções de IA", a média global é de 6,3, num espectro que vai de 3,8 na Hungria (nível A) a 8,3 nos Emirados Árabes Unidos. A nota do Brasil é de 5,0, posicionando o país na 46ª colocação, e superando somente as notas de sete países — todas do nível B — e situando-se na 19ª posição nesse grupo (considerando o total de 53 economias na pesquisa NES). Esse resultado indica que os empreendedores ainda estão insuficientemente conscientizados sobre a necessidade de desenvolver e implementar soluções de IA.

No fator "desenvolvimento e progresso de IA", a média global é de 6,4, com variação entre 4,2 em Angola (nível B) e 8,0 na Letônia (nível B), enquanto a média do Brasil é de 6,0, situando-se globalmente na 39ª posição, e na 15ª posição dentro do grupo do nível B (com 26 economias), superando as notas de 11 economias, colocando-se como 15º[EV2.1]. Portanto, os especialistas consideram que os empreendedores ainda não estão suficientemente conscientes da necessidade de desenvolver e ativamente implementar soluções de IA nos seus negócios.

Quadro 5.6 Comparativo do indicador "Inteligência artificial e empreendedorismo" – média das notas[1] atribuídas pelos especialistas – economias participantes da pesquisa com especialista – 2025

Afirmações	Estatísticas descritivas	Média das notas
Necessidade de desenvolver e implementar soluções de IA.	Média (%)	6,3
	Mínimo (%)	3,8 (Hungria)
	Máximo (%)	8,3 (Emirados Árabes Unidos)
	Brasil (%)	**5,0**
	Posição Brasil	**46ª**
Desenvolvimento e progresso de IA.	Média (%)	6,4
	Mínimo (%)	4,2 (Angola)
	Máximo (%)	8,0 (Letônia)
	Brasil (%)	**6,0**
	Posição Brasil	**39ª**
Conscientização, competências e conhecimento de IA.	Média (%)	5,2
	Mínimo (%)	3,6 (Angola)
	Máximo (%)	7,5 (Emirados Árabes Unidos)
	Brasil (%)	**4,4**
	Posição Brasil	**43ª**
Disponibilidade de educação e treinamento em IA.	Média (%)	4,5
	Mínimo (%)	2,1 (Angola)
	Máximo (%)	7,4 (Emirados Árabes Unidos)
	Brasil (%)	**2,7**
	Posição Brasil	**52ª**
Instituições públicas e seu suporte em IA.	Média (%)	4,1
	Mínimo (%)	1,7 (Venezuela)
	Máximo (%)	7,9 (Emirados Árabes Unidos)
	Brasil (%)	**2,5**
	Posição Brasil	**47ª**
Percepção sobre ética vinculada à IA.	Média (%)	5,4
	Mínimo (%)	3,1 (Angola)
	Máximo (%)	7,5 (Emirados Árabes Unidos)
	Brasil (%)	**5,2**
	Posição Brasil	**29ª**

Fonte: GEM 2025
[1] Notas atribuídas pelos especialistas em escala de 0 a 10, sendo 0 totalmente falsa e 10 totalmente verdadeira para afirmações que compõem a condição.

Em relação à "conscientização, competências e conhecimento de IA", a média global é de 5,2, entre os extremos de 3,6 em Angola (nível B) e 7,5 dos Emirados Árabes Unidos (nível A). A média do Brasil é de 4,4, abaixo da média global, colocando o país na 43ª posição geral. No nível B, a sua nota empata com a Croácia, Peru e Uruguai, e se situa na 18ª posição neste grupo. Os dados indicam, então, que os colaboradores ainda não estão suficientemente conscientes da necessidade de desenvolverem suas competências em IA, que estamos longe de ter a prática de desenvolvimento dessas competências; portanto, o nível de competência em IA dos colaboradores está aquém do necessário para exercerem suas funções.

No fator "disponibilidade de educação e treinamento em IA" a média global é de 4,5, entre a mínima de 2,1 de Angola (nível B) e a máxima de 7,4 dos Emirados Árabes Unidos. O Brasil, com a nota de 2,7, situa-se significativamente abaixo da média global, ocupando a 52ª colocação. No nível B, o Brasil se posiciona na 25ª posição, superando apenas a Angola. Depreende-se que no país há carência e falta de ampla oferta de treinamentos em IA para colaboradores e empreendedores e, que, no ensino regular, ainda não há inclusão e oferta suficiente de educação complementar no que se refere a desenvolver conhecimento e competências em IA.

Quanto ao fator "instituições públicas e seu suporte em IA" a média global é de 4,1, com valores entre 1,7 na Venezuela (nível B) e 7,9 nos Emirados Árabes Unidos (nível A). O Brasil apresenta é de 2,5, uma das últimas posições, na 47ª. No grupo de nível B de renda, o Brasil somente supera 5 países. A análise indica que os especialistas avaliam que as instituições públicas ainda não exercem um papel ativo na promoção das soluções de IA, e que ainda há muito a fazer em termos de apoio e estímulo para o desenvolvimento e para a efetiva implementação de soluções de IA que favoreçam mais os negócios brasileiros e ampliem a sua competitividade nos planos nacional e internacional.

Com respeito aos "dilemas éticos de tomadas de decisão baseadas em IA", a nota média global é de 5,4, sendo o valor mínimo de 3,1 de Angola (nível B) e o máximo de 7,5 dos Emirados Árabes Unidos. A nota média do Brasil é de 5,2, a mesma do México (do mesmo grupo de renda), ficando abaixo, mas próxima à média global, situando o país na 29ª posição no *ranking* global das economias, e na 10ª posição no grupo de nível B, no qual supera 16 países. Esses dados significam que os problemas e preocupações com segurança e privacidade de dados relacionados à IA já são discutidos nas empresas, mas que há ainda espaço para abordagens mais amplas, profundas e mais frequentes; que os dilemas éticos criados pelas decisões baseadas ou propostas por IA são tratados pela mídia e pelas redes sociais, mas ainda não com destaque e profundidade, e que há certa receptividade por parte dos consumidores quanto às ferramentas de IA, mas que as discussões e maior exposição a esses assuntos podem ajudar a melhorar a compreensão, a adesão e também maior conscientização e vigilância quanto à segurança e confiança nas soluções oferecidas pelos algoritmos de IA.

No geral, percebe-se que as notas médias das economias do grupo de nível A de renda são sempre maiores do que as obtidas no grupo de nível B de renda, indicando um avanço menor no desenvolvimento da conscientização da necessidade de desenvolver e implementar soluções de IA nas empresas, menor nível do desenvolvimento e progresso de IA, bem como do conhecimento e desenvolvimento das competências de IA; também aponta para menor oferta de educação e treinamento, menor suporte das instituições públicas desses países com respeito às questões relacionadas com IA, e menos destaque, exposição e profundidade no que se refere às questões éticas suscitadas pelas aplicações da IA.

Tabela auxiliar A5.1 Percentual de empreendedores[1] iniciais segundo o impacto[2] (nacional e internacional) do empreendimento de 18 a 64 anos – economias participantes (agrupamento por nível de renda) – 2025

Níveis de renda[3]	Economias	Regiões[4]	Percentual de empreendedores iniciais (%)	
			Nacional	Internacional
Nível A	Alemanha	E&NA	20,6	3,3
	Arábia Saudita	OM&A	3,1	0,0
	Bahrein	OM&A	22,4	5,4
	Canadá	E&NA	19,4	5,9
	Catar	OM&A	5,9	0,0
	Chipre	E&NA	20,2	2,1
	Coreia do Sul	A	26,7	3,3
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	16,9	2,8
	Eslovênia	E&NA	25,8	13,3
	Espanha	E&NA	26,5	5,8
	Estados Unidos	E&NA	16,0	6,9
	Finlândia	E&NA	17,8	6,9
	França	E&NA	16,3	8,7
	Israel	OM&A	13,0	5,6
	Itália	E&NA	24,1	6,3
	Lituânia	E&NA	17,3	2,0
	Luxemburgo	E&NA	17,7	3,6
	Noruega	E&NA	24,0	10,0
	Países Baixos	E&NA	23,3	3,7
	Polônia	E&NA	1,0	0,0
	Porto Rico	ALC	17,5	5,0
	Reino Unido	E&NA	21,0	5,7
	Suécia	E&NA	17,0	6,1
	Suíça	E&NA	17,5	9,8
	Taiwan	A	24,4	7,5
	Média Nível A		**18,2**	**5,2**
Nível B	África do Sul	OM&A	13,0	1,5
	Angola	OM&A	6,6	0,7
	Argentina	ALC	4,7	0,3
	Brasil	**ALC**	**3,6**	**0,7**
	Chile	ALC	13,6	1,1
	Costa Rica	ALC	11,6	1,0
	Croácia	E&NA	24,3	2,8
	Egito	OM&A	8,7	0,0
	El Salvador	ALC	0,8	0,0
	Equador	ALC	3,4	0,2
	Eslováquia	E&NA	12,6	1,7
	Estônia	E&NA	14,8	2,9
	Guatemala	ALC	4,2	0,0
	Hungria	E&NA	11,4	5,3
	Índia	A	4,5	1,0
	Jordânia	OM&A	7,1	0,5
	Letônia	E&NA	21,6	6,2
	México	ALC	17,8	3,8
	Omã	OM&A	6,2	0,0
	Peru	ALC	8,3	0,7
	Romênia	E&NA	6,8	1,1
	Tailândia	A	5,0	0,5
	Venezuela	ALC	5,0	0,8
	Média Nível B		**9,4**	**1,4**

Fonte: GEM 2025

[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos.

[2] **Impacto de âmbito nacional:** o empreendedor afirma que tem ou terá clientes procedentes de pelo menos outras cidades e estados do país e que o seu produto/serviço ou o processo/tecnologia que utiliza podem ser considerados uma novidade em nível nacional pelo menos. **Impacto de âmbito internacional:** o empreendedor afirma que tem ou terá clientes procedentes de outros países e que o seu produto/serviço ou o processo/tecnologia que utiliza podem ser considerados uma novidade em nível internacional.

[3] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.

[4] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

Tabela auxiliar A5.2 Distribuição percentual de empreendedores[1] iniciais que pretendem aumentar o uso de tecnologias digitais para a venda de produtos ou serviços nos próximos seis meses de 18 a 64 anos – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025

Níveis de renda[2]	Economias	Regiões[3]	Percentual de empreendedores iniciais (%)			
			Sim	Não	Talvez	Total
Nível A	Alemanha	E&NA	57,4	31,0	11,6	100,0
	Arábia Saudita	OM&A	79,0	13,4	7,6	100,0
	Bahrein	OM&A	76,4	22,2	1,4	100,0
	Canadá	E&NA	56,6	20,7	22,7	100,0
	Catar	OM&A	63,2	31,3	5,5	100,0
	Chipre	E&NA	56,9	35,1	8,1	100,0
	Coreia do Sul	A	63,8	17,8	18,4	100,0
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	69,9	19,1	11,0	100,0
	Eslovênia	E&NA	50,1	37,1	12,9	100,0
	Espanha	E&NA	53,7	29,8	16,5	100,0
	Estados Unidos	E&NA	56,4	23,0	20,7	100,0
	Finlândia	E&NA	46,0	35,2	18,8	100,0
	França	E&NA	47,7	33,8	18,4	100,0
	Israel	OM&A	42,2	32,8	25,0	100,0
	Itália	E&NA	62,6	22,2	15,1	100,0
	Lituânia	E&NA	46,7	26,6	26,7	100,0
	Luxemburgo	E&NA	54,1	32,7	13,2	100,0
	Noruega	E&NA	52,1	40,7	7,2	100,0
	Países Baixos	E&NA	39,1	42,5	18,4	100,0
	Polônia	E&NA	53,6	39,9	6,5	100,0
	Porto Rico	ALC	68,2	24,7	7,1	100,0
	Reino Unido	E&NA	70,3	18,2	11,5	100,0
	Suécia	E&NA	35,5	40,5	23,9	100,0
	Suíça	E&NA	48,6	35,2	16,1	100,0
	Taiwan	A	54,7	24,2	21,1	100,0
	Média Nível A		**56,2**	**29,2**	**14,6**	**100,0**
Nível B	África do Sul	OM&A	65,6	13,8	20,6	100,0
	Angola	OM&A	93,4	5,0	1,7	100,0
	Argentina	ALC	44,9	33,2	21,9	100,0
	Brasil	**ALC**	**77,2**	**18,5**	**4,3**	**100,0**
	Chile	ALC	76,7	12,9	10,4	100,0
	Costa Rica	ALC	80,1	16,0	4,0	100,0
	Croácia	E&NA	47,6	30,5	21,9	100,0
	Egito	OM&A	75,8	22,8	1,4	100,0
	El Salvador	ALC	49,8	43,3	6,9	100,0
	Equador	ALC	56,9	28,9	14,2	100,0
	Eslováquia	E&NA	54,0	21,3	24,7	100,0
	Estônia	E&NA	44,9	31,0	24,1	100,0
	Guatemala	ALC	77,5	21,0	1,5	100,0
	Hungria	E&NA	46,5	48,8	4,6	100,0
	Índia	A	47,8	41,2	11,0	100,0
	Jordânia	OM&A	52,2	38,9	8,9	100,0
	Letônia	E&NA	59,0	23,8	17,2	100,0
	México	ALC	75,2	16,5	8,3	100,0
	Omã	OM&A	60,1	23,5	16,4	100,0
	Peru	ALC	72,0	14,7	13,3	100,0
	Romênia	E&NA	51,9	34,0	14,0	100,0
	Tailândia	A	60,0	13,1	26,8	100,0
	Venezuela	ALC	43,1	38,9	17,9	100,0
	Média Nível B		**61,4**	**25,7**	**12,9**	**100,0**

Fonte: GEM 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos.
[2] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.
[3] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

Tabela auxiliar A5.3 Distribuição percentual de empreendedores[1] estabelecidos que pretendem aumentar o uso de tecnologias digitais para a venda de produtos ou serviços nos próximos seis meses de 18 a 64 anos – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025

Níveis de renda[2]	Economias	Regiões[3]	Percentual de empreendedores estabelecidos (%)			
			Sim	Não	Talvez	Total
Nível A	Alemanha	E&NA	63,3	34,0	2,7	100,0
	Arábia Saudita	OM&A	82,3	14,2	3,5	100,0
	Bahrein	OM&A	75,8	22,6	1,6	100,0
	Canadá	E&NA	50,8	22,7	26,5	100,0
	Catar	OM&A	79,6	19,9	0,5	100,0
	Chipre	E&NA	42,4	39,6	18,0	100,0
	Coreia do Sul	A	38,6	41,2	20,2	100,0
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	74,2	17,1	8,7	100,0
	Eslovênia	E&NA	36,7	47,3	16,0	100,0
	Espanha	E&NA	36,2	49,9	13,9	100,0
	Estados Unidos	E&NA	33,6	48,0	18,4	100,0
	Finlândia	E&NA	28,4	57,5	14,1	100,0
	França	E&NA	30,1	54,2	15,8	100,0
	Israel	OM&A	31,3	45,0	23,7	100,0
	Itália	E&NA	44,0	42,1	13,9	100,0
	Lituânia	E&NA	42,2	34,9	22,9	100,0
	Luxemburgo	E&NA	47,7	45,0	7,3	100,0
	Noruega	E&NA	38,6	56,3	5,1	100,0
	Países Baixos	E&NA	39,6	49,8	10,6	100,0
	Polônia	E&NA	49,8	37,0	13,2	100,0
	Porto Rico	ALC	68,8	26,0	5,1	100,0
	Reino Unido	E&NA	69,2	21,5	9,3	100,0
	Suécia	E&NA	31,8	54,5	13,7	100,0
	Suíça	E&NA	30,2	50,8	19,0	100,0
	Taiwan	A	40,0	55,1	4,9	100,0
	Média Nível A		**48,2**	**39,4**	**12,3**	**100,0**
Nível B	África do Sul	OM&A	65,7	22,8	11,5	100,0
	Angola	OM&A	87,6	11,4	1,0	100,0
	Argentina	ALC	45,9	40,7	13,4	100,0
	Brasil	**ALC**	**68,8**	**27,9**	**3,3**	**100,0**
	Chile	ALC	65,6	25,6	8,9	100,0
	Costa Rica	ALC	68,4	28,5	3,1	100,0
	Croácia	E&NA	45,5	32,3	22,2	100,0
	Egito	OM&A	70,9	23,4	5,7	100,0
	El Salvador	ALC	37,6	55,6	6,8	100,0
	Equador	ALC	47,8	42,8	9,4	100,0
	Eslováquia	E&NA	40,9	43,7	15,4	100,0
	Estônia	E&NA	28,9	49,6	21,4	100,0
	Guatemala	ALC	64,6	33,4	2,0	100,0
	Hungria	E&NA	18,9	72,5	8,6	100,0
	Índia	A	52,9	40,6	6,4	100,0
	Jordânia	OM&A	37,8	56,3	5,9	100,0
	Letônia	E&NA	30,0	53,5	16,5	100,0
	México	ALC	77,5	16,9	5,6	100,0
	Omã	OM&A	62,9	31,4	5,7	100,0
	Peru	ALC	78,6	11,8	9,6	100,0
	Romênia	E&NA	41,8	48,8	9,4	100,0
	Tailândia	A	53,0	15,6	31,3	100,0
	Venezuela	ALC	56,3	31,5	12,2	100,0
	Média Nível B		**54,3**	**35,5**	**10,2**	**100,0**

Fonte: GEM 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos.
[2] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.
[3] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

Tabela auxiliar A5.4 Empreendedores[1] iniciais que afirmaram que o uso de inteligência artificial pode ter alto impacto positivo nos negócios de 18 a 64 anos – *ranking* – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025

Níveis de renda[2]	Economias	Regiões[3]	Posição de empreendedores iniciais				
			Melhoria na capacidade de personalizar produtos ou serviços	Desenvolvimento de produtos e serviços inovadores	Aumento da produtividade e eficiência em todas as operações	Aumento da receita e crescimento do negócio	Melhor gestão de riscos e *compliance*
Nível A	Alemanha	E&NA	31º	26º	33º	47º	44º
	Arábia Saudita	OM&A	12º	29º	42º	25º	33º
	Bahrein	OM&A	20º	3º	12º	20º	20º
	Canadá	E&NA	23º	23º	31º	26º	29º
	Catar	OM&A	10º	8º	11º	13º	18º
	Chipre	E&NA	38º	24º	27º	24º	23º
	Coreia do Sul	A	45º	38º	40º	34º	41º
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	7º	9º	15º	14º	13º
	Eslovênia	E&NA	26º	36º	21º	36º	32º
	Espanha	E&NA	27º	31º	35º	35º	25º
	Estados Unidos	E&NA	24º	27º	25º	21º	30º
	Finlândia	E&NA	47º	47º	46º	46º	47º
	França	E&NA	37º	41º	32º	38º	35º
	Israel	OM&A	30º	22º	24º	23º	17º
	Itália	E&NA	22º	19º	30º	22º	21º
	Lituânia	E&NA	34º	35º	37º	31º	26º
	Luxemburgo	E&NA	28º	34º	22º	44º	38º
	Noruega	E&NA	40º	43º	36º	40º	40º
	Países Baixos	E&NA	32º	33º	34º	37º	36º
	Polônia	E&NA	48º	48º	48º	48º	48º
	Porto Rico	ALC	8º	14º	4º	9º	10º
	Reino Unido	E&NA	17º	17º	8º	15º	16º
	Suécia	E&NA	46º	45º	44º	43º	45º
	Suíça	E&NA	43º	40º	29º	45º	46º
	Taiwan	A	19º	21º	17º	19º	19º
Nível B	África do Sul	OM&A	5º	6º	5º	5º	6º
	Angola	OM&A	3º	1º	2º	1º	11º
	Argentina	ALC	2º	16º	6º	17º	5º
	Brasil	**ALC**	**4º**	**2º**	**3º**	**4º**	**15º**
	Chile	ALC	9º	5º	10º	10º	2º
	Costa Rica	ALC	13º	4º	9º	3º	8º
	Croácia	E&NA	33º	25º	23º	29º	28º
	Egito	OM&A	21º	7º	7º	18º	14º
	El Salvador	ALC	18º	15º	19º	11º	12º
	Equador	ALC	11º	13º	13º	6º	4º
	Eslováquia	E&NA	29º	32º	28º	30º	24º
	Estônia	E&NA	42º	42º	41º	39º	43º
	Guatemala	ALC	15º	20º	20º	16º	22º
	Hungria	E&NA	35º	44º	45º	41º	39º
	Índia	A	36º	39º	39º	27º	27º
	Jordânia	OM&A	25º	28º	38º	28º	31º
	Letônia	E&NA	39º	30º	26º	33º	37º
	México	ALC	6º	10º	14º	12º	9º
	Omã	OM&A	41º	37º	43º	32º	34º
	Peru	ALC	1º	11º	1º	2º	1º
	Romênia	E&NA	16º	12º	16º	8º	7º
	Tailândia	A	44º	46º	47º	42º	42º
	Venezuela	ALC	14º	18º	18º	7º	3º

Fonte: GEM 2025
[1] *Ranking* dos empreendedores de 18 a 64 anos.
[2] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.
[3] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

Tabela auxiliar A5.5 Empreendedores[1] estabelecidos que afirmaram que o uso de inteligência artificial pode ter alto impacto positivo nos negócios de 18 a 64 anos – *ranking* – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025

Níveis de renda[2]	Economias	Regiões[3]	Posição de empreendedores estabelecidos				
			Melhoria na capacidade de personalizar produtos ou serviços	Desenvolvimento de produtos e serviços inovadores	Aumento da produtividade e eficiência em todas as operações	Aumento da receita e crescimento do negócio	Melhor gestão de riscos e *compliance*
Nível A	Alemanha	E&NA	22º	25º	22º	44º	39º
	Arábia Saudita	OM&A	4º	28º	46º	23º	26º
	Bahrein	OM&A	20º	8º	16º	13º	16º
	Canadá	E&NA	28º	34º	29º	21º	29º
	Catar	OM&A	1º	1º	2º	2º	3º
	Chipre	E&NA	23º	19º	23º	20º	21º
	Coreia do Sul	A	30º	37º	44º	31º	32º
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	9º	6º	8º	7º	5º
	Eslovênia	E&NA	25º	22º	20º	33º	23º
	Espanha	E&NA	36º	36º	36º	39º	31º
	Estados Unidos	E&NA	35º	41º	35º	30º	40º
	Finlândia	E&NA	47º	47º	47º	47º	48º
	França	E&NA	34º	32º	31º	34º	28º
	Israel	OM&A	38º	23º	34º	29º	20º
	Itália	E&NA	29º	31º	26º	28º	30º
	Lituânia	E&NA	31º	29º	32º	24º	25º
	Luxemburgo	E&NA	32º	42º	14º	32º	27º
	Noruega	E&NA	45º	43º	38º	45º	46º
	Países Baixos	E&NA	21º	20º	24º	26º	22º
	Polônia	E&NA	48º	48º	48º	48º	47º
	Porto Rico	ALC	14º	11º	9º	12º	11º
	Reino Unido	E&NA	18º	24º	21º	18º	19º
	Suécia	E&NA	42º	40º	39º	41º	37º
	Suíça	E&NA	43º	33º	17º	46º	42º
	Taiwan	A	24º	39º	33º	36º	35º
Nível B	África do Sul	OM&A	7º	10º	5º	6º	4º
	Angola	OM&A	8º	2º	6º	4º	7º
	Argentina	ALC	5º	13º	10º	17º	17º
	Brasil	**ALC**	**6º**	**5º**	**4º**	**10º**	**10º**
	Chile	ALC	19º	16º	15º	19º	12º
	Costa Rica	ALC	11º	7º	7º	5º	6º
	Croácia	E&NA	27º	26º	37º	27º	34º
	Egito	OM&A	40º	15º	27º	22º	24º
	El Salvador	ALC	16º	14º	13º	15º	13º
	Equador	ALC	17º	12º	18º	9º	9º
	Eslováquia	E&NA	33º	35º	40º	38º	36º
	Estônia	E&NA	46º	45º	42º	43º	44º
	Guatemala	ALC	13º	18º	19º	16º	18º
	Hungria	E&NA	41º	46º	41º	42º	45º
	Índia	A	15º	21º	25º	14º	14º
	Jordânia	OM&A	26º	30º	30º	25º	38º
	Letônia	E&NA	37º	27º	28º	37º	33º
	México	ALC	10º	9º	12º	8º	8º
	Omã	OM&A	44º	38º	45º	35º	41º
	Peru	ALC	3º	3º	1º	3º	1º
	Romênia	E&NA	12º	17º	11º	11º	15º
	Tailândia	A	39º	44º	43º	40º	43º
	Venezuela	ALC	2º	4º	3º	1º	2º

Fonte: GEM 2025
[1] *Ranking* dos empreendedores de 18 a 64 anos.
[2] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.
[3] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

Tabela auxiliar A5.6 Empreendedores[1] iniciais que afirmaram que o uso de inteligência artificial pode ter alto impacto negativo nos negócios de 18 a 64 anos – *ranking* – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025

Níveis de renda[2]	Economias	Regiões[3]	Posição de empreendedores iniciais				
			Preocupações com segurança e privacidade de dados	Aumento de custos e desafios de implementação	Dilemas éticos de tomadas de decisão baseada em IA	Resistência ou desconfiança dos clientes	Resistência entre os funcionários
Nível A	Alemanha	E&NA	34º	21º	31º	32º	26º
	Arábia Saudita	OM&A	6º	39º	34º	13º	31º
	Bahrein	OM&A	20º	17º	23º	18º	28º
	Canadá	E&NA	15º	16º	18º	20º	21º
	Catar	OM&A	19º	24º	13º	11º	15º
	Chipre	E&NA	30º	29º	22º	28º	18º
	Coreia do Sul	A	44º	22º	40º	46º	39º
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	25º	20º	6º	4º	8º
	Eslovênia	E&NA	21º	43º	37º	37º	48º
	Espanha	E&NA	31º	26º	36º	29º	27º
	Estados Unidos	E&NA	17º	14º	17º	8º	20º
	Finlândia	E&NA	45º	47º	42º	45º	46º
	França	E&NA	22º	28º	25º	24º	33º
	Israel	OM&A	38º	41º	32º	33º	38º
	Itália	E&NA	13º	31º	26º	27º	14º
	Lituânia	E&NA	35º	27º	30º	21º	23º
	Luxemburgo	E&NA	29º	38º	35º	30º	25º
	Noruega	E&NA	33º	44º	39º	41º	47º
	Países Baixos	E&NA	37º	33º	28º	38º	29º
	Polônia	E&NA	48º	48º	48º	48º	42º
	Porto Rico	ALC	4º	18º	19º	25º	24º
	Reino Unido	E&NA	12º	3º	16º	12º	11º
	Suécia	E&NA	40º	34º	33º	40º	36º
	Suíça	E&NA	23º	36º	9º	15º	43º
	Taiwan	A	11º	12º	14º	34º	34º
Nível B	África do Sul	OM&A	2º	2º	11º	3º	5º
	Angola	OM&A	9º	7º	2º	5º	1º
	Argentina	ALC	36º	32º	24º	36º	30º
	Brasil	**ALC**	**16º**	**8º**	**10º**	**19º**	**17º**
	Chile	ALC	3º	4º	4º	10º	7º
	Costa Rica	ALC	7º	9º	12º	17º	6º
	Croácia	E&NA	28º	30º	38º	35º	35º
	Egito	OM&A	39º	6º	5º	1º	4º
	El Salvador	ALC	27º	15º	15º	23º	13º
	Equador	ALC	8º	11º	20º	16º	12º
	Eslováquia	E&NA	18º	13º	3º	9º	9º
	Estônia	E&NA	43º	45º	46º	44º	45º
	Guatemala	ALC	24º	19º	29º	26º	19º
	Hungria	E&NA	41º	37º	43º	42º	41º
	Índia	A	26º	25º	27º	22º	10º
	Jordânia	OM&A	42º	40º	41º	31º	37º
	Letônia	E&NA	32º	35º	44º	39º	40º
	México	ALC	10º	5º	8º	6º	2º
	Omã	OM&A	46º	46º	45º	43º	32º
	Peru	ALC	1º	1º	1º	2º	3º
	Romênia	E&NA	14º	23º	21º	7º	22º
	Tailândia	A	47º	42º	47º	47º	44º
	Venezuela	ALC	5º	10º	7º	14º	16º

Fonte: GEM 2025
[1] *Ranking* dos empreendedores de 18 a 64 anos.
[2] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.
[3] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

Tabela auxiliar A5.7 Empreendedores[1] estabelecidos que afirmaram que o uso de inteligência artificial pode ter alto impacto negativo nos negócios de 18 a 64 anos – *ranking* – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025

Níveis de renda[2]	Economias	Regiões[3]	Posição de empreendedores estabelecidos				
			Preocupações com segurança e privacidade de dados	Aumento de custos e desafios de implementação	Dilemas éticos de tomadas de decisão baseada em IA	Resistência ou desconfiança dos clientes	Resistência entre os funcionários
Nível A	Alemanha	E&NA	17º	16º	36º	41º	8º
	Arábia Saudita	OM&A	1º	42º	28º	2º	11º
	Bahrein	OM&A	34º	15º	29º	27º	31º
	Canadá	E&NA	19º	23º	18º	7º	15º
	Catar	OM&A	22º	10º	5º	5º	3º
	Chipre	E&NA	26º	37º	22º	31º	29º
	Coreia do Sul	A	35º	30º	33º	28º	28º
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	23º	13º	2º	11º	10º
	Eslovênia	E&NA	11º	39º	17º	34º	33º
	Espanha	E&NA	32º	35º	39º	36º	34º
	Estados Unidos	E&NA	20º	19º	21º	14º	23º
	Finlândia	E&NA	29º	33º	42º	40º	44º
	França	E&NA	13º	32º	31º	15º	27º
	Israel	OM&A	38º	38º	45º	35º	41º
	Itália	E&NA	27º	26º	38º	37º	24º
	Lituânia	E&NA	33º	36º	30º	24º	25º
	Luxemburgo	E&NA	10º	7º	24º	29º	20º
	Noruega	E&NA	41º	44º	35º	42º	43º
	Países Baixos	E&NA	31º	29º	16º	20º	9º
	Polônia	E&NA	48º	48º	46º	47º	40º
	Porto Rico	ALC	8º	5º	20º	22º	22º
	Reino Unido	E&NA	12º	12º	7º	10º	7º
	Suécia	E&NA	37º	25º	27º	33º	30º
	Suíça	E&NA	25º	45º	12º	21º	38º
	Taiwan	A	39º	27º	40º	43º	39º
Nível B	África do Sul	OM&A	5º	9º	9º	3º	1º
	Angola	OM&A	21º	3º	19º	13º	5º
	Argentina	ALC	15º	28º	1º	17º	14º
	Brasil	**ALC**	**14º**	**24º**	**14º**	**25º**	**19º**
	Chile	ALC	18º	22º	11º	23º	13º
	Costa Rica	ALC	7º	8º	23º	19º	18º
	Croácia	E&NA	40º	31º	37º	39º	37º
	Egito	OM&A	43º	18º	26º	12º	35º
	El Salvador	ALC	28º	11º	13º	9º	12º
	Equador	ALC	30º	17º	32º	16º	17º
	Eslováquia	E&NA	36º	20º	25º	32º	32º
	Estônia	E&NA	42º	43º	44º	44º	46º
	Guatemala	ALC	16º	14º	10º	18º	21º
	Hungria	E&NA	45º	46º	43º	45º	47º
	Índia	A	3º	21º	3º	8º	6º
	Jordânia	OM&A	46º	40º	41º	30º	42º
	Letônia	E&NA	24º	34º	34º	38º	36º
	México	ALC	9º	4º	4º	4º	4º
	Omã	OM&A	47º	47º	48º	48º	48º
	Peru	ALC	2º	1º	15º	1º	2º
	Romênia	E&NA	6º	6º	8º	26º	16º
	Tailândia	A	44º	41º	47º	46º	45º
	Venezuela	ALC	4º	2º	6º	6º	26º

Fonte: GEM 2025
[1] *Ranking* dos empreendedores de 18 a 64 anos.
[2] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.
[3] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

Tabela auxiliar A5.8 Inteligência artificial e empreendedorismo – economias participantes da pesquisa com especialistas (agrupamento por níveis de renda) – 2025

Níveis de renda[1]	Economias	Regiões[2]	Inteligência Artificial[3]					
			IA1	IA2	IA3	IA4	IA5	IA6
Nível A	Alemanha	E&NA	6,9	7,1	5,0	4,7	4,4	6,2
	Arábia Saudita	OM&A	7,6	7,5	7,1	6,2	6,3	6,6
	Áustria	E&NA	5,8	6,9	5,3	4,3	4,2	4,9
	Bahrein	OM&A	6,9	6,7	6,5	5,7	6,0	6,4
	Canadá	E&NA	6,1	6,3	4,8	4,0	4,3	5,0
	Catar	OM&A	7,0	7,2	6,5	5,9	5,9	6,7
	Chipre	E&NA	6,1	6,2	4,6	3,5	3,5	4,7
	Coreia do Sul	A	7,4	7,3	6,7	6,0	5,9	6,1
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	8,3	8,0	7,5	7,4	7,9	7,5
	Eslovênia	E&NA	6,7	6,6	5,0	4,0	3,6	5,6
	Espanha	E&NA	6,6	6,4	4,7	3,7	3,5	5,4
	Estados Unidos	E&NA	7,3	7,1	5,6	4,2	3,6	4,2
	Finlândia	E&NA	6,7	6,9	5,8	6,3	4,9	6,2
	França	E&NA	6,5	6,5	5,2	4,5	4,8	5,3
	Israel	OM&A	8,0	7,9	6,2	4,8	4,3	5,6
	Itália	E&NA	5,2	5,6	4,4	3,5	3,7	4,6
	Japão	A	7,3	6,3	4,5	3,7	3,7	4,4
	Lituânia	E&NA	7,7	7,6	7,1	6,4	6,0	6,5
	Luxemburgo	E&NA	6,5	6,4	4,9	3,9	4,3	5,5
	Noruega	E&NA	7,2	6,5	5,6	4,2	4,3	5,7
	Países Baixos	E&NA	6,6	6,4	5,2	4,9	4,7	5,6
	Polônia	E&NA	5,3	5,6	4,5	4,3	3,7	5,7
	Porto Rico	ALC	5,1	5,9	4,2	3,8	3,0	5,2
	Reino Unido	E&NA	6,4	6,8	4,8	3,3	3,0	5,1
	Suécia	E&NA	7,4	6,9	5,3	4,0	4,0	6,4
	Suíça	E&NA	7,1	6,8	5,9	5,9	4,7	6,0
	Taiwan	A	8,0	7,6	6,7	7,1	7,3	6,6
	Média Nível A		**6,8**	**6,8**	**5,5**	**4,8**	**4,7**	**5,7**

Fonte: GEM 2025
[1] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.
[2] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.
[3] Legenda: IA1- Necessidade de desenvolver e implementar soluções/IA2 - Desenvolvimento e progresso/IA3 - Conscientização, competências e conhecimento/IA4 - Disponibilidade de educação e treinamento/IA5 - Instituições públicas e seu suporte/IA6 - Percepção sobre ética vinculada à IA.

(Continua)

(Continuação)

Tabela auxiliar A5.8 Inteligência artificial e empreendedorismo – economias participantes da pesquisa com especialistas (agrupamento por níveis de renda) – 2025

Níveis de renda[1]	Economias	Regiões[2]	Inteligência Artificial[3]					
			IA1	IA2	IA3	IA4	IA5	IA6
Nível B	África do Sul	OM&A	4,7	5,6	4,3	3,8	3,6	4,6
	Angola	OM&A	3,9	4,2	3,6	2,1	1,8	3,1
	Argélia	OM&A	4,9	4,8	4,2	3,4	3,4	4,4
	Argentina	ALC	7,1	7,3	5,0	4,1	2,7	5,1
	Brasil	**ALC**	**5,0**	**6,0**	**4,4**	**2,7**	**2,5**	**5,2**
	Chile	ALC	6,1	6,7	4,6	3,9	3,4	4,9
	Costa Rica	ALC	5,9	6,2	4,7	3,7	3,2	5,0
	Croácia	E&NA	5,4	5,5	4,4	3,6	3,5	5,5
	Egito	OM&A	6,5	6,1	4,8	3,6	2,6	3,8
	El Salvador	ALC	4,9	5,4	4,6	3,9	3,6	4,8
	Equador	ALC	5,9	6,3	5,0	4,7	2,6	5,4
	Eslováquia	E&NA	5,4	5,8	4,6	4,4	2,9	4,8
	Estônia	E&NA	6,6	6,8	5,7	5,1	5,5	6,0
	Guatemala	ALC	4,8	5,4	4,1	5,0	2,1	5,0
	Hungria	E&NA	3,8	5,4	3,7	3,3	2,3	4,1
	Índia	A	6,7	6,7	5,8	5,6	5,9	6,1
	Jordânia	OM&A	6,6	6,4	5,8	4,5	4,2	5,4
	Letônia	E&NA	6,7	8,0	6,7	6,7	6,7	7,1
	Marrocos	OM&A	4,9	5,5	4,3	3,1	3,4	4,8
	México	ALC	6,2	6,2	4,5	4,3	2,5	5,2
	Omã	OM&A	6,1	6,2	6,4	5,8	5,9	6,3
	Peru	ALC	5,7	5,5	4,4	4,2	3,7	4,5
	Romênia	E&NA	5,2	5,8	4,7	3,2	2,3	4,9
	Tailândia	A	6,4	6,4	5,4	4,9	4,7	5,4
	Uruguai	ALC	6,7	6,4	4,4	3,8	2,9	4,8
	Venezuela	ALC	6,4	6,4	4,7	3,9	1,7	4,5
	Média Nível B		**5,7**	**6,0**	**4,8**	**4,1**	**3,4**	**5,0**

Fonte: GEM 2025
[1] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.
[2] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.
[3] Legenda: IA1- Necessidade de desenvolver e implementar soluções/IA2 - Desenvolvimento e progresso/IA3 - Conscientização, competências e conhecimento/IA4 - Disponibilidade de educação e treinamento/IA5 - Instituições públicas e seu suporte/IA6 - Percepção sobre ética vinculada à IA.

CAPÍTULO 6.

Orientações social e ambiental – Brasil e economias participantes

6. ORIENTAÇÕES SOCIAL E AMBIENTAL – BRASIL E ECONOMIAS PARTICIPANTES

O GEM incluiu em suas análises, em 2019, temas dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)[20] estabelecidos pela Organização das Nações Unidas (ONU). Uma vez mais, em 2025, o GEM Brasil investigou como fatores sociais e ambientais influenciam as decisões dos empreendedores brasileiros.

Orientação socioambiental no empreendedorismo

Uma iniciativa com **orientação social** pode incluir medidas de melhoria de qualidade de vida no trabalho, ampliação da oferta de benefícios aos colaboradores, de criação de vagas para jovens desempregados e outros grupos com acesso limitado ao mercado de trabalho, incluir empresas sociais em sua cadeia de suprimentos, garantir uma força de trabalho diversificada, priorizar empresas ou fornecedores que realizem ações que respeitem os direitos humanos e o meio ambiente ou apoiar projetos e organizações sociais que desenvolvam a comunidade e incluam grupos menos favorecidos.

Por sua vez, uma iniciativa com **orientação ambiental** pode incluir medidas de economia de energia, medidas para reduzir as emissões de carbono ou introdução de maquinários mais eficientes, cuidar dos resíduos sólidos gerados, uso de material reciclável, uso de meios alternativos de transporte, como bicicleta, caminhada, transportes coletivos, transporte público etc.

A **Tabela 6.1** mostra os percentuais de empreendedores brasileiros que concordam, total ou parcialmente em 2025, com afirmações relativas à orientação social e ambiental no planejamento de seus negócios. Os percentuais estão organizados por estágio de desenvolvimento empresarial: empreendedores nascentes e novos (com os iniciais sendo o conjunto desses dois primeiros), assim como os estabelecidos. Os dados, para a faixa etária de 18 a 64 anos, mostram que 96,5% dos empreendedores nascentes e 89,4% entre os novos consideram aspectos sociais em suas decisões sobre o futuro do negócio, totalizando 92,7% para os empreendedores iniciais. Contudo, o percentual desce para 88% entre os empreendedores estabelecidos. Isso indica que a consideração de tais aspectos tende a ser menos frequente nos negócios mais maduros.

[20] Fonte: NAÇÕES UNIDAS BRASIL. *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)*. Disponível em: brasil.un.org/pt-br/sdgs.

Tabela 6.1 Orientação social e ambiental no planejamento dos negócios – percentual de empreendedores[1] – Brasil – 2025

Afirmações	Percentual de empreendedores (%)					
	18 a 64 anos				65 a 74 anos	
	Iniciais			Estabelecidos	Iniciais	Estabelecidos
	Nascentes	Novos	Total (iniciais)			
Ao tomar decisões sobre o futuro do negócio, são considerados aspectos sociais	96,5	89,4	92,7	88,0	78,0	87,9
Ao tomar decisões sobre o futuro do negócio, são considerados aspectos ambientais	96,1	92,8	94,2	89,5	87,8	82,9
Prioriza o impacto social e/ou ambiental do seu negócio acima da lucratividade ou crescimento	86,6	81,6	84,2	75,4	82,9	75,9

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Empreendedores nascentes, novos, iniciais e estabelecidos que concordam totalmente ou parcialmente com a afirmação apresentada. Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos.

Quanto aos aspectos ambientais (**Tabela 6.1**), 96,1% dos empreendedores nascentes consideram essas questões nas decisões, enquanto o percentual entre os novos é 92,8% (94,2% para os iniciais). Nos negócios estabelecidos, esse percentual desce a 89,5%, mas mantendo-se elevado (acima de 70%).

Sobre considerar o impacto social e/ou ambiental acima da lucratividade ou do crescimento, 86,6% dos empreendedores nascentes afirmam fazê-lo, enquanto o percentual é 81,6% entre os novos, totalizando 84,2% entre os iniciais. No conjunto dos estabelecidos, o percentual também diminui, alcançando 75,4%.

Os empreendedores nascentes e novos mais frequentemente demonstram interesse pelos aspectos sociais e ambientais para decidirem, principalmente nos estágios iniciais de seus negócios. Tal interesse é menos comumente explicitado entre os estabelecidos, talvez porque o interesse já se tornou algo natural para esses empreendedores ou devido a pressões de mercado ou mudanças nas estratégias em seus negócios. De todo modo, os percentuais dos empreendedores estabelecidos também são elevados, com cenário positivo quanto à orientação socioambiental.

Orientação socioambiental no planejamento dos negócios dos empreendedores de 65 a 74 anos

Menos de 80% dos empreendedores iniciais seniores indicam considerar aspectos sociais nas tomadas de decisão de negócio. Contudo, a preocupação com aspectos ambientais entre esses mesmos empreendedores é 10 p.p. maior. Entre os empreendedores estabelecidos, cerca de 88% consideram aspectos sociais, e 83% consideram aspectos ambientais, ao tomarem decisões sobre o futuro de seus empreendimentos. Com relação à priorização dos impactos sociais ou ambientais frente à lucratividade ou ao crescimento do negócio, esse posicionamento é ligeiramente mais indicado entre os empreendedores iniciais do que entre os estabelecidos na faixa dos 65 a 74 anos, 83% e 76% respectivamente. Nota-se que são mínimas as diferenças desses percentuais comparativamente aos registrados junto aos empreendedores de 18 a 64 anos (**Tabela 6.1**).

Em complemento, o **Quadro 6.1** traz um comparativo internacional sobre aspectos sociais e ambientais no planejamento dos negócios.

Quadro 6.1 Comparativo do indicador "orientação social e ambiental no planejamento dos negócios" – percentual de empreendedores – economias participantes – 2025

Afirmações	Estatísticas descritivas	Percentual dos empreendedores			
		Iniciais			Estabelecidos
		Nascentes	Novos	Total (Iniciais)	
Ao tomar decisões sobre o futuro do negócio, são considerados aspectos sociais	Média (%)	77,9	76,9	77,3	74,6
	Mínimo (%)	54,1 (Omã)	36,6 (Noruega)	49,3 (Noruega)	41,9 (Israel)
	Máximo (%)	96,5 (Brasil)	94,6 (Argentina)	94,3 (Angola)	93,2 (Porto Rico)
	Brasil (%)	**96,5**	**89,4**	**92,7**	**88,0**
	Posição Brasil	**1ª**	**7ª**	**2ª**	**9ª**
Ao tomar decisões sobre o futuro do negócio, s ão considerados aspectos ambientais	Média (%)	75,4	74,1	74,8	73,6
	Mínimo (%)	48,1 (Países Baixos)	44,6 (Países Baixos)	47,8 (Países Baixos)	40,0 (Israel)
	Máximo (%)	96,1 (Brasil)	93,5 (Argentina)	94,2 (Brasil)	90,9 (Argentina)
	Brasil (%)	**96,1**	**92,8**	**94,2**	**89,5**
	Posição Brasil	**1ª**	**2ª**	**1ª**	**6ª**
Prioriza o impacto social e / ou ambiental do seu negócio acima da lucratividade ou crescimento	Média (%)	63,3	62,5	62,7	60,4
	Mínimo (%)	27,9 (Estônia)	26,9 (Polônia)	28,6 (Polônia)	20,1 (Estônia)
	Máximo (%)	92,5 (Índia)	91,0 (Angola)	90,4 (Angola)	93,5 (Angola)
	Brasil (%)	**86,6**	**81,6**	**84,2**	**75,4**
	Posição Brasil	**4ª**	**5ª**	**4ª**	**11ª**

Fonte: GEM 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos.

Quanto à consideração de aspectos sociais nas decisões dos empreendedores, a média das economias entre os empreendedores iniciais é de 77,3%, com percentuais variando do mínimo de 49,3% (Noruega) ao máximo de 94,3% (Angola). O Brasil apresenta um percentual elevado, de 92,7%, alcançando a segunda posição entre as economias estudadas.

Entre os empreendedores nascentes, a média das economias é de 77,9%, com frequências variando de 54,1% (Omã) a 96,5% (Brasil). Essa condição do Brasil lhe dá a primeira posição entre as economias participantes da pesquisa em 2025. Para os empreendedores novos, a média das economias é de 76,9%, variando de 36,6% (Noruega) a 94,6% (Argentina). O Brasil mostra o percentual de 89,4% e está na sétima posição. Entre os empreendedores estabelecidos, a média cai para 74,6%, com variações de 41,9% (Israel) a 93,2% (Porto Rico). Nesse grupo, o Brasil tem 88%, ficando na nona posição entre as economias.

Em relação a considerar aspectos ambientais nas decisões, a média das economias entre os empreendedores iniciais é 74,8%, com as economias variando do mínimo de 47,8% (Países Baixos) ao máximo de 94,2% (Brasil). Com esse resultado, o Brasil ocupa a primeira posição entre as economias.

Entre os empreendedores nascentes, a média é de 75,4%, com variações de 48,1% (Países Baixos) a 96,1% (Brasil). Com esse percentual, o Brasil está na primeira posição. Para os empreendedores novos, a média global é de 74,1%, com percentuais de 44,6% (Países Baixos) a 93,5% (Argentina). O Brasil tem 92,8%, na segunda posição no *ranking* global. Quanto aos estabelecidos, a média das economias é de 73,6%, com uma variação de 40% (Israel) a 90,9% (Argentina). O Brasil registra 89,5%, na sexta posição.

Sobre a priorização do impacto social e/ou ambiental acima da lucratividade ou do crescimento, a média das economias entre os empreendedores iniciais é de 62,7%, com a variação entre as economias indo de 28,6% (Polônia) a 90,4% (Angola). O Brasil apresenta 84,2% e ocupa a quarta posição. Entre os empreendedores nascentes, a média

global é de 63,3%, com os percentuais variando de 27,9% (Estônia) a 92,5% (Índia), com o Brasil apresentando 86,6%, na quarta posição. Para os novos, a média das economias é de 62,5%, com percentuais de 26,9% (Polônia) a 91% (Angola). O Brasil, com 81,6%, ficou na quinta posição. Entre os empreendedores estabelecidos, a média das economias é de 60,4%, variando de 20,1% (Estônia) a 93,5% (Angola). O Brasil registra 75,4% e está na 11ª posição global.

Em resumo, o Brasil se destaca, nos vários estágios de desenvolvimento dos negócios, por altos percentuais de empreendedores que consideram aspectos sociais e ambientais nas decisões dos negócios. Seu destaque ocorre principalmente entre os empreendedores nascentes. No entanto, há uma diminuição do percentual de empreendedores que fazem essa consideração em suas decisões entre os estabelecidos.

As tabelas auxiliares, no final deste capítulo, complementam essa análise. As **Tabelas auxiliares A6.1** e **A6.2** mostram respectivamente para as economias estudadas os percentuais dos empreendedores iniciais e estabelecidos que consideram aspectos sociais e ambientais em suas decisões. Já a **Tabela auxiliar A6.3**, também para todas as economias estudadas, apresenta os percentuais dos empreendedores iniciais e estabelecidos que priorizam o impacto social e/ou ambiental acima da lucratividade ou do crescimento dos negócios.

Por sua vez, a **Tabela 6.2** apresenta os percentuais de empreendedores brasileiros que tomaram alguma providência em seus empreendimentos no ano precedente respectivamente para gerar maior impacto social e minimizar o impacto ambiental. Na faixa etária de 18 a 64 anos, quanto a gerar maior impacto social, 87,9% dos empreendedores nascentes e 88,5% dos novos tomaram providências. Para o conjunto dos iniciais, o percentual foi de 88,1%. Entre os empreendedores estabelecidos, o percentual é ligeiramente maior (88,7%).

Tabela 6.2 Percentual de empreendedores[1] iniciais e estabelecidos que tomaram alguma providência em seus empreendimentos no último ano – Brasil – 2025

Providência	Percentual de empreendedores (%)					
	18 a 64 anos				65 a 74 anos	
	Iniciais			Estabelecidos	Iniciais	Estabelecidos
	Nascentes	Novos	Total (iniciais)			
Para gerar maior impacto social	87,9	88,5	88,1	88,7	100,0	93,7
Para minimizar o impacto ambiental	94,4	95,6	95,3	96,2	95,4	69,3

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos.

Para minimizar o impacto ambiental, na faixa etária de 18 a 64 anos, 94,4% dos empreendedores nascentes dizem ter tomado providências, enquanto o percentual é de 95,6% entre os novos e de 95,3% no conjunto dos iniciais. Na mesma faixa etária, o percentual é de 96,2% entre os empreendedores estabelecidos.

Providências para o social e o ambiental entre empreendedores de 65 a 74 anos

Ainda segundo a **Tabela 6.2**, na faixa etária de 65 a 74 anos, providências foram tomadas para gerar maior impacto social por 100% dos empreendedores iniciais e por 93,7% dos estabelecidos. Nota-se, assim, uma frequência sensivelmente maior de providências sobre os dois temas entre os empreendedores de maior idade.

No que se refere ao impacto ambiental, na faixa etária mais elevada, 95,4% dos empreendedores iniciais e 69,3% dos estabelecidos informaram ter tomado providências para minimizá-lo. Não se percebe uma significativa superioridade ou inferioridade do percentual dos empreendedores iniciais de 65 a 74 anos (95,4%) frente àqueles da faixa etária mais baixa (94,4% a 95,6%). Por outro lado, o percentual entre os estabelecidos (69,3%) é cerca de 25 p.p. mais baixo do que aqueles da faixa dos mais jovens (94,4% a 95,6%).

Essa importante diferença pode refletir uma possível realidade em que os empreendedores estabelecidos de maior idade já tenham tomado as referidas providências antes mesmo do ano precedente (a **Tabela 6.2** só foca no ano precedente). Mas pode também indicar que eles são menos sensíveis à causa ambiental. Outra possibilidade, ainda não mencionada no GEM Brasil nos últimos anos, é que os demais empreendedores tenham mais frequentemente manifestado um empenho infundado em prol do ambiental, enquanto os de maior idade podem estar sendo mais frequentemente realistas.

A **Tabela 6.3** lista os percentuais de empreendedores brasileiros, nos diversos estágios de desenvolvimento, que tomaram providências e quais tipos de providências tomaram para gerar maior impacto social positivo de seus empreendimentos em 2025.

Quanto às providências específicas tomadas listadas na **Tabela 6.3**, "combater qualquer forma de trabalho infantil ou escravo" e "priorizar empresas e/ou fornecedores" favoráveis ao social foram as providências mais tomadas. Entre os empreendedores de 18 a 64 anos, isso ocorreu em especial para os empreendedores nascentes (78%). Destacaram-se também os empreendedores estabelecidos (78,7%) quanto ao combate ao trabalho inadequado.

Tabela 6.3 Percentual de empreendedores[1] iniciais e estabelecidos que tomaram providências para gerar maior impacto social de seus empreendimentos no último ano – Brasil – 2025

Tomaram alguma providência para gerar impacto social	Percentual de empreendedores (%)					
	18 a 64 anos				65 a 74 anos	
	Iniciais			Estabelecidos	Iniciais	Estabelecidos
	Nascentes	Novos	Total (iniciais)			
	87,9	88,5	88,1	88,7	100,0	93,7
Providências tomadas						
Combater qualquer forma de trabalho infantil ou escravo	78,0	73,6	75,3	78,7	77,8	72,6
Priorizar empresas e/ou fornecedores que realizem ações que respeitem os direitos humanos e o meio ambiente	78,0	72,9	75,2	68,0	82,5	68,9
Investir ou apoiar projetos ou organizações sociais que desenvolvam a comunidade e incluam grupos menos favorecidos ou população considerada excluída	73,6	70,3	71,3	70,6	72,9	58,4
Garantir uma força de trabalho diversificada	62,2	56,4	59,0	47,6	64,8	35,1
Criar vagas para jovens desempregados e outros grupos com acesso limitado ao mercado de trabalho	43,6	39,8	41,1	41,1	41,2	28,6
Incluir empresas sociais em sua cadeia de suprimentos	44,6	34,1	38,7	30,2	58,9	28,1

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos.

Para a faixa etária mais baixa, "investir ou apoiar projetos ou organizações sociais" foi uma providência de 71,3% dos empreendedores iniciais, com os nascentes registrando 73,6% e os novos, 70,3%. Entre os estabelecidos, 70,6% tomaram tal providência. "Garantir uma força de trabalho diversificada" foi uma providência tomada por 59% dos empreendedores iniciais e 47,6% dos estabelecidos, com percentuais de 62,2% entre os nascentes e 56,4% entre os novos.

A providência "criar vagas de emprego para inclusão" ocorreu entre 41,1% dos empreendedores iniciais, 43,6% dos nascentes e 39,8% dos novos. Entre os estabelecidos, o percentual foi de 41,1%. No mais, "incluir empresas sociais na cadeia de suprimentos" foi uma medida adotada por 38,7% dos empreendedores iniciais e 30,2% dos estabelecidos, além de 44,6% entre os nascentes e 34,1% entre os novos.

Providências específicas para o impacto social entre empreendedores de 65 a 74 anos

Como mostra a **Tabela 6.3**, os percentuais também são os maiores para as providências "combater qualquer forma de trabalho infantil ou escravo" e "priorizar empresas e/ou fornecedores" favoráveis ao social entre os empreendedores de 65 a 74 anos de idade. Os empreendedores iniciais tiveram os maiores percentuais nessa faixa etária, com cerca de 5 p.p. frente aos estabelecidos em ambas as providências.

"Investir ou apoiar projetos ou organizações sociais" foi uma providência de 72,9% dos empreendedores iniciais e de 58,4% dos estabelecidos. "Garantir uma força de trabalho diversificada" foi uma providência de 64,8% dos empreendedores iniciais e 35,1% dos estabelecidos.

A providência "criar vagas de emprego para inclusão" ocorreu entre 41,2% dos empreendedores iniciais e 28,6% dos estabelecidos. Por fim, "incluir empresas sociais na cadeia de suprimentos" foi uma medida adotada por 58,9% dos empreendedores iniciais e 28,1% dos estabelecidos.

Todos os percentuais de iniciais foram superiores (em até 29,7 p.p. e ao menos 5,2 p.p.) àqueles dos estabelecidos entre empreendedores de 65 a 74 anos quanto ao ano precedente. Os empreendedores estabelecidos podem já ter tomado as referidas providências antes mesmo do ano precedente (focado na **Tabela 6.3**) ou serem menos frequentemente sensíveis à causa social.

Todos os percentuais de iniciais entre empreendedores de 65 a 74 anos foram superiores aos percentuais de iniciais da faixa etária mais baixa, o que sugere que os iniciais de maior idade são mais frequentemente aderentes à causa social.

A **Tabela 6.4** lista os percentuais de empreendedores que tomaram providências no ano precedente, e quais foram elas, para minimizar o impacto ambiental de seus negócios. "Economizar energia" foi a providência mais frequente em ambas as faixas etárias, seguida de "cuidar dos resíduos sólidos gerados" e "usar material reciclável".

Na faixa etária de 18 a 64 anos, 85,4% dos empreendedores iniciais (83,7% dos nascentes e 86,5% dos novos) e 82,1% dos estabelecidos informaram ter feito a economia de energia. "Cuidar dos resíduos sólidos gerados" foi uma prática de 78,3% dos iniciais (79,1% dos nascentes e 77,1% dos novos) e 76,5% dos estabelecidos.

Tabela 6.4 Percentual de empreendedores[1] iniciais e estabelecidos que tomaram providências para minimizar o impacto ambiental de seus empreendimentos no último ano – Brasil – 2025

Tomaram alguma providência para gerar impacto ambiental	Percentual de empreendedores (%)					
	18 a 64 anos				65 a 74 anos	
	Iniciais			Estabelecidos	Iniciais	Estabelecidos
	Nascentes	Novos	Total (iniciais)			
	94,4	95,6	95,3	96,2	95,4	69,3
Providências tomadas						
Economizar energia	83,7	86,5	85,4	82,1	91,2	57,6
Cuidar dos resíduos sólidos gerados	79,1	77,1	78,3	76,5	87,0	59,1
Usar material reciclável	75,6	77,8	77,1	73,8	82,4	54,0
Utilizar maquinários mais eficientes	74,8	72,6	74,0	71,7	78,5	54,7
Reduzir as emissões de carbono	71,7	72,6	72,2	71,2	91,2	56,0
Usar meios alternativos de transporte	64,0	62,9	63,3	58,0	90,8	57,8

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos.

O uso de materiais recicláveis foi uma atividade de 77,1% dos iniciais (75,6% dos nascentes e 77,8% dos novos) e de 73,8% dos estabelecidos. Os percentuais das três demais providências caem gradualmente até cerca de 60%, o que mostra que continuam também sendo uma prática predominante (mais de 50%) entre os empreendedores respondentes. Para os empreendedores de 18 a 64 anos, os percentuais dos estabelecidos são sistematicamente maiores do que os dos iniciais, com uma superioridade máxima de 5,3 p.p.

Providências específicas para impacto ambiental entre empreendedores de 65 a 74 anos

Segundo a **Tabela 6.4**, os percentuais de todas as seis providências listadas são superiores a 78% entre os empreendedores iniciais, com três deles sendo maiores que 90%: "economizar energia" (91,2%), "reduzir as emissões de carbono" (91,2%) e "usar meios alternativos de transporte" (90,8%). Ou seja, são percentuais sensivelmente superiores frente aos dos iniciais de 18 a 64 anos de idade, o que sugere que os iniciais de maior idade são mais frequentemente mobilizados pela causa ambiental.

Por outro lado, todas as providências listadas para os estabelecidos de 65 a 74 anos têm os menores percentuais da **Tabela 6.4**, variando de 54% a pouco menos de 60%.

Os percentuais entre os iniciais foram superiores (em cerca de 25 p.p. ou um pouco mais) àqueles dos estabelecidos de 65 a 74 anos quanto ao ano precedente. Repete-se então, mais uma vez, o padrão de possibilidades explicativas: os empreendedores estabelecidos podem já ter tomado as providências anteriormente ao ano considerado ou serem menos frequentemente sensíveis à causa ambiental.

O **Quadro 6.2** traz, para a faixa etária de 18 a 64 anos, o comparativo, entre as economias participantes, dos percentuais de empreendedores que tomaram providências para gerar maior impacto social e minimizar o impacto ambiental. Na geração de maior impacto social, a média das economias entre os empreendedores nascentes foi de 47,4%, havendo uma variação do mínimo de 16% (França) ao máximo de 87,9% (Brasil, 1ª posição internacional). Entre os novos, a média das economias foi de 55,2%, com variação do mínimo de 27,1% (Suíça) ao máximo de 88,5% (Brasil, 1ª posição global).

Quadro 6.2 Comparativo do indicador "tomaram alguma providência em seus empreendimentos no último ano" – percentual de empreendedores[1] – economias participantes – 2025

Afirmações	Estatísticas descritivas	Percentual dos empreendedores			
		Iniciais			Estabelecidos
		Nascentes	Novos	Total (Iniciais)	
Para gerar maior impacto social	Média (%)	47,4	55,2	49,5	53,7
	Mínimo (%)	16,0 (França)	27,1 (Suíça)	22,2 (Estônia)	27,3 (Estônia)
	Máximo (%)	87,9 (Brasil)	88,5 (Brasil)	88,1 (Brasil)	88,7 (Brasil)
	Brasil (%)	**87,9**	**88,5**	**88,1**	**88,7**
	Posição Brasil	**1ª**	**1ª**	**1ª**	**1ª**
Para minimizar o impacto ambiental	Média (%)	52,0	60,6	54,2	61,5
	Mínimo (%)	21,1 (França)	37,0 (Noruega)	30,9 (França)	33,1 (Índia)
	Máximo (%)	94,4 (Brasil)	95,6 (Brasil)	95,3 (Brasil)	96,2 (Brasil)
	Brasil (%)	**94,4**	**95,6**	**95,3**	**96,2**
	Posição Brasil	**1ª**	**1ª**	**1ª**	**1ª**

Fonte: GEM 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos.

Entre os empreendedores iniciais (que englobam os empreendedores nascentes e novos), a média foi de 49,5%, com variação do mínimo de 22,2% (Estônia) ao máximo de 88,1% (Brasil, 1ª posição). Entre os empreendedores estabelecidos, a média global foi de 53,7%, havendo uma variação do mínimo de 27,3% (Estônia) ao máximo de 88,7% (Brasil, 1ª posição).

Quanto à minimização do impacto ambiental, a média das economias entre os empreendedores nascentes foi de 52%, havendo variação de 21,1% (França) a 94,4% (Brasil, 1ª posição). Para os novos, a média foi de 60,6%, sendo o percentual mínimo de 37% (Noruega) e o máximo, de 95,6% (Brasil, 1ª posição). Para o empreendedorismo inicial de forma geral, a média das economias foi 54,2%, tendo os percentuais das economias variado de 30,9% (França) a 90,2% (Brasil, 1ª posição). Entre os empreendedores estabelecidos, a média das economias foi de 61,5%, com variação de 33,1% (Índia) a 96,2% (Brasil, 1ª posição).

No comparativo internacional do **Quadro 6.2**, o Brasil se destacou quanto aos dois tipos de impacto, social e ambiental, assim como quanto aos diferentes estágios de desenvolvimento do empreendedorismo, do nascente ao estabelecido. Isso ocorreu, obviamente, porque houve mais alta frequência de respostas positivas quanto aos impactos vindas dos empreendedores brasileiros, algo que pode efetivamente significar que eles têm um mais frequente engajamento com as causas social e ambiental.

Contudo, não se pode descartar que a alta frequência de respostas positivas possa também ser, ao menos parcialmente, resultante de influências culturais e/ou outros fatores que façam os empreendedores brasileiros quererem transmitir uma boa impressão de seus negócios — impressão esta que pode ser realista ou não.

Para aprofundar as análises, o leitor pode consultar as **Tabelas auxiliares A6.4** e **A6.5**. Segundo uma listagem das economias estudadas classificadas por níveis de renda A e B, elas apresentam respectivamente o percentual dos empreendedores iniciais e estabelecidos que, no ano precedente, tomou alguma providência quanto ao social e ao ambiental em seus negócios.

Com a **Tabela 6.5**, podem-se ver as médias das avaliações dos especialistas consultados para aspectos dos objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS, ou SDG em inglês) da ONU. Esse tópico é composto de cinco dimensões dos ODS: responsabilidade social, responsabilidade social e desempenho econômico, práticas ambientais, sustentabilidade e sustentabilidade empresarial e políticas públicas.

Tabela 6.5 Média das notas[1] atribuídas pelos especialistas na avaliação objetiva relacionadas ao "desenvolvimento sustentável da ONU" – Brasil e economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025

Afirmações	Média Brasil	Média das economias
Responsabilidade social	4,7	5,1
As empresas novas e em crescimento priorizam cada vez mais sua contribuição social em vez de focar apenas na criação de lucros e riquezas.	4,5	5,1
As empresas novas e em crescimento integram princípios de responsabilidade social em suas operações.	4,5	5,3
Os investidores são particularmente interessados em financiar novas empresas que possuem foco na responsabilidade social.	5,1	4,9
Responsabilidade social e desempenho econômico	4,4	5,0
As empresas consideram o pagamento de impostos como parte de sua responsabilidade social.	3,9	4,7
Os investidores e *stakeholders* estão satisfeitos com o desempenho econômico das empresas nas quais fizeram investimentos.	5,0	5,2
As empresas novas e em crescimento criadas por representantes de minorias têm as mesmas oportunidades econômicas que outras novas empresas.	3,8	4,9
Práticas ambientais	4,2	5,3
A maioria das empresas novas e em crescimento implementam práticas ambientalmente responsáveis ao produzir produtos ou fornecer serviços.	4,3	5,2
A maioria das empresas novas e em crescimento implementam práticas de eficiência energética em suas operações como uma prioridade.	3,9	5,2
A maioria das empresas novas e em crescimento vê os problemas ambientais como oportunidade potencial.	4,5	5,5
Sustentabilidade	5,1	5,6
As ações de sustentabilidade são vistas como muito importantes dentro da cultura nacional.	4,8	5,4
Há exemplos proeminentes de atividades empresariais relacionadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).	5,5	5,8
Sustentabilidade empresarial e políticas públicas	5,1	4,9
O governo federal tem regulamentações específicas que apoiam *startups* focadas em sustentabilidade.	5,2	5,0
O governo nacional apoia empresas focadas na sustentabilidade por meio de subvenções, direitos especiais e/ou redução de impostos.	5,0	4,7

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Notas atribuídas pelos especialistas em escala de 0 a 10, sendo 0 totalmente falsa e 10 totalmente verdadeira para afirmações que compõem a condição.
Nota: Média calculada sem a economia da Guatemala (sem dados disponíveis para este tópico).

Na dimensão "responsabilidade social" mostrada na **Tabela 6.5**, o Brasil obteve a média 4,7, frente à média global (5,1). O Brasil obteve 4,5 para a "priorização de sua contribuição social ao invés da criação de lucros e riquezas", enquanto a média global foi 5,1. O item de "integração de princípios de responsabilidade social nas operações" foi avaliado com 4,5 no Brasil, frente à média de 5,3 das economias. Por sua vez, o "interesse dos investidores em financiar empresas com foco em responsabilidade social" recebeu a nota média de 5,1 no Brasil, superior à média das economias (4,9), o que indica um ponto forte do Brasil nesse item.

Na dimensão de "responsabilidade social e desempenho econômico", o Brasil obteve a média 4,4, abaixo da média 5 das economias. A "percepção nas empresas de que o pagamento de impostos é parte da responsabilidade social delas" recebeu a avaliação média de 3,9 no Brasil, inferior à média das economias, de 4,7. O item "satisfação dos investidores e *stakeholders* com o desempenho

econômico" foi avaliado com 5 no Brasil, uma média próxima da internacional, de 5,2. No entanto, a "igualdade de oportunidades econômicas para empresas criadas por representantes de minorias" recebeu nota média de apenas 3,8 no Brasil, bem mais baixa que a nota média das economias, de 4,9.

A dimensão de "práticas ambientais" foi avaliada com 4,2 no Brasil, frente a 5,3 da média global. A "implementação de práticas ambientalmente responsáveis" recebeu 4,3 no Brasil, contra 5,2 das economias. O fator de "implantação de práticas de eficiência energética" recebeu nota média 3,9 no Brasil, comparada à nota 5,2 na média das economias. Por sua vez, a "percepção de problemas ambientais como oportunidades" foi menos positiva no Brasil, com 4,5, do que nas economias, 5,5.

Em seguida, também segundo a **Tabela 6.5**, a dimensão de "sustentabilidade" obteve nota média 5,1 no Brasil, que ficou abaixo da nota global 5,6. O item de "importância das ações de sustentabilidade na cultura nacional" foi avaliado com 4,8 no Brasil e 5,4 pelas economias. "Exemplos empresariais proeminentes em alinhamento com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)" foram avaliados com 5,5 no Brasil, pouco abaixo da média das economias, de 5,8.

Por sua vez, a dimensão de "sustentabilidade empresarial e políticas públicas" mostrou resultados atrativos no Brasil, com uma média de 5,1, superior à média 4,9 das economias. A "existência de regulamentações específicas que apoiam *startups* focadas em sustentabilidade" foi avaliada com 5,2 no Brasil, em comparação com a média global de 5. O "apoio do governo nacional com subvenções, direitos especiais ou redução de impostos" recebeu 5 no Brasil, contra 4,7 da média das economias.

O conjunto dos dados apresentados na **Tabela 6.5** mostra que, embora o Brasil enfrente desafios importantes em todas as cinco dimensões listadas (por apresentar médias mais baixas que as médias das economias), há exceção da dimensão "sustentabilidade empresarial e políticas públicas" (com médias mais altas do que a média das economias). Pode-se pensar que tais limitações podem ser, ao menos em parte, combatidas com políticas públicas fortalecedoras do empreendedorismo nos temas dos ODS e de práticas empresariais inspiradas nas condições de negócios que levaram ao destaque os países de maiores médias. A Finlândia é o principal dessas economias por ser o primeiro país colocado, com notas igual ou acima de 7, em quatro das cinco dimensões dos ODS, de acordo com o **Quadro 6.3**.

Quadro 6.3 Comparativo do indicador "desenvolvimento sustentável da ONU" – média das notas[1] atribuídas pelos especialistas – economias participantes da pesquisa com especialista – 2025

Afirmações	Estatísticas descritivas	Média das notas
Responsabilidade social.	Média	5,1
	Mínimo	3,4 (Angola)
	Máximo	6,9 (Finlândia)
	Brasil	**4,7**
	Posição Brasil	**36ª**
Responsabilidade social e desempenho econômico.	Média	5,0
	Mínimo	3,6 (Angola)
	Máximo	7,0 (Finlândia)
	Brasil	**4,4**
	Posição Brasil	**40ª**
Práticas ambientais.	Média	5,3
	Mínimo	3,3 (Angola)
	Máximo	7,4 (Finlândia)
	Brasil	**4,2**
	Posição Brasil	**44ª**
Sustentabilidade.	Média	5,6
	Mínimo	3,7 (Hungria)
	Máximo	7,5 (Finlândia)
	Brasil	**5,1**
	Posição Brasil	**34ª**
Sustentabilidade empresarial e políticas públicas.	Média	4,9
	Mínimo	2,0 (Venezuela)
	Máximo	7,4 (Emirados Árabes Unidos)
	Brasil	**5,1**
	Posição Brasil	**19ª**

Fonte: GEM 2025
[1] Notas atribuídas pelos especialistas em escala de 0 a 10, sendo 0 totalmente falsa e 10 totalmente verdadeira para afirmações que compõem a condição.
Nota: Média calculada sem a economia da Guatemala (sem dados disponíveis para este tópico).

O mesmo quadro mostra o Brasil em posições muito baixas do *ranking* global, em todas as dimensões consideradas. Fica, assim, muito forte o contraste desse resultado da avaliação dos especialistas frente à altíssima frequência de respostas dos empreendedores brasileiros quanto a realizarem práticas social e ambientalmente favoráveis. Nesse sentido, ganha força a ideia de que parte considerável dessas respostas parece ser mais fruto do interesse dos empreendedores em transmitir uma imagem positiva de seus negócios do que condizentes com a realidade.

Para uma compreensão mais detalhada e fundamentada, a **Tabela auxiliar A6.6** mostra as avaliações médias relativas às dimensões dos ODS para todas as economias estudadas nesta pesquisa GEM 2025. A tabela contempla as cinco dimensões dos ODS e os níveis de renda A e B separadamente.

Tabela auxiliar A6.1 Percentual de empreendedores[1] iniciais e estabelecidos de 18 a 64 anos: ao tomar decisões sobre o futuro do negócio, são considerados aspectos sociais – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025

Níveis de renda[2]	Economias	Regiões[4]	Percentual de empreendedores (%)			
			Iniciais			Estabelecidos
			Nascentes	Novos	Total (iniciais)	
Nível A	Alemanha	E&NA	77,6	78,9	76,3	77,4
	Arábia Saudita	OM&A	89,2	85,8	86,2	91,6
	Bahrein	OM&A	83,0	67,8	80,0	78,1
	Canadá	E&NA	71,1	77,4	73,0	73,1
	Catar	OM&A	62,8	77,7	68,8	81,8
	Chipre	E&NA	69,5	61,9	65,7	67,8
	Coreia do Sul	A	71,2	65,1	69,7	67,4
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	89,3	90,7	89,7	84,2
	Eslovênia	E&NA	89,4	87,5	88,4	88,7
	Espanha	E&NA	77,7	75,8	76,5	64,3
	Estados Unidos	E&NA	74,3	79,4	75,0	59,6
	Finlândia	E&NA	70,2	72,4	70,5	71,7
	França	E&NA	76,7	74,4	76,3	69,1
	Israel	OM&A	63,0	55,1	59,4	41,9
	Itália	E&NA	76,9	75,5	75,4	70,9
	Lituânia	E&NA	75,9	78,9	76,8	73,5
	Luxemburgo	E&NA	76,0	74,3	75,0	72,8
	Noruega	E&NA	56,3	36,6	49,3	51,8
	Países Baixos	E&NA	55,5	49,9	53,1	53,9
	Polônia	E&NA	84,6	86,8	85,9	90,5
	Porto Rico	ALC	91,1	91,2	91,2	93,2
	Reino Unido	E&NA	82,9	84,3	84,0	75,4
	Suécia	E&NA	56,4	58,1	54,7	45,5
	Suíça	E&NA	77,6	66,5	74,4	70,1
	Taiwan	A	63,8	68,3	65,3	58,6
	Média Nível A		**74,5**	**72,8**	**73,6**	**70,9**
Nível B	África do Sul	OM&A	86,7	89,0	88,0	81,4
	Angola	OM&A	94,8	94,0	94,3	90,7
	Argentina	ALC	80,9	94,6	88,7	90,0
	Brasil	**ALC**	**96,5**	**89,4**	**92,7**	**88,0**
	Chile	ALC	88,1	90,1	89,0	79,5
	Costa Rica	ALC	89,7	89,1	89,1	85,6
	Croácia	E&NA	75,6	75,7	76,3	74,3
	Egito	OM&A	91,5	77,1	84,4	85,8
	El Salvador	ALC	85,5	81,5	83,8	82,9
	Equador	ALC	75,6	82,5	77,8	75,7
	Eslováquia	E&NA	81,3	83,5	80,9	66,0
	Estônia	E&NA	54,9	67,6	56,7	47,0
	Guatemala	ALC	90,4	89,7	90,3	84,5
	Hungria	E&NA	77,0	53,1	67,4	62,9
	Índia	A	89,9	85,8	89,0	89,5
	Jordânia	OM&A	76,9	58,8	71,3	68,8
	Letônia	E&NA	70,6	76,3	73,5	70,4
	México	ALC	86,5	88,9	87,4	82,7
	Omã	OM&A	54,1	82,4	65,6	88,0
	Peru	ALC	85,9	85,8	84,4	80,5
	Romênia	E&NA	82,5	78,5	81,5	77,0
	Tailândia	A	88,5	81,7	83,5	79,9
	Venezuela	ALC	75,7	76,5	75,9	77,7
	Média Nível B		**81,7**	**81,4**	**81,4**	**78,6**

Fonte: GEM 2025

[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos.

[2] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.

[3] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

Tabela auxiliar A6.2 Percentual de empreendedores[1] iniciais e estabelecidos de 18 a 64 anos: ao tomar decisões sobre o futuro do negócio, são considerados aspectos ambientais – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025

Níveis de renda[2]	Economias	Regiões[3]	Percentual de empreendedores (%)			
			Iniciais			Estabelecidos
			Nascentes	Novos	Total (iniciais)	
Nível A	Alemanha	E&NA	63,9	67,5	65,0	71,8
	Arábia Saudita	OM&A	79,3	76,9	77,2	77,0
	Bahrein	OM&A	74,9	73,3	74,6	74,9
	Canadá	E&NA	71,9	75,6	72,5	65,8
	Catar	OM&A	69,7	76,7	72,2	85,1
	Chipre	E&NA	68,1	58,9	63,5	65,6
	Coreia do Sul	A	58,4	55,1	57,5	62,4
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	88,3	87,2	87,2	86,4
	Eslovênia	E&NA	87,9	92,7	89,4	81,8
	Espanha	E&NA	68,8	67,9	68,2	60,4
	Estados Unidos	E&NA	69,5	72,1	69,2	53,5
	Finlândia	E&NA	69,0	54,3	63,8	67,2
	França	E&NA	71,5	69,8	71,3	63,0
	Israel	OM&A	50,0	49,0	48,4	40,0
	Itália	E&NA	74,9	68,2	72,0	66,8
	Lituânia	E&NA	69,8	76,8	70,7	62,6
	Luxemburgo	E&NA	65,5	70,0	65,6	67,6
	Noruega	E&NA	65,5	54,9	61,8	65,5
	Países Baixos	E&NA	48,1	44,6	47,8	49,3
	Polônia	E&NA	91,1	91,6	91,4	89,6
	Porto Rico	ALC	86,5	86,5	86,5	83,8
	Reino Unido	E&NA	82,8	81,8	83,0	76,7
	Suécia	E&NA	53,7	47,3	50,5	47,1
	Suíça	E&NA	75,9	61,0	70,8	68,4
	Taiwan	A	62,1	63,6	63,7	66,8
	Média Nível A		**70,7**	**68,9**	**69,8**	**68,0**
Nível B	África do Sul	OM&A	80,8	83,8	81,8	82,2
	Angola	OM&A	92,1	91,0	91,6	90,2
	Argentina	ALC	75,4	93,5	86,2	90,9
	Brasil	**ALC**	**96,1**	**92,8**	**94,2**	**89,5**
	Chile	ALC	89,9	85,6	89,7	80,1
	Costa Rica	ALC	90,3	89,0	89,8	88,7
	Croácia	E&NA	66,4	65,4	66,1	75,8
	Egito	OM&A	90,9	85,7	87,4	82,4
	El Salvador	ALC	88,5	85,9	87,3	84,5
	Equador	ALC	69,6	79,7	73,5	75,1
	Eslováquia	E&NA	75,9	78,2	75,4	68,4
	Estônia	E&NA	59,4	66,8	60,4	50,8
	Guatemala	ALC	92,1	89,6	91,2	89,3
	Hungria	E&NA	73,4	66,3	69,5	71,4
	Índia	A	91,3	81,1	89,4	90,9
	Jordânia	OM&A	75,8	52,9	68,7	63,7
	Letônia	E&NA	71,0	74,7	73,0	72,8
	México	ALC	89,1	89,4	89,0	86,4
	Omã	OM&A	59,1	78,2	68,0	90,4
	Peru	ALC	77,2	65,3	71,5	71,7
	Romênia	E&NA	85,1	78,1	82,7	77,9
	Tailândia	A	84,0	85,1	84,2	80,8
	Venezuela	ALC	77,5	76,6	77,3	79,9
	Média Nível B		**80,5**	**79,8**	**80,3**	**79,7**

Fonte: GEM 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos.
[2] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.
[3] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

Tabela auxiliar A6.3 Percentual de empreendedores[1] iniciais e estabelecidos de 18 a 64 anos: prioriza o impacto social e/ou ambiental do seu negócio acima da lucratividade ou crescimento – economias participantes (agrupamento por níveis de renda) – 2025

Níveis de renda[2]	Economias	Regiões[3]	Percentual de empreendedores (%)			
			Iniciais			Estabelecidos
			Nascentes	Novos	Total (iniciais)	
Nível A	Alemanha	E&NA	50,3	53,2	52,8	56,6
	Arábia Saudita	OM&A	73,7	75,7	75,6	78,7
	Bahrein	OM&A	73,4	80,1	74,9	73,2
	Canadá	E&NA	66,0	68,8	66,5	68,5
	Catar	OM&A	56,2	48,6	54,6	54,9
	Chipre	E&NA	57,1	43,2	51,2	56,3
	Coreia do Sul	A	45,8	42,6	44,8	38,3
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	86,7	85,5	85,8	81,3
	Eslovênia	E&NA	72,7	63,3	70,2	67,1
	Espanha	E&NA	58,1	59,1	57,2	49,9
	Estados Unidos	E&NA	57,9	66,3	59,0	44,0
	Finlândia	E&NA	57,8	44,2	51,9	48,5
	França	E&NA	58,9	58,7	58,7	48,7
	Israel	OM&A	42,4	43,7	42,3	28,6
	Itália	E&NA	60,4	59,1	59,7	61,3
	Lituânia	E&NA	52,5	53,2	50,9	49,5
	Luxemburgo	E&NA	46,3	60,7	48,7	46,1
	Noruega	E&NA	56,5	43,4	50,5	49,5
	Países Baixos	E&NA	38,7	43,6	40,8	40,3
	Polônia	E&NA	30,9	26,9	28,6	42,6
	Porto Rico	ALC	75,3	78,3	76,7	73,3
	Reino Unido	E&NA	76,7	80,5	78,2	72,1
	Suécia	E&NA	44,2	46,0	42,7	43,6
	Suíça	E&NA	54,7	49,4	53,4	46,1
	Taiwan	A	56,7	58,9	56,2	58,1
	Média Nível A		**58,0**	**57,3**	**57,3**	**55,1**
Nível B	África do Sul	OM&A	74,4	74,9	75,2	82,4
	Angola	OM&A	90,2	91,0	90,4	93,5
	Argentina	ALC	61,4	65,0	62,6	63,9
	Brasil	**ALC**	**86,6**	**81,6**	**84,2**	**75,4**
	Chile	ALC	80,0	73,9	79,1	75,5
	Costa Rica	ALC	76,2	76,1	76,0	76,9
	Croácia	E&NA	58,0	66,9	59,7	59,8
	Egito	OM&A	79,3	78,5	80,6	61,9
	El Salvador	ALC	73,0	70,1	71,8	74,8
	Equador	ALC	64,7	70,8	66,9	66,6
	Eslováquia	E&NA	71,8	79,5	72,7	50,4
	Estônia	E&NA	27,9	38,0	29,1	20,1
	Guatemala	ALC	80,3	82,5	81,0	76,8
	Hungria	E&NA	45,9	29,0	37,8	30,8
	Índia	A	92,5	79,1	89,6	90,9
	Jordânia	OM&A	66,7	51,7	62,1	60,7
	Letônia	E&NA	39,2	42,2	41,3	41,1
	México	ALC	75,3	84,0	77,9	78,4
	Omã	OM&A	58,7	78,8	66,3	84,7
	Peru	ALC	57,0	52,4	53,3	52,6
	Romênia	E&NA	84,4	69,3	77,6	67,3
	Tailândia	A	73,3	72,7	73,5	72,8
	Venezuela	ALC	69,3	57,3	66,6	63,4
	Média Nível B		**69,0**	**68,1**	**68,5**	**66,1**

Fonte: GEM 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos.
[2] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.
[3] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

Tabela auxiliar A6.4 Percentual de empreendedores[1] iniciais e estabelecidos de 18 a 64 anos: no último ano, tomou alguma providência para sua empresa ou atividade gerar maior impacto social – economias participantes (agrupamento por nível de renda) – 2025

Níveis de renda[2]	Economias	Regiões[3]	Percentual de empreendedores (%)			
			Iniciais			Estabelecidos
			Nascentes	Novos	Total (iniciais)	
Nível A	Alemanha	E&NA	59,5	72,9	62,4	64,0
	Arábia Saudita	OM&A	68,6	70,0	69,9	83,8
	Bahrein	OM&A	59,3	70,4	61,5	70,9
	Canadá	E&NA	62,6	74,5	64,6	64,6
	Catar	OM&A	50,9	38,1	43,7	77,2
	Chipre	E&NA	32,4	44,1	36,4	52,3
	Coreia do Sul	A	36,5	52,7	39,7	40,2
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	64,5	72,3	65,1	84,6
	Eslovênia	E&NA	36,7	36,9	36,5	38,2
	Espanha	E&NA	47,0	49,1	46,4	40,1
	Estados Unidos	E&NA	53,5	66,0	55,3	40,2
	Finlândia	E&NA	36,9	40,5	36,1	27,6
	França	E&NA	16,0	48,0	24,7	35,1
	Israel	OM&A	37,6	45,5	39,2	40,3
	Itália	E&NA	47,0	42,8	46,4	46,0
	Lituânia	E&NA	62,5	69,3	61,5	57,8
	Luxemburgo	E&NA	44,6	40,4	44,7	62,6
	Noruega	E&NA	39,4	29,2	34,5	33,5
	Países Baixos	E&NA	34,1	42,6	38,1	40,6
	Polônia	E&NA	44,3	57,8	51,9	81,6
	Porto Rico	ALC	49,4	72,3	55,2	69,5
	Reino Unido	E&NA	64,5	72,5	67,0	72,6
	Suécia	E&NA	35,5	42,7	33,4	30,3
	Suíça	E&NA	47,3	27,1	40,1	39,0
	Taiwan	A	62,5	64,3	61,2	62,5
	Média Nível A		**47,7**	**53,7**	**48,6**	**54,2**
Nível B	África do Sul	OM&A	57,0	69,0	61,4	63,9
	Angola	OM&A	53,1	56,7	54,5	63,2
	Argentina	ALC	57,1	81,7	71,2	68,4
	Brasil	**ALC**	**87,9**	**88,5**	**88,1**	**88,7**
	Chile	ALC	47,6	60,3	50,8	53,8
	Costa Rica	ALC	56,2	66,3	59,2	54,4
	Croácia	E&NA	39,7	55,8	43,3	55,6
	Egito	OM&A	31,1	49,1	43,3	51,9
	El Salvador	ALC	51,8	47,2	49,5	50,4
	Equador	ALC	34,7	45,9	39,0	43,5
	Eslováquia	E&NA	48,4	54,3	45,6	39,9
	Estônia	E&NA	19,3	36,3	22,2	27,3
	Guatemala	ALC	54,7	63,7	58,4	62,7
	Hungria	E&NA	43,1	42,6	42,4	37,9
	Índia	A	34,4	31,5	33,4	37,3
	Jordânia	OM&A	38,0	48,7	41,7	39,1
	Letônia	E&NA	28,9	32,5	29,1	34,0
	México	ALC	50,5	71,9	57,7	68,2
	Omã	OM&A	23,7	70,9	43,7	71,8
	Peru	ALC	33,3	45,5	35,0	37,8
	Romênia	E&NA	76,4	78,7	78,3	58,5
	Tailândia	A	82,0	74,1	75,4	75,3
	Venezuela	ALC	34,5	38,8	35,5	40,4
	Média Nível B		**47,1**	**57,0**	**50,4**	**53,2**

Fonte: GEM 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos.
[2] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.
[3] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

Tabela auxiliar A6.5 Percentual de empreendedores[1] iniciais e estabelecidos de 18 a 64 anos: no último ano, tomou alguma providência para minimizar o impacto ambiental – economias participantes (agrupamento por nível de renda) – 2025

Níveis de renda[2]	Economias	Regiões[3]	Percentual de empreendedores (%)			
			Iniciais			Estabelecidos
			Nascentes	Novos	Total (iniciais)	
Nível A	Alemanha	E&NA	54,6	65,4	54,5	66,2
	Arábia Saudita	OM&A	71,1	70,8	70,9	85,4
	Bahrein	OM&A	54,5	50,5	53,7	59,3
	Canadá	E&NA	62,8	73,3	64,4	66,5
	Catar	OM&A	45,5	42,1	42,6	78,2
	Chipre	E&NA	49,2	51,2	49,2	64,7
	Coreia do Sul	A	40,6	69,3	47,2	44,8
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	58,4	70,1	60,0	72,8
	Eslovênia	E&NA	34,5	41,7	36,0	47,0
	Espanha	E&NA	50,6	56,4	52,1	54,1
	Estados Unidos	E&NA	56,8	69,9	59,1	49,9
	Finlândia	E&NA	57,2	52,5	54,4	56,5
	França	E&NA	21,1	53,2	30,9	50,6
	Israel	OM&A	39,1	38,9	37,3	46,1
	Itália	E&NA	56,0	59,4	57,3	61,1
	Lituânia	E&NA	62,8	67,4	63,1	58,3
	Luxemburgo	E&NA	53,9	56,6	52,8	71,7
	Noruega	E&NA	45,1	37,0	40,9	54,7
	Países Baixos	E&NA	33,2	42,8	37,8	53,5
	Polônia	E&NA	52,0	66,3	60,1	68,3
	Porto Rico	ALC	49,9	64,8	54,0	69,2
	Reino Unido	E&NA	65,5	77,5	69,4	78,4
	Suécia	E&NA	40,2	55,9	41,6	54,6
	Suíça	E&NA	54,6	50,9	53,8	60,4
	Taiwan	A	70,2	74,3	71,7	73,3
	Média Nível A		**51,2**	**58,3**	**52,6**	**61,8**
Nível B	África do Sul	OM&A	49,3	68,6	56,7	56,9
	Angola	OM&A	55,8	67,9	60,5	66,5
	Argentina	ALC	74,1	84,6	80,1	80,3
	Brasil	**ALC**	**94,4**	**95,6**	**95,3**	**96,2**
	Chile	ALC	55,5	70,2	59,0	71,6
	Costa Rica	ALC	61,8	68,1	63,6	67,0
	Croácia	E&NA	59,7	66,5	61,2	66,0
	Egito	OM&A	30,8	47,1	40,4	45,6
	El Salvador	ALC	68,4	67,5	67,4	69,8
	Equador	ALC	39,4	54,4	44,8	54,4
	Eslováquia	E&NA	53,7	74,1	57,6	52,4
	Estônia	E&NA	30,7	40,8	31,8	53,3
	Guatemala	ALC	58,3	59,6	57,7	66,5
	Hungria	E&NA	51,2	48,0	49,5	62,3
	Índia	A	38,1	51,5	40,8	33,1
	Jordânia	OM&A	34,8	37,4	35,9	37,6
	Letônia	E&NA	40,1	53,2	43,2	57,9
	México	ALC	61,4	78,9	67,7	71,1
	Omã	OM&A	24,7	62,2	41,4	68,6
	Peru	ALC	31,4	42,0	32,5	38,9
	Romênia	E&NA	84,9	81,7	84,4	75,3
	Tailândia	A	84,8	76,5	77,5	73,4
	Venezuela	ALC	34,1	53,9	38,4	39,5
	Média Nível B		**52,9**	**63,1**	**56,0**	**61,1**

Fonte: GEM 2025
[1] Percentual dos empreendedores de 18 a 64 anos.
[2] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.
[3] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

Tabela auxiliar A6.6 Desenvolvimento sustentável da ONU – economias participantes da pesquisa com especialistas (agrupamento por níveis de renda) – 2025

Níveis de renda[1]	Economias	Regiões[2]	ODS/ONU[3]				
			SDG1	SDG2	SDG3	SDG4	SDG5
Nível A	Alemanha	E&NA	5,6	5,3	6,1	6,7	5,0
	Arábia Saudita	OM&A	5,7	6,2	5,8	6,1	6,5
	Áustria	E&NA	6,2	4,8	6,3	6,4	5,1
	Bahrein	OM&A	5,9	5,9	5,6	6,2	6,4
	Canadá	E&NA	5,3	5,2	5,5	6,1	5,4
	Catar	OM&A	5,8	5,9	5,7	6,0	6,4
	Chipre	E&NA	3,9	4,6	4,6	4,3	4,0
	Coreia do Sul	A	5,8	6,0	5,9	6,9	6,1
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	6,5	6,7	6,7	7,0	7,4
	Eslovênia	E&NA	4,7	4,9	6,0	5,7	4,5
	Espanha	E&NA	5,2	4,6	5,9	5,6	4,9
	Estados Unidos	E&NA	4,3	3,7	4,5	4,6	2,8
	Finlândia	E&NA	6,9	7,0	7,4	7,5	5,6
	França	E&NA	6,5	5,2	6,4	6,3	6,1
	Israel	OM&A	3,7	4,6	4,1	4,2	3,5
	Itália	E&NA	5,7	4,5	5,6	5,7	5,4
	Japão	A	5,8	5,3	5,8	6,5	5,5
	Lituânia	E&NA	6,3	6,6	6,6	6,4	6,0
	Luxemburgo	E&NA	5,1	4,6	6,0	5,6	4,8
	Noruega	E&NA	5,8	5,5	6,4	7,2	6,8
	Países Baixos	E&NA	5,1	5,2	5,7	5,7	5,7
	Polônia	E&NA	4,2	4,7	4,6	4,9	3,8
	Porto Rico	ALC	4,9	4,2	5,0	5,3	3,8
	Reino Unido	E&NA	5,6	4,6	5,3	5,3	4,0
	Suécia	E&NA	5,9	5,4	6,6	7,1	4,9
	Suíça	E&NA	5,8	5,7	6,4	6,8	6,0
	Taiwan	A	6,8	6,5	6,5	7,1	6,8
	Média Nível A		**5,5**	**5,3**	**5,8**	**6,0**	**5,3**
Nível B	África do Sul	OM&A	4,2	4,1	4,5	4,7	4,3
	Angola	OM&A	3,4	3,6	3,3	4,0	2,6
	Argélia	OM&A	4,0	4,4	4,1	4,4	4,7
	Argentina	ALC	5,2	3,9	4,9	4,7	2,8
	Brasil	**ALC**	**4,7**	**4,4**	**4,2**	**5,1**	**5,1**
	Chile	ALC	5,7	4,5	5,5	6,1	5,5
	Costa Rica	ALC	5,0	4,5	5,2	6,5	3,6
	Croácia	E&NA	4,9	4,7	4,8	4,8	5,0
	Egito	OM&A	3,7	4,4	4,0	3,9	3,7
	El Salvador	ALC	4,6	4,9	4,1	4,8	3,8
	Equador	ALC	4,9	4,3	4,6	5,8	4,3
	Eslováquia	E&NA	4,5	3,9	5,0	4,9	2,9
	Estônia	E&NA	5,5	6,3	6,0	6,3	4,7
	Guatemala	ALC	-	-	-	-	-
	Hungria	E&NA	4,0	3,8	4,8	3,7	3,4
	Índia	A	6,5	6,1	6,4	6,7	6,4
	Jordânia	OM&A	4,3	4,8	4,5	4,8	4,6
	Letônia	E&NA	5,5	4,9	5,3	5,5	4,9
	Marrocos	OM&A	3,5	4,6	4,2	4,4	4,3
	México	ALC	4,9	4,6	4,6	5,2	3,6
	Omã	OM&A	5,5	5,4	5,5	6,2	5,9
	Peru	ALC	4,0	4,1	4,1	4,6	4,2
	Romênia	E&NA	4,1	4,8	4,8	4,3	4,6
	Tailândia	A	5,1	4,9	5,3	5,3	4,8
	Uruguai	ALC	5,0	4,4	5,2	5,7	4,5
	Venezuela	ALC	4,5	3,9	3,7	4,5	2,0
	Média Nível B		**4,7**	**4,6**	**4,7**	**5,1**	**4,3**

Fonte: GEM 2025

[1] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.

[2] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

[3] Legenda: SDG1 - Responsabilidade social/SDG2 - Responsabilidade social e desempenho econômico/SDG3 - Práticas ambientais/SDG4 - Sustentabilidade/SDG5 - Sustentabilidade empresarial e políticas públicas.

CAPÍTULO 7.

Condições para empreender no Brasil e no mundo

7. CONDIÇÕES PARA EMPREENDER NO BRASIL E NO MUNDO

Neste capítulo, o objetivo é analisar as condições para empreender no Brasil, incluindo a comparação com as demais 52 economias que participaram da pesquisa com especialistas nacionais (NES, do inglês *National Expert Survey*).

A análise é fundamentada na percepção de especialistas sobre fatores estruturais, políticos, econômicos e sociais que impactam a criação e o desenvolvimento de negócios nos países. A comparação entre economias evidencia avanços, desafios e oportunidades para o desenvolvimento de um ambiente mais favorável ao empreendedorismo no Brasil.

Como uma economia de média renda, o Brasil enfrenta desafios históricos para o avanço do empreendedorismo, como a burocracia, os impostos elevados e as dificuldades de acesso a financiamento. Contudo, a análise evidencia pontos fortes relevantes, como a dinâmica do mercado interno e as normas culturais e sociais, cujas avaliações médias superam as observadas em diversas economias.

O capítulo apresenta os resultados de avaliações detalhadas, baseadas no Índice do Contexto Nacional de Empreendedorismo (NECI), bem como nas percepções qualitativas dos especialistas consultados no levantamento da pesquisa. Dessa forma, oferece uma análise abrangente e comparativa das características, pontos fortes e fragilidades do empreendedorismo brasileiro que devem ser consideradas.

Ademais, as condições específicas para empreender são analisadas quanto a suas mudanças no tempo, de 2023 a 2025. A partir do tratamento de forças e fragilidades do ambiente empreendedor brasileiro e de outras economias, são aqui apresentados resultados de pesquisa potencialmente úteis ao desenvolvimento de políticas públicas e iniciativas de fortalecimento do ecossistema empreendedor. Tais evidências contribuem para a construção de melhores práticas e condições no Brasil segundo comparativos e parâmetros internacionais.

Perfil dos especialistas

Os especialistas consultados para a realização desta pesquisa (NES) são de uma ampla variedade de áreas, dos setores público e privado, e assim oferecem uma perspectiva diversificada sobre as condições que afetam o empreendedorismo (*Entrepreneurial Framework Conditions* – EFCs) apresentadas no **Quadro 7.1**.

A escolha dos especialistas em cada economia teve como critério fundamental a expertise de cada um deles em pelo menos uma das EFCs, as quais foram abordadas no questionário da NES.

Assim, o conjunto dos especialistas incluiu empreendedores experientes, investidores anjo, pesquisadores, professores, profissionais de políticas públicas, gestores de programas governamentais, profissionais da indústria e ligados à inovação, gestores com vasta experiência e representantes de agências de desenvolvimento, entre outros.

O **Apêndice 2 - Entrevistados na pesquisa com especialistas** apresenta a lista dos especialistas consultados que autorizaram a divulgação de seu nome.

O **Quadro 7.1** lista as condições que afetam o empreendedorismo (EFCs) consideradas no âmbito da pesquisa. As EFCs referem-se a fatores que influenciam diretamente o ambiente empreendedor em um país, interferindo tanto na criação quanto na sustentabilidade dos negócios. No estudo GEM,

as EFCs estão organizadas em nove dimensões, as quais são identificadas em negrito e com as letras de A até I. Algumas delas, como a A, a B e a D, têm subdimensões. As descrições detalhadas de cada uma dessas dimensões, assim como todos os procedimentos que envolvem a Pesquisa com Especialistas Nacionais (NES), são apresentadas no **Apêndice 1 – Metodologia.**

Quadro 7.1 Condições que afetam o empreendedorismo (EFCs) segundo o modelo GEM

A: Apoio Financeiro
A1: Suficiência de recursos
A2: Facilidade de acesso ao apoio financeiro
B: Políticas Governamentais
B1: Efetividade das políticas
B2: Burocracia e impostos
C: Programas Governamentais
D: Educação e Capacitação
D1: Ensino fundamental e médio
D2: Ensino superior
E: Pesquisa e Desenvolvimento
F: Infraestrutura Comercial e Profissional
G: Acesso ao Mercado e Barreiras à Entrada
G1: Dinâmica do mercado interno: liberdade e abertura
G2: Barreiras, concorrência e legislação no mercado interno
H: Acesso à Infraestrutura Física
I: Normas Culturais e Sociais

Fonte: GEM 2025

O capítulo também apresenta alguns resultados da pesquisa com a população adulta (APS, do inglês *Adult Population Survey*), que complementam as demais análises.

7.1. Índice do contexto nacional de empreendedorismo (NECI): Brasil e demais economias participantes

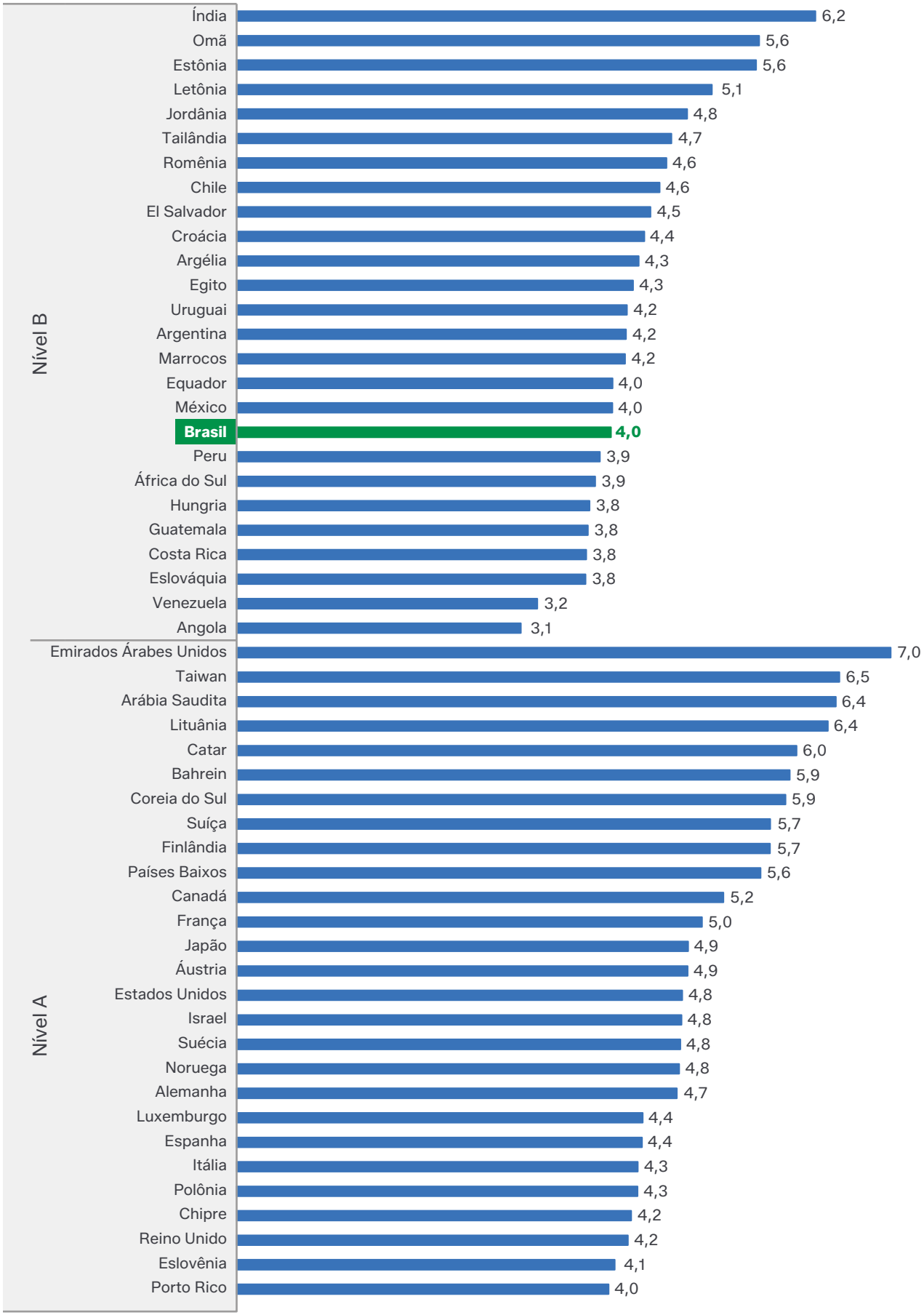
O NECI é uma medida de avaliação do contexto para empreender em cada economia. A sigla vem do original em inglês National Entrepreneurship Context Index, traduzido para o português, conforme apresentado a seguir.

Os índices de todas as 53 economias são apresentados no **Gráfico 7.1**. De forma complementar, a **Tabela auxiliar A7.1** detalha essa informação incorporando o *ranking* global das economias segundo o NECI, bem como o *ranking* de cada uma delas dentro do seu grupo de renda.

O Índice NECI

O **Índice do Contexto Nacional de Empreendedorismo (NECI)** é obtido a partir de um questionário com questões fechadas sobre as 13 condições que afetam o empreendedorismo (EFCs) nas economias. Esse questionário é respondido pelos especialistas selecionados. O índice é uma média ponderada das notas atribuídas por esses especialistas às afirmações que compõem o questionário. As médias, tanto para a avaliação de cada EFC quanto para a resultante geral NECI, podem variar de 0 (muito inadequada) a 10 pontos (muito adequada). Para fins de análise, as EFCs com média acima de 5 são interpretadas como adequadas. Aquelas abaixo desse valor são consideradas como inadequadas.

Gráfico 7.1 Índice do Contexto Nacional de Empreendedorismo (NECI) – economias participantes da pesquisa com especialistas (agrupamento por nível de renda[1]) – 2025



Fonte: GEM 2025

A análise do gráfico evidencia diferenças significativas em termos do NECI entre países de distintos níveis de renda, bem como a posição intermediária do Brasil no cenário global. Considerando o conjunto das economias analisadas, observa-se que os países de alta renda (nível A) apresentam, em geral, melhores avaliações do ambiente empreendedor, com valores de NECI predominantemente acima do ponto intermediário 5, que já é considerado como um indicativo de condições adequadas ao desenvolvimento do empreendedorismo nas economias.

Nessas economias (nível A), os maiores desempenhos são registrados por economias como Emirados Árabes Unidos, Taiwan e Arábia Saudita, cujos índices superam 6 pontos, refletindo contextos mais propícios, com maior disponibilidade de financiamento, políticas públicas consistentes e ecossistemas de inovação mais desenvolvidos. Por outro lado, países europeus tradicionais, como Alemanha e França, além de Japão, Israel e Estados Unidos, apresentam valores intermediários, posicionados entre 4,5 e 5 pontos. Esses resultados indicam contextos relativamente favoráveis ao empreendedorismo, embora ainda com limitações em algumas dimensões das condições consideradas.

No grupo de países de renda média (nível B), há maior diversidade nos resultados, com índices variando de 3,1 a 6,2 pontos. Nesse grupo, destacam-se positivamente economias como Índia (6,2), Omã e Estônia (com 5,6), que apresentam avaliações superiores a 5, com ambientes mais propícios ao empreendedorismo, mesmo em contextos de menor renda.

A **Tabela 7.1**, por sua vez, apresenta a quantidade e o percentual de economias participantes da pesquisa com especialistas em 2025, segundo faixas do NECI. Nota-se que apenas uma economia (1,9% do total) alcançou índice superior a 7. Na faixa de 6,2 a 7, encontram-se quatro economias, correspondendo a 7,5% do total.

Tabela 7.1 Quantidade e percentual de economias segundo as faixas do NECI – economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025

NECI	Número de economias	Percentual de economias (%)
Maior que 7,0	1	1,9
6,2 a 7,0	4	7,5
5,3 a 6,1	9	17,0
4,5 a 5,2	14	26,4
3,7 a 4,4	23	43,4
Menor que 3,7	2	3,8
Total	53	100,0

Fonte: GEM 2025

Na faixa de 5,3 a 6,1, estão nove economias, o equivalente a 17% do número total de economias, enquanto 14 economias (26,4%) estão na faixa de 4,5 a 5,2. A maior concentração (23 economias, 43,4% do total) está na faixa de 3,7 a 4,4. No mais, há duas economias (3,8%) com NECI menor que 3,7. Ao todo, foram analisadas 53 economias.

A distribuição das economias revela uma concentração significativa em níveis intermediários do NECI, indicando que a maioria dos países ainda enfrenta desafios relevantes para o aprimoramento do ecossistema empreendedor como um todo. Observa-se que apenas uma economia (1,9%) apresenta NECI superior a 7 e cinco (9,4%) têm índices acima de 6,1, o que mostra que os contextos mais favoráveis ao empreendedorismo são raros no cenário global.

De forma geral, os resultados mostram que predominam contextos nacionais, entre as 53 economias estudadas, que são marcados por limitações que dificultam o desenvolvimento do empreendedorismo. A baixa proporção de economias com NECI elevado reforça a necessidade de políticas públicas voltadas ao fortalecimento das condições para empreender. Frente a tantas limitações, a melhoria do ambiente para empreender constitui um desafio sistêmico, cuja superação é fundamental para promover a qualidade e o impacto do empreendedorismo nas diferentes economias.

A título de ilustração, o **Quadro 7.2** sintetiza os resultados, ao apresentar, para cada uma das EFCs, as pontuações mais altas e mais baixas, entre todas as economias, agrupadas de acordo com seu nível de renda.

A análise dessas pontuações evidencia diferenças expressivas entre economias de alta renda (nível A) e de renda média (nível B). No conjunto das economias de nível A, destacam-se avaliações elevadas em diversas dimensões, como a efetividade das políticas governamentais (B1), que alcança 7,6 pontos nos Emirados Árabes Unidos, e a dinâmica do mercado interno (G1), com 7,9 pontos na Coreia do Sul.

Esses resultados são consistentes com o posicionamento geral dessas economias no índice agregado, no qual os Emirados Árabes Unidos ocupam a primeira posição global com NECI de 7, seguidos por Taiwan (6,5) e Arábia Saudita (6,4), conforme detalhado no **Gráfico 7.1**. Por outro lado, mesmo entre países de alta renda, persistem fragilidades, como nos ensinos fundamental e médio (D1), como a Polônia, que registra 2,1 pontos.

Quadro 7.2 Avaliação dos especialistas (NES) sobre as condições que afetam o empreendedorismo: pontuações mais altas e mais baixas por nível de renda[1] – economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025

Condições	Pontuação	Nível A		Nível B	
A1 - Suficiência de recursos	Alta	Arábia Saudita	6,6	Índia	6,1
	Baixa	Porto Rico	3,5	Venezuela	2,0
A2 - Facilidade de acesso ao apoio financeiro	Alta	Emirados Árabes Unidos	6,4	Índia	6,1
	Baixa	Porto Rico	3,2	Angola	2,0
B1 - Efetividade das políticas	Alta	Emirados Árabes Unidos	7,6	Índia	6,7
	Baixa	Suécia	3,1	Venezuela	1,6
B2 - Burocracia e impostos	Alta	Emirados Árabes Unidos	7,6	Índia	5,9
	Baixa	Porto Rico	2,8	Venezuela	1,3
C - Programas Governamentais	Alta	Emirados Árabes Unidos	7,0	Índia	6,2
	Baixa	Israel	3,7	Venezuela	2,1
D1 - Ensino Fundamental e Médio	Alta	Catar	5,9	Estônia	5,4
	Baixa	Polônia	2,1	Marrocos	2,1
D2 - Ensino Superior	Alta	Emirados Árabes Unidos	7,0	Índia	6,4
	Baixa	Polônia	3,5	Angola	3,3
E - Pesquisa e Desenvolvimento	Alta	Emirados Árabes Unidos	6,9	Índia	5,8
	Baixa	Porto Rico	3,2	Angola	1,9
F - Infraestrutura Comercial e Profissional	Alta	Emirados Árabes Unidos	7,2	Romênia	6,4
	Baixa	Japão	4,4	Angola	3,4
G1 - Dinâmica do mercado interno: liberdade e abertura	Alta	Coreia do Sul	7,9	Índia	7,3
	Baixa	Luxemburgo	3,1	Uruguai	3,2
G2 - Barreiras, concorrência e legislação no mercado interno	Alta	Emirados Árabes Unidos	7,3	Índia	6,1
	Baixa	Porto Rico	3,8	Angola	3,1
H - Acesso à Infraestrutura Física	Alta	Finlândia	8,5	Chile	7,5
	Baixa	Reino Unido	4,9	Angola	3,7
I - Normas Culturais e Sociais	Alta	Israel	8,0	Estônia	7,3
	Baixa	Eslovênia	3,2	Eslováquia	3,1
NECI - Índice do Contexto Nacional de Empreendedorismo	**Alta**	**Emirados Árabes Unidos**	**7,0**	**Índia**	**6,2**
	Baixa	**Porto Rico**	**4,0**	**Angola**	**3,1**

Fonte: GEM 2025
[1] Níveis de renda: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.

No grupo de economias de nível B, há maior heterogeneidade nas avaliações, com destaque para o desempenho da Índia, que lidera em diversas EFCs, como acesso ao financiamento (A2 = 6,1), efetividade das políticas (B1 = 6,7) e dinâmica de mercado interno (G1 = 7,3). Esse desempenho se reflete diretamente no índice agregado, com o qual a Índia tem a quinta posição global (NECI = 6,2), posicionando-se como a economia mais bem avaliada entre os países de renda média (**Tabelas auxiliares A7.1** e **A7.2**).

Em contraste, economias como Venezuela e Angola apresentam algumas das pontuações mais baixas do conjunto analisado, como 1,3 em burocracia e impostos (B2) na Venezuela, e 2 em acesso ao financiamento (A2) em Angola, o que contribui para seus baixos desempenhos no NECI (3,2 e 3,1, respectivamente).

A partir desses dados, é possível compreender que, embora economias de alta renda tendam a apresentar ambientes mais favoráveis ao empreendedorismo, há variações significativas dentro de cada grupo de renda. Além disso, casos como o da Índia demonstram que avanços consistentes podem elevar significativamente a qualidade do ecossistema empreendedor, enquanto economias com fragilidades persistentes enfrentam maiores dificuldades para sustentar o desenvolvimento dos negócios.

A **Tabela 7.2** traz os resultados do Brasil em cada uma das EFCs numa perspectiva comparada com a média das demais economias. Com índice NECI de 4 pontos, o país ocupa a 44ª posição no *ranking* global e a 18ª posição entre os países de nível de renda B. O país se encontra, então, abaixo do limiar considerado adequado e em posição intermediária no seu grupo de nível de renda.

Tabela 7.2 Avaliação dos especialistas (NES) sobre as condições que afetam o empreendedorismo – pontuação e posicionamento do Brasil em relação às economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025

Condições	Pontuação média		Posição em relação a todas as economias[1]	Posição em relação às economias do Nível B[2]
	Brasil	Economias		
G1 - Dinâmica do mercado interno: liberdade e abertura	5,7	5,6	24ª	10ª
H - Acesso à Infraestrutura física	5,3	6,4	45ª	21ª
I - Normas culturais e sociais	5,2	5,3	26ª	13ª
D2 - Ensino superior	4,7	5,0	34ª	18ª
F - Infraestrutura comercial e profissional	4,2	5,4	50ª	23ª
B2 - Burocracia e impostos	4,1	4,6	34ª	14ª
B1 - Efetividade das políticas	3,9	4,2	28ª	10ª
C - Programas governamentais	3,8	4,7	40ª	16ª
A1 - Suficiência de recursos	3,5	4,5	43ª	17ª
G2 - Barreiras, concorrência e legislação no mercado interno	3,4	4,5	48ª	21ª
E - Pesquisa e desenvolvimento	2,9	4,1	45ª	18ª
A2 - Facilidade de acesso ao apoio financeiro	2,9	4,3	50ª	23ª
D1 - Ensino fundamental e médio	2,7	3,4	30ª	14ª
NECI - Índice do Contexto Nacional de Empreendedorismo	4,0	4,8	44ª	18ª

Fonte: GEM 2025
[1] Classificação do Brasil no *ranking* do fator analisado no conjunto das 53 economias participantes da pesquisa NES em 2025.
[2] Classificação do Brasil no *ranking* do fator analisado no conjunto das 26 economias de nível de renda B participantes da pesquisa NES em 2025.

Como se vê na **Tabela 7.2**, entre as condições analisadas, os resultados mais favoráveis concentram-se na dinâmica do mercado interno (G1), com pontuação de 5,7. As normas culturais e sociais (I) também apresentam desempenho relativamente positivo (5,2), próximo à média das economias (5,3), sugerindo que o ambiente sociocultural brasileiro tende a ser favorável à atividade empreendedora. No entanto, mesmo nessas dimensões, o país não se posiciona entre os líderes, indicando que esses fatores, embora positivos, não são suficientes para compensar outras limitações relativas às condições que afetam o empreendedorismo (EFCs).

Vale destacar que a única EFC em que a pontuação brasileira supera, por apenas um décimo, a da média das economias, é a G1 – dinâmica do mercado interno, mesmo assim, essa pontuação representa apenas a 24ª e décima posições, no *ranking* global e no das economias de renda média (nível B), respectivamente.

No Brasil, há um conjunto amplo de limitações quanto aos EFCs. O acesso à infraestrutura física (H), apesar de apresentar pontuação de 5,3, permanece significativamente abaixo da média das economias participantes (6,4), resultando em uma posição internacional desfavorável (45ª). Situação semelhante é observada na infraestrutura comercial e profissional (F), na qual o Brasil registra 4,2 pontos frente a uma média de 5,4, ocupando a 50ª posição global. Esses resultados indicam deficiências importantes na base de desenvolvimento dos negócios no país.

As condições relacionadas a políticas públicas e regulação também apresentam desempenho limitado. A efetividade das políticas (B1) atinge 3,9 pontos (28ª posição), enquanto programas governamentais (C) registram 3,8 pontos (40ª posição), ambas as condições têm avaliação abaixo da média global. Além disso, a condição de burocracia e impostos (B2), com 4,1 pontos, reforça a percepção de um ambiente regulatório ainda oneroso e pouco eficiente. Esses problemas contribuem para elevar os custos de entrada e operação das empresas, reduzindo a competitividade do ambiente empreendedor, inclusive podendo levar parte dos empreendedores brasileiros a preferir empreender em outros países.

As maiores fragilidades concentram-se nas dimensões diretamente associadas a financiamento, inovação e formação para o empreendedorismo. O acesso ao apoio financeiro (A2) e à pesquisa e ao desenvolvimento (E) apresentam pontuações de apenas 2,9, ambas significativamente inferiores às médias globais (4,3 e 4,1, respectivamente), posicionando o Brasil entre os últimos colocados (50ª e 45ª posições). De forma complementar, os ensinos fundamental e médio (D1) registram 2,7 pontos, evidenciando limitações na formação de competências empreendedoras desde os níveis iniciais de educação. Essas limitações indicam restrições relevantes para a capacidade de inovação e o desenvolvimento de negócios, principalmente daqueles mais sofisticados e de maior valor agregado, que exigem melhor formação dos empreendedores.

Esse padrão reforça a percepção de que, embora exista um ambiente cultural relativamente favorável e um mercado dinâmico, persistem limitações relevantes em outras condições que afetam o empreendedorismo (EFCs), comprometendo seu desenvolvimento no país. Essas limitações estão associadas, sobretudo, a desafios como o acesso restrito a financiamento, a complexidade regulatória, a qualidade da educação para o empreendedorismo e o baixo grau de inovação.

A **Tabela auxiliar A7.3**, ao final do capítulo, apresenta os resultados de todas as economias participantes do ciclo 2025 da pesquisa GEM no que se refere à avaliação de todas as EFCs e suas subdimensões realizada pelos respectivos especialistas nacionais.

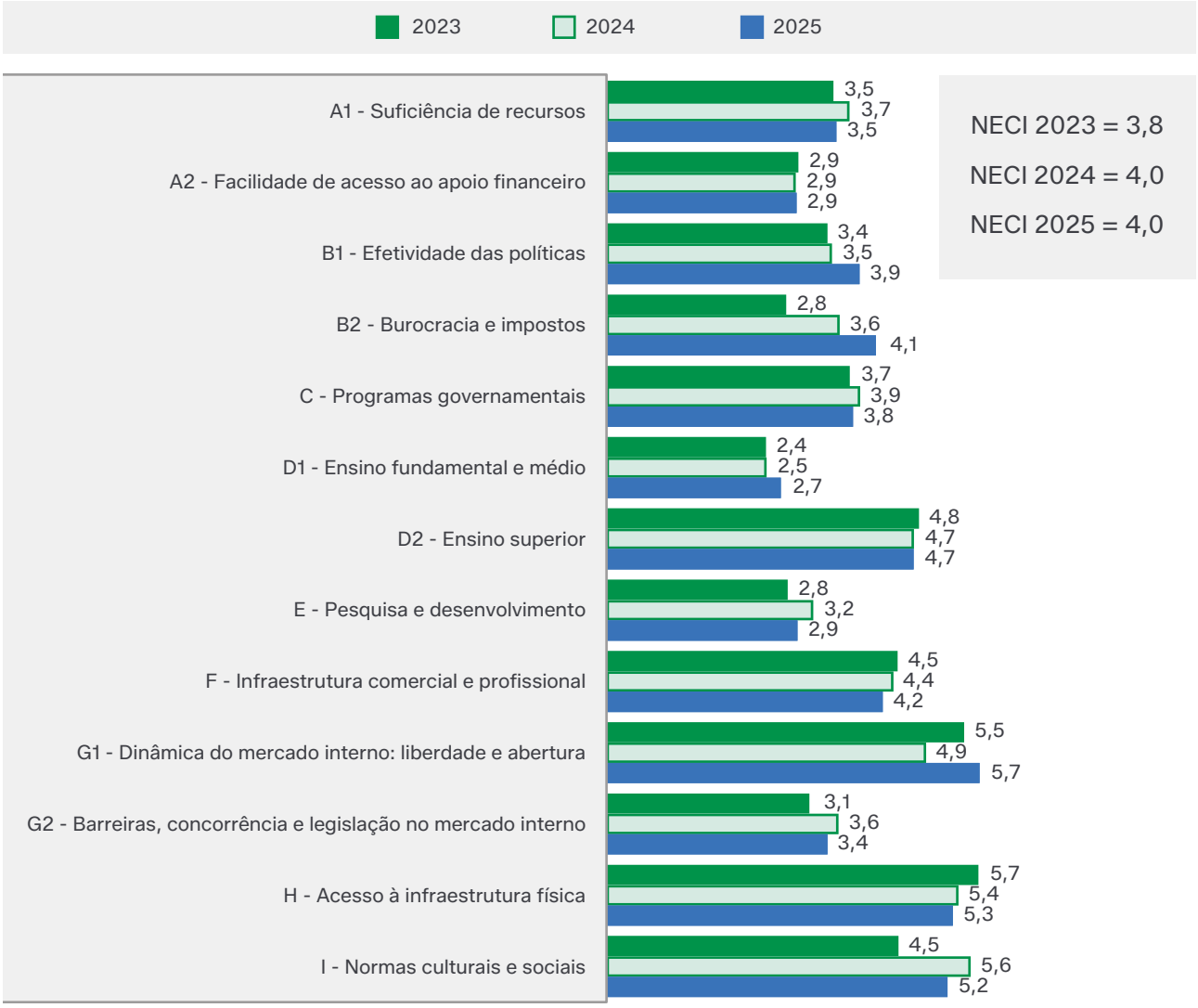
De modo geral, o comparativo entre os anos apresentados no **Gráfico 7.2** mostra que o ambiente empreendedor brasileiro combina algumas condições relativamente favoráveis — como a dinâmica do mercado interno, liberdade e abertura, as normas culturais e sociais, e o acesso à infraestrutura física, que favorecem ao empreendedorismo. No entanto, há fragilidades persistentes relacionadas ao financiamento, à inovação, à educação básica e programas de apoio. Em termos agregados, o NECI brasileiro em 2025 foi de 4 pontos, mantendo a pontuação alcançada em 2024, e apresentando leve recuperação em relação a 2023 (3,8), embora ainda em um patamar moderado dentro da escala de avaliação dos especialistas.

Entre as dimensões mais bem avaliadas em 2025, destaca-se a dinâmica do mercado interno em termos de liberdade e abertura (G1), com média de 5,7, mantendo-se como principal ponto forte do ecossistema empreendedor brasileiro e recuperando-se em relação aos 4,9 pontos observados em 2024. As normas culturais e sociais favoráveis ao empreendedorismo (I) também permaneceram em nível elevado, com 5,2 pontos, apesar da redução frente aos 5,6 registrados em 2024. O acesso à infraestrutura física (H) igualmente manteve avaliação positiva, alcançando 5,3 pontos em 2025, ainda que abaixo dos 5,7 observados em 2023.

O ensino superior (D2) e a infraestrutura comercial e profissional (F) também mantiveram avaliações próximas ou acima do ponto médio da escala em 2025, com 4,7 e 4,2 pontos, respectivamente. Entretanto, ambos os indicadores apresentaram relativa estabilidade ou leve queda em comparação aos anos anteriores, sugerindo limitações na evolução do suporte técnico, profissional e institucional ao empreendedorismo.

Por outro lado, persistem desafios estruturais importantes. O ensino fundamental e médio (D1) continuou sendo a dimensão com pior avaliação pelos especialistas, atingindo apenas 2,7 pontos em 2025, apesar da melhora gradual em relação aos 1,8 pontos observados em 2022. Esse resultado evidencia limitações na formação empreendedora básica e no desenvolvimento de competências relacionadas à criatividade, autonomia e educação econômica.

Gráfico 7.2 Avaliação dos especialistas (NES) sobre as condições que afetam o empreendedorismo – Brasil – 2023:2025



Fonte: GEM 2023 a 2025

As condições ligadas ao financiamento também permaneceram desfavoráveis. A facilidade de acesso ao apoio financeiro (A2) manteve-se estagnada em 2,9 pontos entre 2023 e 2025, configurando uma das principais fragilidades do ecossistema empreendedor brasileiro. De forma semelhante, a suficiência de recursos (A1) permaneceu limitada, oscilando em torno de 3,5 pontos ao longo do período compreendido entre 2023 e 2025.

No campo institucional, observou-se melhora relativa na percepção sobre burocracia e impostos (B2), cuja avaliação passou de 2,8 em 2022 e 2023 para 4,1 em 2025. A efetividade das políticas públicas (B1) também apresentou evolução gradual, alcançando 3,9 pontos em 2025, acima dos 3,1 registrados em 2022. Apesar desse avanço, os especialistas ainda avaliam essas dimensões abaixo de um nível considerado plenamente favorável ao empreendedorismo.

A dimensão pesquisa e desenvolvimento (E), por sua vez, apresentou avaliação modesta, recuando de 3,2 pontos em 2024 para 2,9 em 2025, sugerindo limitações persistentes na capacidade de inovação tecnológica e na integração entre universidades, centros de pesquisa e empresas. Os programas governamentais (C) também registraram leve queda, passando de 3,9 para 3,8 pontos entre 2024 e 2025.

Os resultados indicam que, embora algumas condições do ecossistema empreendedor brasileiro tenham apresentado melhora em 2025 — especialmente no ambiente regulatório e na dinâmica do mercado interno —, permanecem desafios estruturais importantes relacionados à educação básica, inovação e ao financiamento. Esse quadro reforça a necessidade de políticas públicas voltadas ao fortalecimento do ecossistema empreendedor, especialmente nos campos da formação educacional, ampliação do acesso a crédito, estímulo à inovação e ao aperfeiçoamento institucional.

7.2 Detalhamento do NECI Brasil: quatro maiores pontuações

Esta subseção aborda as quatro EFCs que obtiveram a maior pontuação média para o Brasil entre as 13 condições avaliadas no NECI.

7.2.1 Dinâmica do mercado interno: liberdade e abertura

A análise da condição "Dinâmica do mercado interno: liberdade e abertura", apoiada pela **Tabela 7.3**, indica que o Brasil apresenta um desempenho ligeiramente superior à média das economias participantes (5,7, frente a 5,6), sugerindo um ambiente de mercado brasileiro relativamente dinâmico e propício à identificação de oportunidades para novos empreendimentos.

Tabela 7.3 Médias das notas[1] atribuídas pelos especialistas na avaliação objetiva relacionadas à condição: G1 – Dinâmica do mercado interno: liberdade e abertura – Brasil e economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025

Afirmações	Média Brasil	Média das economias
Dinâmica do mercado interno	5,7	5,6
O mercado de bens de consumo e de serviços muda consideravelmente de um ano para o outro.	5,7	5,7
O mercado de bens e serviços para empresas (*business–to–business*) muda consideravelmente de um ano para o outro.	5,7	5,5

Fonte: GEM 2025
[1] Notas atribuídas pelos especialistas em escala de 0 a 10, sendo 0 totalmente falsa e 10 totalmente verdadeira para afirmações que compõem a condição.

Essa avaliação é consistente nas duas dimensões que compõem a condição. Quanto ao mercado de bens de consumo e serviços, o Brasil apresenta pontuação de 5,7, igual à média global (5,7), indicando mudanças relevantes nesse mercado ao longo de um ano. Isso pode tanto favorecer a identificação de novas oportunidades de negócio, quanto o desalinhamento de parte dos empreendimentos em relação às demandas do mercado.

De forma semelhante, o mercado *business-to-business* (B2B) apresenta pontuação de 5,7, ligeiramente superior à média global (5,5), sugerindo certo dinamismo desse mercado, com mudanças frequentes e potenciais oportunidades, mas também riscos de desalinhamento.

De modo geral, os resultados evidenciam que o mercado interno brasileiro apresenta um nível significativo de dinamismo, caracterizado por transformações tanto no consumo quanto nas relações interempresariais. Tais mudanças tendem a estimular a criação de novos empreendimentos e a exigir adaptação contínua dos negócios existentes. Configuram, assim, um importante vetor de renovação do empreendedorismo brasileiro, podendo fortalecê-lo com mais negócios aproveitando novas oportunidades, mas também enfraquecê-lo quando há desalinhamento com o mercado, em alguns casos, à descontinuidade de suas atividades.

Embora a dinâmica de mercado represente, no geral, um fator positivo, seus efeitos sobre o desenvolvimento do empreendedorismo dependem da articulação com outras condições para empreender (EFCs). Em contextos nos quais persistem limitações em financiamento, inovação e ambiente regulatório, como observado no Brasil, o potencial gerado por um mercado dinâmico pode não ser plenamente aproveitado. Assim, o fortalecimento da dinâmica de mercado deve ocorrer também com melhorias nas demais EFCs, ampliando a capacidade de os empreendedores explorarem oportunidades e se adaptarem bem a mudanças.

7.2.2 Acesso à infraestrutura física

A análise da condição "Acesso à infraestrutura física" com a **Tabela 7.4** indica que o Brasil apresenta desempenho inferior ao indicado pela média das economias, sendo restritiva essa condição para o empreendedorismo brasileiro. Em 2025, o país registra pontuação de 5,3, significativamente abaixo da média global (6,4). Assim, embora a infraestrutura esteja presente, sua qualidade, seu custo e sua acessibilidade ainda são desafiadores para empresas novas e em desenvolvimento.

Tabela 7.4 Média das notas[1] atribuídas pelos especialistas na avaliação objetiva relacionadas à condição: H – Acesso à infraestrutura física – Brasil e economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025

Afirmações	Média Brasil	Média das economias
Acesso à infraestrutura física	5,3	6,4
A infraestrutura física (estradas, serviços de energia elétrica, fornecimento de água, comunicação, saneamento, esgoto) oferece um bom apoio a empresas novas e em crescimento.	3,5	5,9
O custo para acesso a serviços de comunicação por uma empresa nova ou em crescimento não é muito alto (telefone, internet etc.).	5,3	7,1
Não é muito caro para uma empresa nova ou em crescimento ter acesso a bons serviços de comunicação (telefone, internet etc.).	6,3	7,3
Uma empresa nova ou em crescimento pode arcar com os custos de serviços básicos (gás, água, eletricidade e esgoto).	5,6	6,6
Uma empresa nova ou em crescimento consegue ter acesso a serviços básicos (gás, água, eletricidade e esgoto) em aproximadamente um mês.	6,3	6,7
Há muitos espaços de escritório acessíveis para alugar para empresas novas e em crescimento.	5,5	6,1
Há muitos espaços de produção ou manufatura industrial acessíveis para alugar para empresas novas e em crescimento.	4,5	5,2

Fonte: GEM 2025
[1] Notas atribuídas pelos especialistas em escala de 0 a 10, sendo 0 totalmente falsa e 10 totalmente verdadeira para afirmações que compõem a condição.

A avaliação desagregada dos componentes do "Acesso à infraestrutura física" apresentada na **Tabela 7.4** mostra assimetrias importantes entre esses componentes. No que se refere à qualidade geral da infraestrutura física — incluindo estradas, energia elétrica, água, comunicação e saneamento —, o Brasil apresenta pontuação de apenas 3,5, substancialmente inferior à média das economias (5,9). Com isso, entende-se que a infraestrutura básica ainda não é adequada para o empreendedorismo.

Por outro lado, aspectos relacionados ao acesso e ao custo de serviços de comunicação apresentam desempenho relativamente mais favorável. O custo de acesso a serviços de comunicação é avaliado com 5,3 (ante 7,1), enquanto a percepção de que não é muito caro obter serviços de qualidade atinge 6,3 (frente a 7,3). Esses resultados sugerem que, embora ainda abaixo das médias das economias, a infraestrutura digital e de comunicação constitui um componente menos restritivo.

No que diz respeito aos serviços básicos, como energia, água e saneamento, o Brasil apresenta pontuações intermediárias. A capacidade de arcar com os custos desses serviços alcança 5,6 (*versus* 6,6), enquanto o tempo de acesso registra 6,3 (ante 6,7). Esses dados indicam que, embora haja acesso relativamente funcional, persistem limitações relacionadas a custo e eficiência.

Adicionalmente, a disponibilidade de espaços físicos para operação empresarial também apresenta restrições. A oferta de escritórios acessíveis registra pontuação de 5,5 (frente a 6,1), enquanto a disponibilidade de espaços industriais é ainda mais limitada (4,5 *versus* 5,2 da média global). Esses resultados sugerem barreiras à expansão dos negócios, especialmente em atividades que demandam infraestrutura física.

De modo geral, os resultados indicam que a infraestrutura física no Brasil, embora funcional, não atinge os níveis de acessibilidade observados em outras economias. Essa limitação pode comprometer a eficiência operacional das empresas, elevar custos e reduzir a competitividade dos novos empreendimentos.

Além disso, pode inibir tanto a criação de novas empresas que dependem de espaços por ora indisponíveis, quanto a ampliação daquelas já existentes. Nesse contexto, o fortalecimento da infraestrutura física — principalmente quanto à sua disponibilidade e acessibilidade — é central para propiciar o empreendedorismo no Brasil.

7.2.3 Normas culturais e sociais

A análise da condição "Normas culturais e sociais", com base na **Tabela 7.5**, indica que o Brasil apresenta um desempenho próximo à média do conjunto das economias analisadas, com pontuação de 5,2, ligeiramente inferior à média global (5,3). Esse resultado sugere que o ambiente sociocultural brasileiro é, em termos gerais, moderadamente favorável ao empreendedorismo, ainda que sem se destacar de forma significativa no cenário global.

A avaliação desagregada revela que o Brasil apresenta desempenho relativamente positivo em aspectos relacionados à valorização da autonomia e da iniciativa individual. A percepção de que as normas sociais enfatizam autossuficiência, autonomia e iniciativa pessoal alcança 5,5, ligeiramente acima da média das economias (5,4), indicando que essas características estão bem presentes no contexto brasileiro. De forma semelhante, o encorajamento ao sucesso obtido por meio de esforços próprios registra 5,4 (frente a 5,6 da média global), reforçando a presença de elementos culturais favoráveis à iniciativa, ao mérito e à busca do sucesso por quem empreende.

No que se refere à disposição para assumir riscos, o Brasil apresenta pontuação de 4,8, superior à média global (4,6), sugerindo que há uma relativa aceitação social do risco associado ao empreendedorismo. Esse aspecto é particularmente relevante em contextos de incerteza, nos quais a decisão de empreender depende, em parte, da tolerância ao risco e da legitimidade social dessa escolha.

Por outro lado, algumas dimensões apresentam desempenho ligeiramente inferior à média das economias. O incentivo à criatividade e à inovação registra 5,1 no Brasil, frente a 5,3 da média global, indicando que esse aspecto, embora presente, ainda pode ser fortalecido. De forma semelhante, a

valorização da responsabilidade individual na condução da própria vida tem avaliação 5,2, também ligeiramente abaixo da média global (5,3).

Portanto, os resultados indicam que o Brasil dispõe de um contexto sociocultural que privilegia valores associados ao empreendedorismo, especialmente no que se refere a autonomia, à iniciativa e à aceitação do risco. No entanto, esse cenário não se traduz automaticamente em melhores condições para o desenvolvimento dos negócios. Para que esses fatores socioculturais favoreçam plenamente os resultados econômicos, é necessário que sejam apoiados por melhorias nas demais EFCs, como aquelas relacionadas a financiamento, inovação e ambiente institucional.

Tabela 7.5 Médias das notas[1] atribuídas pelos especialistas na avaliação objetiva relacionadas à condição: I – Normas culturais e sociais – Brasil e economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025

Afirmações	Média Brasil	Média das economias
Normas culturais e sociais	5,2	5,3
As normas sociais e culturais apoiam e valorizam o sucesso individual obtido por meio de esforços pessoais.	5,4	5,6
As normas sociais e culturais enfatizam a autossuficiência, autonomia e iniciativa pessoal.	5,5	5,4
As normas sociais e culturais encorajam o indivíduo a assumir os riscos de empreender.	4,8	4,6
As normas sociais e culturais encorajam a criatividade e ações inovadoras.	5,1	5,3
As normas sociais e culturais encorajam que há de ser o indivíduo (mais do que a comunidade) o responsável em administrar a sua própria vida.	5,2	5,3

Fonte: GEM 2025
[1] Notas atribuídas pelos especialistas em escala de 0 a 10, sendo 0 totalmente falsa e 10 totalmente verdadeira para afirmações que compõem a condição.

7.2.4 Ensino superior

A análise da condição "Ensino superior" indica que o Brasil apresenta desempenho ligeiramente inferior à média das economias (4,7 frente a 5). Esse resultado sugere que, embora o sistema de ensino superior contribua para o desenvolvimento de competências empreendedoras, ainda há lacunas relevantes na formação de indivíduos aptos a iniciar e expandir negócios (**Tabela 7.6**).

Tabela 7.6 Média das notas[1] atribuídas pelos especialistas na avaliação objetiva relacionadas à condição: D2 – Ensino superior – Brasil e economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025

Afirmações	Média Brasil	Média das economias
Ensino superior	4,7	5,0
As faculdades e universidades proporcionam uma preparação adequada para iniciar e desenvolver novas empresas.	3,9	4,9
A qualidade do ensino prático nas escolas de negócio e administração (*business schools*) proporciona uma preparação adequada para iniciar e desenvolver novas empresas.	5,3	5,3
Os sistemas de educação profissional e continuada proporcionam uma preparação adequada para iniciar e desenvolver novas empresas.	4,9	4,9

Fonte: GEM 2025
[1] Notas atribuídas pelos especialistas em escala de 0 a 10, sendo 0 totalmente falsa e 10 totalmente verdadeira para afirmações que compõem a condição.

A avaliação desagregada revela diferenças importantes entre as dimensões da EFC "ensino superior". No que se refere à preparação oferecida por faculdades e universidades para iniciar e desenvolver empresas, o Brasil apresenta pontuação de 3,9, significativamente abaixo da média global (4,9). Esse resultado indica que, na percepção dos especialistas, o ensino superior ainda não integra de forma adequada conteúdos e práticas voltadas ao empreendedorismo, limitando sua contribuição para a formação de empreendedores.

Por outro lado, a qualidade do ensino prático nas escolas de negócio e administração (*business schools*) apresenta desempenho mais favorável, com pontuação de 5,3, em linha com a média global (5,3). Esse resultado sugere que, em contextos mais especializados, há uma oferta de formação aplicada mais consistente, capaz de preparar melhor os indivíduos para os desafios da gestão e do empreendedorismo.

De forma semelhante, os sistemas de educação profissional e continuada registram pontuação de 4,9, em linha com a média das economias, indicando que esse aspecto desempenha um papel relevante na capacitação para o empreendedorismo. Esses programas podem atuar como mecanismos complementares às demais formas de ensino, contribuindo para o desenvolvimento de competências práticas e atualizadas.

No contexto educacional, o fortalecimento da preparação para o empreendedorismo seria maior com a integração entre teoria e prática. Também contribuiria a ampliação de iniciativas que promovam habilidades empreendedoras desde a formação inicial, de modo a alinhar o sistema educacional às demandas do ecossistema empreendedor.

7.3 Detalhamento do NECI Brasil: quatro menores pontuações

Esta subseção destaca as quatro EFCs com os desempenhos mais baixos no Brasil (**Tabela 7.2)**. Tais condições são gargalos que demandam atenção imediata, evidenciados pela desvantagem competitiva do país em relação ao cenário internacional.

7.3.1 Ensino fundamental e médio

A análise da EFC "Ensino fundamental e médio" (**Tabela 7.7**) mostra que o Brasil tem um dos desempenhos mais baixos entre as dimensões avaliadas (2,7 frente a 3,4 da média global). Esse resultado indica que o sistema educacional básico brasileiro ainda oferece suporte limitado ao desenvolvimento de competências empreendedoras, configurando-se como um importante gargalo para o aprimoramento do ecossistema empreendedor no país.

Tabela 7.7 Média das notas[1] atribuídas pelos especialistas na avaliação objetiva relacionadas à condição: D1 – Ensino fundamental e médio – Brasil e economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025

Afirmações	Média Brasil	Média das economias
Ensino fundamental e médio	2,7	3,4
Os ensinos fundamental e médio incentivam a criatividade, a autossuficiência e a iniciativa pessoal.	3,1	3,8
Os ensinos fundamental e médio fornecem instrução adequada acerca dos princípios da economia de mercado.	2,7	3,3
Os ensinos fundamental e médio dedicam atenção suficiente ao empreendedorismo e à criação de novas empresas.	2,3	3,2

Fonte: GEM 2025
[1] Notas atribuídas pelos especialistas em escala de 0 a 10, sendo 0 totalmente falsa e 10 totalmente verdadeira para afirmações que compõem a condição.

A avaliação desagregada dessa EFC explicita fragilidades em todas as dimensões analisadas. No que se refere ao incentivo à criatividade, à autossuficiência e à iniciativa pessoal, o Brasil apresenta pontuação de 3,1 (frente a 3,8 da média global), sugerindo que as escolas ainda contribuem de forma insuficiente para o desenvolvimento de habilidades fundamentais ao comportamento empreendedor. Essa limitação pode comprometer o desenvolvimento de tomada de iniciativa e de atitudes proativas e inovadoras desde as etapas iniciais da educação.

No campo da educação sobre economia, os resultados também indicam deficiências relevantes. A percepção de que o ensino fundamental e médio fornece instrução adequada sobre os princípios da economia de mercado registra 2,7 no Brasil, frente a 3,3 da média das economias, evidenciando limitações na formação básica em temas essenciais para a compreensão do funcionamento dos mercados e da atividade empresarial.

O aspecto mais crítico consiste na atenção dedicada ao empreendedorismo e à criação de novas empresas, que apresenta a menor pontuação do conjunto (2,3 frente a 3,2 da média global). Nota-se que o empreendedorismo ainda ocupa um espaço marginal nos currículos escolares, limitando o aprendizado de crianças e adolescentes sobre conceitos, práticas e oportunidades relacionadas à atividade empreendedora.

Os resultados, portanto, evidenciam que o sistema de ensino básico no Brasil não tem desempenhado plenamente seu papel na formação de competências empreendedoras, o que pode prejudicar a qualidade do empreendedorismo no país. Nesse contexto, o fortalecimento da educação empreendedora nas etapas iniciais da formação torna-se premente para o desenvolvimento de habilidades como criatividade, iniciativa, pensamento crítico e compreensão sobre economia e mercado, contribuindo para a construção de um ecossistema nacional mais dinâmico e propício ao desenvolvimento socioeconômico.

A análise da percepção da população brasileira sobre o ensino de empreendedorismo, com base na **Tabela 7.8**, indica elevado grau de consenso quanto à necessidade de ampliação desse tipo de ensino nos diferentes níveis educacionais. Em 2025, 92,4% dos respondentes de 18 a 64 anos afirmam que o ensino de empreendedorismo deve ser ampliado. Por outro lado, apenas 7,6% e 7,2% dos respondentes consideram que não há necessidade de ampliação.

Tabela 7.8 Distribuição percentual de quem acredita que o ensino de empreendedorismo, em todos os níveis de ensino, precisa ser ampliado – Brasil – 2025

O ensino de empreendedorismo, em todos os níveis de ensino, precisa ser ampliado?	Percentual dos respondentes[1] (%)	
	18 a 64 anos	65 a 74 anos
Sim	92,4	92,8
Não	7,6	7,2
Total	100,0	100,0

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Pesquisa com a população adulta de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos.

Esses dados evidenciam que a ampliação da educação empreendedora é amplamente reconhecida pela sociedade brasileira, independentemente da faixa etária. Reflete-se, assim, uma visão compartilhada sobre o papel estratégico e necessário do empreendedorismo, impulsionado pela educação, no desenvolvimento econômico e social. Observa-se, portanto, convergência entre a percepção da sociedade e os diagnósticos dos especialistas consultados na pesquisa do GEM.

A elevada proporção de respostas afirmativas converge com as baixas pontuações obtidas nas (EFCs) de educação, especialmente quanto aos ensinos fundamental e médio (D1). A percepção da população reforça, portanto, a avaliação dos especialistas quanto à insuficiência do sistema educacional em relação ao empreendedorismo.

Adicionalmente, a forte demanda por ampliação do ensino de empreendedorismo pode estar associada à crescente relevância dessa atividade como alternativa de geração de renda e mobilidade social.

Percepção da população de 65 a 74 anos quanto à necessidade de ampliação do ensino de empreendedorismo em todos os níveis de ensino

Quase a totalidade dos respondentes da faixa etária entre 64 e 75 anos concorda que o ensino de empreendedorismo deva ser ampliado em todos os níveis educacionais. Apenas 7% das pessoas desse grupo populacional divergem em relação ao tema (**Tabela 7.8**). Percentuais praticamente idênticos aos encontrados no grupo etário mais jovem.

A distribuição das respostas apresentadas na **Tabela 7.9** mostra que a população brasileira atribui maior prioridade ao ensino médio e às escolas técnicas como principais focos de investimento em educação empreendedora. Em 2025, essa opção é indicada por 46,9% dos respondentes de 18 a 64 anos

Tabela 7.9 Distribuição percentual de quem acredita em qual nível de ensino o país deveria investir mais recursos em termos do ensino de empreendedorismo – Brasil – 2025

Em qual nível de ensino o país deveria investir mais recursos em termos do ensino do empreendedorismo?	Percentual dos respondentes[1] (%)	
	18 a 64 anos	65 a 74 anos
No ensino fundamental	34,1	28,7
No ensino médio/escolas técnicas	46,9	49,4
No ensino superior	16,3	20,1
Outros	2,7	1,8
Total	100,0	100,0

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Pesquisa com a população adulta de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos.

O ensino fundamental também é reconhecido como um nível relevante, sendo apontado por 34,1% dos respondentes na faixa de 18 a 64 anos. Esses resultados indicam a percepção sobre a importância de desenvolver competências empreendedoras desde as etapas iniciais da educação. Ainda assim, a menor proporção em relação ao ensino médio e às escolas técnicas sugere maior apoio a iniciativas voltadas às fases de educação mais próximas da inserção no mercado de trabalho.

Essa percepção é consistente com diagnósticos que apontam fragilidades na educação básica, reforçando a necessidade de políticas públicas voltadas à integração do empreendedorismo nesses níveis, com abordagens mais práticas e alinhadas às demandas do mercado.

Por sua vez, o ensino superior é priorizado por uma parcela significativamente menor dos respondentes — 16,3% entre indivíduos de 18 a 64 anos. A categoria "outros" apresenta participação residual (2,7% e 1,8%, respectivamente), indicando que as percepções estão fortemente concentradas nos níveis formais de ensino.

Percepção da população de 65 a 74 anos sobre os níveis de ensino prioritários para investimento em empreendedorismo.

Quase metade dos brasileiros (49,4%) de 65 a 74 anos considera que é no Ensino Médio e nas escolas técnicas que devem ser incrementados os investimentos em educação empreendedora (**Tabela 7.9**). No Ensino Fundamental essa proporção é ligeiramente inferior a 30%. E 20% são os que acreditam que a prioridade para ampliação de recursos destinados ao ensino do empreendedorismo deva se dar no Ensino Superior.

7.3.2 Facilidade de acesso ao apoio financeiro

As análises anteriores já mostraram que a condição "Facilidade de acesso ao apoio financeiro" apresenta a avaliação mais crítica entre todas as condições para empreender. A **Tabela 7.10** aprofunda essa análise ao detalhar suas diferentes dimensões, todas com pontuações baixas e inferiores às médias das economias.

Tabela 7.10 Média das notas[1] atribuídas pelos especialistas na avaliação objetiva relacionadas à condição: A2 – Facilidade de acesso ao apoio financeiro – Brasil e economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025

Afirmações	Média Brasil	Média das economias
Facilidade de acesso ao apoio financeiro	2,9	4,3
É fácil obter financiamento de dívidas (entendido como empréstimos bancários e similares) para empresas novas e em crescimento.	3,1	4,0
É fácil contratar serviços de apoio financeiro a um custo razoável para empresas novas e em crescimento.	2,9	4,5
É fácil para os empreendedores nascentes obterem "capital semente"/capital inicial necessário para cobrir as despesas iniciais e colocar em operação um novo negócio.	2,7	4,1
É fácil atrair investidores / fundos para fazer um novo negócio crescer, uma vez concluída a fase de operação inicial (pré *startup*).	3,0	4,5

Fonte: GEM 2025
[1] Notas atribuídas pelos especialistas em escala de 0 a 10, sendo 0 totalmente falsa e 10 totalmente verdadeira para afirmações que compõem a condição.

Em 2025, o Brasil registra a pontuação de 2,9 para a "facilidade de acesso ao apoio financeiro", substancialmente inferior à média das economias participantes (4,3). Isso sugere que o acesso ao financiamento é um importante gargalo do ecossistema empreendedor brasileiro.

A análise desagregada revela que as dificuldades são generalizadas entre os diversos mecanismos de financiamento. No que se refere ao acesso a crédito bancário e instrumentos similares, o Brasil apresenta pontuação de 3,1 (frente a 4 da média global), havendo precariedades no sistema financeiro tradicional para atender empresas novas e em crescimento. Essas limitações tendem a ser mais danosas para negócios no estágio inicial, pois enfrentam maior dificuldade de acesso ao crédito por terem seus fundamentos menos estabilizados e devido ao risco percebido mais elevado.

As dificuldades tornam-se mais evidentes no acesso a capital semente, essencial para a criação de novos empreendimentos. O Brasil registra pontuação de 2,7 nessa dimensão, frente a 4,1 da média global. Isso indica a existência de barreiras significativas para empreendedores nascentes obter esses recursos. Esse resultado reforça a existência de um fosso de financiamento, no qual negócios promissores não avançam por falta de recursos na fase inicial.

De forma semelhante, a facilidade de contratação de serviços de apoio financeiro apresenta pontuação de 2,9 (ante 4,5 da média global), enquanto a capacidade de atrair investidores ou fundos após a fase inicial do negócio registra 3, também abaixo da média global (4,5). Esses dados sugerem que as dificuldades não se restringem ao acesso inicial ao capital, mas se estendem ao longo de todo o ciclo de crescimento das empresas, restringindo seu potencial de crescimento.

Observa-se, portanto, que o ambiente financeiro brasileiro tem restrições graves tanto na oferta quanto no acesso aos diferentes modos de financiamento. Esse cenário pode comprometer não apenas a criação de novos negócios, mas também a expansão e a inovação das empresas em desenvolvimento. Nesse contexto, o fortalecimento de mecanismos de financiamento — incluindo

capital semente, crédito acessível e instrumentos de investimento — tem grande potencial para melhorar o ambiente empreendedor e ampliar a sustentabilidade dos empreendimentos no país.

7.3.3 Pesquisa e desenvolvimento

A análise da condição "Pesquisa e desenvolvimento", com base na **Tabela 7.11**, mostra que o Brasil apresenta um desempenho significativamente inferior à média das economias, configurando-se como uma das principais fragilidades do ambiente empreendedor nacional. Em 2025, o país registra a pontuação de 2,9, frente à média global de 4,1, indicando limitações relevantes na capacidade de geração, difusão e aplicação de conhecimento científico e tecnológico no contexto empresarial.

Tabela 7.11 Média das notas[1] atribuídas pelos especialistas na avaliação objetiva relacionadas à condição: E – Pesquisa e desenvolvimento – Brasil e economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025

Afirmações	Média Brasil	Média das economias
Pesquisa e desenvolvimento	2,9	4,1
As novas tecnologias, a ciência e outros conhecimentos são transferidos de modo eficiente pelas universidades e institutos de pesquisa públicos às empresas novas e em crescimento.	3,5	4,3
As empresas novas e em crescimento têm o mesmo acesso às novas pesquisas e tecnologias que empresas grandes e já estabelecidas.	2,4	3,9
As empresas novas e em crescimento podem custear o acesso a tecnologias de ponta.	1,9	3,6
Há subsídios e apoio governamental adequados para empresas novas e em crescimento adquirirem novas tecnologias.	3,1	3,9
Os centros de pesquisa científica e tecnológica são eficientes no apoio à criação de empresas de base tecnológica, que sejam competitivas em nível mundial, em pelo menos uma área.	3,6	4,6
Existe apoio suficiente para que engenheiros e cientistas possam explorar economicamente suas ideias por meio da criação de novas empresas.	3,0	4,3

Fonte: GEM 2025
[1] Notas atribuídas pelos especialistas em escala de 0 a 10, sendo 0 totalmente falsa e 10 totalmente verdadeira para afirmações que compõem a condição.

A avaliação desagregada revela que as limitações de pesquisa e desenvolvimento no Brasil se manifestam em múltiplas dimensões. No que se refere à transferência de conhecimento entre universidades e institutos de pesquisa e empresas, o país apresenta pontuação de 3,5, abaixo da média global (4,3), sugerindo que os mecanismos de interação entre universidade e empresa ainda são insuficientemente desenvolvidos. Essa lacuna reduz a capacidade de transformar conhecimento científico em inovação aplicada e em novos negócios.

As restrições tornam-se ainda mais evidentes no acesso às tecnologias. A percepção de que empresas novas e em crescimento têm acesso equivalente às novas pesquisas e tecnologias registra 2,4 no Brasil, frente a 3,9 da média internacional. Isso mostra assimetrias significativas entre empresas emergentes e organizações já estabelecidas. De forma ainda mais crítica, a capacidade de custear o acesso a tecnologias de ponta apresenta a menor pontuação do conjunto (1,9, contra 3,6 da média global), evidenciando barreiras financeiras relevantes para a inovação.

Quanto ao apoio institucional, os resultados também indicam limitações. Os subsídios e incentivos governamentais para aquisição de tecnologias registram 3,1 (ante 3,9 da média das economias), enquanto a eficiência dos centros de pesquisa no apoio à criação de empresas de base tecnológica apresenta 3,6 (frente a 4,6). Além disso, o suporte para que engenheiros e cientistas transformem suas ideias em novos negócios é avaliado em 3, também abaixo da média global (4,3), sugerindo fragilidades nos mecanismos de incentivo ao empreendedorismo tecnológico.

Diante dos resultados, percebe-se que os aspectos de pesquisa e desenvolvimento do Brasil apresentam limitações que afetam tanto a oferta quanto a difusão de conhecimento tecnológico. Essas fragilidades comprometem a capacidade de geração de inovações e de empreendimentos com maior valor agregado, restringindo o potencial competitivo das empresas e do país.

Nesse contexto, o fortalecimento das políticas de ciência, tecnologia e inovação, bem como a ampliação da integração entre universidades, centros de pesquisa e setor produtivo, constituem aspectos relevantes para a melhoria do empreendedorismo no Brasil, tornando-o mais inovador e intensivo em conhecimento.

7.3.4 Barreiras, concorrência e legislação no mercado interno

A análise da condição "Barreiras, concorrência e legislação no mercado interno" (**Tabela 7.12**) indica que o Brasil tem desempenho inferior à média internacional, evidenciando restrições relevantes para o funcionamento competitivo dos mercados.

Tabela 7.12 Média das notas[1] atribuídas pelos especialistas na avaliação objetiva relacionadas à condição: G2 – Barreiras, concorrência e legislação no mercado interno – Brasil e economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025

Afirmações	Média Brasil	Média das economias
Barreiras, concorrência e legislação no mercado interno	3,4	4,5
As empresas novas e em crescimento conseguem facilmente entrar em novos mercados.	3,4	4,6
As empresas novas e em crescimento conseguem arcar com os custos de entrada no mercado.	3,1	4,2
As empresas novas e em crescimento conseguem entrar no mercado sem ser barradas deslealmente por empresas estabelecidas.	3,5	4,5
A legislação antitruste é efetiva e bem aplicada.	3,7	4,7

Fonte: GEM 2025
[1] Notas atribuídas pelos especialistas em escala de 0 a 10, sendo 0 totalmente falsa e 10 totalmente verdadeira para afirmações que compõem a condição.

Em 2025, o país registra pontuação de 3,4 para essa condição para empreender, significativamente abaixo da média global (4,5). Esse resultado aponta para a existência de obstáculos consideráveis que dificultam a entrada, a permanência e a expansão de empresas novas e em crescimento.

A avaliação desagregada revela que essas limitações se manifestam em todas as dimensões consideradas. No que se refere à facilidade de entrada em novos mercados, o Brasil apresenta pontuação de 3,4, inferior à média internacional (4,6), indicando a presença de barreiras significativas para acessar novos segmentos e oportunidades de negócio. Essas dificuldades são reforçadas pela percepção de que os custos de entrada no mercado são elevados, com pontuação de 3,1 frente a 4,2 da média das economias.

Além disso, a concorrência no mercado interno também apresenta fragilidades. A percepção de que empresas novas conseguem competir sem serem deslealmente prejudicadas por empresas estabelecidas registra 3,5 no Brasil, abaixo da média internacional (4,5). Esse resultado sugere a existência de assimetrias competitivas que favorecem organizações já consolidadas, limitando a renovação do mercado e reduzindo as possibilidades de inovação, principalmente para os novos negócios.

No campo regulatório, a efetividade da legislação antitruste apresenta pontuação de 3,7, também inferior à média global (4,7), indicando que os mecanismos institucionais de promoção da concorrência ainda não operam de forma plenamente eficaz. Essa limitação compromete a livre concorrência e

dificulta a atuação de novos entrantes, que tendem a ser micro ou pequenos negócios.

Percebe-se que o ambiente competitivo brasileiro é caracterizado por barreiras que restringem a entrada e o crescimento de novas empresas. Essas limitações afetam diretamente a dinâmica concorrencial e a eficiência do mercado, reduzindo o potencial de inovação e de geração de valor dos negócios.

Nesse contexto, o fortalecimento de políticas públicas voltadas à promoção da concorrência, à redução de barreiras regulatórias e ao aprimoramento da legislação é importante para a melhoria do ambiente empreendedor no país.

7.4 Empreendedorismo e burocracia no Brasil

A análise da condição "Burocracia e impostos" com base na **Tabela 7.13** indica que o Brasil apresenta desempenho de 4,1, inferior à média internacional em 2025 (4,6). Esse resultado sugere que, apesar de avanços pontuais, o ambiente regulatório brasileiro ainda impõe restrições relevantes à criação e ao desenvolvimento de negócios.

Tabela 7.13 Média das notas[1] atribuídas pelos especialistas na avaliação objetiva relacionadas à condição: B2 – Burocracia e impostos – Brasil e economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025

Afirmações	Média Brasil	Média das economias
Burocracia e impostos	4,1	4,6
Os empreendedores podem registrar novas empresas/negócios a um custo razoável.	6,2	6,5
As novas empresas conseguem realizar todos os trâmites administrativos e legais (obtenção de permissões, licenças e concessões) em aproximadamente uma semana.	4,5	4,1
A carga de impostos e taxas não constitui uma barreira para a criação de novas empresas e impulsionar o crescimento das empresas em geral.	3,7	4,3
Os tributos e outras regulamentações governamentais são aplicados à criação de novas empresas e ao crescimento das estabelecidas de forma previsível e coerente.	3,4	4,6
Lidar com os trâmites burocráticos, regulamentações e obter as licenças necessárias para atuar legalmente não representa uma dificuldade especial para as empresas novas e em crescimento.	3,1	3,8

Fonte: GEM 2025
[1] Notas atribuídas pelos especialistas em escala de 0 a 10, sendo 0 totalmente falsa e 10 totalmente verdadeira para afirmações que compõem a condição.

A consideração desagregada das condições para empreender (EFCs) revela um quadro heterogêneo. No que se refere ao custo de abertura de empresas, o Brasil apresenta desempenho relativamente positivo (6,2), próximo à média das economias (6,5). Assim, os custos diretos de formalização não constituem uma barreira significativa. De forma complementar, o tempo necessário para a realização de trâmites administrativos e legais de formalização (4,5) tem avaliação pouco acima da média global (4,1). Ainda assim, por se tratar de um indicador abaixo do ponto médio da escala (5), esse aspecto permanece como uma limitação, sugerindo a necessidade de melhorias na agilidade dos processos.

As demais dimensões avaliadas apresentam limitações ainda mais preocupantes. A percepção de que impostos e taxas não constituem uma barreira registra apenas 3,7 no Brasil, abaixo da média global (4,3), com a tributação permanecendo dificultadora por ser onerosa. De forma ainda mais crítica, o item que trata da previsibilidade e da coerência das regulamentações apresenta pontuação de 3,4 (frente a 4,6 da média das economias), indicando incertezas no ambiente institucional que podem prejudicar decisões de investimento e crescimento.

Adicionalmente, a complexidade burocrática permanece como um desafio relevante. A percepção de que lidar com trâmites, regulamentações e licenças não representa uma dificuldade especial registra 3,1 no Brasil, abaixo da média global (3,8). Apesar de avanços observados nas últimas décadas que facilitaram o início e o desenvolvimento de atividades empresariais[21], a abertura de empresas, a gestão regulatória ao longo do ciclo de vida do negócio ainda é considerada onerosa e complexa.

De modo geral, os resultados evidenciam que o ambiente regulatório brasileiro apresenta sérias fragilidades a serem superadas quanto à carga tributária, previsibilidade normativa e complexidade burocrática. O aprimoramento do sistema tributário, o barateamento de taxas e impostos, a simplificação regulatória e o aumento da previsibilidade são aspectos fundamentais para o fortalecimento do empreendedorismo brasileiro.

Ainda na linha dos fatores que dificultam e inibem o empreendedorismo no Brasil, a **Tabela 7.14** apresenta a frequência de enfrentamento de problemas burocráticos por empreendedores no país. Os dados indicam que uma parcela significativa dos empreendedores enfrenta problemas burocráticos em diferentes esferas e níveis de governo.

Tabela 7.14 Percentual dos empreendedores[1] que já enfrentaram algum problema com a burocracia junto a órgãos de governo – Brasil – 2025

Órgãos de governo	Percentual de empreendedores (%)							
	18 a 64 anos					65 a 74 anos		
	Iniciais			Estabelecidos	Total	Total (iniciais)	Estabelecidos	Total
	Nascentes	Novos	Total (iniciais)					
Governo Federal	5,5	6,1	5,9	7,2	6,2	1,3	5,8	4,1
Governo Estadual	4,7	4,5	4,4	5,2	4,3	0,0	3,5	2,2
Governo Municipal (Prefeitura)	8,8	10,3	9,5	10,2	9,3	0,0	5,8	3,6
Em mais de uma esfera de governo	3,2	3,4	3,3	8,9	6,0	1,3	19,7	12,5
Total	22,2	24,4	23,1	31,5	25,7	2,6	34,9	22,3

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Pesquisa com a população adulta de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos.

Em 2025, 25,7% dos empreendedores de 18 a 64 anos relatam já ter enfrentado algum tipo de problema, um percentual que se eleva a 31,5% entre empreendedores estabelecidos. Parece, portanto, que as dificuldades tendem a se intensificar ao longo do ciclo de vida dos negócios.

A desagregação por esfera de governo evidencia que os maiores entraves se concentram no nível municipal. Entre os empreendedores de 18 a 64 anos, 9,5% dos empreendedores iniciais (sendo 8,8% nascentes e 10,3% novos) relatam problemas com prefeituras, percentual que se mantém elevado entre empreendedores estabelecidos (10,2%). Esse resultado sugere que a burocracia local, frequentemente associada a licenças, alvarás e regulamentações específicas, representa um dos principais pontos de fricção para os empreendedores com as autoridades e o poder público.

[21] São exemplos desses avanços: a Lei Complementar nº 123/2006 (Lei Geral da Micro e Pequena Empresa); a criação do Microempreendedor Individual (MEI), instituído pela Lei Complementar nº 128/2008 e implementado em 2009; a Rede Nacional para a Simplificação do Registro e da Legalização de Empresas e Negócios (REDESIM), estabelecida pela Lei nº 11.598/2007; e o Marco Legal das Startups (Lei Complementar nº 182/2021).

No âmbito federal, os percentuais são menores, mas ainda relevantes: 5,9% dos empreendedores iniciais e 7,2% dos estabelecidos relatam dificuldades. No nível estadual, os percentuais são menores ainda, com 4,4% entre empreendedores iniciais e 5,2% entre estabelecidos, configurando-se como menor incidência de problemas burocráticos.

Um aspecto particularmente relevante refere-se à ocorrência de problemas burocráticos em qualquer esfera de governo (25,7%). Entre os empreendedores estabelecidos de 18 a 64 anos, 8,9% relatam enfrentar problemas simultaneamente em mais de um nível governamental. Os problemas desgastantes com a burocracia no Brasil para os empreendedores não se limitam, portanto, a uma única esfera, mas afligem um quarto deles nas variadas esferas.

De modo geral, os resultados evidenciam que a burocracia e a relação com órgãos de governo continuam sendo fatores limitantes para o empreendedorismo no Brasil, especialmente no nível municipal e na interação com múltiplas esferas. Esse cenário reforça os diagnósticos anteriores sobre a complexidade regulatória e aponta para a necessidade de maior coordenação entre órgãos e níveis governamentais, simplificação de procedimentos e integração institucional. Tais avanços podem reduzir custos de conformidade, tentativas frustrantes de solução e efeitos desestimulantes, avanços que facilitariam o desenvolvimento dos negócios.

Enfrentamento de problemas burocráticos segundo esfera de governo por empreendedores de 65 a 74 anos.

Entre os empreendedores de 65 a 74 anos, os percentuais totais são semelhantes ou até superiores aos observados na faixa etária de 18 a 64 anos (**Tabela 7.14**), com destaque para a incidência de problemas em mais de uma esfera de governo (19,7% entre os empreendedores iniciais). Nesse sentido, os dissuasores do empreendedorismo são também relevantes para os empreendedores seniores, que podem senti-los ainda mais intensamente por já terem o chamado do sossego e da aposentadoria.

7.5 Evidências complementares da pesquisa com especialistas

As opiniões e recomendações espontâneas dos especialistas sintetizam os aspectos considerados mais favoráveis à abertura e ao desenvolvimento de negócios no Brasil. Os temas dessas opiniões e recomendações, apresentados na **Tabela 7.15**, estão muito frequentemente associados ao papel do Estado e à legislação, embora também incluam, em menor proporção, fatores institucionais, de preparo e outros para empreendedores e negócios.

Tabela 7.15 Manifestações espontâneas dos especialistas[1] sobre fatores favoráveis para a abertura e manutenção de novos negócios – Brasil – 2025

Fatores considerados como favoráveis	Percentual de menções[2] (%)
Políticas governamentais	15,4
Programas governamentais	11,5
Transformação digital	9,6
Abertura de mercado/barreiras à entrada	9,6
Apoio financeiro	9,6
Capacidade empreendedora	7,7
Contexto político, institucional e social	7,7
Clima econômico	3,8
Pesquisa e desenvolvimento	3,8
Normas culturais e sociais	3,8
Informações	1,9
Educação e capacitação	1,9
Sustentabilidade, responsabilidade social	1,9
Acesso à infraestrutura física	1,9
Empreendedorismo feminino	1,9
Infraestrutura comercial e profissional	1,9
Características da força de trabalho	1,9
Nível de desemprego	1,9
Novas oportunidades de negócios	1,9
Total	100,0

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Nas manifestações espontâneas os especialistas não citam diretamente o fator. As respostas sobre o que consideram favorável à atividade empreendedora são interpretadas e categorizadas pela equipe GEM.
[2] Percentual dos respondentes que mencionaram o fator.

Em 2025, as políticas governamentais aparecem como o fator mais mencionado, com 15,4% das citações, seguidas pelos programas governamentais (11,5%), indicando que as iniciativas públicas continuam sendo percebidas pelos especialistas como elementos centrais para o estímulo à atividade empreendedora.

Além do papel governamental, observa-se a relevância de outros fatores de apoio, relacionados à transformação digital, à abertura de mercado/barreiras à entrada, bem como ao apoio financeiro, todos com 9,6% das menções. Esses resultados evidenciam a importância de um ambiente econômico mais dinâmico, competitivo e apoiado por novas tecnologias, sugerindo que o avanço digital e a redução de barreiras institucionais podem contribuir para as melhorias do empreendedorismo brasileiro.

Outro conjunto de fatores refere-se às dimensões individuais e contextuais do empreendedorismo. A capacidade empreendedora e o contexto político, institucional e social registram 7,7% das menções cada, evidenciando que tanto as competências dos indivíduos quanto esses aspectos de contexto são relevantes para a criação e o desenvolvimento de negócios.

Em um nível intermediário de relevância, aparecem fatores como clima econômico, pesquisa e desenvolvimento e normas culturais e sociais, todos os três com 3,8% das citações. Esses aspectos apontam para a importância de condições econômicas favoráveis, do fortalecimento do sistema de inovação e de um ambiente sociocultural que valorize o empreendedorismo.

Outros fatores são mencionados com menor frequência, como educação e capacitação, infraestrutura, empreendedorismo feminino, sustentabilidade e novas oportunidades de negócios. Embora menos citados, esses aspectos refletem dimensões complementares do ecossistema empreendedor, indicando que o ambiente de negócios é influenciado por um conjunto amplo e interdependente de fatores.

Os resultados sugerem que os especialistas percebem o contexto do empreendedorismo brasileiro como fortemente condicionado por fatores

institucionais e de políticas públicas, mas também reconhecem a crescente necessidade de melhoria de outros viabilizadores, como a digitalização e a dinâmica de mercado. Para se chegar aos aperfeiçoamentos necessários, são recomendáveis políticas públicas integradas que articulem regulação, facilitação da inovação, capacitação e acesso a recursos, visando um ecossistema empreendedor sistemicamente fortalecido.

Segundo a **Tabela 7.16**, as recomendações dos especialistas para melhorar o empreendedorismo brasileiro concentram-se, principalmente, em fatores institucionais e de política pública. Em 2025, as políticas governamentais aparecem como principal eixo de intervenção (24,5% das menções), seguidas pelo apoio financeiro (18,9%) e por educação e capacitação (13,2%). Esses resultados indicam que, na percepção dos especialistas, a melhoria do ambiente de negócios depende de reformas em políticas públicas, da ampliação do acesso a recursos e do fortalecimento das competências empreendedoras.

Tabela 7.16 Recomendações dos especialistas: áreas de intervenção para melhoria das condições para empreender no país[1] – Brasil – 2025

Condições em que se enquadram as recomendações	Percentual de menções[2] (%)
Políticas governamentais	24,5
Apoio financeiro	18,9
Educação e capacitação	13,2
Programas governamentais	9,4
Contexto político, institucional e social	5,7
Custos do trabalho, acesso e regulamentação	5,7
Pesquisa e desenvolvimento	3,8
Abertura de mercado/barreiras à entrada	3,8
Normas culturais e sociais	3,8
Capacidade empreendedora	3,8
Infraestrutura comercial e profissional	1,9
Acesso à infraestrutura física	1,9
Informações	1,9
Sustentabilidade, responsabilidade social	1,9
Total	100,0

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Nas manifestações espontâneas os especialistas não citam diretamente o fator. As respostas sobre o que consideram favorável à atividade empreendedora são interpretadas e categorizadas pela equipe GEM.
[2] Percentual dos respondentes que mencionaram o fator.

As recomendações também destacam a necessidade de aprimorar os instrumentos de implementação dessas políticas públicas. Os programas governamentais concentram 9,4% das menções, enquanto os fatores relacionados ao contexto político, institucional e social, bem como os custos do trabalho, acesso e regulamentação, registram 5,7% cada. Esses dados sugerem que não apenas o desenho das políticas, mas também sua execução, estabilidade e coerência regulatória são elementos importantes para o desenvolvimento do empreendedorismo no país.

Em um segundo nível de prioridade, aparecem fatores relacionados à inovação e ao funcionamento dos mercados. Pesquisa e desenvolvimento, abertura de mercado/barreiras à entrada, normas culturais e sociais e capacidade empreendedora registram 3,8% das menções cada, indicando que o fortalecimento do ecossistema de inovação, a redução de entraves competitivos e o estímulo à cultura empreendedora também são dimensões relevantes.

Por fim, aspectos como infraestrutura comercial e profissional, acesso à infraestrutura física, informações e sustentabilidade e responsabilidade social apresentam menor frequência entre as recomendações (1,9%), mas refletem dimensões complementares do ecossistema empreendedor. Embora menos citados, esses fatores contribuem para a qualidade do ambiente de negócios e podem exercer papel relevante em contextos específicos.

Diante do quadro apresentado, os dados apontam para um diagnóstico consistente ao longo do relatório: o ambiente empreendedor brasileiro demanda intervenções sistêmicas, com ênfase na melhoria das políticas públicas, no acesso a financiamento e na qualificação dos empreendedores. A convergência entre recomendações e avaliações anteriores sugere que os principais desafios são conhecidos e recorrentes, indicando a necessidade de maior coordenação, continuidade e efetividade das ações voltadas ao fortalecimento do ecossistema empreendedor no país.

7.6 Condições específicas para o empreendedorismo feminino

A avaliação das condições relacionadas ao empreendedorismo feminino no Brasil em 2025, apresentada na **Tabela 7.17**, mostra o conjunto de fatores associados a serviços, regulamentações e normas culturais, alcançando pontuação geral de 3 pontos, significativamente inferior à média internacional (4,1). Esse resultado sugere que o Brasil tem condições particularmente mais difíceis para as mulheres empreenderem em comparação às demais economias analisadas.

Tabela 7.17 Média das notas[1] atribuídas pelos especialistas na avaliação objetiva relacionadas ao "empreendedorismo feminino" – Brasil e economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025

Afirmações	Média Brasil	Média das economias
Serviços, regulamentações e normas culturais	3,0	4,1
Existem serviços de apoio suficientes (ou seja, creches, serviços domésticos, programas de contraturno escolar, de cuidado com idosos...) para que as mulheres possam continuar com seus negócios mesmo depois de terem começado uma família.	2,9	4,4
Os serviços de apoio (ou seja, creches, serviços domésticos, programas de contraturno escolar, de cuidado com idosos...) têm preços acessíveis de forma que as mulheres podem utilizá-los e, assim, continuar com seus negócios mesmo depois de terem começado uma família.	2,6	4,1
O arcabouço legal para o empreendedorismo é tão favorável que as mulheres preferem se tornar empreendedoras em vez de se tornarem funcionárias públicas ou trabalhar para empresas privadas.	2,9	3,5
A cultura nacional incentiva as mulheres, tanto quanto os homens, a se tornarem autônomas ou iniciar um novo negócio próprio.	3,8	4,7
Acessibilidade de recursos	5,7	5,1
Os mercados são geralmente mais acessíveis para os empreendedores do sexo masculino do que para as mulheres.	6,6	5,7
O atendimento às compras públicas é geralmente mais acessível para os empreendedores do sexo masculino do que para as mulheres.	4,8	4,8
O acesso ao financiamento (de qualquer tipo de fonte de financiamento) é geralmente mais fácil para os empreendedores do sexo masculino do que para as mulheres.	5,4	5,0
A obtenção de capital inicial *seed money* (de qualquer tipo de fonte de financiamento) é geralmente mais fácil para os empreendedores do sexo masculino do que para as mulheres.	5,7	5,0

Fonte: GEM 2025
[1] Notas atribuídas pelos especialistas em escala de 0 a 10, sendo 0 totalmente falsa e 10 totalmente verdadeira para afirmações que compõem a condição.

A análise detalhada evidencia fragilidades, principalmente no que se refere aos serviços de apoio à conciliação entre atividade empresarial e responsabilidades familiares. A disponibilidade de serviços de apoio, como creches e cuidados com idosos, registra 2,9 no Brasil (ante 4,4 na média global), enquanto os preços desses serviços apresentam pontuação ainda menor (2,6 frente a 4,1). Esses resultados indicam que a disponibilidade e o preço dos serviços de apoio são obstáculos relevantes no Brasil, limitando a criação e o desenvolvimento de negócios liderados por mulheres.

O arcabouço legal para o empreendedorismo feminino registra pontuação de 2,9 (frente a 3,5 da média das economias), enquanto o incentivo da cultura nacional para o empreendedorismo das mulheres atinge 3,8 (ante 4,7). Esses resultados indicam que as leis e a cultura nacional precisam de aperfeiçoamento para impulsionar de forma mais efetiva o empreendedorismo feminino.

Por sua vez, a dimensão de acessibilidade de recursos foi avaliada distintamente, com 5,7 pontos no Brasil, superior à média das economias (5,1). No entanto, essa aparente vantagem deve ser entendida com cautela, uma vez que reflete desigualdades de acesso entre homens e mulheres. A pontuação acima de 5 reflete uma percepção de que os recursos são mais acessíveis aos homens do que às mulheres. Essa assimetria brasileira é particularmente evidente no acesso a mercados (6,6 no Brasil frente a 5,7 da média global), bem como na obtenção de capital inicial (5,7 frente a 5).

Análises comparativas com avaliações entre as economias reforçam esse diagnóstico. Conforme apresentado na **Tabela auxiliar A7.4**, o Brasil tem desempenho inferior à média global tanto na dimensão P1 (serviços, regulamentações e normas culturais), com pontuação de 3 frente a 4,1 da média global, além de ficar abaixo da média das economias de nível de renda B (3,8), ocupando a 24ª posição entre essas economias. Por outro lado, na dimensão P2 (acessibilidade de recursos), o país apresenta pontuação de 5,7, acima da média global (5,1) e da média do nível de renda B (4,9), alcançando a terceira posição nesse grupo e a 11ª posição no *ranking* geral.

Portanto, importantes desafios para o empreendedorismo feminino no Brasil não residem apenas na disponibilidade de recursos, mas envolvem um conjunto mais amplo de fatores estruturais que moldam o ambiente empreendedor. A combinação de limitações na infraestrutura de apoio, barreiras culturais e desigualdades de acesso evidencia a necessidade de políticas públicas integradas que articulem o fortalecimento do empreendedorismo feminino, a inclusão econômica e o desenvolvimento institucional, promovendo um ecossistema empreendedor mais equitativo e inclusivo.

Os dados da **Tabela 7.18** sugerem que a maioria da população brasileira reconhece a existência de desigualdades de gênero no acesso ao empreendedorismo. Em 2025, 63,6% dos respondentes de 18 a 64 anos afirmam que as mulheres enfrentam mais dificuldades do que os homens para começarem a empreender. Essa percepção é ainda mais acentuada entre as próprias mulheres, alcançando 73,4% na faixa de 18 a 64 anos, frente a 53,1% entre os homens, evidenciando diferenças relevantes na percepção das barreiras enfrentadas.

A análise das seis dificuldades (**Tabela 7.18**) revela que os principais entraves estão relacionados à sobrecarga de responsabilidades domésticas e familiares. Entre os respondentes de 18 a 64 anos, 88,8% apontam que as mulheres dispõem de menos tempo devido ao maior envolvimento em atividades do lar e de cuidado para a família. Esse resultado, indica que, segundo a percepção dos entrevistados, a divisão desigual do trabalho doméstico é um dos principais obstáculos à atividade empreendedora feminina.

Além disso, fatores relacionados ao acesso a recursos e oportunidades também se destacam. A percepção de menor acesso a recursos financeiros é mencionada por 76% dos respondentes de 18 a 64 anos, enquanto 78,8% deles indicam que as mulheres têm menos disponibilidade e oportunidades para se autodesenvolverem em temas relacionados ao empreendedorismo por meio da participação em atividades formativas. O menor apoio da família e de amigos também é citado por uma parcela significativa (75,1%), sugerindo que as redes de suporte social são menos favoráveis às mulheres.

Tabela 7.18 Percentual[1] de quem acredita que as mulheres enfrentam mais dificuldades que os homens para se tornarem empreendedoras – Brasil – 2025

Acredita que as mulheres enfrentam mais dificuldades que os homens para se tornarem empreendedoras?	Percentual de empreendedores (%)					
	18 a 64 anos			65 a 74 anos		
	Total	Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino
	63,6	53,1	73,4	64,8	60,5	68,2
Dificuldades[1]						
Menos vocação para o empreendedorismo.	28,2	27,3	28,9	30,2	23,0	34,7
Menos apoio da família/amigos para empreender.	75,1	71,7	77,4	74,2	75,3	73,1
Menos tempo, pois trabalham mais em atividades do lar, cuidado dos filhos e familiares.	88,8	84,0	92,1	88,3	90,3	86,6
Menos tempo/oportunidade para participar de cursos na área de empreendedorismo.	78,8	75,8	80,9	71,0	60,7	78,2
Menos acesso a recursos financeiros para empreender.	76,0	68,9	80,6	78,6	66,9	87,4
Menos confiança para empreender.	49,4	46,5	51,1	42,8	37,8	46,6

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual da população de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos
[2] Correspondem aos que responderam afirmativamente à questão: Acredita que as mulheres enfrentam mais dificuldades que os homens para se tornarem empreendedoras?

Outras dimensões relevantes incluem fatores subjetivos e culturais. A percepção de menor confiança para empreender é mencionada por 49,4% dos respondentes, enquanto 28,2% apontam a ideia de menor vocação para o empreendedorismo — um dado que pode refletir persistência de estereótipos de gênero na sociedade.

De modo geral, os resultados evidenciam que as barreiras ao empreendedorismo feminino no Brasil são multifacetadas, envolvendo tanto fatores estruturais — como acesso a recursos e divisão do trabalho doméstico — quanto dimensões culturais e sociais.

Percepção sobre as dificuldades enfrentadas pelas mulheres para empreender - população de 65 a 74 anos.

Entre os respondentes de 65 a 74 anos, os percentuais também permanecem relativamente próximos entre os sexos (60,5% entre os homens e 68,2% entre as mulheres) quanto à percepção de que as mulheres enfrentam mais dificuldades do que os homens para se tornarem empreendedoras. Esses resultados sugerem que essa percepção é compartilhada por ambos os grupos, embora apareça de forma mais intensa entre as mulheres. (**Tabela 7.18**). Destaca-se a forte percepção de que as mulheres enfrentam restrições relacionadas à sobrecarga de responsabilidades domésticas e familiares, apontada por 86,6% das mulheres e por 90,3% dos homens (88,3% do total de participantes), mantendo-se como a principal dificuldade identificada nessa faixa etária. Também se sobressaem as barreiras ligadas ao acesso a recursos financeiros apontada por 78,6% do total dessa faixa, e ao menor apoio da família e amigos para empreender, apontada por 74,2% do total dessa faixa. Além disso, observa-se percentual elevado associado à percepção de menores possibilidades para aperfeiçoarem sua formação empreendedora, indicado por 71% do total dessa faixa. Em contraste, a ideia de que as mulheres possuem menos vocação para o empreendedorismo é apontado apenas por 30,2% do total da faixa, ou que possuem menos confiança para empreender, também apontado por 42,8% do total da faixa. Isso sugere que, para os respondentes mais velhos, as principais barreiras ao empreendedorismo feminino estão mais associadas a fatores estruturais, sociais e de acesso a recursos do que a características individuais.

Retomando as respostas dos próprios empreendedores na pesquisa GEM Brasil 2025, a **Tabela 7.19** indica que uma parcela relevante deles recorre a algum tipo de apoio para empreender, embora ainda haja espaço para ampliação desse comportamento. Em 2025, 43,4% dos homens e 40,5% das mulheres empreendedores de 18 a 64 anos declararam ter procurado algum tipo de apoio.

Tabela 7.19 Percentual do total de empreendedores segundo a busca de órgãos de apoio por sexo – Brasil – 2025

Órgãos de apoio	Percentual dos empreendedores[1] (%)			
	18 a 64 anos		65 a 74 anos	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Procurou algum órgão de apoio	43,4	40,5	42,4	37,4
Principais órgãos de apoio procurados[2]				
Contador	46,5	38,6	16,4	36,2
Sebrae	33,9	38,6	11,9	44,6
Advogado	18,0	8,9	13,0	0,0
Senai	17,3	14,9	7,5	0,0
Senac	11,0	20,7	42,7	22,9
Consultoria privada	2,9	4,8	0,0	0,0
Outro[3]	11,3	5,3	8,5	30,7

Fonte: GEM Brasil 2025
[1] Percentual do total de empreendedores de 18 a 64 anos e 65 a 74 anos.
[2] A soma dessas opções pode não totalizar 100% pelo fato de ocorrerem respostas múltiplas.
[3] Nessa classificação para o Brasil se enquadram: Associação de classe, FIRJAN, instituições de ensino, instituições financeiras (bancos), Senar, Senat, Sesi e Sindicato.

O levantamento das principais fontes de apoio revela padrões distintos entre homens e mulheres. Entre os empreendedores de 18 a 64 anos, o contador aparece como o apoio mais frequentemente procurado para ambos os grupos, sendo mais frequente entre homens (46,5%) do que entre mulheres (38,6%). Esse resultado evidencia a centralidade de serviços contábeis no suporte ao desenvolvimento de negócios no Brasil.

Por outro lado, instituições de capacitação e apoio ao empreendedorismo são mais comuns entre as mulheres. O Sebrae é procurado por 38,6% das mulheres, frente a 33,9% dos homens, enquanto o Senac registra uma diferença ainda mais expressiva (20,7% entre mulheres, contra 11% entre homens). Esses dados sugerem que as mulheres tendem a recorrer com maior frequência a instituições voltadas ao desenvolvimento de competências e qualificação profissional.

De modo geral, os resultados indicam que, embora uma parcela significativa dos empreendedores busque apoio, esse comportamento ainda não é generalizado e apresenta variações por gênero e faixa etária. A maior utilização de instituições de capacitação por mulheres sugere que elas mais frequentemente priorizam o fortalecimento de competências, enquanto a predominância de serviços contábeis entre homens pode refletir um foco mais frequente deles em aspectos operacionais e regulatórios. Esses achados reforçam a importância de se ampliar o acesso e a atratividade dos serviços de apoio, bem como de se desenvolverem políticas públicas e programas mais sensíveis às especificidades dos diferentes perfis de empreendedores.

Busca por apoio ao empreendedorismo entre indivíduos de 65 a 74 anos

Entre os empreendedores mais velhos (65 a 74 anos), observa-se maior heterogeneidade nos padrões de busca por apoio. Destaca-se a elevada procura pelo Senac entre homens (42,7%) e pelo Sebrae entre mulheres (44,6%), indicando que instituições de qualificação e apoio empresarial permanecem relevantes ao longo do ciclo de vida empreendedor. Por outro lado, a busca por serviços especializados, como advogados e consultorias privadas, apresenta baixa incidência, especialmente entre as mulheres (**Tabela 7.19**).

Tabela auxiliar A7.1 Índice do Contexto Nacional de Empreendedorismo (NECI) e posicionamento das economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025

Níveis de renda[3]	Economias	Regiões[4]	NECI	Posição geral[3]	Posição no grupo de renda[4]
Nível A	Alemanha	E&NA	4,7	24ª	19ª
	Arábia Saudita	OM&A	6,4	3ª	3ª
	Áustria	E&NA	4,9	18ª	14ª
	Bahrein	OM&A	5,9	7ª	6ª
	Canadá	E&NA	5,2	14ª	11ª
	Catar	OM&A	6,0	6ª	5ª
	Chipre	E&NA	4,2	36ª	24ª
	Coreia do Sul	A	5,9	8ª	7ª
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	7,0	1ª	1ª
	Eslovênia	E&NA	4,1	41ª	26ª
	Espanha	E&NA	4,4	31ª	21ª
	Estados Unidos	E&NA	4,8	20ª	15ª
	Finlândia	E&NA	5,7	10ª	9ª
	França	E&NA	5,0	16ª	12ª
	Israel	OM&A	4,8	21ª	16ª
	Itália	E&NA	4,3	33ª	22ª
	Japão	A	4,9	17ª	13ª
	Lituânia	E&NA	6,4	4ª	4ª
	Luxemburgo	E&NA	4,4	30ª	20ª
	Noruega	E&NA	4,8	23ª	18ª
	Países Baixos	E&NA	5,6	11ª	10ª
	Polônia	E&NA	4,3	34ª	23ª
	Porto Rico	ALC	4,0	45ª	27ª
	Reino Unido	E&NA	4,2	37ª	25ª
	Suécia	E&NA	4,8	22ª	17ª
	Suíça	E&NA	5,7	9ª	8ª
	Taiwan	A	6,5	2ª	2ª
	Média Nível A		**5,1**	-	-
Nível B	África do Sul	OM&A	3,9	47ª	20ª
	Angola	OM&A	3,1	53ª	26ª
	Argélia	OM&A	4,3	32ª	11ª
	Argentina	ALC	4,2	39ª	14ª
	Brasil	**ALC**	**4,0**	**44ª**	**18ª**
	Chile	ALC	4,6	27ª	8ª
	Costa Rica	ALC	3,8	50ª	23ª
	Croácia	E&NA	4,4	29ª	10ª
	Egito	OM&A	4,3	35ª	12ª
	El Salvador	ALC	4,5	28ª	9ª
	Equador	ALC	4,0	42ª	16ª
	Eslováquia	E&NA	3,8	51ª	24ª
	Estônia	E&NA	5,6	13ª	3ª
	Guatemala	ALC	3,8	49ª	22ª
	Hungria	E&NA	3,8	48ª	21ª
	Índia	A	6,2	5ª	1ª
	Jordânia	OM&A	4,8	19ª	5ª
	Letônia	E&NA	5,1	15ª	4ª
	Marrocos	OM&A	4,2	40ª	15ª
	México	ALC	4,0	43ª	17ª
	Omã	OM&A	5,6	12ª	2ª
	Peru	ALC	3,9	46ª	19ª
	Romênia	E&NA	4,6	26ª	7ª
	Tailândia	A	4,7	25ª	6ª
	Uruguai	ALC	4,2	38ª	13ª
	Venezuela	ALC	3,2	52ª	25ª
	Média Nível B		**4,3**	-	-
Médias das economias			**4,8**	-	-

Fonte: GEM 2025

[1] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.

[2] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

[3] Classificação no *ranking* considerando o conjunto das 53 economias participantes da pesquisa NES em 2025.

[4] Classificação no *ranking* considerando as economias do mesmo grupo de renda (Nível A ou B).

Tabela auxiliar A7.2 Pontuações das condições que afetam o empreendedorismo (EFCs) – economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025

Níveis de renda[1]	Economias	Regiões[2]	Condições que afetam o empreendedorismo - EFC[3]												
			A1	A2	B1	B2	C	D1	D2	E	F	G1	G2	H	I
Nível A	Alemanha	E&NA	4,8	4,4	4,3	4,1	6,1	2,5	4,5	4,7	6,0	5,3	5,0	5,8	4,2
	Arábia Saudita	OM&A	6,6	5,8	6,9	6,8	6,8	5,1	5,9	5,7	6,0	6,6	6,2	8,0	7,4
	Áustria	E&NA	4,4	4,5	4,2	3,9	6,5	2,6	5,1	4,7	5,6	5,5	4,7	7,2	4,2
	Bahrein	OM&A	5,0	5,1	6,4	6,2	6,0	5,0	6,2	4,6	6,2	6,1	5,9	7,6	7,0
	Canadá	E&NA	4,9	4,8	4,6	5,2	5,1	4,3	5,4	4,6	6,0	5,7	5,0	6,6	5,7
	Catar	OM&A	5,3	4,8	5,9	6,5	6,0	5,9	5,9	5,5	6,4	5,8	5,3	7,9	7,2
	Chipre	E&NA	4,1	3,8	4,0	4,7	3,7	2,6	4,2	3,6	5,0	5,1	4,0	6,2	4,1
	Coreia do Sul	A	5,4	5,4	6,3	6,2	6,2	4,9	5,5	5,1	5,5	7,9	4,9	7,5	6,0
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	6,4	6,4	7,6	7,6	7,0	5,4	7,0	6,9	7,2	7,6	7,3	8,0	7,1
	Eslovênia	E&NA	4,0	3,7	3,3	3,3	4,3	2,5	4,0	3,8	5,2	5,7	4,1	5,8	3,2
	Espanha	E&NA	4,0	3,8	3,3	3,8	5,1	2,3	5,1	4,2	6,0	4,6	3,8	6,7	4,1
	Estados Unidos	E&NA	4,7	4,2	3,6	5,2	3,8	3,0	4,7	3,5	6,0	5,9	4,1	6,6	7,0
	Finlândia	E&NA	5,4	5,8	4,7	5,7	5,8	5,2	6,0	5,3	6,9	5,3	5,5	8,5	4,7
	França	E&NA	5,2	5,2	5,1	4,4	5,9	2,7	5,5	4,6	5,9	4,9	4,5	7,0	4,1
	Israel	OM&A	5,6	4,6	3,3	4,0	3,7	3,0	3,9	4,2	6,4	4,7	4,0	6,8	8,0
	Itália	E&NA	4,6	3,7	3,9	3,0	3,9	3,2	4,6	4,2	5,0	5,9	4,4	5,1	4,5
	Japão	A	4,6	4,5	6,1	5,1	4,7	2,6	4,7	4,8	4,4	6,4	4,2	7,2	3,8
	Lituânia	E&NA	6,0	6,0	5,7	6,3	6,6	5,7	6,6	5,7	6,8	6,4	6,4	7,7	6,9
	Luxemburgo	E&NA	4,5	4,0	4,1	4,5	5,5	2,4	4,3	3,9	5,7	3,1	4,1	6,5	4,2
	Noruega	E&NA	4,0	3,6	3,3	4,6	5,8	3,6	4,7	4,2	6,3	4,5	5,1	7,5	4,7
	Países Baixos	E&NA	6,0	5,6	4,9	5,7	5,7	5,3	6,0	5,4	6,4	4,4	5,3	6,6	5,9
	Polônia	E&NA	4,6	3,7	3,5	4,3	4,2	2,1	3,5	3,5	5,0	6,7	4,1	6,0	4,8
	Porto Rico	ALC	3,5	3,2	3,2	2,8	3,9	2,4	5,3	3,2	4,8	5,8	3,8	4,9	5,4
	Reino Unido	E&NA	4,2	3,6	3,7	4,4	3,7	2,7	4,1	3,6	5,1	6,0	4,3	4,9	4,7
	Suécia	E&NA	5,3	4,2	3,1	4,7	4,2	4,1	4,7	4,4	5,3	5,5	4,4	7,0	5,1
	Suíça	E&NA	5,6	5,0	5,4	5,6	6,7	3,7	5,7	6,7	6,5	4,6	5,7	7,9	5,5
	Taiwan	A	5,9	5,6	6,7	6,8	6,5	4,8	6,5	6,1	7,0	7,3	5,7	8,2	7,2
	Média Nível A		5,0	4,6	4,7	5,0	5,3	3,7	5,2	4,7	5,9	5,7	4,9	6,9	5,4

Fonte: GEM 2025

[1] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.

[2] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

[3] Legenda: A1 - Suficiência de recursos/A2 - Facilidade de acesso ao apoio financeiro/B1 - Efetividade das políticas/B2 - Burocracia e impostos/C - Programas Governamentais/D1 - Ensino fundamental e médio/D2 - Ensino superior/E - Pesquisa e desenvolvimento/F - Infraestrutura Comercial e Profissional/G1 - Dinâmica do mercado interno: liberdade e abertura/G2 - Barreiras, concorrência e legislação no mercado interno/H - Acesso à infraestrutura física/I - Normas culturais e sociais.

(Continua)

(Continuação)

Tabela auxiliar A7.2 Pontuações das condições que afetam o empreendedorismo (EFCs) – economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025

Níveis de renda[1]	Economias	Regiões[2]	Condições que afetam o empreendedorismo - EFC[3]												
			A1	A2	B1	B2	C	D1	D2	E	F	G1	G2	H	I
Nível B	África do Sul	OM&A	4,0	3,5	3,1	3,8	3,2	3,3	4,4	3,3	4,4	5,4	3,3	4,2	4,2
	Angola	OM&A	2,5	2,0	2,6	3,2	2,8	2,1	3,3	1,9	3,4	4,9	3,1	3,7	3,7
	Argélia	OM&A	4,1	3,8	5,5	4,7	4,8	2,4	4,4	3,4	4,2	5,1	3,8	5,4	5,4
	Argentina	ALC	3,0	3,3	2,9	3,0	3,5	3,4	5,6	3,2	5,3	6,3	4,2	6,0	6,0
	Brasil	**ALC**	**3,5**	**2,9**	**3,9**	**4,1**	**3,8**	**2,7**	**4,7**	**2,9**	**4,2**	**5,7**	**3,4**	**5,3**	**5,3**
	Chile	ALC	3,9	3,8	3,4	5,2	5,2	2,2	5,1	3,4	4,9	4,5	4,5	7,5	7,5
	Costa Rica	ALC	3,2	3,4	3,0	2,6	4,0	2,2	4,5	2,8	4,4	4,8	3,8	5,5	5,5
	Croácia	E&NA	4,7	4,3	3,3	4,3	4,7	3,1	4,0	3,8	5,0	6,3	4,0	5,4	5,4
	Egito	OM&A	4,2	4,1	3,7	3,9	3,5	2,5	3,8	2,9	4,8	5,9	4,4	6,4	6,4
	El Salvador	ALC	3,0	3,5	3,9	5,2	4,0	2,8	5,7	3,5	4,5	4,7	4,5	6,8	6,8
	Equador	ALC	2,9	2,9	3,5	3,8	3,5	3,5	5,5	3,1	4,2	5,3	3,3	5,8	5,8
	Eslováquia	E&NA	3,7	3,9	1,8	2,7	2,9	3,1	4,8	2,5	4,9	5,3	3,8	6,2	6,2
	Estônia	E&NA	5,2	5,0	4,1	5,5	5,4	5,4	5,9	4,5	6,0	5,6	5,6	7,0	7,0
	Guatemala	ALC	3,1	3,4	1,9	3,5	2,9	2,3	5,4	2,7	5,2	3,8	3,3	6,2	6,2
	Hungria	E&NA	4,2	3,9	2,7	4,2	2,8	2,2	4,1	2,9	5,0	5,2	3,2	5,7	5,7
	Índia	A	6,1	6,1	6,7	5,9	6,2	5,1	6,4	5,8	6,1	7,3	6,1	7,0	7,0
	Jordânia	OM&A	4,2	4,0	4,4	5,2	5,0	4,0	4,7	3,8	5,5	5,7	4,4	6,8	6,8
	Letônia	E&NA	5,1	5,1	4,6	5,4	5,2	5,1	4,9	5,0	4,8	5,2	5,5	4,9	4,9
	Marrocos	OM&A	3,4	3,4	4,6	4,5	4,0	2,1	4,4	3,2	5,1	5,3	3,6	6,2	6,2
	México	ALC	3,6	3,8	2,9	3,3	3,9	2,2	5,1	2,9	4,8	5,0	3,5	6,1	6,1
	Omã	OM&A	5,0	5,2	6,2	5,5	5,4	4,8	5,6	5,0	5,6	6,4	5,2	6,6	6,6
	Peru	ALC	3,5	3,2	2,6	3,4	3,5	3,2	5,0	3,0	4,3	4,9	3,7	5,2	5,2
	Romênia	E&NA	4,2	4,9	3,4	4,0	3,8	2,5	5,2	4,0	6,4	6,1	4,2	6,8	6,8
	Tailândia	A	4,3	3,8	4,0	4,5	3,9	3,7	4,8	3,6	4,8	6,4	3,9	7,4	7,4
	Uruguai	ALC	3,6	3,8	2,9	4,2	5,5	2,3	5,0	4,3	5,3	3,2	3,9	7,1	7,1
	Venezuela	ALC	2,0	2,2	1,6	1,3	2,1	2,1	5,0	2,4	3,7	5,9	3,4	5,1	5,1
		Média Nível A	**3,9**	**3,8**	**3,6**	**4,1**	**4,1**	**3,1**	**4,9**	**3,4**	**4,9**	**5,4**	**4,1**	**6,0**	**6,0**
		Posição Brasil no nível B	**17ª**	**23ª**	**10ª**	**14ª**	**16ª**	**14ª**	**18ª**	**18ª**	**23ª**	**10ª**	**21ª**	**21ª**	**21ª**
Médias das economias			**4,5**	**4,3**	**4,2**	**4,6**	**4,7**	**3,4**	**5,0**	**4,1**	**5,4**	**5,6**	**4,5**	**6,4**	**6,4**
Posição Brasil no geral			**43ª**	**50ª**	**28ª**	**34ª**	**40ª**	**30ª**	**34ª**	**45ª**	**50ª**	**24ª**	**48ª**	**45ª**	**45ª**

Fonte: GEM 2025

[1] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.

[2] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

[3] Legenda: A1 - Suficiência de recursos/A2 - Facilidade de acesso ao apoio financeiro/B1 - Efetividade das políticas/B2 - Burocracia e impostos/C - Programas Governamentais/D1 - Ensino fundamental e médio/D2 - Ensino superior/E - Pesquisa e desenvolvimento/F - Infraestrutura Comercial e Profissional/G1 - Dinâmica do mercado interno: liberdade e abertura/G2 - Barreiras, concorrência e legislação no mercado interno/H - Acesso à infraestrutura física/I - Normas culturais e sociais.

Tabela auxiliar A7.3 Média das notas[1] atribuídas pelos especialistas na avaliação objetiva relacionadas sobre as condições que afetam o empreendedorismo – Brasil e economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025

Afirmações	Média Brasil	Média das economias
A1 – Suficiência de recursos	**3,5**	**4,5**
Os empreendedores dispõem de suficiente capital próprio para financiar as empresas novas e em crescimento.	2,9	4,5
Há suficientes meios de financiamento provenientes de entidades financeiras privadas para as empresas novas e em crescimento.	3,6	4,7
Há suficientes subsídios governamentais/públicos para as empresas novas e em crescimento.	3,7	4,8
Há suficiente investimento informal (família, amigos e colegas – pessoas físicas – que não sejam os fundadores dos negócios) para empresas novas e em crescimento.	4,0	5,0
Há suficiente investimento proveniente de business angels profissionais (indivíduos que fornecem capital em troca de dívida conversível ou cotas de propriedade) para empresas novas e em crescimento.	3,4	4,6
Há suficiente financiamento de capital de risco (fundos de investimentos privados em participações – *private equity*) para empresas novas e em crescimento.	3,6	4,6
Há suficiente financiamento de IPOs (oferta pública inicial) disponível para empresas novas e em crescimento.	2,8	3,6
Há microcrédito suficiente (incluindo *crowdfunding* – muitos indivíduos contribuindo com uma quantia relativamente pequena, normalmente por meio da Internet) para empresas novas e em crescimento.	3,9	4,1
A2 – Facilidade de acesso ao apoio financeiro	**2,9**	**4,3**
É fácil obter financiamento de dívidas (entendido como empréstimos bancários e similares) para empresas novas e em crescimento.	3,1	4,0
É fácil contratar serviços de apoio financeiro a um custo razoável para empresas novas e em crescimento.	2,9	4,5
É fácil para os empreendedores nascentes obterem "capital semente"/capital inicial necessário para cobrir as despesas iniciais e colocar em operação um novo negócio.	2,7	4,1
É fácil atrair investidores / fundos para fazer um novo negócio crescer, uma vez concluída a fase de operação inicial (pré *startup*).	3,0	4,5
B1 – Efetividade das políticas	**3,9**	**4,2**
As políticas governamentais favorecem claramente as empresas novas e em crescimento (por exemplo: compras públicas, legislação, regulação, licenciamento, tributação).	4,0	3,9
O apoio a empresas novas e em crescimento é uma alta prioridade nas políticas do governo federal.	3,7	4,5
O apoio a empresas novas é uma alta prioridade nas políticas dos governos estaduais e municipais.	3,9	4,4

Fonte: GEM 2025
[1] Notas atribuídas pelos especialistas em escala de 0 a 10, sendo 0 totalmente falsa e 10 totalmente verdadeira para afirmações que compõem a condição.

(Continua)

(Continuação)

Tabela auxiliar A7.3 Média das notas[1] atribuídas pelos especialistas na avaliação objetiva relacionadas sobre as condições que afetam o empreendedorismo – Brasil e economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025

Afirmações	Média Brasil	Média das economias
B2 – Burocracia e impostos	**4,1**	**4,6**
Os empreendedores podem registrar novas empresas/negócios a um custo razoável.	6,2	6,5
As novas empresas conseguem realizar todos os trâmites administrativos e legais (obtenção de permissões, licenças e concessões) em aproximadamente uma semana.	4,5	4,1
A carga de impostos e taxas não constitui uma barreira para a criação de novas empresas e impulsionar o crescimento das empresas em geral.	3,7	4,3
Os tributos e outras regulamentações governamentais são aplicados à criação de novas empresas e ao crescimento das estabelecidas de forma previsível e coerente.	3,4	4,6
Lidar com os trâmites burocráticos, regulamentações e obter as licenças necessárias para atuar legalmente não representa uma dificuldade especial para as empresas novas e em crescimento.	3,1	3,8
C – Programas governamentais	**3,8**	**4,7**
Uma ampla variedade de assistência do governo para a criação e o crescimento de novas empresas pode ser obtida por meio de contato com um único órgão público.	3,7	4,1
Parques científicos e tecnológicos estão disponíveis e fornecem suporte eficaz para empresas novas e em crescimento.	3,9	4,7
Incubadoras de empresas estão disponíveis e fornecem suporte eficaz para empresas novas e em crescimento.	4,2	5,6
Há um número adequado de programas governamentais para empresas novas e em crescimento.	3,8	5,1
As pessoas que trabalham para órgãos governamentais são competentes e eficazes em apoiar a criação e o crescimento de novas empresas.	4,2	4,7
Praticamente qualquer pessoa que necessite da ajuda de um programa governamental para empresas novas e em crescimento consegue encontrar algo que se ajuste às suas necessidades.	2,9	4,3
Os programas destinados a apoiar empresas novas e em crescimento são eficazes.	3,8	4,7
D1 – Ensino fundamental e médio	**2,7**	**3,4**
Os ensinos fundamental e médio incentivam a criatividade, a autossuficiência e a iniciativa pessoal.	3,1	3,8
Os ensinos fundamental e médio fornecem instrução adequada acerca dos princípios da economia de mercado.	2,7	3,3
Os ensinos fundamental e médio dedicam atenção suficiente ao empreendedorismo e à criação de novas empresas.	2,3	3,2

Fonte: GEM 2025
[1] Notas atribuídas pelos especialistas em escala de 0 a 10, sendo 0 totalmente falsa e 10 totalmente verdadeira para afirmações que compõem a condição.

(Continua)

(Continuação)

Tabela auxiliar A7.3 Média das notas[1] atribuídas pelos especialistas na avaliação objetiva relacionadas sobre as condições que afetam o empreendedorismo – Brasil e economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025

Afirmações	Média Brasil	Média das economias
D2 – Ensino superior	**4,7**	**5,0**
As faculdades e universidades proporcionam uma preparação adequada para iniciar e desenvolver novas empresas.	3,9	4,9
A qualidade do ensino prático nas escolas de negócio e administração (*business schools*) proporciona uma preparação adequada para iniciar e desenvolver novas empresas.	5,3	5,3
Os sistemas de educação profissional e continuada proporcionam uma preparação adequada para iniciar e desenvolver novas empresas.	4,9	4,9
E – Pesquisa e desenvolvimento	**2,9**	**4,1**
As novas tecnologias, a ciência e outros conhecimentos são transferidos de modo eficiente pelas universidades e institutos de pesquisa públicos às empresas novas e em crescimento.	3,5	4,3
As empresas novas e em crescimento têm o mesmo acesso às novas pesquisas e tecnologias que empresas grandes e já estabelecidas.	2,4	3,9
As empresas novas e em crescimento podem custear o acesso a tecnologias de ponta.	1,9	3,6
Há subsídios e apoio governamental adequados para empresas novas e em crescimento adquirirem novas tecnologias.	3,1	3,9
Os centros de pesquisa científica e tecnológica são eficientes no apoio à criação de empresas de base tecnológica, que sejam competitivas em nível mundial, em pelo menos uma área.	3,6	4,6
Existe apoio suficiente para que engenheiros e cientistas possam explorar economicamente suas ideias por meio da criação de novas empresas.	3,0	4,3
F – Infraestrutura comercial e profissional	**4,2**	**5,4**
Existem fornecedores, consultores e terceiros suficientes para dar apoio às empresas novas e em crescimento.	5,0	5,9
As empresas novas e em crescimento podem arcar com os custos da contratação de fornecedores, consultores e terceiros.	2,9	4,1
As empresas novas e em crescimento têm fácil acesso a bons serviços de fornecedores, consultores e terceiros.	3,8	4,9
As empresas novas e em crescimento têm fácil acesso a bons serviços de assessoramento contábil e jurídico em diversas áreas.	4,2	5,6
As empresas novas e em crescimento têm fácil acesso a bons serviços bancários (conta corrente para transações comerciais, transações em moeda estrangeira, cartas de crédito, e afins).	4,6	5,7
Empresas novas e em crescimento conseguem ter acesso a serviços de computação em nuvem (*cloud computing*) a preços acessíveis.	4,7	6,1
G1 – Dinâmica do mercado interno	**5,7**	**5,6**
O mercado de bens de consumo e de serviços muda consideravelmente de um ano para o outro.	5,7	5,7
O mercado de bens e serviços para empresas (*business–to–business*) muda consideravelmente de um ano para o outro.	5,7	5,5

Fonte: GEM 2025
[1] Notas atribuídas pelos especialistas em escala de 0 a 10, sendo 0 totalmente falsa e 10 totalmente verdadeira para afirmações que compõem a condição.

(Continua)

(Continuação)

Tabela auxiliar A7.3 Média das notas[1] atribuídas pelos especialistas na avaliação objetiva relacionadas sobre as condições que afetam o empreendedorismo – Brasil e economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025

Afirmações	Média Brasil	Média das economias
G2 – Barreiras, concorrência e legislação no mercado interno	**3,4**	**4,5**
As empresas novas e em crescimento conseguem facilmente entrar em novos mercados.	3,4	4,6
As empresas novas e em crescimento conseguem arcar com os custos de entrada no mercado.	3,1	4,2
As empresas novas e em crescimento conseguem entrar no mercado sem ser barradas deslealmente por empresas estabelecidas.	3,5	4,5
A legislação antitruste é efetiva e bem aplicada.	3,7	4,7
H – Acesso à infraestrutura física	**5,3**	**6,4**
A infraestrutura física (estradas, serviços de energia elétrica, fornecimento de água, comunicação, saneamento, esgoto) oferece um bom apoio a empresas novas e em crescimento.	3,5	5,9
O custo para acesso a serviços de comunicação por uma empresa nova ou em crescimento não é muito alto (telefone, internet etc.).	5,3	7,1
Não é muito caro para uma empresa nova ou em crescimento ter acesso a bons serviços de comunicação (telefone, internet etc.).	6,3	7,3
Uma empresa nova ou em crescimento pode arcar com os custos de serviços básicos (gás, água, eletricidade e esgoto).	5,6	6,6
Uma empresa nova ou em crescimento consegue ter acesso a serviços básicos (gás, água, eletricidade e esgoto) em aproximadamente um mês.	6,3	6,7
Há muitos espaços de escritório acessíveis para alugar para empresas novas e em crescimento.	5,5	6,1
Há muitos espaços de produção ou manufatura industrial acessíveis para alugar para empresas novas e em crescimento.	4,5	5,2
I – Normas culturais e sociais	**5,2**	**5,3**
As normas sociais e culturais apoiam e valorizam o sucesso individual obtido por meio de esforços pessoais.	5,4	5,6
As normas sociais e culturais enfatizam a autossuficiência, autonomia e iniciativa pessoal.	5,5	5,4
As normas sociais e culturais encorajam o indivíduo a assumir os riscos de empreender.	4,8	4,6
As normas sociais e culturais encorajam a criatividade e ações inovadoras.	5,1	5,3
As normas sociais e culturais encorajam que há de ser o indivíduo (mais do que a comunidade) o responsável em administrar a sua própria vida.	5,2	5,3

Fonte: GEM 2025
[1] Notas atribuídas pelos especialistas em escala de 0 a 10, sendo 0 totalmente falsa e 10 totalmente verdadeira para afirmações que compõem a condição.

Tabela auxiliar A7.4 Empreendedorismo feminino – economias participantes da pesquisa com especialistas – 2025

Níveis de renda[3]	Economias	Regiões[4]	Empreendedorismo feminino[3]	
			P1	P2
Nível A	Alemanha	E&NA	3,4	5,5
	Arábia Saudita	OM&A	6,4	4,0
	Áustria	E&NA	3,1	4,8
	Bahrein	OM&A	6,5	4,7
	Canadá	E&NA	4,5	5,4
	Catar	OM&A	6,4	5,7
	Chipre	E&NA	3,0	4,8
	Coreia do Sul	A	5,1	6,4
	Emirados Árabes Unidos	OM&A	6,6	4,5
	Eslovênia	E&NA	3,5	4,5
	Espanha	E&NA	3,0	3,8
	Estados Unidos	E&NA	2,4	6,4
	Finlândia	E&NA	6,5	3,7
	França	E&NA	3,9	6,1
	Israel	OM&A	3,2	5,0
	Itália	E&NA	2,9	5,5
	Japão	A	3,5	6,0
	Lituânia	E&NA	6,2	4,9
	Luxemburgo	E&NA	3,8	3,6
	Noruega	E&NA	4,8	5,3
	Países Baixos	E&NA	4,5	5,9
	Polônia	E&NA	3,2	4,3
	Porto Rico	ALC	3,4	5,4
	Reino Unido	E&NA	2,6	6,2
	Suécia	E&NA	5,8	5,7
	Suíça	E&NA	4,0	5,1
	Taiwan	A	6,1	5,5
	Média Nível A		**4,4**	**5,1**
Nível B	África do Sul	OM&A	3,5	5,2
	Angola	OM&A	2,5	5,0
	Argélia	OM&A	4,5	3,4
	Argentina	ALC	3,5	4,9
	Brasil	**ALC**	**3,0**	**5,7**
	Chile	ALC	3,1	5,3
	Costa Rica	ALC	3,4	5,3
	Croácia	E&NA	3,7	4,9
	Egito	OM&A	3,4	5,6
	El Salvador	ALC	3,2	4,7
	Equador	ALC	3,8	5,1
	Eslováquia	E&NA	3,0	5,5
	Estônia	E&NA	6,2	3,6
	Guatemala	ALC	3,1	4,7
	Hungria	E&NA	3,0	4,3
	Índia	A	5,6	6,4
	Jordânia	OM&A	4,2	4,5
	Letônia	E&NA	5,1	5,2
	Marrocos	OM&A	3,1	5,6
	México	ALC	3,3	5,7
	Omã	OM&A	6,0	4,4
	Peru	ALC	3,3	4,7
	Romênia	E&NA	4,3	4,4
	Tailândia	A	5,0	4,9
	Uruguai	ALC	3,3	4,4
	Venezuela	ALC	3,1	4,2
	Média Nível A		**3,8**	**4,9**
	Posição Brasil no nível B		**24ª**	**3ª**
Médias das economias			**4,1**	**5,1**
Posição Brasil no geral			**47ª**	**11ª**

Fonte: GEM 2025

[1] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.

[2] Legenda: ALC = América Latina e Caribe; OM&A = Oriente Médio e África; E&NA = Europa e América do Norte e A = Ásia.

[3] Legenda: P1 - Empreendedorismo feminino: serviços, regulamentações e normas culturais/P2 - Empreendedorismo feminino: acessibilidade de recursos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo retoma os resultados de maior destaque do GEM Brasil 2025. A seção 8.1 apresenta as principais forças do empreendedorismo brasileiro. Por sua vez, a seção 8.2 mostra as principais fragilidades, também identificadas na análise dos dados feita nos capítulos precedentes. A seção 8.3 enfoca ameaças contra o empreendedorismo do Brasil, sendo embasada em referências vindas de outras pesquisas, mas também na visão dos especialistas consultados no GEM Brasil 2025. O capítulo ainda apresenta um conjunto de recomendações direcionadas para a melhoria e o fortalecimento do empreendedorismo no Brasil (seção 8.4).

8.1 Forças do empreendedorismo no Brasil

Com base nos dados e resultados apresentados nos capítulos precedentes, a seguir são destacadas as principais forças do empreendedorismo brasileiro.

Capítulo 1: A disposição empreendedora no Brasil e no Mundo

- Um alto percentual da população de 18 a 64 anos (70,4%, 9ª posição global e bem acima da média das economias, de 57,5%) e da população de 65 a 74 anos (61,2%) conhece alguém que começou um novo negócio nos últimos dois anos.
- Uma proporção elevada de brasileiros de 18 a 64 anos (64,7%, 15ª posição global, acima da média das economias, que é 57,9%) e da população de 65 a 74 anos (58,2%) afirma haver boas oportunidades para iniciar um negócio nos próximos seis meses.
- Uma alta proporção de brasileiros de 18 a 64 anos (68,7%, 16ª posição global, acima da média das economias, que é 60,8%) e da população de 65 a 74 anos (57,1%) acredita ter as habilidades, o conhecimento e a experiência necessários para iniciar e gerir um negócio.
- Uma proporção considerável de brasileiros de 18 a 64 anos (39,7%) e menor entre a população de 65 a 74 anos (12,7%) afirma ter o sonho do próprio negócio.
- A diferença entre homens e mulheres quanto ao sonho de ter o próprio negócio não é grande entre brasileiros de 18 a 64 anos de idade (5,7 p.p., sendo 42,6% entre os homens e 36,9% entre as mulheres) nem entre os de 65 a 74 anos (1,7 p.p., sendo 11,3% entre os homens e 13% entre as mulheres).

Capítulo 2: Intensidade da atividade empreendedora no Brasil e no Mundo: taxas gerais e específicas

- É elevada a taxa de empreendedorismo total (TTE), de 31,6%, posicionando o país na décima colocação global, bem acima da média das economias (19,3%) e na sétima posição entre as economias de nível de renda B.
- É alta a taxa de empreendedorismo inicial (TEA), de 19,4%, com o Brasil posicionado na 11ª colocação global.

- A taxa de 16,1% de empreendedorismo inicial na faixa de 55 a 64 anos posiciona o Brasil na nona colocação global nesse grupo etário.
- Há forte presença de negócios estabelecidos (EBO), com taxa de 12,4%, levando o Brasil para a sexta posição global nesse quesito.
- A taxa de empreendedorismo inicial feminino no Brasil (15%) coloca o país na 16ª posição, acima da média global (12,9%).
- Houve ampliação na participação de jovens (18 a 24 anos) no empreendedorismo estabelecido (EBO), de 3% para 4,9%.
- Alta ocorrência relativa do empreendedorismo estabelecido entre os mais idosos: na faixa etária de 65 a 74 anos, a taxa foi de 17,1%, igual à observada na faixa de 55 a 64 anos.
- A taxa de 22,8% de empreendedorismo inicial entre imigrantes de 18 a 64 anos é ligeiramente superior à da população geral (19,4%), sinalizando sua inserção econômica e possível geração de empregos.

Capítulo 3: O retrato do empreendedor brasileiro e motivações

- Maior incidência do empreendedorismo nas fases centrais da vida produtiva, com concentração entre 25 e 44 anos (48% dos nascentes e 51% dos novos).
- Predominância de empreendedores estabelecidos nas faixas etárias mais elevadas: entre os indivíduos de 45 a 64 anos (44%), enquanto na faixa de 65 a 74 anos há apenas 12%, sugerindo continuidade dos negócios ao longo do tempo.
- Predominam indivíduos com ensino médio completo (52%) e com ensino superior completo ou mais (22%) entre os empreendedores potenciais de 18 a 64 anos.
- Predominam indivíduos com curso superior completo nos negócios estabelecidos da faixa etária de 65 a 74 anos, com 10 p.p. acima das demais faixas etárias.
- O empreendedorismo é a principal ocupação para a maioria dos empreendedores (não há um emprego, outro trabalho ou atividade qualquer que os ocupe mais), especialmente entre os estabelecidos (98,6%) e os novos (94,2%).
- Contingente expressivo de empreendedores potenciais, sendo 42,5 milhões entre 18 e 64 anos, indicando elevada frequência de intenção de empreender no futuro.
- Predomina o empreendedorismo por oportunidade entre os empreendedores iniciais (55%); com maior incidência entre os jovens — 61,1% na faixa etária de 18 a 24 anos e 64,5% na faixa de 25 a 34 anos; e entre aqueles com ensino superior completo ou mais (66%) e nas faixas de renda mais altas (69,7%).

Capítulo 4: As características dos empreendimentos no Brasil e no Mundo

- Distribuição diversificada das atividades de serviços, 50,6% voltadas ao consumidor entre empreendedores iniciais e 42,5% entre os estabelecidos; 17,7% voltadas a outros negócios entre os iniciais e 24,3% entre os estabelecidos; e 28,6% direcionadas ao setor de transformação entre os iniciais e 29,5% entre os estabelecidos.

- Composição setorial menos dependente de atividades de baixa complexidade, com 50,6% em serviços ao consumidor — inferior à média de 60,9% dos países do grupo de renda B.
- Elevada participação do empreendedorismo no setor de transformação (28,6%), significativamente acima da média das economias de nível de renda B (20,3%) e próxima aos níveis observados em economias mais avançadas.
- Alta expectativa de empregar cinco ou mais pessoas entre os empreendedores iniciais (25,2%), acima da média global (18,7%).

Capítulo 5: Inovação e tecnologia nos empreendimentos

- Ampla difusão de uso de tecnologias digitais, com destaque para WhatsApp (97,2% dos empreendedores iniciais e 96,9% dos estabelecidos), mídias sociais (70,6% e 61,5%) e e-mail (63,1% e 59,4%).
- Elevada intenção de uso de tecnologias digitais para vender seus serviços, com 77,2% dos empreendedores iniciais e 68,8% dos estabelecidos).
- Elevada adoção de inteligência artificial, 55% dos iniciais e 47,8% dos estabelecidos.
- Alta percepção do impacto positivo da inteligência artificial, acima de 70% nos diferentes estágios de desenvolvimento (2ª a 4ª posição global).

Capítulo 6: Orientações social e ambiental no Brasil e no Mundo

- Alta frequência de empreendedores brasileiros motivados a "fazer a diferença no mundo" (75,9%), alinhada ao elevado interesse em gerar impacto social positivo.
- Liderança do Brasil na consideração de aspectos sociais e ambientais nas decisões de negócios com 92,7% e 94,2% entre os empreendedores iniciais e 88% e 89,5% entre os estabelecidos.
- Elevada priorização do impacto social e ambiental, com 84,2% dos empreendedores iniciais e 75,4% dos estabelecidos afirmando considerar impacto social e/ou ambiental acima da lucratividade ou do crescimento nas decisões de negócios.
- Alta incidência de adoção de práticas responsáveis, com mais de 75% dos empreendedores iniciais e ao menos 68% dos estabelecidos, declarando ter tomado providências específicas de "combater qualquer forma de trabalho infantil ou escravo" e "priorizar empresas e/ou fornecedores que respeitam os direitos humanos e o meio ambiente".
- Predomínio de práticas voltadas à mitigação de impactos ambientais, com mais de 77% dos empreendedores iniciais e estabelecidos declarando ter tomado providências específicas para minimizar o impacto ambiental dos negócios (economia de energia e cuidado dos resíduos sólidos).
- Liderança do Brasil na geração de impacto social, entre os empreendedores iniciais (88,1%) e os estabelecidos (88,7%), frente às médias internacionais (respectivamente 49,5% e 53,7%).
- Avaliação relativamente positiva quanto ao interesse de investidores em negócios com foco social, com nota média de 5,1, superior à média das economias (4,9), o que indica um ponto forte do Brasil nesse item.

Capítulo 7: As condições para empreender no Brasil e no Mundo

- Desempenho ligeiramente superior na dinâmica do mercado interno, com média de 5,7 do Brasil frente a 5,6 na média global, segundo avaliação dos especialistas, indicando que são relativamente comuns as oportunidades de negócio no mercado doméstico.
- Desempenho favorável nas normas culturais e sociais, que refletem aceitação e não desencorajamento da atividade empreendedora, com média 5,2, próximo à média global (5,3), com destaque para a valorização da autonomia, iniciativa individual e disposição para assumir riscos.
- Desempenho relativamente positivo nos aspectos relacionados à abertura de empresas, incluindo custo (6,2 *versus* 6,5 global) e tempo de realização de trâmites administrativos e legais (4,5 *versus* 4,1 global), indicando que a formalização e os processos de registro de empresas têm melhorado.
- Elevada frequência de menções espontâneas a políticas (15,4%) e programas governamentais (11,5%), indicando que essas iniciativas públicas continuam sendo percebidas como elementos centrais para o estímulo à atividade empreendedora.
- Destaque de fatores de apoio relacionados à transformação digital, à abertura de mercado/barreiras à entrada e apoio financeiro (9,6% das menções dos especialistas), indicando um ambiente econômico dinâmico, competitivo e apoiado por novas tecnologias.
- Relevância atribuída à capacidade empreendedora e o contexto político, institucional e social com 7,7% das menções dos especialistas, evidenciando que tanto as competências dos indivíduos quanto esses aspectos de contexto são relevantes para a criação e o desenvolvimento de negócios.

8.2 Fragilidades do empreendedorismo no Brasil

Baseando-se nos resultados apresentados em cada capítulo deste relatório, as subseções abaixo sintetizam as principais fragilidades do empreendedorismo no Brasil, as quais poderiam ser alvos de esforços de melhoria.

Capítulo 1: A disposição empreendedora no Brasil e no Mundo

- Menos da metade das mulheres brasileiras (47,8%) afirma que o medo do fracasso não as impediria de começar um negócio, percentual inferior à média global feminina (56%). Ainda assim, 62% das mulheres brasileiras percebem boas oportunidades para empreender nos próximos seis meses na região onde vivem.
- A minoria dos brasileiros (45,3%) considera fácil iniciar um negócio, percentual inferior à média das economias (54%, 32ª posição global).
- Apenas um quarto dos brasileiros de 18 a 64 anos (25,2%) sonha em obter um diploma universitário, indicando baixa aspiração de qualificação profissional especialmente quando comparada a economias mais desenvolvidas.
- Cerca de um quarto dos brasileiros de 18 a 64 anos (23,9%) sonha em ter carreira no serviço público, o que pode indicar uma alta parcela da população alheia ao empreendedorismo e ao impulsionamento da iniciativa privada.

Capítulo 2: Intensidade da atividade empreendedora no Brasil e no Mundo: taxas gerais e específicas

- É moderada a proporção TEA/TTE (61,5%), posicionando o Brasil na 17ª posição entre as economias de nível de renda B e na 33ª posição global.
- Leve retração da taxa de empreendedorismo estabelecido – de 2024 (13,2%) para 2025 (12,4%) –, permanecendo abaixo dos níveis próximos a 15% registrados antes da pandemia de Covid-19.
- A taxa de empreendedorismo nascente (8,9%) é relativamente baixa, posicionando o país em 23º lugar.
- Redução da taxa de empreendedorismo inicial entre mulheres, de 18,4% em 2024 para 15% em 2025.
- Maior taxa de empreendedorismo inicial (19,8%) entre indivíduos com menor nível educacional (fundamental incompleto), indicativo de novos empreendimentos concentrados em atividades de menor complexidade, tendendo a se concentrar no empreendedorismo por necessidade.
- Menor percentual das mulheres em todos os estágios do negócio: 38% dos empreendedores nascentes (vs. 61% dos homens), 41% entre os novos (vs. 59%) e 37% entre estabelecidos (vs. 62%).
- O Brasil apresenta menor percentual de empreendedorismo inicial entre mulheres (15%) frente aos homens (24,1%), com razão de 1,6, indicando elevada disparidade de gênero no grupo de renda nível B.
- A TEA entre jovens de 18 a 24 anos é de apenas 16,6%, colocando o Brasil na 14ª posição global, o que sugere que os jovens empreendem com menor frequência do que em outras faixas etárias, o que dificulta a renovação e a longevidade das atividades empreendedoras.
- A taxa de empreendedorismo inicial para indivíduos de 65 a 74 anos (11%) é a mais baixa, ficando 5,1 pontos percentuais abaixo da faixa de 55 a 64 anos (16,1%).
- Alta taxa de descontinuidade dos negócios (8% Brasil *versus* 4,9 média global), posicionando o Brasil na quinta colocação, principalmente por razões de baixa lucratividade (35,2%).

Capítulo 3: O retrato do empreendedor brasileiro e motivações

- Predominância dos homens em todos os estágios do negócio, variando de 59% a 62% entre os empreendedores de 18 a 64 anos.
- A participação das mulheres diminui com a maturidade dos negócios: elas representam 41% dos empreendedores novos e 37% dos estabelecidos.
- Participação significativa de indivíduos com menor capital educacional: aqueles com ensino fundamental (incompleto e completo) representam cerca de 26% dos nascentes, 26% dos novos e 24% dos estabelecidos.
- O empreendedorismo por oportunidade é menos frequente entre pretos ou pardos (52,8%), que apresentam maior participação relativa do empreendedorismo por necessidade (44,8%).
- Elevada concentração de empreendedores nas faixas de renda mais baixas: entre os nascentes, cerca de 50% possuem renda de até dois salários mínimos.

- Maior frequência de empreendedorismo por necessidade ocorre na faixa etária dos 55 a 64 anos (53,3%), o que demonstra fragilidades na oferta de boas condições de vida para essa faixa.
- Predomínio do empreendedorismo por necessidade nas faixas de renda mais baixas (até 3 salários mínimos), alcançando até 64%.
- Elevada participação da motivação por necessidade entre empreendedoras (44,5%), superior à observada entre os empreendedores (40,5%).
- Alta frequência da motivação "ganhar a vida porque os empregos são escassos", entre os empreendedores iniciais (71%), acima da média global (67,6%).

Capítulo 4: As características dos empreendimentos no Brasil e no Mundo

- Alta incidência do chamado "empreendedor solo" ou autoemprego: 51,6% dos empreendedores novos e 39,4% dos estabelecidos não geraram qualquer ocupação além da própria.
- Baixa média de número de sócios nos empreendimentos — nascentes (1,5), novos (1,3) e estabelecidos (1,5) —, posicionando o país entre as últimas colocações (45ª a 47ª), caracterizando o Brasil como mais individualista nos negócios.
- Alta concentração no setor de serviços orientados para o consumidor (50,6% entre iniciais e 42,5% entre estabelecidos), padrão também observado nas demais economias.
- Baixa participação de serviços orientados a negócios (17,7%), inferior à média das economias de nível A (28,9%) e à média global (22,2%), sugerindo menor sofisticação estrutural.
- Baixa participação de negócios franqueados (5% entre os empreendedores de 18 a 64 anos), indicando forte caráter individual, familiar ou de pequena escala.
- Baixo nível de formalização (48% do empreendedorismo total), apesar de leve aumento em relação a 2024 (46,3%).

Capítulo 5: Inovação e tecnologia nos empreendimentos

- Baixo impacto nacional e internacional dos empreendedores iniciais, inferior à média das economias de renda B, com o Brasil na 44ª posição em impacto nacional e 37ª em impacto internacional (3,6% e 0,7%, respectivamente); percentual de empreendimentos iniciais de impacto nacional inferior também em relação a algumas das principais economias latino-americanas: Chile (13,6%), México (17,8%) e Costa Rica (11,6%).
- Baixo impacto nacional e internacional dos empreendedores estabelecidos, com 5,5% no impacto nacional e 0,7% no impacto internacional, inferior às médias do grupo B (9,4% e 1,4%).
- Posicionamento desfavorável no *ranking* de indicadores de Inteligência Artificial (IA) segundo especialistas, com Brasil variando entre 39ª e 46ª posição.

Capítulo 6: Orientações social e ambiental no Brasil e no Mundo

- Baixo desempenho do Brasil nas dimensões dos ODS segundo a avaliação dos especialistas, o que reforça a possibilidade de que altos percentuais positivos das respostas dos empreendedores não sejam realistas.
- Desempenho inferior às médias internacionais nas dimensões dos ODS no empreendedorismo brasileiro — com exceção de "sustentabilidade empresarial e políticas públicas" —, o Brasil enfrenta desafios relevantes a superar quanto aos impactos sociais e ambientais.
- Baixo posicionamento do Brasil no *ranking* internacional nas dimensões relacionadas ao desenvolvimento sustentável, considerando a avaliação dos especialistas: 36ª posição em responsabilidade social, 40ª em responsabilidade social e desempenho econômico e 44ª em práticas ambientais.

Capítulo 7: As condições para empreender no Brasil e no Mundo

- Baixo desempenho no NECI, com média de 4, posicionando-se na 44ª posição global.
- Predominância de avaliações abaixo do nível considerado adequado nas EFCs, uma vez que receberam nota abaixo de 5, apenas a EFC Dinâmica de mercado interno apresentou desempenho acima da média global.
- Baixo desempenho na infraestrutura comercial e profissional (F), com média 4,2, inferior à média global de 5,4, posicionando o país na 50ª posição global.
- Baixa efetividade das políticas públicas (3,9 *versus* 4,2 global) e da pesquisa e desenvolvimento (2,9 *versus* 4,1 global), reforçando limitações institucionais e baixa capacidade de inovação no país.
- Baixo nível de apoio governamental ao empreendedorismo, percebido como insuficiente tanto no nível federal (3,7 versus 4,5 global) quanto subnacional (3,9 *versus* 4,4 global).
- Baixo desempenho em áreas críticas para o desenvolvimento de longo prazo, como acesso a financiamento (2,9 *versus* 4,3 global), pesquisa e desenvolvimento (2,9 *versus* 4,1 global) e educação empreendedora no ensino fundamental e médio (2,7 *versus* 3,4 global), indicando limitações na capacidade de sustentar inovação, crescimento e sofisticação empresarial.
- Baixa facilidade de acesso ao apoio financeiro (2,9 *versus* 4,3 global), com destaque para o capital semente (2,7 *versus* 4,1 global) e para atração de investidores após a fase inicial (3 *versus* 4,5 global), fatores que impactam negativamente o crescimento das startups.
- Desempenho inferior à média das economias participantes no aspecto burocracia e impostos, com média 4,1 versus 4,6 global.
- Baixo desempenho no ensino fundamental e médio: com média de 2,7 (*versus* 3,4 global) evidenciando a baixa inserção de conteúdos como criatividade, autonomia e educação econômica na formação básica.
- Baixo acesso a tecnologias avançadas, evidenciando o alto custo de tecnologias de ponta (1,9 *versus* 3,6 global) e pelo acesso desigual a novas tecnologias (2,4 *versus* 3,9 global).
- Desigualdade de acesso a recursos no empreendedorismo feminino, uma vez que, apesar da pontuação acima da média das economias na dimensão de acessibilidade de recursos (5,7 *versus* 5,1 global), o resultado indica que recursos de financiamento e acesso a mercados são mais acessíveis aos homens do que às mulheres.

- Baixa disponibilidade e acessibilidade de serviços de suporte ao empreendedorismo feminino, como creches e apoio familiar, com médias de 2,9 (versus 4,4 global) e 2,6 (versus 4,1 global), respectivamente.

8.3 Ameaças ao empreendedorismo no Brasil

As ameaças ao empreendedorismo no Brasil decorrem de transformações nos contextos econômico, tecnológico, legal, geopolítico e social em nível global e nacional, que afetam a competitividade dos empreendimentos e a capacidade de geração de novos negócios. Diferentemente das fragilidades já tratadas neste capítulo — que refletem limitações das atividades empreendedoras identificadas exclusivamente a partir da análise dos dados coletados no GEM, — as ameaças referem-se a fatores contextuais, com origens mais variadas e amplas, que podem restringir oportunidades ou inibir a atividade empreendedora no médio e no longo prazos.

Destacam-se as seguintes ameaças e respectivas implicações para o empreendedorismo no Brasil:

Desafios recentes na formação de capital humano para o empreendedorismo

- Indicadores educacionais nacionais recentes apontam limitações persistentes na formação de competências essenciais ao empreendedorismo, como raciocínio crítico, resolução de problemas e educação financeira. Resultados de avaliações como o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade) e o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb)[22],[23] indicam dificuldades na consolidação dessas habilidades ao longo da trajetória educacional. Esse cenário é consistente com evidências internacionais, como o *Programme for International Student Assessment* (PISA), que apontam desempenho inferior do Brasil em competências-chave, sugerindo desafios na formação de capital humano compatível com economias baseadas em inovação[24].

  Implicação para o empreendedorismo no Brasil: *redução da capacidade de criação de negócios inovadores e menor preparo dos empreendedores para competir em mercados mais complexos.*

Risco de armadilha produtiva em setores de baixo valor agregado

- O processo de desindustrialização e reprimarização da economia, mesmo com crescimento pontual da indústria em 2025, indica dificuldades estruturais para avançar em setores de maior intensidade tecnológica. A concentração de empreendedores em atividades de baixo conteúdo tecnológico reforça esse risco[25],[26],[27].

  Implicação para o empreendedorismo no Brasil: *tendência de concentração em negócios de baixa produtividade, com menor potencial de inovação, escala e geração de valor.*

[22] INEP – SAEB (educação básica, mais atual para Brasil). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). (2024). Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) – Resultados 2023. Disponível em: https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/saeb
[23] INEP – ENADE (ensino superior, último ciclo consolidado). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). (2023). Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) – Relatório Síntese 2022. Disponível em: https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enade
[24] PISA (Programme for International Student Assessment). OECD. (2023). PISA 2022 Results (Volume I): The State of Learning and Equity in Education. Disponível em: https://doi.org/10.1787/53f23881-en
[25] Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2025). Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF). Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/industria
[26] Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2025). Contas Nacionais Trimestrais. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/contas-nacionais
[27] TEIXEIRA, Felipe O; NOGUEIRA, Mauro O. BNDES financing and labor productivity in Brazil: An analysis by company size. (2026). Investigación Económica, 85(336), 123-157. https://doi.org/10.22201/fe.01851667p.2026.336.92114

Ambiente de crédito restritivo e custo elevado do capital

A elevação da taxa Sistema Especial de Liquidação e Custódia (Selic) ao longo de 2025 encarece o crédito e dificulta o financiamento de novos negócios, especialmente para micro e pequenas empresas, que dependem mais de capital externo para investir e crescer[28],[29].

Implicação para o empreendedorismo no Brasil: *redução do investimento em novos empreendimentos, aumento do endividamento e maior dificuldade de sobrevivência e de expansão de pequenos negócios.*

Crescimento econômico moderado e pressões inflacionárias persistentes

O desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro abaixo da média do G20, combinado com inflação acima da meta, reduz o poder de compra e aumenta a incerteza econômica, afetando negativamente o ambiente empreendedor[30],[31],[32],[33].

Implicação para o empreendedorismo no Brasil: *diminuição da demanda por produtos e serviços e aumento do risco econômico para novos empreendimentos.*

Dependência tecnológica e desafios à soberania digital

A rápida evolução da inteligência artificial em economias avançadas contrasta com a limitada capacidade nacional de desenvolvimento tecnológico, posicionando o Brasil predominantemente como usuário, e não produtor, de tecnologias estratégicas[34],[35],[36].

Implicação para o empreendedorismo no Brasil: *menor inserção em setores de alta tecnologia e redução da competitividade em mercados intensivos em conhecimento.*

Intensificação da competição internacional por meio de políticas industriais ativas

Economias como Estados Unidos, União Europeia e China têm ampliado investimentos e incentivos à inovação e à indústria, atraindo capital e talentos globais, o que tem reduzido, relativamente, a competitividade do Brasil[37],[38].

Implicação para o empreendedorismo no Brasil: *perda relativa de atratividade para investimentos e maior dificuldade de desenvolvimento de negócios inovadores no país.*

[28] Banco Central do Brasil. (2025). Histórico da Taxa Selic. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/controleinflacao/historicotaxasjuros
[29] Banco Central do Brasil. (2024). Relatório de Inflação. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/publicacoes/ri
[30] Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2025). Contas Nacionais – PIB 2024. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/indicadores
[31] Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD). (2025). Economic Outlook. Disponível em: https://www.oecd.org/economic-outlook
[32] Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2025). Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/precos-e-custos
[33] Banco Central do Brasil. (2024). Sistema de Metas para a Inflação. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/controleinflacao/metainflacao
[34] United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO). (2023). Recommendation on the Ethics of Artificial Intelligence – Implementation Report. Disponível em: https://www.unesco.org/en/artificial-intelligence
[35]Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD). (2024). OECD AI Policy Observatory. Disponível em: https://oecd.ai
[36] World Bank. (2024). Digital Development Overview. Disponível em: https://www.worldbank.org/en/topic/digitaldevelopment
[37] Terzi, A., Singh, A., & Sherwood, M. (2022). Industrial Policy for the 21st Century: Lessons from the Past. European Economy Discussion Paper 157. Brussels: European Commission, Directorate-General for Economic and Financial Affairs. https://doi.org/10.2765/538421
[38] World Bank. (2024). Global Economic Prospects. Washington, DC: World Bank. Disponível em: https://www.worldbank.org/pt/publication/global-economic-prospects

Reconfiguração das cadeias globais de valor

Processos de regionalização produtiva, tensões geopolíticas e aumento de exigências regulatórias podem dificultar a inserção de empresas brasileiras em mercados internacionais, especialmente para pequenos negócios[35],[36].

Implicação para o empreendedorismo no Brasil: *aumento das barreiras à internacionalização e menor acesso a mercados globais, especialmente para pequenas empresas.*

Transição demográfica e envelhecimento da população

A redução gradual da população em idade ativa pode impactar a dinâmica empreendedora no longo prazo, exigindo ganhos de produtividade e novas estratégias de inclusão econômica[37],[38].

Implicação para o empreendedorismo no Brasil: *possível redução da base de empreendedores no longo prazo e necessidade de adaptação a novos perfis de demanda e força de trabalho.*

Pressões associadas à transição climática e ambiental

Mudanças climáticas, eventos extremos e exigências regulatórias mais rigorosos podem aumentar custos e demandar adaptações tecnológicas, ao mesmo tempo em que ampliam a competição internacional em setores da economia verde[39],[40].

Implicação para o empreendedorismo no Brasil: *aumento de custos operacionais e necessidade de adaptação a novas exigências regulatórias.*

Insegurança jurídica, peso tributário e sensação de restrição de liberdades

Ampliou-se o número de profissionais e negócios especializados em oferecer a empreendedores e cidadãos brasileiros em geral a possibilidade de realocar no exterior os seus bens, a sua vida e seus negócios, sendo comum entre eles o discurso de que a segurança jurídica, a equilibrada e correta aplicação da lei, está gradualmente mais comprometida no Brasil. Multiplicaram-se os empreendedores que realocam em outros países[41],[42].

Implicação para o empreendedorismo no Brasil: *mais empreendedores deixando o país e ampliação da percepção das dificuldades para se empreender no Brasil, o que atenua a atividade empreendedora e a geração de empregos em geral.*

---

[35] World Bank. (2020). World Development Report 2020: Trading for Development in the Age of Global Value Chains. Washington, DC: World Bank. Disponível em: https://www.worldbank.org/en/publication/wdr2020
[36] OECD (2021), "Global value chains: Efficiency and risks in the context of COVID-19", OECD Policy Responses to Coronavirus (COVID-19), OECD Publishing, Paris, https://doi.org/10.1787/67c75fdc-en.
[37] United Nations. (2022). World Population Prospects 2022. Disponível em: https://population.un.org/wpp
[38] Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2023). Projeções da População do Brasil. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao
[39] Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC). (2023). Climate Change 2023: Synthesis Report. Disponível em: DOI: https://doi.org/10.59327/IPCC/AR6-9789291691647
[40] World Bank. (2024). Climate Change and Development Report. Disponível em: https://www.worldbank.org/en/topic/climatechange
[41] Endeavor Brazil Research (2025). Brazil Tech Diaspora: building global ventures, making local impact. Disponível em: https://endeavor.org.br/brazil-tech-diaspora/
[42] PE&GN (2025). Busca por Paraguai entre Brasileiros bate recorde em 2024. Especialistas apontam sistema tributário como diferencial. Disponível em: https://revistapegn.globo.com/conteudo-de marca/pressworks/noticia/2025/02/busca-por-paraguai-entre-brasileiros-bate-recorde-em-2024-especialistas-apontam-sistema-tributario-como-diferencial.ghtml

8.4 Recomendações para o fortalecimento do empreendedorismo no Brasil

O conjunto de recomendações aqui apresentado, bem como seus fundamentos podem ser amplamente discutidos por leitores e demais interessados, para que haja aperfeiçoamento de políticas públicas, programas e ações dos variados atores e organismos da sociedade em prol do empreendedorismo gerador de desenvolvimento socioeconômico.

O tema a que se refere cada recomendação é explicitado entre parênteses ao final de cada tópico, utilizando-se a mesma categorização das treze condições para se empreender e seus respectivos componentes (EFCs, do Inglês *Entrepreneurial Framework Conditions*).

A presente subseção de recomendações foi elaborada a partir da triangulação de três bases principais: (i) a avaliação quantitativa das condições que afetam o empreendedorismo, conforme apresentada na **Tabela 7.2**, que permite identificar as dimensões com pior desempenho relativo do Brasil; (ii) a estrutura analítica das Condições Estruturais do Empreendedorismo (EFCs), conforme o modelo GEM sintetizado no **Quadro 7.1**; e (iii) as contribuições qualitativas dos especialistas entrevistados, que refletem a experiência prática e a percepção direta dos entraves ao empreendedorismo no país.

A análise integrada desses elementos indica que as fragilidades se concentram especialmente nas dimensões de ensino fundamental e médio, facilidade de acesso ao apoio financeiro, pesquisa e desenvolvimento, barreiras à entrada no mercado, infraestrutura comercial e profissional e programas governamentais. Esses resultados sugerem que, apesar do dinamismo empreendedor observado na população e no mercado interno, persistem entraves institucionais, educacionais e financeiros que limitam a qualidade, a sustentabilidade e o potencial de crescimento dos negócios no Brasil.

Considerando o caráter sistêmico das condições para empreender, ressalta-se a necessidade de integração entre as ações a serem desenvolvidas pelos diferentes atores do ecossistema empreendedor, incluindo os empreendedores. A partir das contribuições dos especialistas e da análise integrada das condições estruturais do ambiente empreendedor, apresentam-se as seguintes recomendações, que refletem também a visão da equipe de analistas responsáveis pelo relatório:

A- Consolidação e integração de programas governamentais, articulando capacitação, financiamento e acesso a mercados em políticas contínuas e periodicamente avaliadas (*C: Programas governamentais)*.

B- Integração digital dos processos de abertura, regularização e operação de empresas por meio de uma plataforma única nacional acessível e padronizada (*B2: Burocracia e impostos; F: Infraestrutura comercial e profissional*).

C- Ampliação de redes locais de apoio ao empreendedorismo, com atuação integrada de instituições públicas e privadas (*F: Infraestrutura comercial e profissional; C: Programas governamentais*).

D- Fortalecimento da infraestrutura de serviços de apoio ao empreendedor, incluindo contabilidade, assessoria jurídica, consultoria e tecnologia acessíveis, com integração de organizações públicas e privadas, inclusive incubadoras e aceleradoras (*F: Infraestrutura comercial e profissional*).

E- Promoção de uma cultura empreendedora mais inclusiva e diversificada, com apoio a jovens, mulheres, idosos e grupos sub-representados, como pretos e pardos, indígenas, quilombolas, imigrantes e refugiados (*I: Normas culturais e sociais*).

F- Ampliação da participação de empreendedores na formulação de políticas públicas, especialmente aqueles em contextos periféricos e de menor renda (*B1: Efetividade das políticas*).

G- Ampliação do acesso ao crédito para micro e pequenos empreendedores, com redução de exigências, simplificação de processos e desenvolvimento de instrumentos como fundos de aval e crédito orientado (*A2: Facilidade de acesso ao apoio financeiro*).

H- Criação de linhas de financiamento com condições diferenciadas, incluindo taxas de juros mais adequadas ao ciclo de maturação dos pequenos negócios e iniciativas inovadoras (*A1: Suficiência de recursos*).

I- Fortalecimento de mecanismos de financiamento à inovação em pequenos negócios, incluindo capital semente, subvenção econômica e instrumentos híbridos (*A: Apoio financeiro; E: Pesquisa e desenvolvimento*).

J- Estímulo à adesão dos municípios à Rede Nacional para Simplificação do Registro e da Legalização de Empresas (Redesim), com ampliação da simplificação tributária e redução da complexidade fiscal, promovendo maior previsibilidade e clareza das obrigações (*B2: Burocracia e impostos*).

K- Fortalecimento da segurança jurídica e estabilidade regulatória, reduzindo incertezas que afetam decisões de investimento e crescimento empresariais (*B1: Efetividade das políticas*).

L- Ampliação de programas de preparação de micro e pequenas empresas para inserção em cadeias produtivas e compras públicas e privadas (*C: Programas governamentais; G: Acesso ao mercado*).

M- Inclusão sistemática da educação empreendedora e financeira na educação básica, associada à resolução de problemas e à inovação (*D1: Ensino fundamental e médio*).

N- Expansão da educação empreendedora no ensino técnico e superior, com maior integração com o setor produtivo (*D2: Ensino superior*).

O- Capacitação contínua de empreendedores em gestão, tecnologia e inovação, com oferta em larga escala e foco prático (*D: Educação e capacitação*).

P- Estímulo à integração entre universidades, centros de pesquisa e empresas para transformar conhecimento em inovação e novos negócios (*E: Pesquisa e Desenvolvimento*).

Q- Expansão de programas de transferência de tecnologia e extensão tecnológica voltados às micro e pequenas empresas (*E: Pesquisa e Desenvolvimento*).

R- Redução de barreiras regulatórias e de entrada em mercados, com regras proporcionais ao porte dos negócios (*G2: Barreiras, concorrência e legislação*).

S- Estímulo ao acesso a mercados, incluindo internacionalização, digitalização e inserção em cadeias produtivas (*G1: Dinâmica do mercado interno*).

T- Ampliação dos investimentos em infraestrutura física e digital, especialmente em regiões menos atendidas (*H: Acesso à infraestrutura física*).

APÊNDICE 1.

Metodologia

A1. METODOLOGIA

Introdução

A pesquisa sobre empreendedorismo do *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) é conduzida sob a liderança da *Global Entrepreneurship Research Association* (GERA), organização internacional responsável legalmente pelo projeto e pela coordenação em nível global.

A iniciativa teve início em 1999, a partir de uma parceria entre o *Babson College* e a *London Business School*, envolvendo inicialmente 10 países. Desde então, o estudo expandiu-se significativamente, tendo contado com a participação de mais de 100 países ao longo do tempo, com cerca de 50 economias envolvidas anualmente. Esses países são representados por equipes de pesquisadores e especialistas dedicados ao estudo do empreendedorismo, vinculados a instituições de ensino e pesquisa com excelência reconhecida.

O GEM caracteriza-se como uma pesquisa anual com foco direto nos indivíduos, permitindo mensurar a atividade empreendedora, suas motivações e os perfis sociodemográficos dos envolvidos.

O conceito de empreendedorismo adotado pelo estudo é abrangente, englobando qualquer tentativa de criação de um novo negócio — desde iniciativas nascentes até empresas já estabelecidas, bem como atividades autônomas individuais. Dessa forma, a pesquisa possibilita captar tanto a dinâmica da economia formal quanto da informal.

A padronização da metodologia, dos instrumentos e dos procedimentos, estruturados a partir de um modelo conceitual comum, decorre de um esforço global voltado à comparabilidade dos dados. Todas as equipes das economias participantes do GEM seguem diretrizes unificadas quanto ao modelo, à metodologia e aos instrumentos utilizados na elaboração dos relatórios, os quais são continuamente aperfeiçoados ao longo dos anos.

Nesse contexto, o compartilhamento de um referencial metodológico comum orienta tanto a coleta quanto o tratamento dos dados, permitindo sua consolidação e análise de forma integrada. Isso possibilita às economias participantes a construção de um panorama abrangente da atividade empreendedora, contemplando sua intensidade, as condições contextuais para empreender e suas variações ao longo do tempo, especialmente nos casos de participação contínua.

Dessa forma, o GEM reúne informações que não apenas descrevem as atividades empreendedoras, mas também oferecem um diagnóstico comparativo entre países, agentes e grupos de interesse, contribuindo para a formulação e o direcionamento de políticas, ações e programas voltados ao empreendedorismo.

O Brasil participa desde o seu segundo ano da implementação, em 2000, e, em 2025, alcança sua 26ª edição. Essa trajetória configura uma série histórica de grande relevância, que permite apresentar um panorama geral da atividade empreendedora e analisar sua evolução ao longo do tempo.

Em 2025, o GEM contou com a participação de 53 economias em nível global, incluindo o Brasil. Nesse ano, a classificação das economias por nível de renda passou por uma reformulação. Anteriormente organizadas em três grupos pelo nível de renda (A, B, C, sendo respectivamente alta, média e baixa renda). Já a partir do ano de 2025, as economias foram divididas em dois grupos, conforme a seguir:

- Nível A - renda *per capita* superior (maior que US$ 50.000,00);
- Nível B - renda *per capita* média (menor que US$ 50.000,00).

Adicionalmente, as economias foram classificadas por região geográfica (América do Sul e Caribe, Europa e América do Norte, Oriente Médio e África e Ásia). A distribuição das economias por nível de renda é apresentada no **Quadro A1.1**.

Quadro A1.1 Classificação das economias participantes do GEM segundo os níveis de renda *per capita*[1] – 2025

Nível A - Renda Superior (US$ 50.000)	Nível B - Renda Média (US$ 50.000)
Alemanha	África do Sul
Arábia Saudita	Angola
Áustria*	Argélia*
Bahrein	Argentina
Canadá	**Brasil**
Catar	Chile
Chipre	Costa Rica
Coreia do Sul	Croácia
Emirados Árabes Unidos	Egito
Eslovênia	El Salvador
Espanha	Equador
Estados Unidos	Eslováquia
Finlândia	Estônia
França	Guatemala
Israel	Hungria
Itália	Índia
Japão*	Jordânia
Lituânia	Letônia
Luxemburgo	Marrocos*
Noruega	México
Países Baixos	Omã
Polônia	Peru
Porto Rico	Romênia
Reino Unido	Tailândia
Suécia	Uruguai*
Suíça	Venezuela
Taiwan	

Destas 53 economias, 48 participaram da Pesquisa com a População Adulta (APS) no ciclo 2025 da Pesquisa GEM, enquanto cinco economias, sinalizadas com *, participaram da Pesquisa com Especialistas Nacionais (NES) mas não da APS.

Fonte: GEM 2025
[1] Níveis de renda - PIB *per capita*: Classificação adaptada pelo GEM *Consortium* a partir da classificação do Banco Mundial.

Esse agrupamento permite situar o Brasil na comparação com as outras economias participantes do estudo, sendo o país classificado no grupo de economias de Nível B – renda média.

O relatório *GEM - Empreendedorismo no Brasil*, apresentado anualmente, tem por objetivo prover informações e dados atualizados, principalmente para três grupos de interesse: acadêmicos, planejadores de políticas públicas, e os próprios empreendedores:

- **Acadêmicos:** beneficiam-se de informações consistentes e padronizadas, tendo acesso a bases de dados validadas pela equipe internacional do GEM. Dessa forma, amplia-se o potencial para o desenvolvimento de análises e estudos sobre a atividade e o comportamento empreendedor, possibilitando a realização de comparações e a investigação de múltiplas relações entre as variáveis coletadas.

- **Planejadores de políticas públicas:** esse grupo se beneficia por meio de um quadro abrangente e detalhado das condições enfrentadas pelos empreendedores no país, construído a partir das percepções coletadas dos 55 especialistas de diversos setores e regiões. Adicionalmente, formuladores de políticas públicas podem acessar informações sobre taxas gerais e específicas de empreendedorismo e sobre o perfil dos empreendedores e de seus negócios. Com base nesses dados, tornam-se capazes de identificar e analisar pontos fortes, fragilidades e os principais desafios enfrentados pelos empreendedores. Nesse sentido, o GEM fornece informações relevantes, atualizadas e consistentes, que subsidiam a formulação de políticas, ações e programas mais eficazes, além de permitir a avaliação daqueles já implementados, com o objetivo de fomentar e facilitar a atividade empreendedora no país.

- **Empreendedores participantes da pesquisa GEM (ou não):** podem encontrar nessas informações uma fonte de inspiração ao compreenderem melhor o processo empreendedor e seus diferentes estágios, bem como os sonhos, atitudes, expectativas e atividades dos empreendedores contemporâneos. Esse conjunto de dados contribui para escolhas estratégicas mais informadas, permitindo visualizar alternativas, ampliar a competitividade e identificar oportunidades de negócio. Além disso, os dados oferecem uma visão consolidada a partir das percepções de especialistas sobre as condições gerais enfrentadas pelos empreendedores em cada economia. Dessa forma, os relatórios possibilitam também que os empreendedores se posicionem de maneira mais consciente e se preparem para atuar com maior eficiência e eficácia, delineando estratégias e ações que lhes permitam superar desafios e alcançar melhores resultados em seus negócios.

A1.1 População, amostras e coleta de dados

A pesquisa GEM é composta por dois levantamentos, que coletam dados a partir de amostras distintas e complementares. O primeiro, denominado Pesquisa com a População Adulta (*Adult Population Survey – APS*), baseia-se em uma amostra representativa e estratificada da população, possibilitando análises abrangentes sobre as características, motivações e aspirações dos indivíduos, bem como seu envolvimento em atividades empreendedoras em diferentes estágios. Adicionalmente, a APS examina as atitudes sociais em relação ao empreendedorismo.

Para garantir a comparabilidade internacional dos resultados, a metodologia estabelece uma amostra representativa mínima de 2.000 entrevistados na população adulta, distribuídos proporcionalmente em cinco faixas etárias compreendidas entre 18 e 64 anos. Com algumas variações no tamanho total da amostra, o Brasil vem seguindo esse padrão desde que iniciou sua participação na pesquisa.

No ciclo de 2025, com objetivo de ampliar a compreensão sobre o empreendedorismo sênior, foram incluídos indivíduos na faixa etária de 65 aos 74 anos, resultando em uma amostra total de 2.350 entrevistados. Desse total, 217 correspondem a essa faixa etária adicional, enquanto os demais 2.133 entrevistados estão distribuídos entre as cinco faixas etárias de 18 a 64 anos, com média de aproximadamente 426 indivíduos por grupo. Os resultados referentes à população de 65 a 74 anos devem ser interpretados com cautela, devido ao menor tamanho amostral; ainda assim, tais evidências oferecem indícios relevantes e orientações úteis para a formulação e implementação de políticas e programas voltados ao fomento e ao aprimoramento do empreendedorismo entre indivíduos em idades mais avançadas.

O segundo levantamento, denominado Pesquisa com Especialistas Nacionais (*National Expert Survey – NES*), por sua vez, tem como objetivo coletar percepções de especialistas de diferentes setores, selecionados com base em sua experiência e conhecimento sobre as condições do ambiente empreendedor no país, oferecendo subsídios qualificados sobre os fatores que influenciam o empreendedorismo.

As seções seguintes apresentam, em maiores detalhes, os dois levantamentos, suas amostras e perfis de respondentes selecionados para participação.

Além da APS e da NES, a pesquisa GEM utiliza também diversos dados obtidos de fontes secundárias, portanto três conjuntos de dados são analisados para produzir os relatórios finais:

- Entrevistas conduzidas com adultos, que compõem uma amostra estratificada representativa da população adulta do país (*Adult Population Survey - APS*);
- Questionários administrados e completamente respondidos por uma amostra de especialistas nacionais (*National Expert Survey - NES*);
- Dados secundários oriundos de bases nacionais e internacionais.

A1.1.1 Pesquisa com a População Adulta (Adult Population Survey – APS)

Em 2025, o plano amostral envolveu todas as cinco regiões brasileiras — Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste —, adotando uma amostragem em múltiplos estágios. O levantamento abrangeu as 27 unidades federativas (26 estados e o Distrito Federal), incluindo municípios de todos os portes (grandes, médias e pequenas), além da população rural, garantindo uma representatividade adequada da população brasileira. Esse rigor metodológico permite estimar com precisão a proporção de adultos envolvidos em atividades empreendedoras no país, bem como comparar os resultados do Brasil com os de outras economias participantes da pesquisa GEM.

Foram adotados procedimentos padronizados para garantir que os respondentes representem adequadamente a população adulta entre 18 e 64 anos e para faixa de 65 a 74 anos. Para isso, consideram-se variáveis sociodemográficas, garantindo comparações consistentes entre as diferentes economias participantes do GEM ao longo do tempo. A manutenção dos critérios de estratificação adotados em anos anteriores assegura a comparabilidade dos resultados.

Desde os resultados positivos alcançados em 2020, a coleta de dados tem sido realizada por meio de entrevistas telefônicas, método mantido em 2025. A decisão baseia-se na ampla cobertura da telefonia móvel no país, que permite garantir uma abordagem aleatória na seleção dos respondentes, além de ampliar o número de municípios alcançados.

No ciclo do GEM 2025, a APS foi realizada entre abril e julho de 2025, com nível de confiança de 95% e uma margem de erro de 2,2%.

Definição dos municípios

Os municípios de cada estado foram selecionados aleatoriamente, garantindo a participação proporcional destes na amostra conforme a distribuição segundo o porte: micro (menos de 30.000 habitantes), pequeno porte (mais de 30.000 até 100.000 habitantes), médio porte (mais de 100.000 a 300.000 habitantes), grande porte G (mais de 300.000 a 500.000 habitantes); grande porte GG (mais de 500.000 habitantes).

As **Tabelas A1.1** e **A1.2** apresentam o plano amostral detalhado, acima descrito.

Tabela A1.1 Resumo do plano amostral da pesquisa com população adulta – Brasil – 2025

Região	Estados	Amostra por estado	Amostra por região
Norte	Acre	9	197
	Amapá	9	
	Amazonas	44	
	Pará	92	
	Rondônia	18	
	Roraima	8	
	Tocantins	17	
Nordeste	Alagoas	35	622
	Bahia	162	
	Ceará	101	
	Maranhão	76	
	Paraíba	45	
	Pernambuco	104	
	Piauí	37	
	Rio Grande do Norte	37	
	Sergipe	25	
Sudeste	Espírito Santo	46	993
	Minas Gerais	240	
	Rio de Janeiro	193	
	São Paulo	514	
Sul	Paraná	132	349
	Rio Grande do Sul	126	
	Santa Catarina	91	
Centro-Oeste	Distrito Federal	33	189
	Goiás	81	
	Mato Grosso do Sul	43	
	Mato Grosso	32	
	Total Brasil		**2350**

Fonte: GEM Brasil 2025

A comparabilidade entre os dados dos anos anteriores é assegurada pela utilização dos mesmos agrupamentos, onde as capitais estaduais são mantidas (representando os municípios de grande porte), enquanto os municípios de médio e pequeno porte são selecionados aleatoriamente, de forma a garantir o número previsto de entrevistas.

Tabela A1.2 Quantidade de entrevistas realizadas na pesquisa com população adulta segundo o porte dos municípios – Brasil – 2025

Porte dos municípios	Quantidade de entrevistas
Capital	638
GRANDES GG (mais de 500 mil)	168
GRANDES (mais de 300 a 500 mil)	229
MÉDIOS (mais de 100 a 300 mil)	500
PEQUENOS (de 30 a 100 mil)	421
MICRO (menos de 30 mil)	394
TOTAL	2350

Fonte: GEM Brasil 2025

Procedimento para as entrevistas por telefone

A coleta de dados foi realizada por meio de amostragem telefônica, utilizando uma abordagem que combina a discagem aleatória de dígitos (RDD) com a amostragem estratificada por *clusters*. Essa metodologia permite a seleção aleatória dos participantes, incluindo indivíduos não presentes em bases de contatos, contribuindo para a representatividade da amostra.

Os entrevistadores realizam múltiplas tentativas de contato e, ao estabelecer comunicação, apresentam os objetivos da pesquisa e convidam o respondente a participar. As entrevistas são realizadas imediatamente ou agendadas para momento mais conveniente.

Quando necessário, são realizados retornos adicionais para conclusão da entrevista. Nos casos em que não é possível obter a participação, novos contatos são selecionados, assegurando a continuidade da coleta e a qualidade dos dados obtidos.

Duração da entrevista

A amostra abrange diversas categorias de entrevistados, resultando em entrevistas que variaram de 12 a 40 minutos. Vale destacar que aproximadamente 70% das entrevistas duraram cerca de 12 minutos, enquanto 30% se estenderam até 40 minutos. As entrevistas mais curtas foram conduzidas com adultos que não se enquadram em nenhuma das categorias relacionadas ao empreendedorismo definidas pela metodologia GEM (empreendedores iniciais ou estabelecidos, empreendedores potenciais, investidores em iniciativas empreendedoras ou pessoas que descontinuaram um negócio, entre outros). Por outro lado, os entrevistados que se enquadram nessas categorias responderam a um questionário mais extenso, permitindo a coleta de dados detalhados sobre cada uma das temáticas envolvidas na pesquisa GEM.

Instrumento de coleta

A entrevista foi realizada por meio da aplicação de questionário estruturado contendo perguntas abertas e fechadas e por blocos específicos para determinadas categorias de respondentes. A aplicação foi conduzida com o uso de computador, permitindo o registro das respostas e o acompanhamento do processo por meio do software *SurveyCTO*.

O questionário padronizado de 2025 é composto pelos seguintes conjuntos de questões (ou blocos de coleta): introdução, empreendedores iniciais, proprietários/administradores de empresas, empreendedores potenciais, empreendedores que encerraram suas atividades empresariais, investidores informais, emprego e atividade empreendedora dos empregados (intraempreendedorismo), políticas públicas, perfil demográfico do entrevistado.

Ademais, visando-se garantir a comparabilidade dos dados ao longo do tempo, anualmente são feitas poucas alterações no questionário da pesquisa APS. No entanto, em alguns ciclos, busca-se investigar determinados tópicos de interesse definidos pela coordenação da pesquisa. Por exemplo, em 2024, o foco esteve na transformação digital, com ênfase nas percepções dos empreendedores sobre o uso da inteligência artificial nos negócios. Já em 2025, foram incorporadas questões relacionadas a franquias e migração.

Equipe de campo e controle de qualidade

A coleta de dados foi monitorada e avaliada diariamente pela equipe de coordenadores e supervisores, sendo que a equipe de campo foi formada por entrevistadores e supervisores com experiência em pesquisas de opinião por telefone, seguindo as regras da Esomar (*European Society for Opinion and Marketing Research*). Entrevistadores qualificados realizaram entrevistas por telefone nas cidades que compõem a amostra. Supervisores de campo foram responsáveis pelo gerenciamento e pela orientação dos entrevistadores, verificando e ouvindo 20% dos questionários de cada entrevistador.

As equipes foram também monitoradas e avaliadas diariamente pela coordenação geral do estudo, monitorando o banco de dados, ouvindo as entrevistas e fazendo verificações.

A1.1.2 Pesquisa com Especialistas Nacionais (National Expert Survey – NES)

A pesquisa *National Expert Survey - NES* consiste no levantamento das opiniões de especialistas nacionais, selecionados com base em seu conhecimento e envolvimento com os fatores ou condições que impactam a atividade e dinâmica do empreendedorismo nos países. Essa fase da pesquisa possibilita a construção de um panorama qualificado sobre os elementos que promovem ou limitam a atividade empreendedora nacional.

Devido à sua padronização, A NES garante a comparação dos resultados do Brasil com os de outras 52 economias que realizaram a pesquisa em 2025.

Uma contribuição significativa da NES reside no fato de os especialistas fornecerem dados e sugestões que capacitam diversos agentes a formular e propor recomendações para aprimorar as condições que afetam o empreendedorismo no país, conhecidas como *Entrepreneurial Framework Conditions (EFCs)*.

Nesse contexto, o **Quadro A1.2** apresenta e descreve as treze condições que compõem o modelo conceitual do GEM.

Quadro A1.2 Descrição das condições que afetam o empreendedorismo (EFCs) segundo o modelo GEM

A: Apoio Financeiro
Avalia a disponibilidade de recursos financeiros (investimentos, capital de giro, etc.) para a criação de negócios ou sua sobrevivência, incluindo doações e subsídios. Essa dimensão também examina os tipos e a qualidade do apoio financeiro, formas de participação, capital inicial e de giro; o entendimento tido pela comunidade financeira sobre empreendedorismo (conhecimento e habilidade para avaliar oportunidades, planos de empreendimentos e necessidades de capital de negócios de pequena escala, disposição para lidar com empreendedores e postura diante do risco). **A1 Suficiência de recursos:** avalia a disponibilidade de recursos financeiros para empresas novas e em crescimento, considerando suas diferentes modalidades e fontes, tais como: subsídios governamentais, investidores privados, para capital de giro e investimento, *crowdfunding* entre outros. **A2 Facilidade de acesso ao apoio financeiro:** avalia em que medida o acesso ao apoio financeiro é de fato acessível para empresas novas e em crescimento que dele necessite, considerando os custos envolvidos, facilidade de atração e negociação com investidores e realização de transações bancárias, entre outros aspectos.
B: Políticas Governamentais
Avalia até que ponto as políticas governamentais regionais e nacionais, refletidas ou aplicadas em termos de tributos e regulamentações, são neutras e encorajam ou não o surgimento de novos empreendimentos. **B1 Efetividade das políticas:** avalia em que medida os novos empreendimentos são priorizados pelas políticas governamentais em geral. **B2 Burocracia e impostos:** trata da regulamentação, da burocracia e custos envolvidos.
C: Programas Governamentais
Avalia a presença de programas diretos para auxiliar novos negócios, em todos os níveis de governo (nacional, regional e municipal). Essa dimensão também examina a acessibilidade e a qualidade dos programas governamentais; a disponibilidade e a qualidade dos recursos humanos de órgãos do governo, bem como a habilidade destes em administrar ações especificamente voltadas ao empreendedor e à efetividade dos programas.
D: Educação e Capacitação
Avalia até que ponto a educação e a capacitação para criar ou gerenciar novos negócios são incorporadas aos sistemas educacionais formais em todos os níveis (ensino fundamental/médio/superior, escolas técnicas, cursos de pós-graduação e especificamente voltados ao empreendedorismo/negócios). Essa dimensão também examina a qualidade, relevância e profundidade da educação voltada à criação ou ao gerenciamento de novos negócios; a filosofia do sistema educacional direcionada à inovação e à criatividade; competência dos professores para o ensino do empreendedorismo; experiência dos gerentes e empreendedores em lidar com trabalhadores. **D1 Ensino fundamental e médio.** **D2 Ensino superior.**

Fonte: GEM Brasil 2025

(Continua)

(Continuação)

Quadro A1.2 Descrição das condições que afetam o empreendedorismo (EFCs) segundo o modelo GEM

E: Pesquisa e Desenvolvimento
Avalia até que ponto a pesquisa e desenvolvimento levam a novas oportunidades empresariais, e se estas estão disponíveis ou não para novas empresas. Essa dimensão também avalia as implicações das obrigações jurídicas e legislação de patentes; capacidade dos pesquisadores em lidar com contrapartidas industriais e vice-versa; nível de inovação dos países; orientação nacional relativa à pesquisa e ao desenvolvimento; reconhecimento e promoção — pelo governo, indústrias e instituições educacionais — da importância da pesquisa aplicada; disponibilidade e qualidade da infraestrutura de apoio para empreendimentos de alta tecnologia.
F: Infraestrutura Comercial e Profissional
Avalia a disponibilidade, custo e qualidade dos serviços de contabilidade, comerciais ou outros serviços de ordem legal e tributária, bem como de instituições que permitam ou promovam a criação de novos negócios ou a sobrevivência de empreendimentos em crescimento. Também examina a acessibilidade à informação de variadas fontes, como internet, revistas, jornais e periódicos sobre economia nacional e internacional, processos de startup, como escrever um plano de negócios e de demandas de mercado.
G: Acesso ao Mercado e Barreiras à Entrada
Avalia até que ponto os acordos comerciais são inflexíveis e imutáveis, impedindo que novas empresas possam competir e substituir fornecedores, prestadores de serviço e consultores existentes. Essa dimensão também examina a falta de transparência (informação assimétrica; a falta de acesso a informações de mercado para alguns compradores e vendedores); políticas governamentais para criar abertura de mercado (licitações públicas, redução de barreiras comerciais – tabelamentos, quotas, etc.), a estrutura (facilidade de entrada; dominação por parte de algumas empresas; vantagens para propaganda; competição de preços; etc.) e a extensão com que os empreendedores competem em igualdade de condições. **G1 Dinâmica do mercado interno: avalia em que extensão ocorrem as mudanças no mercado de um ano para outro.** **G2 Barreiras, custos, concorrência e legislação no mercado interno: avalia a facilidade de entrada de novas empresas em mercados já existentes.**
H: Acesso à Infraestrutura Física
Avalia a acessibilidade e a qualidade dos recursos físicos, incluindo: telefonia, correio, internet; energia, água, esgoto e outros serviços de utilidade pública; transporte terrestre, aéreo e marítimo; terras, espaços para escritórios e estacionamento; e custo para aquisição ou aluguel de terrenos, propriedades ou espaços para escritório. Considera também a acessibilidade e a qualidade da matéria-prima e de recursos naturais como florestas, solo e clima favoráveis ao desenvolvimento de empreendimentos.
I: Normas Culturais e Sociais
Avalia até que ponto normas culturais e sociais encorajam ou não ações individuais que possam levar a novas maneiras de conduzir negócios ou atividades econômicas. Essa dimensão também examina as atitudes gerais da comunidade em relação ao empreendedorismo; atitudes diante do fracasso, do risco, da criação de riqueza e sua influência no desenvolvimento do empreendedorismo; efeitos das normas sociais no comportamento empreendedor; valorização do empreendedor; influência das condutas e atitudes determinadas pela cultura e sociedade, no que se refere à posição da mulher, das comunidades regionais ou grupos minoritários, tais como étnicos e religiosos.
Fonte: GEM Brasil 2025

Critérios para seleção da amostra de especialistas nacionais para responder à pesquisa NES

A equipe nacional do **GEM** definiu o perfil dos especialistas com base em seu conhecimento e experiência relacionados às condições que influenciam o empreendedorismo, conforme evidenciado em suas trajetórias. Esses perfis foram, posteriormente, validados pela equipe internacional.

Na sequência, os especialistas foram convidados a participar da pesquisa e, mediante aceite, receberam o questionário por meio eletrônico. Foram adotados procedimentos para assegurar um número mínimo de 36 respondentes exigido pela metodologia — nesta edição, participaram 55 especialistas —, garantindo que todas as dimensões das *Entrepreneurial Framework Conditions (EFC)* fossem avaliadas por especialistas qualificados.

Com o objetivo de aumentar a consistência das análises ao longo do tempo, parte dos especialistas de edições anteriores é mantida na amostra, ao mesmo tempo em que novos participantes são incorporados, reduzindo vieses e ampliando a diversidade de perspectivas.

A pesquisa reúne profissionais com diferentes perfis, assegurando a cobertura das múltiplas dimensões do ambiente empreendedor. Essa diversidade contribui para uma análise mais qualificada e contextualizada do cenário nacional, considerando as diferentes dimensões das

Entrepreneurial Framework Conditions (EFCs), detalhadas a seguir.

EFC A – apoio financeiro: agentes que trabalham no sistema financeiro privado, agentes públicos que atuam na gerência de programas financeiros, investidores anjo (*business angels*), e pessoas de negócios em geral.

EFC B – políticas governamentais: agentes públicos relacionados à economia, profissionais que atuam em empresas e agências de desenvolvimento, e empreendedores provenientes dessas políticas.

EFC C – programas governamentais: agentes públicos relacionados aos programas governamentais, profissionais que atuam em associações comerciais e agências de desenvolvimento, empreendedores e pessoas ligadas a esses programas.

EFC D – educação e capacitação: professores, agentes públicos relacionados à educação, e empreendedores.

EFC E – pesquisa e desenvolvimento: pessoas ligadas à indústria, inovação, a agências de desenvolvimento (públicas ou privadas), e parques tecnológicos. Pesquisadores de universidades e empreendedores ligados à ciência e tecnologia.

EFC F – infraestrutura comercial e profissional: advogados, contadores, analistas de mercado, profissionais de institutos de pesquisa, e empreendedores.

EFC G – acesso ao mercado e barreiras à entrada: analistas de mercado, pesquisadores de universidades ou escolas de negócios (*business schools*), representantes de associações comerciais, câmaras comerciais e agências governamentais ligadas à economia e ao desenvolvimento, e empreendedores.

EFC H – acesso à infraestrutura física: profissionais que atuam em empresas relacionadas ao fornecimento de energia elétrica, água, telefone e gás. Engenheiros, representantes de agências governamentais ligadas à infraestrutura física e a parques industriais, e empreendedores.

EFC I – normas culturais e sociais: representantes de associações comerciais, fundações, e da imprensa e mídia em geral. Sociólogos, pesquisadores e empreendedores.

É importante notar que, independentemente da maior expertise do especialista com respeito à determinada EFC, demanda-se que se responda o questionário na íntegra.

Caracterização dos especialistas nacionais no ciclo 2025

A pesquisa foi realizada no Brasil entre maio e julho de 2025, com a participação de especialistas selecionados por meio de amostragem intencional não probabilística. Ao final do processo, 55 especialistas completaram integralmente os questionários, conforme apresentado na **Tabela A1.3**.

Tabela A1.3 Descrição do status da pesquisa com especialistas – Brasil – 2025

Estágio	Brasil
Convites Enviados	568
Convites Aceitos	77
Questionários Respondidos	55
Questionários Incompletos/descartados	7
Questionários não respondidos no prazo	15
Convites Recusados	11
Convites sem nenhum Retorno	480

Fonte: GEM Brasil 2025

No formulário de entrevista, os respondentes são convidados a indicar, entre diferentes características funcionais, aquelas que melhor representam seu perfil de atuação no campo do empreendedorismo. Com base nessas informações, é possível caracterizar o conjunto de especialistas participantes da pesquisa, conforme apresentado na **Tabela A1.4**.

Tabela A1.4 Caracterização funcional do conjunto dos especialistas entrevistados - percentual de autodeclaração (%)[1] – Brasil – 2025

Características	%
Empreendedor	43,6
Investidor	5,5
Formulador de políticas	34,5
Fornecedor de serviços de apoio a negócios (setor privado)	41,8
Fornecedor de serviços de apoio a negócios (setor público)	20,0
Educador, professor, pesquisador	45,5
Outros	9,1

[1] Respostas múltiplas. Não totalizam 100%.

Com base nas respostas múltiplas dos especialistas, observa-se uma composição diversificada de perfis de atuação no ecossistema empreendedor. Uma parcela relevante se identifica como empreendedora (43,6%), ao mesmo tempo em que muitos também atuam na prestação de serviços de apoio aos negócios, tanto no setor privado (41,8%) quanto no setor público (20%).

Destaca-se ainda a presença de educadores, professores e pesquisadores (45,5%), evidenciando a contribuição do meio acadêmico para a análise do tema. Além disso, há participação expressiva de especialistas envolvidos na formulação de políticas públicas voltadas ao empreendedorismo (34,5%).

A relação dos especialistas que autorizaram a divulgação de seus nomes encontra-se no **Apêndice 2** deste relatório.

Procedimentos para realização da Pesquisa NES

A realização da Pesquisa com Especialistas Nacionais (NES) seguiu um conjunto de etapas padronizadas:

- Definição, pela equipe nacional, do painel de especialistas com base em sua experiência e conhecimento sobre as EFCs, com posterior validação pela equipe internacional do GEM;
- Convite aos especialistas para participação na pesquisa, realizado por e-mail ou telefone;
- Envio do link eletrônico do questionário aos participantes que aceitaram o convite;
- Encerramento da coleta e envio dos questionários à coordenação internacional para verificação e validação dos dados;
- Retorno dos arquivos consolidados (base de dados mestre) à equipe nacional;
- Análise, interpretação dos resultados e elaboração de quadros, gráficos, tabelas e do relatório final pela equipe nacional.

Instrumento de coleta de dados e análise das respostas abertas

O questionário da pesquisa NES, desenvolvido com base no modelo conceitual do GEM, tem como objetivo avaliar de forma abrangente o ambiente empreendedor de uma economia. Estruturado majoritariamente com questões fechadas, o instrumento é respondido por especialistas em um tempo estimado entre 15 e 30 minutos, garantindo a padronização e a comparabilidade dos dados entre os países participantes.

O conteúdo do questionário abrange as dimensões das *Entrepreneurial Framework Conditions* (EFCs), além de incluir, em determinados ciclos, temas específicos de interesse. Entre esses, destacam-se tópicos relacionados aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), ao empreendedorismo feminino e ao uso de tecnologias, como a inteligência artificial, no ambiente de negócios.

As questões fechadas são respondidas por meio de uma escala *Likert*[43], permitindo mensurar o grau de concordância dos especialistas em relação a diferentes aspectos do ambiente empreendedor.

Complementarmente, o questionário inclui duas questões abertas que desempenham um papel fundamental na pesquisa, pois permitem que os especialistas expressem suas opiniões e *insights* de forma livre e aprofundada. Nessa seção, eles são convidados a:

- **Identificar o principal fator que influencia positivamente o ambiente empreendedor no Brasil:** Essa análise qualitativa complementa os dados quantitativos, fornecendo uma compreensão mais rica e contextualizada da realidade do empreendedorismo no país.
- **Oferecer uma recomendação para fortalecer o empreendedorismo:** Com base em sua expertise, os especialistas podem sugerir medidas concretas para superar desafios e impulsionar o desenvolvimento de novos negócios.

Como os especialistas têm liberdade para expressar suas percepções, a análise das respostas abertas da NES exige uma abordagem cuidadosa e criteriosa. Para isso, o GEM adota um esquema ampliado de categorização, que vai além das 13 EFCs predefinidas, incorporando um conjunto mais abrangente de fatores, conforme apresentado no **Quadro A1.3**.

[43] Esta escala é assim denominada por ter sido criada por Rensis Likert, em 1932. Nesta Escala, os respondentes podem indicar o grau em que concordam ou discordam de uma afirmativa. Para isto, além dos pontos máximos de concordância ou discordância, indica-se, em cada ponto da escala, um número atrelado à direção e ao grau que expressa a atitude do sujeito ante cada afirmativa. Fonte: MATTAR, F. *Pesquisa de Marketing*. São Paulo: Atlas, 1997.

Quadro A1.3 Fatores em que são classificadas as respostas abertas

Apoio Financeiro	**Clima Econômico**
Fatores relacionados a qualquer tipo de financiamento, incluindo subsídios públicos, investimento informal, bancos, crédito, microcrédito, capital de risco.	Fatores relacionados ao Ambiente econômico (recessões, crises) como a situação econômica influencia o empreendedorismo, as características e mudanças econômicas, posição relativa da economia nacional, entre outros.
Políticas Governamentais	**Características da Força de Trabalho**
Fatores relacionados com as políticas públicas que interferem na atividade empreendedora (apoio ou restrição), impostos, burocracia, regulamentações etc.	Fatores relacionados com a situação do mercado de trabalho, desemprego como um fator que favorece o empreendedorismo por necessidade, o pleno emprego como um limitador do empreendedorismo, demanda e oferta de postos de trabalho etc.
Programas Governamentais	**Composição da População Percebida**
Fatores relacionados com os programas, iniciativas específicas para empreendedores, para mulheres, para os jovens, imigrantes, outros grupos, incubadoras, programas para áreas rurais, ajuda ou subsídios para projetos específicos, ações regionais.	Fatores relacionados com a imigração, a presença de estrangeiros no mercado de trabalho, no contexto empresarial, conflitos ou outros problemas derivados da composição da população (gênero, idade, cor etc.), regresso de imigrantes, entre outros.
Educação e Capacitação	**Contexto Político, Institucional e Social**
Fatores em que a educação ou capacitação estão envolvidas em qualquer forma ou nível.	Fatores relacionados com o ambiente político ou social, atuação política, política internacional, conflitos políticos, ações sociais ou políticas, clima social etc.
Pesquisa e Desenvolvimento	**Crise Internacional**
Fatores relacionados à interação e colaboração entre universidades (e parques tecnológicos ou semelhantes) e empresas, na troca de conhecimentos e experiências. Inclui também os programas públicos ou privados relacionados com este tema, incubadoras.	Fatores que mencionam explicitamente que a crise em curso tem qualquer tipo de influência no processo empreendedor nacional.
Infraestrutura Comercial e Profissional	**Corrupção**
Fatores que mencionam o acesso a profissionais de apoio a empreendedores, em termos de qualidade ou custos. Envolvem serviços de contabilidade, consultores, advogados, administradores, novas tecnologias para gerenciamento.	Fatores que mencionam explicitamente a corrupção.
Abertura de Mercado / Barreiras à Entrada	**Diferenças devidas ao Porte da Empresa**
Fatores relacionados com as características do mercado, níveis de oferta e demanda, exportações, importações, competência, monopólios, barreiras ou apoios à entrada no mercado, existência de oportunidades ou a falta delas, taxas de retorno etc.	Fatores que indicam que as diferenças entre as empresas ou negócios são influenciadas pelas suas dimensões em algum sentido: estágio, impostos, regulamentos, operações, competência, entre outros.
Acesso à Infraestrutura Física	**Internacionalização**
Fatores relacionados com o acesso, custo e disponibilidade de infraestrutura física como estradas, água, gás, eletricidade, telefone, novas tecnologias de comunicação, estruturas e espaços para implementar negócios ou escritórios, apoio logístico etc.	Fatores relacionados com o processo internacional do empreendedorismo, relações com parceiros, clientes, instituições externas, diferentes regulamentos, leis de comércio etc.
Normas Culturais e Sociais	**Custos do Trabalho, Acesso e Regulamentação**
Fatores relacionados com a mentalidade, níveis de suporte e percepções da população em relação aos empreendedores e pessoas envolvidas em negócios, empreendedorismo entre as mulheres, entre os jovens, entre outros.	Fatores relacionados com os custos e formalidades para contratação de empregados, gestão de recursos humanos, acesso a pessoas qualificadas, entre outros.
Capacidade Empreendedora	**Informações**
Fatores relacionados aos níveis de disseminação do espírito empreendedor entre a população, à influência dos padrões culturais nos resultados, aos níveis de envolvimento da população com o empreendedorismo ou a sua capacidade	Fatores relacionados com a disponibilidade, o acesso à oferta de informações importantes para os atuais e potenciais empreendedores.

Fonte: GEM Brasil 2025

A interpretação dessas respostas é conduzida por analistas experientes da equipe nacional, capazes de contextualizar as informações e extrair significados relevantes a partir dos relatos dos especialistas. Essa análise qualitativa enriquece os resultados da NES, proporcionando uma compreensão mais aprofundada do ambiente empreendedor e contribuindo para a formulação de medidas mais eficazes para o seu desenvolvimento.

No ciclo 2025 da pesquisa GEM Brasil foram mantidas, no final do questionário NES, três perguntas exclusivas para o país. Essas perguntas focam em proporcionar melhor entendimento sobre a burocracia como fator limitante ao empreendedorismo, solicitando exemplos concretos dessa barreira nas três esferas de poder: federal, estadual e municipal.

A1.1.3 Pesquisas em Fontes Secundárias

A equipe responsável pelo GEM Brasil recorre a diversas bases de dados secundárias, como as estatísticas oficiais brasileiras provenientes de diversas instituições (por exemplo: IBGE, Banco Central, IPEA), os relatórios de estudos feitos por organismos internacionais (por exemplo: Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional – FMI, Organização das nações Unidas – ONU, Fórum Econômico Mundial, OCDE, entre outros), e os índices globais de inovação e empreendedorismo (*Global Entrepreneurship Index, Global Innovation Index* e UNESCO), que permitem contextualizar o ambiente econômico, institucional e tecnológico e complementar as evidências obtidas, ampliando a análise e situando os resultados das pesquisas **APS** e **NES** em um cenário mais abrangente. Considerando o caráter complexo e multifacetado do fenômeno empreendedor, essas fontes são fundamentais para incorporar variáveis de natureza demográfica, psicológica, cognitiva, social, cultural, institucional, política, econômica e até de saúde pública.

A1.2 Processamento e Tratamento de Dados

Todos os dados coletados no país, seja pela APS ou pela NES, passam inicialmente por uma verificação conduzida pela equipe nacional, que assegura a qualidade e a consistência das informações antes de seu envio à coordenação internacional do GEM. Em seguida, essa coordenação realiza nova etapa de validação, além da consolidação e harmonização dos dados, organizando-os em bases padronizadas, que permitem análises comparativas entre as economias participantes.

Após essa fase, os bancos de dados consolidados são disponibilizados às equipes nacionais. No Brasil, a equipe do GEM realiza o tratamento das informações, incluindo o cálculo de taxas gerais e específicas de empreendedorismo e a tabulação de características demográficas, motivações, setores de atuação e atributos dos negócios, possibilitando a construção de um retrato detalhado da atividade empreendedora no país. Com base nessas análises, a equipe de pesquisadores vinculada à Associação Nacional de Estudos de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas (Anegepe) elabora os relatórios finais, que apresentam uma visão abrangente e comparativa do empreendedorismo brasileiro.

Para fins de comparabilidade internacional, priorizou-se a amostra tradicional de 18 a 64 anos; contudo, com o objetivo de sinalizar a realidade da população sênior (65 a 74 anos), foram também realizados cálculos específicos, apresentados de forma separada nos quadros, tabelas e gráficos ao longo do documento.

APÊNDICE 2.

Entrevistados na pesquisa com especialistas - Brasil 2025

A2. ENTREVISTADOS NA PESQUISA COM ESPECIALISTAS – BRASIL 2025[44]

Adriana Rodrigues Silva

Adriano Fonseca Seabra

Ana Beatriz Portela
linkedin.com/in/anabeatrizportela

André Chamun Calazans
linkedin.com/in/andrecalazans1

Antonio Everton Chaves Junior
linkedin.com/in/antonio-everton-chaves-junior-67384424

Augusto César Ferreira de Castro
linkedin.com/in/augusto-césar-ferreira-de-castro-05018597

Bruno Vieira
linkedin.com/in/bruno-vieira-769674219

Carlos Andre Lopes Souto

Catia Araujo Lopes Muniz
@catialopes848

Cid Torquato
linkedin.com/in/cidtorquato

Cristina Filizzola
linkedin.com/in/cristina-b-filizzola-26247a18

Dacio Gomyde Pretoni
linkedin.com/in/dácio-pretoni-6431b51a

Daise Rosas Da Natividade
linkedin.com/in/daise-rosas natividade-066899103

Edylene Macedo Carrasquel

Ercilio Santinoni
linkedin.com/in/ercilio-santinoni-83440ab9

Erica Mester
linkedin.com/in/erica-mester

Fábio Eugênio Lavezo da Silva
linkedin.com/in/fabiolavezo

Gabriel Orsi Tinoco
linkedin.com/in/gabrielorsitinoco

Gelson Luiz Uecker
linkedin.com/in/gelson-uecker-6055a012b

Glauce Cristine Libanio do Nascimento
linkedin.com/in/glaucecristinecacau

Henrique Reichert
linkedin.com/in/henrique-reichert

Ines Rocha
linkedin.com/in/ines-rocha1

Janaina Zago Medeiros
linkedin.com/in/janaína-zago-medeiros

João Roberto Marques Lobo
linkedin.com/in/joaorobertolobo

José Aderson Cerezoli
linkedin.com/in/profjosecerezoli

José Júnior Lima Alves de Oliveira
linkedin.com/in/josejuniorlimaadv

Joselito Santos Abrantes
linkedin.com/in/joselito-santos-abrantes-40bb7548

Jurandil dos Santos Juarez

[44] Dois especialistas consultados não autorizaram a divulgação de seus dados.

Leila Conceição da Silva Araujo
@artemisiamulherbioeconomia

Luan Paes de Menezes
linkedin.com/in/luan-menezes-568076177

Márcio Luiz França Gomes
@marciofrancasp

Marcos Tavares Leite
linkedin.com/in/marcos-tavares-leite-4618111

Maria Aparecida Rosa Vital Brasil Bogado
lattes.cnpq.br/2262210238175322

Maria Clarice Leonel
linkedin.com/in/maria-clarice-leonel-leonel-82b8aa6b

Maria Francilania Fontes Barbosa

Maria José Fróes Feres
www.mariajoseferes.com.br

Maykow Lenzi
linkedin.com/in/maykowlenzi

Mônica Arruda Lima
linkedin.com/in/monica-lima-3b7769112

Murilo Machado Chaiben

Mylena da Silva Gomes Barreto
linkedin.com/in/mylena-barreto-22168918a

Paola Rücker Schaeffer
linkedin.com/in/paola-rücker-schaeffer-75847470

Paulo Sérgio Borges de Almeida

Raul Afonso Pommer Barbosa
lattes.cnpq.br/9136549262197723

Regina Cleide Figueiredo da Silva Teixeira
@reginacleideteixeira

Renata Fonseca de Gomes Pereira
@renatafgp

Renato Olonca
linkedin.com/in/renato-olonca-advspb7b

Roberto Marinho Figueiroa Zica
linkedin.com/in/robertomarinhofigueiroazica

Rodrigo de Alvarenga
linkedin.com/in/rodrigodealvarenga

Rogério César Corgosinho
@Rogerio.Corgosinho

Sandro Virgílio Prado Ribeiro
@prof.sandroprado

Sylvia Siqueira
linkedin.com/in/sylviasiqueira21

Theyllor Sodré de Araújo
linkedin.com/in/theylloraraujo

Walber Santos Baptista
linkedin.com/in/walber-baptista-ab3890279

Organizações Fundadoras do GEM:

BABSON COLLEGE

London Business School

Coordenação do GEM

Internacional

GEM Global Entrepreneurship Monitor

Nacional

ANEGEPE
Associação Nacional de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas

Parceiro no Brasil

SEBRAE
Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

ISBN: 978-65-980506-7-2
CBL
9 786598 050672